PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LEITURA: ESTUDOS LINGUÍSTICOS, LITERÁRIOS E MIDIÁTICOS

Cristina Machado Severo

INTERNETÊS E ESCRITA PADRÃO EM SALA DE AULA

Santa Cruz do Sul
2018

Cristina Machado Severo

INTERNETÊS E ESCRITA PADRÃO EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) - Mestrado, Área de Concentração em Leitura: Estudos Linguísticos, Literários e Midiáticos, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dr. Rosângela Gabriel

Santa Cruz do Sul
2018

Cristina Machado Severo

INTERNETÊS E ESCRITA PADRÃO EM SALA DE AULA

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Área de Concentração em Leitura: Estudos Linguísticos, Literários e Midiáticos, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Dr. Rosângela Gabriel
Professora Orientadora – UNISC

Dr. Onici Claro Flôres
Professora examinadora – UNISC

Dr. Lucilene Bender de Sousa
Professora examinadora - IFRS

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pelo dom da vida e pela saúde para concluir mais esse desafio.

Aos pais, pelo encorajamento.

Às irmãs e a toda minha família, por todas as palavras e gestos de incentivo.

Ao meu esposo e filha, pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência.

À secretária Luiza Wioppiold Vitalis, pela atenção singular que sempre me concedeu.

À professora Rosângela Gabriel, pela orientação e pelos desafios lançados, que me fizeram buscar sempre mais e pela leitura atenta do resultado dos meus estudos.

Aos professores do PPGL, pelo ambiente agradável proporcionado durante as aulas e pelos ensinamentos compartilhados.

Aos colegas da turma 2016, pelo convívio amigável e pelo apoio mútuo.

RESUMO

Nesta dissertação, investigamos se ocorre interferência do internetês na escrita de textos em situação formal entre os alunos do oitavo e nono ano do Ensino Fundamental. Para essa finalidade, foram utilizadas duas metodologias, bibliográfica e experimental. No primeiro capítulo, apresentamos o referencial teórico relacionado ao tema. Primeiramente, estabelecemos a diferença entre linguagem verbal oral e escrita. Depois, tratamos sobre leitura, cognição e gêneros textuais. Em seguida, abordamos as questões referentes à internet e à mudança de paradigma que esta trouxe para a sociedade. No segundo capítulo, apresentamos a pesquisa experimental, que envolveu dezesseis estudantes do oitavo e nono anos do Ensino Fundamental de uma escola na zona rural de um município no interior do Rio Grande do Sul. As atividades propostas propiciaram a produção de dois textos do tipo argumentação em dois diferentes gêneros textuais, que são o artigo de opinião e postagens no WhatsApp, possibilitando que o aluno expressasse seu posicionamento crítico em diferentes ambientes sociais. Para tanto, ele teve que tomar consciência do grau de formalidade exigido em cada esfera de comunicação, tornando-se mais consciente da relação entre oralidade, leitura e escrita. Assim, foi feita uma pesquisa de análise qualitativa e quantitativa. Neste estudo, a língua é tratada como instrumento de comunicação, o que permitiu analisar se em diferentes contextos, os alunos foram capazes de diferenciar o grau exigido de formalidade, e mesmo assim, fazer-se compreender por seus interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Cognição. Linguística. Internetês.

RESUMÉ

Dans cet essai, nous étudions s'il y a interférence du langage caractéristique de l'Internet dans l'écriture de textes dans une situation formelle parmi les étudiants de huitième et neuvième années. À cet effet, deux méthodes ont été utilisées, bibliographique et expérimentale. Dans le premier châpitre, nous présentons le cadre théorique sur le sujet. D'abord, nous établissons la différence entre la langue orale et la langue écrite. Ensuite, nous abordons la lecture, la cognition et les genres textuels. Ensuite, nous abordons les problèmes d'Internet et le changement de paradigme qu'il a apporté à la société. Dans le deuxième châpitre, nous présentons la recherche expérimentale qui a impliqué seize élèves de huitième et neuvième années d'une école primaire dans une zone rurale d'une municipalité de l'intérieur du Rio Grande do Sul. Les activités proposées ont favorisé la production de deux textes de type argumentation dans deux genres textuels différents, qui sont l'article d'opinion et les dialogues par WhatsApp, permettant à l'étudiant d'exprimer sa position critique dans différents environnements sociaux. Pour ce faire, il devait prendre conscience du degré de formalité requis dans chaque sphère de communication, en devenant plus conscient de la relation entre l'oralité, la lecture et l'écriture. Ainsi, une analyse qualitative et quantitative ont été réalisées. Dans cette étude, la langue est traitée comme un instrument de communication, ce qui a permis d'analyser si dans des contextes différents, les étudiants étaient capables de différencier le degré de formalité requis, et même, de se faire comprendre par leurs interlocuteurs.

MOTS-CLÉS: Lecture. Écriture. Cognition. Linguistique. Langage de l'Internet.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Critérios que distinguem linguagem verbal oral e escrita 15
Figura 1 - Visão moderna das redes corticais da leitura 19
Quadro 2 - Diferença entre tipos textuais e gêneros textuais 23
Quadro 3 - Gêneros textuais emergentes e gêneros textuais existentes.....25
Quadro 4- Exemplos de operadores argumentativos.....39
Gráfico 1- Porcentagem de usuários do aplicativo WhatsApp no Brasil.....44
Figura 2 - Exemplos de Emoji para smartphones 47
Quadro 5- Definição de tipos de abreviaturas digitais 53
Quadro 6 - A linguagem verbal oral e escrita e o internetês no WhatsApp.....55
Quadro 7- Cronograma de produção dos dados da pesquisa 67
Quadro 8 – Resumo do perfil dos participantes da turma do 9° ano 75
Quadro 9- Resumo do perfil dos participantes da turma do 8° ano.....76
Quadro 10- Resumo quantitativo dos dados analisados em ambiente digital...84

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 REFERENCIAL TEÓRICO 12
2.1 Linguagem verbal oral e escrita 12
2.2 Leitura e cognição 16
2.3 Gêneros textuais e variação linguística 21
2.4 Argumentação e texto argumentativo 36
2.5 WhatsApp: multimodalidade na ponta dos dedos 41
2.6 Revoluções: de Gutenberg à internet 48
3 PESQUISA EMPÍRICA 62
3.1 Objetivos 63
3.1.1 Objetivo geral 63
3.1.2 Objetivos específicos 64
3.2 Hipóteses 64
3.3 Participantes da pesquisa 65
3.4 Instrumentos, procedimentos de testagem e análise dos dados 65
3.4.1 Questionário para caracterizar o perfil dos participantes 65
3.4.2 Planos de aula 66
3.4.3 Grupo no WhatsApp 68
3.4.4 Artigos de opinião produzidos pelos participantes 68
3.5 Apresentação e análise dos resultados 69
3.5.1 Perfil dos estudantes 69
3.5.2 Aplicação dos planos de aula 76
3.5.3 Postagens do WhatsApp 77
3.5.4 Textos argumentativos 88
3.6 Discussão 109
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 116
REFERÊNCIAS 119
APÊNDICE A – Questionário sobre o perfil dos participantes 126
APÊNDICE B – Plano de aula 1 129
APÊNDICE C – Plano de aula 2 131

APÊNDICE D – Plano de aula 3 133
APÊNDICE E – Plano de aula 4 140
APÊNDICE F - Postagens do WhatsApp 141
APÊNDICE G – Textos argumentativos 198
APÊNDICE H – Termo de assentimento dos pais 213
APÊNDICE I – Termo de assentimento do menor 214
ANEXO A – WhatsApp 215
ANEXO B – As 10 regras de ouro 220
ANEXO C - Celular em aula: proibição necessária 221
ANEXO D - O celular na sala de aula 223

1 INTRODUÇÃO

Com uma população de 207 milhões de pessoas, o Brasil conta, atualmente, com 248,7 milhões de aparelhos de telefonia celular ativos, ou seja, 1,2 por habitante. Inicialmente, o aparelho tinha a função básica de telefonar. Em seguida, passou a ter calculadora, calendário, despertador, agenda eletrônica e lanterna. Hoje há uma evolução maior ainda, pois, com o smartphone, o usuário possui um computador que cabe na palma da sua mão e, com ele, pode realizar chamadas de vídeo, enviar e-mail, mensagem instantânea escrita e, inclusive, mensagem de voz, além de fazer pesquisa no Google sobre qualquer assunto e, ainda, assistir a vídeos, filmes e postar vídeos caseiros.

A internet é uma das protagonistas desses avanços. Uns dizem que ela aproxima as pessoas devido à facilidade de acesso e ao baixo custo para entrar em contato com amigos, com familiares ou com quem quer que seja, via mensagem instantânea escrita, de voz ou mesmo transmitir vídeo ao vivo. Outros dizem que afasta porque as pessoas não entram em contato físico. Em meio a essa discussão, o que se sabe com certeza é que essa revolução tecnológica modificou a maneira de a sociedade se relacionar, ocasionando um novo paradigma social. Paradigma é algo que serve de exemplo geral ou de modelo. Para a Ciência:

> Paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência. (KUHN, 1998, p. 13).

Do mesmo modo, para a sociedade, paradigma é um modelo a ser seguido. No caso deste estudo, a tecnologia trouxe um novo paradigma social para a área da comunicação. O paradigma impresso tornava as ações mais lentas, como a divulgação de eventos de qualquer natureza, o comércio, as pesquisas escolares, atividades de diversas áreas da vida do homem e, ainda, a manifestação de opiniões de apoio ou de oposição. Por sua vez, o paradigma digital tornou tudo mais rápido, como a divulgação das notícias, as compras e, inclusive, a rotina diária da sociedade. Na atualidade, tudo precisa ser acelerado. Desta forma, a Internet e as tecnologias proporcionaram transformações culturais, configurando um novo paradigma, em que a informação flui

intensamente, suprindo a necessidade que o homem tem de rapidez. Possuir um aparelho celular é suficiente para ter acesso a conhecimentos que no passado eram restritos a livros. É possível fazer compras sem sair de casa, escolhendo os produtos desejados através de um catálogo digital, desde artigos de supermercado até eletrônicos, móveis e roupas.

As mudanças trazidas por esse novo paradigma social chamaram a atenção de estudiosos de diversas áreas de pesquisa, como a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia e, nesta dissertação, a Linguística. Considerando a grande e crescente utilização de smartphones para a comunicação, assim como o interesse dos jovens em idade escolar pelas novas tecnologias, sentiu-se a necessidade de verificar como os estudantes estão se comportando linguisticamente frente a esse novo e volátil meio de comunicação e em relação a suas produções escritas em situações formais de uso da língua, como redações escolares.

Esta pesquisa justifica-se porque investiga a relação entre leitura e escrita frente a um novo fenômeno linguístico que se propagou rapidamente e que está fazendo parte da rotina da população, o internetês (escrita reduzida em suporte digital que imita a modalidade falada). A finalidade da pesquisa é acadêmica, com o intuito de relatar esta experiência a professores que estudam a linguagem.

Esta dissertação é composta de quatro capítulos. No primeiro, apresentamos a introdução do estudo. Em seguida, no capítulo 2, encontramos a pesquisa bibliográfica, que trata sobre variação linguística, gêneros textuais e tecnologias. Já no terceiro, temos a pesquisa experimental, os objetivos e as hipóteses do estudo, os participantes da pesquisa, os instrumentos, procedimentos de testagem e computação de dados, os resultados e as análises dos dados da pesquisa, e em seguida, a discussão dos resultados, resgatando tópicos do referencial teórico. Enfim, no capítulo 4, apresentamos as considerações finais do estudo e as referências bibliográficas citadas durante a pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, explicitamos as diferenças entre linguagem verbal oral e escrita, pois, frequentemente, através da sua prática, o sistema ortográfico é colocado em evidência, tornando-se um desafio para seus usuários, sobretudo aos que estão começando a conhecer a variedade padrão da língua, ensinada na escola e presente em alguns gêneros textuais escritos. Essa é a importância da leitura de textos na variedade padrão, para que se chegue a uma escrita mais próxima dessa variedade, quando for necessário. Por isso, na segunda seção, tratamos sobre leitura e cognição e seu processo empírico. Assim, o usuário da língua, dependendo do gênero textual para o qual for produzir um texto, selecionará o grau de formalidade exigido, o que pode ser verificado na terceira parte do referencial teórico. Nesta pesquisa, selecionamos, para a produção do corpus, o gênero jornalístico artigo de opinião de jornal, por isso, tratamos sobre as características desse gênero na quarta seção. Enfim, abordamos as consequências da revolução tecnológica para a linguística, devido ao surgimento do internetês e sua disseminação na internet, sobretudo, nos chats da rede social WhatsApp, que também compõem nosso corpus.

2.1 Linguagem verbal oral e escrita

A capacidade dos homens criarem um mecanismo para que pudessem se comunicar surgiu da necessidade que sentiram, segundo Rajagopalan (2013), de estabelecer amizade com o outro. Devido a essa razão ou pela necessidade de comunicação para a sobrevivência, hoje, há línguas que tornam possível a interação entre os indivíduos. Portanto, as línguas podem ser vistas como uma consequência da interação e não uma precondição.

A linguagem é o modo como o homem estrutura o pensamento verbal e pode se materializar através da fala (linguagem oral) e da escrita (em povos que desenvolveram a escrita) ou ainda por uma língua de sinais. Habitualmente, o homem se serve tanto da linguagem verbal quanto da não-verbal para se comunicar com seus semelhantes.

Imagens, símbolos e gestos compõem a linguagem não-verbal. Exemplo dela são os sinais de trânsito, incluindo as cores do semáforo; numa partida de futebol, os sinais sonoros do apito do juiz, os cartões vermelho e amarelo; uma coreografia de dança também pode expressar uma mensagem, assim como o gesto solicitando “silêncio”, que é visto, normalmente estampado em cartazes nas paredes de hospitais, e uma grande variedade de códigos para os quais não se precisa da fala. A linguagem verbal, por outro lado, concretiza-se através do uso da palavra, ou seja, do signo linguístico (SAUSSURE, 2006) e compreende a fala e a escrita (conversas, noticiários de rádio, televisão ou jornais).

O conceito de signo linguístico surgiu em 1916, a partir da publicação da obra póstuma de Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral* (CLG), que define a língua como objeto de estudo da Linguística. Na obra, Saussure define signo linguístico como a união do conceito (significado) com a imagem acústica (significante). Imagem acústica, segundo o CLG (SAUSSURE, 2006, p.80), “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som”. Com isso, temos que o signo linguístico, conforme o CLG (ibid., p.80), “é uma entidade psíquica de duas faces (...). Estes dois elementos estão intimamente unidos e chamam-se um ao outro”. Deste modo, não existe significado sem significante, constituindo, ambos os elementos, o signo. Além disso, no CLG (ibid., p.21), temos que a língua “não está completa em nenhum [indivíduo], e só na massa ela existe de modo completo”.

Assim, pode-se observar que a língua existe no meio em que ela é utilizada pelos falantes. A língua se materializa, como dissemos anteriormente, através da fala (ibid.). A linguagem verbal pode se apresentar de maneira oral e escrita. A história da escrita é acompanhada pela evolução das tecnologias utilizadas para o registro escrito da oralidade. Primeiramente, o conhecimento era transmitido através de narrativas orais. Com o passar dos anos, sentiu-se a necessidade de registrar a oralidade, fosse o conhecimento ou os contratos de negócios realizados. Então, os homens criaram tecnologias para isso. Antunes (2002) aponta que essa evolução vem desde o barro, a pedra, a pele de animais, o papiro, o pergaminho, o papel, o disquete, o pen drive até o cartão de memória e tantas outras modernas possibilidades de armazenamento (suporte) de registros escritos (HD externo, nuvem). As ferramentas para a escrita também

acompanharam essa evolução, como o estilete, a pena de ganso, o lápis, a caneta, a máquina de escrever, o teclado, a caneta digital, o console, o ecrã tátil (*touch screen)* etc.

Antunes (2002) ainda relata que, dentro desse contexto, o suporte determinava a forma de ler. A partir do códex, que tem formato semelhante ao livro, passou-se a fazer leitura silenciosa. Antes dele, no texto em forma de rolo, a leitura era feita em voz alta, pois poucos dominavam o código escrito e o texto em rolo era um objeto raro e caro, então, os que sabiam, costumavam ler para um grande grupo.

Os novos suportes, inicialmente, desestabilizam as práticas leitoras até que os leitores dominem a nova tecnologia. Essa desestabilização ocorreu com a evolução do rolo para o códex, do códex para o impresso e do impresso para o digital. Segundo Jobim e Souza e Gamba Jr. (2003), os avanços tecnológicos chegam tão rapidamente que nem sempre estamos prontos para compreendê-los, decodificá-los e manuseá-los.

Para os mais jovens, que cresceram junto das novas tecnologias, segundo Jobim e Souza e Gamba Jr. (2003), foi mais fácil a adaptação do que para os adultos, pois essas mudanças chegaram de repente, sem um movimento social e cultural de adaptação ao novo. As instituições responsáveis pela capacitação são lentas comparadas à velocidade das mudanças no campo social, acarretando dificuldade no manuseio das novas tecnologias. Essa dificuldade pode ser superada, se o adulto lidar com ela, a exemplo do jovem, de maneira lúdica, como se o aparelho eletrônico fosse um brinquedo, sem medo de quebrá-lo. Além disso, segundo Jobim e Souza e Gamba Jr. (2003), o adulto deve ser capaz de desenvolver parâmetros críticos para encarar a novidade, despojando-se dos preconceitos que o impedem de compreendê-la, encarando-a como experiência simultânea de sociabilidade e de transformação da subjetividade.

Como vimos anteriormente, a escrita surgiu como uma ferramenta de registro da oralidade (ANTUNES, 2002), função que cumpre até hoje. Flôres (2005) explica que a fala e a escrita inter-relacionam-se, sobrepõem-se, misturam-se, e, às vezes, podem se distanciar, mas, as duas modalidades, são

“essenciais para suprir as necessidades de comunicação humana nas situações sociais específicas em que são utilizadas” (ibid., p. 16).

Para Gabriel, Kolinsky e Morais (2016 a), a linguagem oral e a linguagem escrita se distinguem devido a alguns critérios que podem ser observados no quadro abaixo.

Quadro 1- Critérios que distinguem linguagem verbal oral e escrita

Critérios	Linguagem verbal	Oralidade	Leitura/escrita
1. Interação		falante – discurso – ouvinte	[autor] - texto – leitor
2. Variação linguística		+variação; +coloquial	+estável; + formal
3. Léxico		+repetição; -diversidade	+densidade; +diversidade
4. Sintaxe		+orações curtas; +ordem direta	+orações subordinadas +voz passiva+ ordem inversa
5. Conhecimento prévio		Temas de domínio comum	Maior abrangência temática
6. Tradução dos sinais visuais em linguagem		Não há (apenas sinais auditivos)	Escrita → fala

Fonte: Gabriel et al. (2016 a, p. 925).

Segundo Gabriel et al. (2016 a), o primeiro critério apresentado é a interação. Na linguagem oral, os papéis do falante e do ouvinte são alternáveis e permitem atuação sobre o discurso do outro. No ato da leitura, essa interferência é mais distante, com brechas de espaço e tempo entre escrita e leitura, e com possibilidade limitada de intervenção no discurso do outro. O critério seguinte é o da variação linguística, que se apresenta nas duas modalidades, porém, na escrita de maneira mais estável e formal, em oposição à maior variação e informalidade da oralidade (KATO, 1986; MARCUSCHI,

2010). Já no terceiro critério, a escrita demonstra mais densidade e diversidade lexical. Quanto à sintaxe, a linguagem escrita apresenta construções sintáticas mais longas e superior recorrência à voz passiva. O conhecimento prévio, na linguagem oral, tende a ser comum aos interlocutores e a possibilitar elementos multimodais (tom de voz, gestos) com o objetivo de complementar as informações verbais. Por outro lado, a leitura pode abordar qualquer área do conhecimento humano, no entanto, se afastada de seu contexto histórico do momento em que o texto foi escrito, pode tornar sua interpretação delicada, pois o leitor pode não dominar completamente o código nem o vocabulário de outra época. No que diz respeito ao sexto critério, a tradução dos sinais visuais em linguagem verbal, o leitor passa a ser protagonista do ato de ler.

Quando lemos, decodificamos os sinais visuais escritos, denominados grafemas. Grafemas representam fonemas, que são unidades sonoras da língua que tornam possível a diferenciação das palavras. Algumas palavras trazem dúvida quanto à seleção do grafema correto, pois letras diferentes podem representar o mesmo fonema. Esse é o caso do fonema /s/, que aparece em palavras como **s**apato, cabe**ç**a, e**xc**e**ss**o. A ortografia correta, sobretudo, de palavras tais como cabe**ç**a e e**xc**e**ss**o, depende da memorização da escrita convencional.

Conforme pudemos observar, a relação entre oralidade, escrita e leitura tem um papel importantíssimo no desenvolvimento cognitivo do homem, assunto que será desenvolvido na seção a seguir.

2.2 Leitura e cognição

A leitura é o processo que decorre da decodificação do grafema (sinal gráfico) em fonema (sons da língua) (GABRIEL, 2006). Segundo Morais (1996, p. 111), “o par leitura-escrita é indissociável, só há leitura quando há (ou, mais precisamente, quando houve) escrita”. Mas é impossível tratar sobre o conceito de leitura sem tratar sobre o conceito de cognição, pois a competência em leitura depende do desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Há dois importantes e tradicionais autores na área da pesquisa sobre cognição que apresentam teorias cognitivas que têm em comum a ideia de

interação e de troca. São eles Lev Semenovitch Vigotski e Jean Piaget. Vigotski (1989) afirma que o conhecimento é construído através das relações sociais, numa perspectiva interativa, dialética e mediada por instrumentos e signos. Para Piaget (1978), a inteligência se expressa pela organização e adaptação dos indivíduos em um contexto contínuo de variação contínua. Piaget e Vigotski são importantes para este estudo, pois, hoje em dia, sabemos que a interação e a troca ocorrrem em grande parte com a leitura e a escrita, que estão ancoradas na cognição humana.

Chiavegatto (2009) também acredita que há necessidade de interação e troca para a construção do conhecimento, pois afirma que os fundamentos das construções linguísticas são adquiridos "a partir de experiências vivenciadas pelos indivíduos em suas comunidades, desde os primeiros anos de vida" (CHIAVEGATTO, 2009, p.87). Esses conhecimentos são guardados na memória "parcialmente estruturados, hierarquizados e relativamente permanentes. São os domínios cognitivos." (ibid., p.87). Podem se modificar a partir das vivências do sujeito. Essas estruturas são arquivamentos de conhecimento empírico acionados para constituir os significados linguísticos. Como exemplo disso, Chiavegatto (2009) apresenta as expressões braço de rio, orelha de livro e costas do armário, que fazem com que as associemos imediatamente ao esquema corporal humano e possamos compreendê-las em diferentes contextos. Chiavegatto (2009, p. 94) ainda afirma que:

> As investigações em linguística cognitiva procuram produzir evidências convergentes sobre o papel da cognição na organização das línguas naturais, mostrando a dinâmica das relações entre linguagem e cognição, entre sociedades e culturas e entre o sujeito e aqueles que com ele compartilham a fantástica capacidade de "embutir" pensamentos em linguagem, transmitindo a fascinante experiência de viver na interação com seus semelhantes.

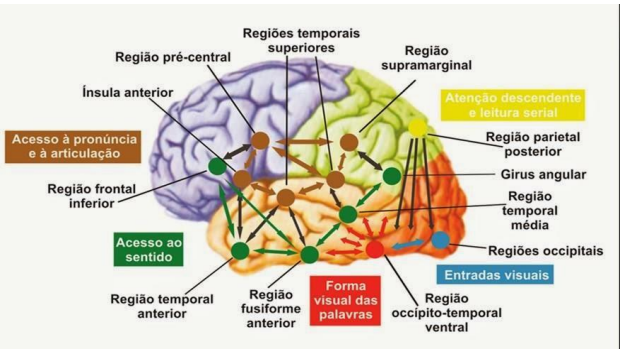
Assim, segundo a autora, a linguagem é parte constituinte da cultura dos indivíduos, que, com pouca idade, já começam a construir os esquemas que possibilitam fazer a leitura de mundo e também a compreensão oral e escrita dos enunciados .

Para Cabral (2017), a habilidade leitora inicia quando a criança aprende a falar e começa a construir seu léxico mental e internaliza suas experiências de mundo em forma de esquemas. No momento em que aprende a ler, o leitor é

capaz de ampliar seu vocabulário, pois há conhecimentos que circulam socialmente na modalidade escrita. É necessário que se acionem os esquemas mentais para realizar qualquer leitura para que o leitor cruze as informações que ele já tem com as novas contidas no texto e, assim, realize o processo chamado de inferência. Daí a importância do vocabulário e dos esquemas mentais, visto que, sem eles, não se consegue compreender um texto, pois, ler eficientemente implica interpretar, o que envolve o domínio de diversas habilidades construídas ao longo da vida pelo indivíduo.

Um teórico atual importante para a área da leitura e cognição é Stanislas Dehaene, que explica o processo de leitura de maneira fisiológica. Para Dehaene (2013), nascemos com redes cerebrais especializadas capazes de processar a visão, a linguagem falada, os números e muitas outras linguagens especificamente humanas graças à reciclagem neuronal. Através da reciclagem neuronal, nossos neurônios são capazes de aprender, reorientando os sistemas cerebrais. Assim, os meios implicados na aprendizagem da leitura passam a ser conhecidos por meio do rastreamento das redes neuronais. Na Figura 1, tem-se a área onde inicia o processo da leitura, ou seja, a visualização do grafema na região occipital. Em seguida, na região occipitotemporal ventral esquerda, local onde se encontra a “caixa das letras”, ocorre o reconhecimento da palavra escrita; depois, os circuitos que envolvem o processamento da imagem acústica da fala até as regiões que processam o significado; por último, os circuitos que processam as informações correspondentes aos gestos motores relativos à produção da fala (DEHAENE, 2013).

FIGURA 1- Visão moderna das redes corticais da leitura



Fonte: http://dislexiabrasil.com.br/Dislexia.aspx. Acesso em 23/05/2018

A partir dessas interconexões cerebrais, o leitor compreende o que está lendo. Segundo Chiavegatto (2009, p. 84):

> Para que as construções linguísticas façam sentido, é necessário que interpretemos os sinais que compõem os enunciados em relação à interação social no qual se inscreve: o sentido não se constrói em si mesmo, mas sempre para alguém, nem que seja para si mesmo. Assim, fazer sentido envolve assumir um papel e uma perspectiva sobre uma cena, com todos os ingredientes que um ato dramático requer. Há cenários, sonoplastia, personagens, enfim, papéis sociais a representar.

A leitura é, portanto, um ato consciente, através do qual o leitor consegue compreender, ou seja, captar a essência da mensagem contida no texto, a partir de seu conhecimento de mundo, adquirido com experiências socioculturais.

O que acabamos de mencionar é como se dá o processo de leitura para o leitor ideal. Mas sabemos que há leitores que conhecem o alfabeto escrito e os sons que cada letra representa, porém, somente fazem essa união de som e letra, sem compreender o que aquelas palavras soltas significam no contexto (FLÔRES, 2016). A leitura não pode se resumir ao ato de decifrar um código, sem que o leitor seja capaz de atribuir sentido à mensagem contida no texto. Ela deve ser um ato consciente, em que o leitor seja capaz de captar, inclusive, a mensagem das entrelinhas, consolidando o saber e a emancipação intelectual e social que ela proporciona. Segundo Gabriel (2017, p. 744):

> A leitura é uma criação cultural [...] mas ainda não disponível a todos: há povos ágrafos, há adultos analfabetos em sociedades letradas e há crianças que não compreendem o que leem, mesmo depois de anos de escolarização. Se, de um lado, aprendemos a linguagem oral a partir da interação com outros seres humanos, adquirindo inicialmente a variante linguística utilizada pelo grupo familiar, a aprendizagem da linguagem escrita requer, além da exposição a textos escritos, de

> instrução explícita, consciente e sistemática nos vários componentes da linguagem (fonológico, semântico, sintático, pragmático) [...].

A leitura potencializa, inclusive, segundo Sousa e Gabriel (2011), o desempenho do indivíduo em testes de inteligência. Ela é uma ponte para que alunos menos privilegiados socialmente tenham acesso ao conhecimento formal.

Para Saliés e Sheperd (2013), os jovens leem o tempo todo nas novas mídias. As autoras apresentaram os resultados de um projeto patrocinado pela Associação Nacional de Letramento na Inglaterra, na zona leste de Londres, que distribuiu notebooks para alunos com grau insuficiente de letramento, o que, apesar de haver resistência, permitiu que as crianças alcançassem o grau de letramento esperado em pouco mais de um ano.

Mendonça (2003) questiona a existência de uma “crise de leitura” entre jovens e crianças. Para a autora, a afirmação “O jovem não lê” não encontra suporte empírico, dependendo do gênero textual a que se refere essa afirmação. Prova disso, segundo a autora, é que em entrevistas realizadas com os alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas, os estudantes revelaram que preferem ler histórias em quadrinhos.

Ceccantini (2016) ilustra os benefícios de explorar o interesse desse público com a apresentação dos dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, referente aos hábitos de leitura entre os jovens (a faixa da população com 11 a 13 anos mais a faixa com 14 a 17 anos), que constituíram 13% dos entrevistados (5% mais 8%). Esses 13% representam cerca de 24.414.394 de jovens. Desse contingente, a pesquisa informa que 84% daqueles que têm de 11 a 13 anos se declararam leitores e 75% daqueles que têm de 14 a 17 anos também informaram ser leitores. Na referida pesquisa, é considerado leitor quem leu pelo menos um livro inteiro ou em partes, nos últimos três meses.

Os números apresentados na pesquisa são positivos, e para que continuem crescendo, temos outros fatores que influenciam nos hábitos de leitura dos jovens. O primeiro é a família que, cultivando o hábito de leitura em casa, estimula esse ato entre os filhos, pois eles seguem o exemplo dos pais (FLÔRES, 2016). O governo e a sociedade em geral também se preocupam com o desenvolvimento das habilidades leitoras dos jovens para que estas sirvam de ferramenta para novas aprendizagens (GABRIEL; MORAIS; KOLINSKY, 2016

b). Essa preocupação do governo também pode ser observada com a criação de políticas públicas de incentivo à leitura, modernizando e renovando os livros das bibliotecas das escolas, pois, segundo Cabral (2017, p.14) “todo ato de leitura tem seu início na motivação do leitor e quanto mais ele lê, mais desenvolve a capacidade de leitura e interpretação”.

A partir das reflexões anteriores, percebemos que a leitura é importante, entre vários motivos, para desenvolver o raciocínio, para ampliar o vocabulário e as referências culturais, para aprimorar a escrita... Mas o que ler e como ler? Para responder a essas questões, na seção seguinte, trataremos sobre os conceitos de tipo e de gênero textual, que operam, neste artigo, como impulsionadores ou obstáculos à compreensão em leitura.

2.3 Gêneros textuais e variação linguística

Os estudos atuais sobre os gêneros textuais partem dos conceitos do importante autor russo, Mikhail Bakhtin. Ele explica que em todas as esferas sociais, os seres humanos utilizam a língua para se comunicar, de modo oral ou escrito. Esse ato é denominado enunciado, que, segundo o autor, apresenta conteúdo temático, estilo e construção composicional, constituindo seu todo. Assim, quando uma “esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 279) temos o que hoje podemos chamar de gêneros do discurso (ibid., 2003).

Assim, tudo o que fizermos linguisticamente poderá ser classificado em algum gênero (MARCUSCHI, 2003). Deste modo, precisamos definir claramente nosso conceito de gênero textual e tipo textual. Para tanto, adotaremos a definição de Marcuschi (2003, p.22):

> a) a expressão tipo textual é utilizada para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {particularidades lexicais, sintáticas, tempos verbais, relações lógicas}. Os tipos textuais compreendem cinco categorias: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.
>
> Já a expressão gênero textual é empregada para designar os textos materializados com os quais nos deparamos no dia a dia e que têm natureza sócio-comunicativa demarcada por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Como exemplos de gêneros textuais podemos ter: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem

> jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

No quadro abaixo, o autor contrapõe os conceitos, de maneira a esclarecer as principais diferenças entre gênero textual e tipo textual.

QUADRO 2: Diferença entre tipos textuais e gêneros textuais

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1.constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas	1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas.
2. constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos.	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas.
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função,
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Fonte: Marcuschi (2003, p. 23)

Do mesmo modo, Flôres (2011) afirma que os gêneros refletem as condições de uso e "as finalidades da esfera a que se vinculam, não só pelo conteúdo (tema) e pelo seu estilo verbal, mas também por sua construção composicional" (ibid., p.20). A autora também explica que "os três elementos referidos: conteúdo temático, estilo e composição integram-se numa dada unidade – um texto de um determinado gênero discursivo, marcado pela especificidade de sua esfera de comunicação" (ibid., 2011, p.20), sendo que a estrutura do texto não é a única característica de seu gênero. Então, como os gêneros surgem das necessidades comunicativas das esferas sociais, é impossível calcular seu número total, tampouco determinar quando um novo gênero vai surgir. O dinamismo da vida social proporciona o aparecimento de novos gêneros, o que torna seu surgimento, do mesmo modo dinâmico e variado, sendo seu suporte de circulação indispensável. Para Marcuschi (2008, p.154):

> [...] é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero.

Bauermann e Flôres (2011) propõe a ideia de identidade social dos gêneros textuais, afirmando que são eventos linguísticos, pertencentes a

interações sociais que utilizam a linguagem (oral ou escrita; ou ambas, conjuntamente). As autoras ainda reforçam que os gêneros são compostos de todo o conjunto de textos que circulam socialmente, fazendo parte da vida diária das pessoas que interagem nas mais diversas esferas sociais. Eles exprimem padrões sociocomunicacionais definidos e objetivos específicos, porém, não se definem por sua forma, mas por sua função.

Marcuschi (2004) corrobora essa ideia e afirma que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, que contribuem para ordenar e estabilizar as práticas comunicativas quotidianas. O autor também ensina que os gêneros são flexíveis, dinâmicos e adaptáveis.

Koch e Elias (2006) ratificam as características dos gêneros textuais apresentadas anteriormente e ainda acrescentam que:

> [...] -são tipos relativamente estáveis de enunciados presentes em cada esfera de troca: os gêneros possuem uma forma de composição, um plano composicional;
> -além do plano composicional, distinguem-se pelo conteúdo temático e pelo estilo;
> -trata-se de entidades escolhidas, tendo em vistas as esferas de necessidade temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou a intenção do locutor, sujeito responsável por enunciados, unidades reais e concretas da comunicação verbal. (KOCH e ELIAS, p.106).

Motta-Roth (2006) reitera a função social dos gêneros textuais e afirma que:

> Um gênero textual é uma combinação entre elementos linguísticos de diferentes naturezas – fonológicos, morfológicos, lexicais, semânticos, sintáticos, oracionais, textuais, pragmáticos, discursivos e, talvez possamos dizer, também, ideológicos" (MOTTA-ROTH, 2006 p.496).

Os gêneros textuais se unem na linguagem utilizada em contextos habituais da experiência humana e, desse modo, têm coparticipação social, pois são fenômenos ligados aos hábitos comunicativos da sociedade, acompanhando as evoluções tecnológicas, da escrita no barro até o smartphone. Por isso, Marcuschi (2004) afirma que é a intensidade do uso das tecnologias, sobretudo, as ligadas à área da comunicação, que possibilitou o surgimento de novos gêneros textuais. Segundo Marcuschi (2004), os gêneros textuais adaptam-se às mudanças culturais da sociedade em que estão inseridos, e assim, eles aparecem e desaparecem de acordo com as necessidades dos usuários. E-mails, bate-papo virtual, etc, têm sua origem em outros previamente existentes,

conforme alguns exemplos ilustrativos do quadro abaixo. Note-se que esse Quadro foi proposto em 2004, e passada mais de uma década, o que era considerado emergente na época, pode estar superado em 2018.

QUADRO 3- Gêneros textuais emergentes e gêneros textuais já existentes.

	Gêneros emergentes	**Gêneros já existentes**
1	*E-mail*	Carta pessoal // bilhete // correio
2	*Bate-papo virtual em aberto*	Conversações (**em grupos abertos?)**
3.	*Bate papo virtual reservado*	Conversações duais (**casuais**)
4	*Bate-papo ICQ (agendado)*	Encontros pessoais (**agendados?)**
5	*Bate-papo virtual em salas privadas*	Conversações (**fechadas?)**
6	*Entrevista com convidado*	Entrevista com pessoa convidada
7	*Aula virtual*	Aulas presenciais
8	*Bate-papo educacional*	(**Aula participativa e interativa???)**
9	*Vídeo-conferência*	Reunião de grupo/ conferência / debate
10	*Lista de discussão*	Circulares/ séries de circulares (???)
11	*Endereço eletrônico*	Endereço postal

Fonte: Marcuschi (2004, p.14)

Como é possível observar no QUADRO 3, os gêneros textuais digitais podem ser novos devido ao uso de um novo suporte, mas são os gêneros analógicos que cedem aos digitais a forma de escrita. As abreviações, por exemplo, eram características dos antigos telegramas, que preservavam o valor da palavra através da manutenção das consoantes. Hoje, esse recurso é amplamente utilizado, sobretudo, no gênero chat que, segundo Komesu e Tenani (2009, p. 3) “é um modo de comunicação em que duas ou mais pessoas, em um ambiente virtual, interagem mediante mensagens que são postadas em rede em tempo real”.

Esse dinamismo da vida social que possibilita o surgimento de novos gêneros está atrelado ao dinamismo do surgimento de novos tipos de suportes

e sua frequência de uso, tais como a versão digital de revistas, livros, jornais, etc., proporcionado, segundo Struecker e Flôres (2011), novas formas discursivas. Esses novos suportes estimulam, também, um novo comportamento do leitor, pois Flôres (2011) afirma que o texto impresso e o hipertexto apresentam ritmos diferentes de leitura e de produção. Por isso, segundo Netto e Flôres (2011), devido à dinamicidade e plasticidade dos gêneros textuais, o leitor deve estar atento às suas peculiaridades, pois, se uma palavra for mal entendida, pode-se passar a ter variadas interpretações, potencialmente inadequadas ao texto. De um lado, o texto impresso se materializa em livro, bilhete, carta. Por outro lado, o digital aparece e desaparece ao toque da mão. Essa ideia corrobora a afirmação de Struecker e Flôres (2011), quando as autoras reiteram a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos ligados à vida cultural e social e que são:

> Fruto do trabalho coletivo, eles contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia e, por isso mesmo, não são formas engessadas e imutáveis. Pelo contrário, os gêneros são altamente maleáveis, dinâmicos e adaptáveis, e até por isso, existe hoje uma grande quantidade de gêneros textuais. (STRUECKER; FLÔRES, 2011, p.50).

Deste modo, tendo em vista o caráter flexível e plástico da linguagem, percebe-se que ela acompanha as mudanças sociais, políticas e culturais, inclusive, as que são relacionadas às mudanças tecnológicas, particularmente, as que ocorreram nos últimos 30 anos, com a ascensão dos equipamentos informáticos. A mídia virtual é centralizada na escrita, tem caráter híbrido e multimodal, ou seja, também conta com imagem e som. Segundo Marcuschi (2003, p.21):

> Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha divisão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento.

O fenômeno que ocorre neste meio é que a escrita, dependendo do gênero textual digital, é menos monitorada e segue convenções gramaticais

diferentes das registradas na gramática normativa quanto a aspectos morfológicos e lexicais.

Alguns gêneros em ambientes virtuais, como o bate-papo online, por exemplo, são síncronos, apesar de serem escritos, criando um elo entre a fala e a escrita. Pode-se incluir como recursos semiológicos do texto, elementos multimodais, como fotos, vídeos, músicas, emojis, etc, para reforçar a sensação de estar face a face com o interlocutor. Segundo Marcuschi (2008), a relevância de se estudar os gêneros textuais digitais está no fato de que:

> 1 – são gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com uso cada vez mais generalizado;
> 2 – apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios;
> 3 – oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade;
> 4 – mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la. (MARCUSCHI, 2008, p.200).

Marcuschi (2004) fez um levantamento e caracterização dos gêneros digitais emergentes, lembrando que estes têm caráter dinâmico e ao mesmo tempo efêmero, pois podem aparecer e desparecer rapidamente, dependendo das necessidades sociais.

O primeiro gênero caracterizado pelo autor foi o e-mail, que surgiu nos anos 70, mas se popularizou nos anos 80 e se consolidou a partir da década de 90. Trata-se de uma forma de comunicação assíncrona de envio de mensagem entre usuários do computador e, atualmente, por meio de celulares e tablets. Usualmente, não há anonimato, assim como para o envio de cartas pelo correio, diferentemente do que acontece com o bate-papo, que pode ocorrer com uso de pseudônimo. Apresenta um emissor e um receptor, que podem variar quando são enviadas mensagens com cópias, que podem ter diversos emissores e receptores. O estilo de linguagem selecionado depende do grau de formalidade entre os interlocutores. Sua estrutura pode ser comparada à de uma carta, à de um bilhete ou à de um recado. O cabeçalho é preenchido automaticamente. O

e-mail tem caráter multimodal, pois o usuário pode copiar e colar fragmentos, anexar vídeos e mensagens de voz, enviar links, etc.

Em seguida, Marcuschi (2004) caracteriza o gênero chat (bate-papos) em salas abertas. Esse gênero tem caráter síncrono e simula a interação face a face. A linguagem é pouco monitorada e apresenta muitos elementos paralinguísticos e expressões formulaicas com efeito de homofonia, além de elementos multimodais. Suas características básicas são produções escritas no formato de diálogo, síncronas e curtas e o usuário pode interagir com mais de um interlocutor ao mesmo tempo.

Entre os gêneros digitais caracterizados por Marcuschi (2004) também consta o *chat reservado*, que apresenta as mesmas características do gênero anterior, com a diferença de que a interação se dá em particular, proporcionando mais tranquilidade aos interlocutores:

> Por ter um alto caráter de interatividade, as salas de bate-papo (os chamados chat rooms ou somente chats) logo se tornaram uma verdadeira mania na Internet. Através desses chats, é que se tornou possível ´conversar´, em tempo real, com uma pessoa em qualquer parte do planeta através do computador. Um meio de comunicação no qual o discurso empregado revela um processo de subjetivação (OTHERO, 2002, p. 53)

Hoje em dia, esse gênero é comum nas redes sociais, como Facebook e WhatsApp, em que o usuário cria uma conta ou perfil particular e entra em contato com o interlocutor que preferir. Já os grupos de WhatsApp funcionam como bate-papos em salas relativamente abertas, já que há a figura de um ou mais administradores do grupo, que podem adicionar ou remover membros e os usuários podem interagir com mais de um interlocutor ao mesmo tempo.

Mas, apesar do caráter diversificado e dinâmico dos gêneros, Maingueneau (2001) apresenta a noção de competência genérica, sobre a qual afirma que:

> Mesmo não dominando certos gêneros, somos geralmente capazes de identificá-los e de ter um comportamento adequado em relação a eles. Cada enunciado possui um certo estatuto genérico, e é baseando-nos nesse estatuto que com ele lidamos: é a partir do momento que identificamos um enunciado como um cartaz publicitário, um sermão, um curso de línguas etc., que podemos adotar em relação a ele a atitude que convém. Sentimo-nos no direito de não ler e de jogar fora um papel identificado como folheto publicitário, mas guardamos um atestado médico a ser entregue a nosso chefe. (MAINGUENEAU, 2001, p. 44).

Por isso, o leitor não precisa ter conhecimento da teoria sobre gêneros textuais para identificá-los, mas é necessário conhecimento empírico para adequar-se às situações de uso. Ao enviar uma mensagem em um meio digital, o usuário faz suas escolhas mais ou menos conscientes a partir de sua origem geográfica, social e cultural e obtém seu objetivo principal, que é, em última instância, a comunicação.

Nessa diversa gama de gêneros textuais existentes, a variedade linguística utilizada pode não ser a mesma. E isso só é possível, segundo Bakthin, em usos reais da língua. De acordo com Bakthin (2003, p. 282, 283):

> [...] a língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas).

Assim, nossa maneira de falar está ligada à maneira de falar do grupo linguístico ao qual pertencemos. Todas as línguas são passíveis de variação, ou seja, de adaptação e de transformação, visto que nem todos os locutores pertencem à mesma comunidade linguística, pois, segundo Alkmim (2004), qualquer comunidade linguística apresentará variação no seu modo de falar, ao que a Sociolinguística conceitua como variedades linguísticas. Essas variações podem ser ocasionadas por razões sociais, culturais, regionais, históricas e também da situação em que se encontram os falantes. Ainda segundo Alkmim (2004), as variedades linguísticas podem ser descritas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática).

Bagno (2003, p.30) explica as variedades linguísticas “como características linguísticas (fonéticas, morfossintáticas, lexicais, etc) de um dado conjunto de falantes, delimitado por características sociais (zona de residência, classe socioeconômica, grau de escolaridade, faixa etária, etc).” No Brasil, existe uma grande diversidade linguística, em parte, devido à sua ampla extensão

territorial. Perini (2017) concorda com Bagno e reforça que a classe social, o grau de instrução e a região geográfica influenciam na variedade linguística utilizada pelos falantes.

Possenti (2000) afirma que todas as línguas sofrem variação, fruto do status social que se reflete na língua, pois “não há língua que permaneça uniforme” (ibid., p. 37). O autor pondera que as diferenças na fala se dão por fatores internos e externos. Os fatores externos são “geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão, etc” (ibid., p.33). Já, os fatores internos são regulados por uma “gramática interior da língua” (ibid., p.33), que determina que se fale *planta* ou *pranta*; *auguma* ou *alguma,* mas que nunca se fale *puanta*, em nenhuma variedade linguística do Brasil.

Castilho (2002) reitera que as línguas variam de acordo com o momento histórico, o espaço geográfico e as condições sociais dos falantes. O autor ainda acrescenta que o emissor e o receptor são condições fixas para a interação linguística, sendo variáveis o código, o canal e os filtros. Esses filtros englobam os espaços:

> [...] temporal (variantes diacrônicas), o geográfico (variantes horizontais ou dialetos geográficos), o social, subdividido em coletivo (variantes socioculturais ou dialetos sociais), intraindividual (variantes de formalismo ou registro), individual (variantes etárias, variantes relativas ao sexo) e, finalmente, o espaço temático, referente aos assuntos versados (donde a linguagem técnica, contraposta à linguagem comum). (CASTILHO, 2002, p.28).

Deste modo, a língua falada e escrita recebe interferência da proveniência geográfica e social dos falantes, sendo que determinadas variedades recebem mais prestígio do que outras. Uma variação comum e importante que ocorre na língua é a temporal. Isso ocorre quando uma pessoa mais velha usa palavras e expressões que não pertençam ao vocabulário dos mais jovens. Por exemplo, utilizava-se *níquel* para se referir a moeda; *de vereda*, no sentido de que algo ocorresse rápido; *vira o disco* para dizer que o interlocutor está sendo insistente e está na hora de mudar de assunto. O contrário também ocorre, quando os jovens acrescentam à língua novas palavras, expressões e as mais populares nesse meio, as gírias.

Essa constante renovação e mudança da língua, representada pelo aparecimento de novas palavras e expressões, assim como por seu esquecimento, está diretamente relacionada com o prestígio social dos falantes,

pois as formas valorizadas pela sociedade em determinada época podem ser deixadas de lado em outro momento. Assim, para evitar que haja impossibilidade total de compreensão, existe a chamada norma-padrão, que busca tornar a língua mais uniforme em determinadas situações formais. Castilho (2002) afirma que algumas correntes linguísticas preferem simplificar o fenômeno linguístico, elegendo a língua escrita como diapasão para caracterizar a língua padrão. Inicialmente, determinada variante linguística era eleita como o melhor português e as outras variantes eram desconsideradas, levando a uma visão rígida e preconceituosa da linguagem. Em contrapartida, surgiram correntes que aceitavam qualquer modalidade linguística, considerando que “tudo comunica”, o que também não solucionou o dilema linguístico. Então, o autor afirma que se chegou a uma tentativa de consenso de que a solução é sensibilizar os alunos das escolas para a variabilidade linguística, chamando a atenção ao fato do contexto adequado de uso para cada uma. Essa proposta evita o risco de pedantismo ou de desleixo, visto que a escola tem a função de ensinar a língua padrão, especialmente, a escrita (POSSENTI, 2000).

Hoje em dia, discriminar uma pessoa pela cor da sua pele, ou por ser deficiente físico ou por ser mulher é inadmissível, ultrapassado, mas, segundo Bagno (2003), discriminar uma pessoa pelo seu modo de falar, ainda é natural. É absurdo dizer que um adulto plenamente saudável não sabe falar a sua língua ou que fala errado. Possenti (2000, p.28) afirma que “todos os que falam sabem falar”. Pode ser que falem de modo característico de variedades não-padrão, de modo diferente da norma-culta, mas sabem falar. E quem sabe falar uma língua, sabe sua gramática, pois nenhuma criança fala *livro o*, mas tem consciência de que se fala *o livro*, a partir de um conhecimento gramatical de que, em português, o artigo precede o substantivo (POSSENTI, 2000).

Para Bagno (2003), essa discriminação ocorre porque, historicamente, o conceito de língua passou a ser algo exterior a nós, pertencente a uma hierarquia superior e acessível a poucos, o que leva a língua a ser considerada difícil. Mas a língua só existe enquanto substância materializada por pessoas que a falam, ela é concebida por fatos históricos, culturais e sociais, produzidos oralmente ou por escrito, para suprir a necessidade dos seres humanos de se comunicar, o que origina maneiras diferentes de falar. Uma comunidade linguística, segundo

Possenti (2000), julga a variedade linguística falada pela outra a partir da sua e acaba considerando as diferenças como erros. É comum que isso ocorra também com indivíduos pobres, e estes acabem chegando à conclusão de que não sabem falar se falam diferente dos que têm status social superior.

Mas, de acordo com Perini (2017), considerar erradas as construções linguísticas pertencentes a uma variedade linguística desprestigiada é o mesmo que considerar errado que ocorra um terremoto, visto que os dois fatos são fenômenos científicos. Resta ao cientista observar o terremoto e suas consequências, assim como ao linguista, observar, catalogar e analisar os diversos fatos da língua, e não corrigir e tentar modificar a língua de uma comunidade inteira, pois, segundo Perini (2017), a língua está na memória dos falantes, materializando-se em textos, escritos e falados. O autor considera como “certo” todo o fenômeno linguístico que ocorre na língua.

Ao falar e ao escrever, o usuário da língua se depara com diferentes situações de comunicação, que requerem a decisão de qual variação linguística utilizar: mais formal ou mais informal. A variação formal é chamada, segundo Bagno (2003), de *norma-padrão (variedade escrita) ou norma culta (variedade oral)*. Para Alkmim (2004), a forma de falar obedece a uma hierarquia social, havendo variedades consideradas como superiores ou inferiores. Nas sociedades de tradição ocidental, há somente uma variedade prestigiada e socialmente valorizada, que é a variedade padrão, usada em situações formais.

A língua padrão não é uma variedade original, mas, sim, uma variedade que ganhou o status de padrão devido a ser o modo de falar de grupos socialmente dominantes. Ela tenta homogeneizar a língua, mas nada garante que seja melhor ou superior a outras variedades, pois, de acordo com a época, seu status pode mudar. Exemplo disso é o registro da palavra “frecha” na carta de Pero Vaz de Caminha, que, na época em que foi escrita, pertencia à norma-padrão, mas, hoje, pertence a uma variedade não padrão (ALKMIM, 2004). Se nunca tivessem ocorrido mudanças nas formas de falar e de escrever, a língua portuguesa teria ficado estagnada e não teríamos chegado ao nível de mudança linguística em que estamos hoje em relação à língua portuguesa registrada na carta de Pero Vaz de Caminha ou nos sonetos de Camões.

A tradição de se manter uma língua padrão teve início mais ou menos no século III a.C., como afirma Bagno (2003), quando filósofos e filólogos gregos deram origem a uma disciplina chamada gramática, que em grego significa a *arte de escrever*. O registro da norma-padrão consta nos dicionários e gramáticas para orientar os falantes. As variedades faladas nas cidades por usuários que frequentaram por mais tempo a escola têm mais prestígio social do que as utilizadas nos subúrbios ou na zona rural. A norma culta é a falada por usuários que moram na zona urbana e que têm maior escolarização e renda. Segundo Castilho (2002), pode-se entender como norma as "regras do bom uso". O autor ainda distingue norma objetiva, norma subjetiva e norma prescritiva do segundo modo:

> a) Norma objetiva, explícita ou padrão real é a linguagem efetivamente praticada pela classe social de prestígio, que se podia identificar no Brasil de hoje com a chamada classe culta, escolarizada. Trata-se de um dialeto social que em si nada tem de "melhor" em relação aos demais, decorrendo seu prestígio unicamente da importância da classe social a que corresponde.
> b) Norma subjetiva, implícita ou padrão ideal é a atitude que o falante assume perante a norma objetiva, fato que podemos avaliar por meio de testes especiais (...).
> c) Norma prescritiva: decorre da combinação da norma objetiva com a norma subjetiva. Por outras palavras, merecem ser ensinados os usos linguísticos de uma classe prestigiosa considerados mais adequados a cada situação e melhor identificados com o ideal de perfeição linguística. É em nome do caráter unificador da norma prescritiva que se pode aceitar sua feição impositiva (...). (CASTILHO, 2002, p.30).

A gramática normativa era e é, até hoje, baseada na forma escrita, e continua a reger a norma culta, que é uma variedade ideal e tem como padrão o registro escrito de renomados escritores, sobretudo do passado, tratando-se de um modelo abstrato de uso da língua, empregada por pessoas de classe social privilegiada (BAGNO, 2003).

A norma-padrão se materializa em meio sociocultural letrado e tenta conter o caráter dinâmico da língua que, em seu uso, acaba por gerar diferentes variações, como já dissemos anteriormente, de acordo com as variantes sociais e regionais. No entanto, mesmo havendo um padrão linguístico, ele é insuficiente para homogeneizar qualquer língua, pois ele também é passível de influência pelas outras normas. Para Faraco (2004, p. 41):

> O que encontramos, de fato, nesta área, é um complexo entrecruzamento de elementos léxico-gramaticais e outros tantos de

> natureza ideológica que, em seu conjunto, definem o fenômeno que designamos tecnicamente de norma-padrão.

Então, toda língua é apropriada à comunidade linguística que faz uso dela, é completa e possibilita que os usuários se expressem eficientemente de acordo com as suas necessidades. Nenhuma língua ou variedade linguística é inferior à outra. É o usuário que decide qual variedade ele deve usar em qual situação, sendo a adequação desse uso julgada pelo grupo ou interlocutor com quem interage (ALKMIM, 2004).

É impossível dizer que uma pessoa não tem cultura, pois o ser humano é constituído de cultura, desde sua maneira de vestir, de olhar, de se relacionar, etc. Mas, popularmente, considera-se culto tudo o que pertence a classes sociais de prestígio, inclusive, sua maneira de falar (e de escrever).

Por isso, em função do gênero textual em uso, a variedade linguística adotada deve ser avaliada pelo usuário da língua, pois, segundo Alkmim (2004), os participantes das situações selecionam as variedades linguísticas apropriadas, que devem corresponder às expectativas sociais convencionais.

Já Faraco (2002), considera que a norma linguística se caracteriza de acordo com o grupo social em que a língua se materializa:

> A norma característica de comunidades rurais tradicionais, aquela de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, a norma característica de grupos juvenis urbanos, a(s) norma (s) de populações das periferias urbanas, a norma informal da classe média urbana e assim por diante. (FARACO, 2002, p.38).

Segundo Faraco (2002), a norma inclui a identidade do falante, ou seja, a sensação de pertencimento a um grupo, agregando valores socioculturais. E como é inevitável o contato social entre os grupos, essas normas interferem umas nas outras, podendo chegar a acarretar em novas normas. O autor ainda afirma que os grupos mais ligados à atividade escrita apresentam a peculiar norma culta. Essa expressão acarreta uma possível dedução lógica: a de que o que não pertence à norma culta, pertence à norma inculta, ou seja, a que seria originada em meios sociais de indivíduos desprovidos de cultura. Mas, sabe-se que é impossível o fato de que um ser humano não tenha cultura. Por isso, é necessário que se tenha consciência de que o termo norma culta faz referência à cultura escrita, que tradicionalmente pertence à classe que rege a supremacia social. Os falantes dessa norma criaram a expressão, pois, historicamente, sua

influência e poder assim o permitiram, do mesmo modo como permitiram a apropriação da língua escrita, transformando-a em objeto de poder.

Toda essa discussão já gerou dúvidas se o português e o brasileiro são línguas diferentes. A grande maioria acredita ser mais adequado tratar as duas como a mesma língua, mas como variedades diferentes, chegando, Perini (2017) até mesmo a se referir como dialetos diferentes, sendo que a língua falada apresenta a maior parte das diferenças. A língua falada pelas pessoas comuns é bem diferente da língua escrita. Por isso, Perini (2017) afirma que falar *dê-me um pastel* ao invés de *me dá um pastel* pode fazer com que o falante pareça estar se colocando em uma posição superior numa situação informal, em que não há necessidade de falar de maneira tão rebuscada, embora as duas construções sejam adequadas para que o indivíduo se faça compreender naquele contexto.

A oralidade e a escrita coexistiram desde que o homem criou essa tecnologia, e continuarão coexistindo, cada uma com seu grau de importância em contextos adequados. Para Perini (2017), a principal diferença entre elas é que a língua falada é utilizada por todos os brasileiros, diferentemente da escrita, que se trata de um privilégio de quem frequentou a academia. A língua padrão nunca é falada e grande parte da população não a conhece, inclusive, tem medo e a usa equivocadamente. Para Flôres (2005), o português padrão é regido pela escrita e segue a gramática normativa. Do mesmo modo, o português culto é utilizado por falantes que realizaram estudos avançados ou que frequentaram uma universidade.

Segundo Vianna (2011), a língua evolui constantemente e aspectos sociais e regionais são capazes de transformá-la. Com a ascensão da tecnologia e a grande massa que participa dessas mudanças, não é diferente. Tudo isso traz mudanças em vários aspectos sociais, entre eles, na língua escrita. No entanto, apesar do receio que a nova grafia virtual traz, da polêmica que vem gerando, é preciso ultrapassar os preconceitos, caso contrário, continuaremos a impor a língua tradicional como “ponere” ou “Vossa Mercê”, mas, hoje, as formas “pôr” e o “você” ganharam estatuto de língua padrão e estão incorporadas a todas as esferas da língua portuguesa (VIANNA, 2011).

Devido ao acelerado surgimento de novos gêneros por causa das redes sociais, internet, novas tecnologias, há diversos gêneros originados sistematicamente e com grande aplicação na vida diária. Para se comunicar nesse meio, as regras gramaticais são próximas das regras da oralidade (MARCUSCHI, 2004). Entretanto, a redução de monitoramento na escrita pode acabar tornando incoerente o sentido das mensagens informais, sobretudo para o leitor que não estiver inteirado sobre o contexto da conversação.

Assim como é menos monitorada com relação à ortografia e gramática normativa, a coesão e coerência podem ser prejudicadas em relação à escrita no meio digital. Marcuschi (2010) afirma que os fatores que regem a coesão textual dão conta da estruturação e da sequenciação do texto e os que regem a coerência dão conta do processamento cognitivo do texto, permitindo uma análise mais profunda. “envolvendo os fatores que estabelecem as relações causais, pressuposições, implicações de alcance suprafrasal e o nível argumentativo” (MARCUSCHI, 2010, p.75). Por isso, o novo suporte pode gerar textos com o sentido prejudicado, tornando sua compreensão um desafio ao interlocutor, mesmo que este conheça o contexto.

A língua muda junto com a sociedade, buscando a ferramenta da facilidade, da economicidade, tanto na fala quanto na escrita. E os fenômenos escritos que ocorrem nas mensagens de texto digital hoje e que podem ser considerados como erro, em determinados contextos, podem passar a ser registros considerados adequados.

Portanto, as novas tecnologias trouxeram novos gêneros textuais, para os quais, os usuários selecionam a variedade linguística mais adequada. Dentre os tipos textuais, temos a argumentação, que originou inúmeros gêneros, tais como, no contexto do suporte jornal impresso ou online, o editorial, a carta ao leitor e o artigo de opinião, abordado neste estudo, visto que são gêneros textuais trabalhados com alunos de oitavo e nono ano do Ensino Fundamental. Deste modo, abordamos na seção seguinte, argumentação e texto argumentativo.

2.4 Argumentação e texto argumentativo

Para tratar sobre argumentação e texto argumentativo, primeiramente, é preciso compreender o que é a retórica. Struecker e Molina (2011) explicam que:

> Para a Retórica, é essencial ter êxito, convencer a qualquer preço, não fracassar em hipótese alguma. Inventar temas, conceitos, discursos e convencer os demais de sua importância. Influenciar a opinião alheia. Foi assim desde que essa disciplina apareceu na Grécia antiga. O uso persuasivo do discurso motivou desde então inúmeros debates e questionamentos. (STRUECKER; MOLINA, 2011, p.152).

Struecker e Molina (2011) também relatam que a Retórica sempre esteve ligada à necessidade de habilitar os cidadãos para interagir nas discussões do governo. Inicialmente, a Retórica tratava-se de um conjunto de técnicas usadas em discussões, sendo que seu conteúdo consistia em estratégias de convencimento através da fala planejada. Para Netto e Molina (2011, p. 176):

> A Retórica foi [...] definida como a arte de persuadir através do discurso. Seu ponto de partida foi a prática forense e não a literatura, na qual, mais tarde foi inserida pelo sofista Górgias. Porém, a bem da verdade, a Retórica, enquanto meio de o homem atuar em causa própria, foi introduzida por Córax e Tísias e recebeu a designação de "arte da retórica", propondo-se a ensinar como falar de forma apropriada nos tribunais.

A Filosofia buscava expressar a verdade ao propor reflexões sobre conceitos, já a Retórica buscava o convencimento. Deste modo, as duas disciplinas atuavam em campos opostos (NETTO; MOLINA, 2011).

Segundo a definição proposta por Reboul, a Retórica "é a arte de persuadir pelo discurso" (REBOUL, 2004, p. XIV). Por outro lado, o autor esclarece que a retórica não é apropriada a todos os discursos, mas somente àqueles que pretendem persuadir. Os principais são: pleito advocatício, alocução política, sermão, folheto, cartaz de publicidade, panfleto, fábula, petição, ensaio, tratado de filosofia, de teologia ou de ciências humanas. Acrescente-se a isso o drama e o romance, desde que "de tese", e o poema satírico ou laudatório (REBOUL, 2004, p. XIV).

Desde a Grécia Antiga, o homem se interessa pela sistematização da argumentação. Aristóteles foi o primeiro a refletir sobre o assunto. Argumentar é uma necessidade do dia a dia. Argumentamos quando queremos justificar alguma ação ou quando queremos convencer alguém de algo; o adolescente argumenta quando quer convencer os pais a aumentarem o valor da mesada, por exemplo. Para Perelman, "a argumentação visa obter a adesão daqueles a

quem se dirige (...) o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação" (PERELMAN, 1996, p. 21). Já Koch (2006) afirma que:

> É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende "neutro", ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (KOCH, 2006, p.17).

A argumentação pode se dar por escrito ou oralmente, dirigida a uma só pessoa ou a um grupo. A argumentação também pode se dar de maneira interna, quando refletimos antes de tomar uma decisão (GABRIEL; MOLINA, 2008).

Mas o discurso argumentativo, oral ou escrito, obedece à ordem da razão, que pode não coincidir com a ordem temporal. A narrativa, por sua vez, obedece a uma ordem temporal. Por isso, as crianças compreendem melhor as narrativas do que compreenderiam um texto argumentativo (GABRIEL; MOLINA, 2008).

A retórica é o elemento chave da argumentação, por isso, para produzir um texto argumentativo, Souza (2003) afirma que o escritor apresenta seu ponto de vista, reestrutura-o, remonta a diversas vozes "de textos lidos e ouvidos para fazer valer seu ponto de vista" (SOUZA, 2003, p. 59).

De modo geral, os argumentos estão presentes no que está dito explicitamente no texto, mas, também podem estar implícitos, contendo o texto premissas que não foram expostas claramente, o que força o leitor a ler nas entrelinhas para inferir qual é a tese defendida pelo autor. Quando lemos um texto argumentativo, devemos levar em conta o contexto em que ele foi escrito, pois o autor elabora os argumentos voltados para um público específico, com determinada intenção. Segundo Koch e Elias (2010):

> Nessa visão de ensino, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como atores / construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto. (KOCH; ELIAS, 2010, p.34).

A argumentação é utilizada pela população em geral para que se chegue à solução de problemas através da razão, atentando para o fato de que "em

retórica razão e sentimentos são inseparáveis" (REBOUL, 2004, p.XVII), até porque as situações de conflito podem ocorrer em diversas áreas da sociedade, inclusive, no seio das famílias. Assim, diferentes gêneros, como ensaios, artigos de opinião, cartas e poemas podem apresentar argumentação (GABRIEL; MOLINA, 2008).

Como ferramentas para a argumentação, são utilizadas palavras como "logo", "então", "portanto", etc, são chamadas de operadores argumentativos. Os operadores podem receber diferentes classificações. Gabriel e Molina (2008) associam os operadores a diferentes tipos de argumento, agrupando-os em cinco grandes grupos: causais (finalidade, motivo), sintomáticos (área médica), por analogia ("x está para y, assim como w para z"), pelo exemplo e quase-lógicos (se as premissa são verdadeiras, a conclusão também é). Abaixo, um quadro com exemplos de operadores argumentativos.

Quadro 4: Exemplos de operadores argumentativos

Conjunção	**Pode servir para expressar uma relação argumentativa como em:** "Parte de manhã bem cedo e não encontrarás engarrafamento na estrada". **Isso significa dizer: "Se** partires bem cedo, **então** não encontrarás engarrafamento na estrada."
Disjunção	**Quando acompanhada de negação expressa uma causalidade como em:** "Termine o dever ou não irá ao cinema hoje à noite". **Isso significa dizer: "Se** vocês não terminar o dever, **então** não irá ao cinema esta noite".
Restrição	**Estabelece uma relação de causa e consequ~encia em que a conclusão esperada é anulada e substituída por uma asserção contrária como em**: "Ele é inteligente [portanto poder-se-ia esperar que compreendesse], entretanto não compreende essas coisas."
Oposição	**Estabelece oposição entre duas asserções verdadeiras sem que haja uma relação de**

	causalidade entre as aprtes como em: "Enquanto alguns pensam que somente a educação da população pode trazer uma resposta a este flagelo, **outros proclamam** que é necessário enfrentar a realidade".
Causa	**É explicada na relação** asserção1 **porque** asserção 2 **e estabelece, obviamente, uma relação de causalidade explicativa'. Exemplo:** Pedro não veio porque estava chovendo.
Consequência	**Inscreve-se na relação argumentativa de causalidade explicativa ou implicativa e pode ser expressada por** asserção1 **portanto (logo)** asserção 2 ou **se** asserção1, **então** asserção2. Exemplo: João está atrasado. Logo, não chegará a tempo para a reunião.
Finalidade	**É também inscrita na relação de causalidade explicativa, podendo ser expressa** por asserção1 **para** asserção2. Exemplo: A vinda de João mais cedo para casa é simplesmente para dormir.

Fonte:Charaudeau (2012, p.211)

Como já dissemos anteriormente, argumentar é uma necessidade do ser humano. Koch (2004) esclarece que:

> A interação por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. (KOCH, 2004, p.17).

Em decorrência disso, várias ciências se interessam pelos estudos da argumentação. Para a Linguística, importa a relação entre argumentação e linguagem e a discussão sobre os processos cognitivos que se manifestam na prática argumentativa.

A argumentação versa sobre algo que já foi dito anteriormente e apresenta tom subjetivo, pois seu objetivo é expressar a opinião do autor. Cunha (2003, p.170) afirma que “o artigo de opinião expõe o ponto de vista de um jornalista ou de um colaborador do jornal, fazendo uso de dêiticos e do presente do indicativo como tempo de base, num texto claramente argumentativo”.

A argumentação e o texto argumentativo fazem com que o indivíduo de hoje, assim, como o indivíduo da Grécia Antiga, reflita sobre assuntos de toda ordem presentes em seu meio social, reflita sobre os prós e contras e se posicione de maneira a defender suas ideias com argumentos que convençam o interlocutor a agir a favor dessas ideias. Para Cunha (2003, p.179):

> O artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito. Tudo isso comprova que o texto é o lugar de circulação de discursos, mostrados ou não, e o sujeito não é a fonte do sentido, mas o constrói no trabalho incessante do já-dito.

O objetivo mais importante a ser atingido é o convencimento do interlocutor, mas os meios para chegar até lá, ou seja, a construção dos argumentos é um exercício cognitivo valioso para desenvolver a cidadania.

Como vimos nesta seção, pode-se argumentar em diversos contextos. Atualmente, com a ampla utilização das tecnologias na área da comunicação, abriu-se um novo espaço para abrigar a argumentação, que é o meio digital, e é sobre isso que trataremos a seguir.

2.5 WhatsApp: multimodalidade na ponta dos dedos

Desde seu surgimento até hoje, os telefones celulares evoluíram tecnologicamente e trouxeram, também, mudanças na forma como nos relacionamos com as outras pessoas, pois facilitaram a comunicação, tornando-a mais rápida e financeiramente mais acessível.

Nos anos 80, os celulares tinham 30 cm e pesavam cerca de meio quilo. No ano 2000, houve o surgimento da tecnologia *touch screen*. A partir do ano 2002, as funções dos celulares foram aperfeiçoadas com câmera colorida, proporcionando que o aparelho faça fotos e vídeos. Em 2005, aparece a função música em MP3. Hoje, temos um computador que cabe na palma da mão,

favorecendo, também, o acesso à informação. Tamanha foi a rapidez da evolução tecnológica do aparelho, que, atualmente, se um jovem pegar um celular cheio de botões, pode não saber como se dá seu funcionamento, assim como é difícil aos idosos se adaptarem à tecnologia *touch screen*.

Pode-se fazer praticamente tudo com o celular: pagar contas, ouvir música, assistir a filmes, além de utilizar a tecnologia das redes sociais, por exemplo, WhatsApp Messenger, que é um aplicativo móvel de multiplataforma que incorpora um sistema de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet, gerando um meio de comunicação multimodal. Para Fonte e Caiado (2014, p. 475), “o bate-papo no WhatsApp é multimodal, pois os recursos disponibilizados no aplicativo possibilitam mesclar diferentes modos semióticos, como som, imagem, vídeo e texto verbal na tela”. Barbosa (2016) concorda com essa característica do aplicativo e ainda acrescenta que:

> Nos softwares de comunicação, como o WhatsApp, a construção de sentidos é multimodal, ou seja, os sentidos produzidos pelo modo convencional da escrita aliam-se aos modos orais, gestuais e visuais possíveis, transparecendo o sujeito de linguagem social, cultural, constituído historicamente. O aplicativo possibilita que as pessoas se comuniquem através da escrita ou da gravação de áudios, do envio de fotos, links, ou outros tipos de arquivo, através da tela do celular, construindo nessas trocas de mensagens, uma diversidade de sentidos que fazem emergir, também, uma multiplicidade de posições discursivas. (BARBOSA, 2016, p.11)

A empresa criadora do WhatsApp foi fundada em 2009 por Jan Koum e Brian Acton, antigos engenheiros do Yahoo, com o objetivo de substituir o SMS. Seus escritórios têm sede em Montain View, na Califórnia. De acordo com Lopes e Vas:

> Em 2009, em um cenário de ascensão exponencial da telefonia móvel, nasce o aplicativo de envio de mensagens instantâneas mais utilizado no mundo nos últimos tempos, o WhatsApp Messenger. Criado pelo americano Brian Acton e o ucraniano Jan Koum, o WhatsApp rapidamente caiu no gosto popular despertando o interesse de seus concorrentes e de investidores, tanto que tal ferramenta foi vendida para o Facebook por cerca de 21 bilhões de dólares em fevereiro de 2014 e, de lá pra cá, seu executivo chefe Jan Koum, vem realizando várias alterações e atualizações no aplicativo, as quais vem

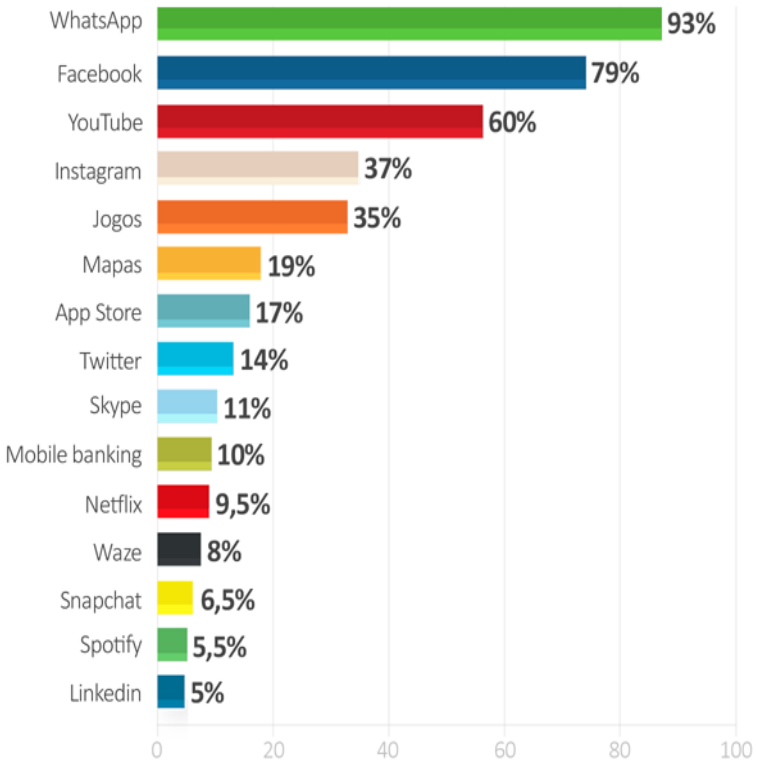
> conquistando mais e mais adeptos a cada dia. (LOPES; VAS, 2016, p.2).

Apesar de parecer óbvio para quem tem fluência no inglês, parte da população não sabe a origem da palavra WhatsApp. O nome é a junção do termo "*What's up*?", que significa algo como "o que está havendo?" ou "o que está rolando?". Além disso, para escolher o nome do aplicativo, eles aproveitaram a sonoridade da palavra "app", que soa similar a "up" (para cima) e é a abreviação de "application program" (aplicativo).

O principal diferencial do sistema é que não é necessário fazer cadastro, basta ter um número de telefone e o usuário tem garantia de sigilo do conteúdo de suas mensagens. Isso porque um de seus criadores, Jan Koun, viveu a infância na Rússia na época em que seus pais eram do Partido Comunista e tinham dificuldades para se comunicar devido ao rastreamento das conversações telefônicas. Esse contexto de opressão foi um dos fomentadores para a criação do aplicativo. O software está disponível para Android, BlackBerry OS, iOS, Symbian, Windows Phone e Nokia.

A tecnologia atrai a atenção para esse tipo de conexão com as outras pessoas, o que, segundo a pesquisa do CONECTA, plataforma web do IBOPE Inteligência, realizada em dezembro de 2015, com internautas brasileiros, revela que o WhatsApp é usado por 93% deles, tornando-o o aplicativo mais utilizado no Brasil, conforme é possível observar no gráfico abaixo.

GRÁFICO 1- Porcentagem de usuários do aplicativo WhatsApp no Brasil.



Fonte: http://conecta-i.com/?q=pt-br/whatsapp-%C3%A9-o-aplicativo-mais-usado-pelos-internautas-brasileiros. Acesso em 23/05/2018

Além disso, segundo reportagem veiculada pelo jornal ZH digital (ver REFERÊNCIAS) em 6/10/17, a maioria das crianças e dos adolescentes das classes D e E, dentre as quais as famílias têm renda mensal de menos de três salários mínimos, têm acesso à internet exclusivamente pelo celular. Ainda segundo o jornal ZH digital, a pesquisa TIC Kids Online, divulgada em outubro de 2017 pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.br), revelou que 61% dos jovens de nove a 17 anos nessa faixa de renda, que usaram a rede ao menos uma vez em um período de três meses, fizeram o acesso apenas pelo telefone móvel,

índice reduz para 12% entre crianças e adolescentes das faixas de renda mais altas, classes A e B. A mesma reportagem continua informando que, no total, 37% acessam a internet somente pelo celular. Ao passo que 54% navegam tanto pelos dispositivos móveis quanto pelo computador, só 7% acessam a rede de exclusivamente por computador. Ainda segundo o estudo apresentado pelo jornal ZH digital, toda a população entre nove e 17 anos, 82%, ou seja, 24,3 milhões de jovens, acessam a internet, a sondagem foi realizada com base em 3 mil entrevistas domiciliares com crianças e adolescentes e 3 mil com pais e responsáveis entre novembro de 2016 e junho de 2017.

Assim, os jovens que passam o dia todo conectados ao WhatsApp ou ao Facebook estão lendo, escrevendo, assistindo a vídeos, interpretando charges... Mesmo que se trate de gêneros que não se considerem cultos e que alguns textos fujam da norma-padrão, é inegável que, em muitos momentos, trata-se de atividade de leitura e escrita. Eles dedicam tanto tempo para as redes sociais porque gostam da interação com os outros, porque se sentem bem, pelo caráter não obrigatório e pelo caráter multimodal desses aplicativos.

O WhatsApp pode ser classificado no gênero textual chat. Classifica-se como gênero textual, pois promove comunicação e interação social em um contexto histórico. Seu suporte pode ser o celular, tablet ou o computador. Nesse caso, o suporte é fundamental para a caracterização do gênero, e, devido a seu caráter híbrido, mistura oralidade e escrita; se o suporte fosse o papel, deixaria de ser um chat e passaria a ser um bilhete; se não houvesse papel nem suporte digital, passaria a ser uma conversação face a face. Sua função segue os preceitos de Vigostki (1989), ou seja, a de servir como veículo para promover a interação social através da linguagem.

Para conversar via WhatsApp, os usuários têm interesse na rapidez de envio da mensagem, escrevendo com abreviações e pontuação minimalista para expressar emoções, ou, ainda, com ausência de pontuação. Segundo Leite e Silva (2015, p.92):

> Torna-se pertinente observar que o chat via WhatsApp apresenta uma grande variedade de recursos semióticos que os chats tradicionais não possuem. Por se tratar de um gênero digital relacionado ao uso de smartphones, o usuário tem a chance de, por exemplo, tirar uma foto do ambiente onde se encontra e enviar em tempo real. Em nossas análises, observamos que o uso de recursos como o envio de fotos,

> vídeos e áudios é relativamente grande se compararmos ao recurso da escrita. Nos chats realizados a partir do aplicativo WhatsApp, existe uma sobreposição de linguagem verbal, imagética e sonora. Todos esses recursos são amplamente utilizados pelos usuários na construção de sentido.

O chat via WhatsApp, busca agilidade para simular uma conversação face a face. Como é uma característica natural da fala sempre buscar o princípio da economia e da facilidade, com o WhatsApp não é diferente, e um aliado da economia é o recurso semiológico de envio de fotos. Esse recurso zela pela economia, por exemplo, quando um interlocutor pergunta *onde você está*? E o outro responde com uma foto tirada em tempo real, rápido, ágil e sem necessidade de digitar, oferecendo uma resposta clara ao questionamento do interlocutor. Para Leite e Silva (2015, p. 93):

> No que se refere ao critério movimentos textuais, cujo objetivo principal é destacar elementos essenciais à clareza de um texto - para que se garanta o mínimo de inteligibilidade na mensagem transmitida - três são os elementos considerados: coerência, coesão e retórica. É importante para a análise desse critério que os recursos semióticos empregados pelos usuários no aplicativo WhatsApp (...) estejam integrados de forma a trazer sentido à mensagem. De modo semelhante, espera-se que haja integração da linguagem oral e escrita, bem como da linguagem verbal e não verbal, recursos importantes na elaboração do gênero.

O WhatsApp também é um gênero que abre espaço para a retórica, com a novidade da utilização dos recursos mencionados anteriormente na argumentação. Além disso, o WhatsApp também pode apresentar prosódia em mensagens de voz, vídeo chamadas ou telefonemas.

Além dessas características, ainda há os emojis, nova forma de comunicação através de imagem que serve para aproximar ainda mais a linguagem escrita da linguagem oral. Para Fonte e Caiado (2014), no WhatsApp há numerosos ícones ou emojis, que são compostos por carinhas com expressões faciais diferenciadas, gestos manuais, símbolos relacionados às profissões, e que expressam sentimentos, pessoas, relógio com a marcação da hora, objetos variados, animais, números, frutas, partes do corpo, placas, entre outros.

Esses ícones, que funcionam como um simulacro de emoções para representar a comunicação face a face, expressam o que as palavras não são capazes de dizer, auxiliando a dar sentido ao que se escreve e são amplamente

utilizados no WhatsApp. Podem ser utilizados em uma mensagem virtual, por exemplo, para abrandar algo que foi dito e que poderia ser ambíguo, assim como para expressar alegria, gentileza, tristeza ou raiva. Os emojis não são utilizados na linguagem oral nem na escrita, pois se tratam de ícones e somente aparecem junto ao internetês em meio digital.

FIGURA 2 – Exemplos de Emoji para smartphones

FONTE: Disponível em: http://inner.geek.nz/archives/2009/02/06/the-truth-about-iphone-emoji/ Acesso em 23/05/2018.

Brito e Sampaio (2013) também destacam o caráter versátil do celular, que permite ao usuário criar mensagens simplesmente escritas, ou ainda, expressar sua mensagem através de emojis, mensagem de voz, enviar fotos, vídeos, etc.

Além disso, ainda há uma adaptação em relação a avanços tecnológicos, pois as mensagens podem conter ou somente serem expressas por imagens e sons. Tudo isso, na verdade, tem o objetivo de aproximar os interlocutores a ponto de eles sentirem como se estivessem conversando face a face. Outrossim, a escrita toma tempo, a fala é mais dinâmica, então, a ferramenta colabora com a rapidez das respostas nos diálogos virtuais.

Com o uso de emojis, vemos a possibilidade de expressão de simulação de emoções, na tentativa de aproximar a escrita da fala, já que os usuários não estão face a face. Segundo Arimura e Takaki (2014, p. 62), “quando conversamos usamos gestos, expressões faciais e corporais para transmitir pensamentos e emoções. Já no campo virtual essas formas de expressões são supridas com o uso de emojis.” Os emojis também permitem expressar gênero e etnia, além de diversos aspectos da cultura dos povos, como a gestualidade, a maneira de vestir, a alimentação, etc, visto que esses elementos não são universais. De acordo com Araújo (2005):

> Poucos minutos em uma sala de chat é o suficiente para observarmos o quanto estas marcas são bastante evidentes, ora para indicar espanto ora para representar euforias ou gritos. Essas idiossincrasias linguísticas, ainda que causem estranheza a quem não está acostumado com o gênero, podem ser compreendidas se entendermos que um gênero é uma ‘ferramenta’ socialmente semiotizada, o que indica que seu uso pressupõe a existência de uma cultura. Sendo assim, tanto os emoticons como as repetições de letras e sinais de pontuação são, indubitavelmente, marcas de uma cultura digital, ou de uma cultura em uma realidade virtual (ARAÚJO, 2005, p. 6).

Portanto, servem como complemento para uma conversação que não se dá face a face. O emoji é, antes de tudo, um artifício mais fácil, mais rápido e mais econômico para se expressar, compondo o internetês, assunto da próxima seção.

2.6 Revoluções: de Gutenberg à internet

Hoje, há vários meios de publicação de textos. Mas, antes da invenção da imprensa, copiar um livro era um trabalho exaustivo e demorado. Os monges nos conventos passavam dias executando essa tarefa à mão. Por isso, os assuntos das obras dignas de serem copiadas eram quase sempre religiosos. Assim foi até que Johanes Gutenberg (1397-1468), no século XV, concebeu os tipos móveis de impressão, o que colaborou com a propagação de ideologias políticas, religiosas, etc, e trouxe muitos avanços. Essa inovação ajudou a democratizar o saber, deu início ao Renascimento e representou uma ruptura na história da escrita e da humanidade ao mesmo tempo, pois popularizou os livros.

Entretanto, segundo Rajagopalan (2013), inicialmente, alguns repudiaram a invenção, inclusive, afirmando que era coisa do diabo. Isso não deve nos causar surpresa, pois Platão concebeu a invenção da escrita como algo negativo. E, claro, hoje há ludditas (pessoas avessas à tecnologia) entre nós. Segundo o autor, as inovações tecnológicas podem ser vistas, ao mesmo tempo, como objeto de fascínio e de medo. Por se tratar de algo novo, causa desconfiança.

Atualmente, vivemos uma revolução tecnológica semelhante à de Gutenberg, que deu início ao que chamamos de sociedade do conhecimento. Essa revolução começou, sobretudo, com o surgimento da internet, trazendo consigo novos suportes, como o computador, tablet, smartphone, etc e uma nova linguagem, o internetês.

O internetês é, segundo a Wikipedia, um neologismo, criado a partir da palavra internet, acrescentando o sufixo ês, que significa ser originário de um lugar, neste caso, então, é uma língua que tem origem da internet. Caracteriza-se, sobretudo, pelo uso de abreviaturas, ausência de acentuação e de pontuação e primazia à grafia fonética em detrimento à ortografia convencional.

A novidade na comunicação com o internetês trouxe receio aos profissionais da área da correção gramatical, que para segurança da língua padrão, orientam que o internetês fique restrito à internet (RAJAGOPALAN, 2013). Em entrevista concedida a Sheperd e Saliés (2013), David Crystal afirma que os antigos parâmetros da fala versus escrita são insuficientes para explicar a nova forma de letramento que se apresenta na esfera da comunicação, então,

o autor afirma que devemos nos questionar se o internetês muda nosso conceito de língua.

A criação da telegrafia, em 1839, segundo Rajagopalan (2013), impactou a velocidade da transmissão da comunicação, originando o telegrafês, assim como o computador e world wide web possibilitaram a criação do internetês. As duas modalidades da escrita são reflexo da necessidade de rapidez na comunicação, a exemplo do “fenômeno moldar a mensagem”, segundo Marshal Macluhan (1911-1980), mentor do termo “aldeia global”. Para o autor, todo novo meio de comunicação impacta nossas vidas, não pelo conteúdo, mas em virtude de suas próprias características. Por isso, pode-se dizer que a internet criou um lugar que não existia, como por exemplo, os ambientes de bate-papo, o que se pode chamar de uma terceira dimensão. Ela criou, também, conteúdo, que é o internetês. Assim, de acordo com a controversa tese de Mcluhan “o conteúdo de um meio é sempre outro meio”, temos o meio que é a internet, o internetês, que é o conteúdo e o outro meio, que pode ser o ambiente de um chat, sites de empresas, lojas virtuais, redes sociais, etc.

Com todas essas novidades tecnológicas na área da comunicação, Sheperd e Saliés (2013), afirmam que se detectou que a linguagem da internet não se encaixava na modalidade oral nem na escrita e, além disso, apresentava elementos de ambas. Assim, as autoras relatam como surgiu a necessidade de que se criasse o termo Linguística da internet, definido como a análise sincrônica da linguagem em todas as áreas de atividade da internet, inclusive, correios eletrônicos, os vários tipos de salas de conversa e jogos interativos, mensagem instantânea e páginas da web, e também em áreas associadas à comunicação mediada por computador, como as mensagens de texto (torpedos), o que autoriza que se trate sobre a Gramática da Internet, da Semântica da Internet, da Estilística da internet, da Análise do Discurso da Internet e da Fonética e Fonologia da Internet.

Na sequência das pesquisas na área, observou-se que o corpus é escasso, mas é necessário que se continue pesquisando sobre o assunto. Por isso, Sheperd e Saliés (2013) orientam que, no nível da pesquisa, sejam feitos estudos de caso em pequena escala, assim como foi feito nas primeiras pesquisas na área da saúde. Para que se possa coletar dados linguísticos

interpretáveis são necessários dados como idade, gênero, classes, etnia, comunidade de fala e coisas semelhantes. As autoras ainda lembram que todos têm consciência da diferença entre fala e escrita, mas é necessário pesquisa e testes em diversas línguas para descrever o fenômeno e, para prosseguir a pesquisa sobre a linguística da internet, é preciso refazer o caminho da linguística da fala e da escrita, que levou à construção de uma gramática de referência.

A fala é natural, ao contrário da escrita, que é um artefato cultural, mas na internet, as duas se misturam de tal maneira que há alguns anos era inconcebível que pudesse ocorrer, originando a nova linguagem que os internautas estão espalhando pelo mundo, o internetês. Este se expande de maneira acelerada, originando fenômenos na escrita altamente ligados à oralidade, caracterizando-se como uma linguagem híbrida, utilizada para agilizar o envio e o recebimento de mensagens, construída, sobretudo, com abreviaturas, tendo como matéria-prima a escrita convencional de uma língua padrão (RAJAGOPALAN, 2013).

OTHERO (2002) também alerta sobre a escrita na/da internet, originada pelos internautas, e hoje conhecida popularmente como “internetês”. O autor explica que “Uma nova forma de escrita característica dos tempos digitais foi criada. Frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na Internet”. (Ibid., p.23).Para Komesu e Tenani (2015), abreviar uma palavra confere mais agilidade e rapidez a quem escreve, ao mesmo tempo em que, assim, ela ocupará menos espaço, paralelamente, conferindo mais agilidade e rapidez a quem lê. As autoras destacam que, nos documentos oficiais, essa prática é bem comum, inclusive, demonstrando conhecimento de quem escreve, visto que há uma grande lista de abreviaturas, sobretudo, de pronomes de tratamento. Komesu e Tenani (2015) ainda atentam para o fato de que a escolha das letras para compor a abreviação de uma palavra não é aleatória, pois, se assim fosse, não haveria possibilidade de realizar a leitura das palavras em português, visto que a escrita não seguiria as convenções da língua.

Para o internetês, conforme Komesu e Tenani (2015), a abreviatura digital consiste em reduzir ao máximo o número de grafemas de uma palavra. As

autoras descrevem quatro tipos de abreviaturas, que podem ser conferidas no quadro abaixo.

Quadro 5: Definição de tipos de abreviaturas digitais

Tipos	Definição de abreviaturas digitais	Exemplos
A	Sequência de letras que resultam da omissão de vogais e do registro de letras que representam consoantes das sílabas que compõem a palavra abreviada.	Vc (você); kd (cadê)
B	Registro das primeiras letras de palavras que é empréstimo linguístico.	Cam (câmera)
C	Formas reduzidas ou truncadas que são predominantemente relacionadas a práticas orais e letradas mais informais.	To (estou); mina (menina)
D	Simplificação de dígrafos, os quais podem ser substituídos por grafemas de valor sonoro idêntico ao do dígrafo	Bixo (bicho); ker (quer)

Fonte: Komesu e Tenani (2015, p.53).

Komesu e Tenani (2015) explicam que as abreviaturas digitais do tipo A são constituídas pela omissão de uma vogal da sílaba, como, por exemplo, “vc” (você), em que é possível representar os sons do português brasileiro por meio do alfabeto, através do princípio acrofônico. As autoras ainda explicam que, neste princípio, cada letra é associada a um som, possibilitando que, no internetês, ocorram fenômenos como “kd” (“cadê”), substituindo “ca” por “k” e “dê” somente por “d”, deste modo, privilegiando o princípio acrofônico do alfabeto em detrimento da convenção ortográfica (TENANI; KOMESU, 2015). Esse processo, através da economia de letras, agiliza a digitação e a leitura da mensagem.

Segundo Komesu e Tenani (2015), as abreviaturas do tipo B são relativamente frequentes, abrangendo as abreviaturas compostas por parte de palavras classificadas como empréstimos do inglês. As autoras explicam, também, a composição das abreviaturas digitais de tipo C, que se caracterizam

pela forma reduzida ou truncada, “relacionadas a práticas orais e letradas mais informais” (KOMESU; TENANI, 2015, p.50), como é o caso de “to” (“estou”). O último tipo de abreviatura digital descrito pelas autoras é o de tipo D, que consiste na simplificação das palavras, sobretudo, de dígrafos, como é o caso de “ker” (“quer”).

Essa linguagem dá a liberdade de recriar as palavras, a gramática e a sintaxe, o que agrada aos adolescentes, pois estes são atraídos pela sua simplicidade e autonomia. Komesu e Tenani (2015) concebem o internetês como o “veículo” de comunicação dos usuários da internet, sendo uma prática letrada em língua portuguesa comum entre jovens usuários da internet, sobretudo, nas redes sociais. Deste modo, as autoras acreditam que:

> [...] o internetês pode ser tomado pelo professor de língua portuguesa como objeto por meio do qual o aluno é conduzido a trabalhar questões vinculadas não a aspectos prescritivos de “forma”, mas a aspectos da produção de sentidos, com destaque para as relações entre linguagem e vida social. (KOMESU; TENANI, 2015, pp. 15/16).

O internetês ignora inicial maiúscula e a pontuação é limitada. A nova linguagem apresenta características próprias que foram negociadas no espaço virtual pelos usuários. Segundo Crystal (2001, apud Marcuschi, 2004, p.19):

> (1) **do ponto de vista dos usos da linguagem**, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas, e uma escrita semi-alfabética;
> (2) **do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem**, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio com participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a *hiperpessoalidade*;
> **(3) do ponto de vista dos gêneros realizados**, a internet transmuta de maneira complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros.

O internetês é uma linguagem escrita tendo como referência a oralidade, visto que os usuários escrevem de modo aproximado como falam. No quadro seguinte, há uma discriminação dos critérios que distinguem linguagem verbal oral e escrita (GABRIEL; KOLINSKY e MORAIS, 2016 a), e, em seguida, uma relação do internetês com essas outras formas de expressão da linguagem verbal.

QUADRO 6 - A linguagem verbal oral e escrita e o internetês no aplicativo WhatsApp.

Linguagem verbal			
Critérios	Oralidade	Leitura/escrita	Internetês (WhatsApp)
1. Interação	Falante – discurso – ouvinte	[autor] – texto – leitor	autor/usuário/falante – texto/discurso – leitor/ouvinte/usuário
2. Variação linguística	+ variação; + coloquial	+ estável; +formal	+ variação; + coloquial; + estável
3. Léxico	+ repetição; - diversidade	+ densidade; + diversidade	-diversidade; + repetição
4. Sintaxe	+ orações curtas; + ordem direta;	+ orações subordinadas; +voz passiva; +ordem inversa	+ orações curtas; + ordem direta; +voz passiva; +ordem inversa
5. Conhecimento prévio	Temas de domínio comum	Maior abrangência temática	Maior abrangência temática e temas de domínio comum
6. Tradução dos sinais visuais em linguagem	Não há sinais escritos (apenas sinais auditivos)	Escrita → fala	Escrita → fala
7. Prosódia	+variação	Não há	Há possibilidade
8. Emoções	Expressão facial	Pontuação	Emojis Onomatopeias (ex. Kkkk, uuuu)

Fonte: elaboração da autora, a partir de Gabriel et al. (2016 a, p. 925)

Podemos observar no quadro acima, elaborado a partir do quadro 1, Gabriel et al. (2016 a, p.925), que o internetês apresenta características presentes tanto na linguagem verbal oral, quanto na escrita, tendo duplo estatuto social. O autor/usuário digita e envia a mensagem de texto, deste modo, compondo a linguagem escrita. O usuário/falante pode interagir de duas

maneiras: gravando mensagem de voz ou de vídeo e telefonando ou realizando vídeo chamada, assim, comunicando-se através da linguagem oral. O texto/discurso depende da modalidade comunicativa que o autor/usuário/falante selecionar para efetuar a comunicação, tratando-se de texto escrito no caso de mensagem escrita e de linguagem oral caso a comunicação se dê via mensagem de voz ou de vídeo e telefonando ou realizando vídeo chamada. Essa interação pode ocorrer de modo síncrono ou não. A partir do envio da mensagem, a leitura/resposta não necessita obrigatoriamente ser realizada no momento do recebimento, isso dependerá do interesse dos usuários. De qualquer modo, o receptor da mensagem pode verificar o horário em que a mensagem foi enviada, ao passo que o emissor da mensagem pode verificar qual foi o horário da última visualização do aplicativo pelo interlocutor, ou ainda se ele está online.

A variação linguística selecionada é mais coloquial em geral, mesmo sendo a mensagem escrita, de voz ou vídeo, pois trata-se de um gênero textual mais próximo da fala. Entretanto, nada impede que, dependendo da origem geográfica e social dos usuários, a linguagem escrita seja mais estável e mais formal, devido ao hibridismo linguístico, característico do gênero.

O léxico tende a ser de alta frequência, mas com inovações que demandam conhecimento de ambos os usuários, com modificações ortográficas características do internetês. Quem não conhece essa linguagem pode julgar equivocadamente que se trate de erro ortográfico a nova maneira de escrever, que prima pela rapidez e agilidade na comunicação. O léxico pode apresentar características da oralidade e da escrita, a conversação pode conter mais diversidade e mais densidade, como traço da escrita e da oralidade, mais repetições, gírias e interjeições, como KKKK (risos), wlw (valeu) e hum... ah... (prosódia). A densidade lexical, segundo Martins (2017, p. 221):

> [...] relaciona-se com a capacidade que um escritor possui de dispor a informação e condensá-la, o que implica, portanto, nos modos como a informação representada pelo léxico é incorporada na estrutura gramatical. [...] Por outras palavras, um texto com baixa densidade lexical configura-se como mais dêitico, mais situado no aqui-agora do discurso, sendo comumente um texto com características da modalidade falada; por oposição, um texto que apresenta taxas mais altas de densidade lexical estará mais próximo da modalidade escrita.

No que concerne ao léxico, é importante lembrar que o próprio aplicativo tenta prever o que o emissor quer escrever, e completa as palavras cuja

digitação foi iniciada, oferecendo ainda alternativas ortográficas. Como o usuário muitas vezes não relê a mensagem, acaba enviando mensagens ininteligíveis, ou com erros grosseiros, que podem causar riso ou mal entendidos.

Quanto à sintaxe, de um lado, a linguagem escrita formal apresenta construções sintáticas mais longas, assim como maior ocorrência à voz passiva e construções em ordem inversa; por outro lado, a linguagem oral apresenta orações curtas e maior ocorrência à ordem direta. No WhatsApp, quando linguagem oral e escrita se misturam, a tendência é maior ocorrência de orações curtas e na ordem direta, representando a oralidade na escrita e, novamente, temos a materialização do hibridismo nesse gênero textual que zela pela rapidez.

O conhecimento prévio, na linguagem oral, tem a tendência de ser comum aos usuários e a possibilitar elementos multimodais (tom de voz, gestos) com o objetivo de complementar as informações verbais. A linguagem escrita apresenta maior abrangência temática. No WhatsApp, há possibilidade de temas de domínio comum e de maior abrangência temática na mensagem, devido ao hibridismo da linguagem. Por outro lado, dada a possível assincronia entre o envio e o recebimento da mensagem, bem como aos inúmeros contatos que um usuário pode ter no aplicativo, o estabelecimento da coerência textual pode depender da releitura das mensagens anteriores, a fim de que sejam reativados os conhecimentos prévios que possibilitarão a compreensão da mensagem.

A tradução dos sinais visuais em linguagem verbal, ou seja, a leitura, será realizada pelo usuário/interlocutor, que deverá dominar o internetês para que haja uma comunicação fluente. A mensagem enviada pode conter abreviações, ausência de pontuação, ausência de acentuação e uso de maiúsculas representando emoções.

A prosódia é uma característica da fala, mas, como o internetês é híbrido, o usuário pode representá-la na escrita, através de letras repetidas e digitadas em caixa alta (SHEPHERD; SALIÉS, 2013, p. 264) ou através de sinais de pontuação. Na escrita padrão, os sinais de pontuação servem para auxiliar na estruturação e na leitura do texto, marcando as pausas com vírgulas, ponto, dois pontos e ponto e vírgula, e a entonação, com pontos de interrogação e exclamação. No internetês, essas funções podem mudar ou variar, sendo que a pontuação passa a servir para expressar emoções e simular uma conversação

face a face. As interações podem ser marcadas por ausência total de pontuação, ou, pelo contrário, há momentos em que as palavras podem ser removidas, e só a pontuação é responsável por conduzir a comunicação, como, por exemplo:

- ?
- !

Também há uma tendência dos usuários de, no lugar da vírgula, adicionarem uma “quebra” de linha, conforme Luiz Sobrinho (2012, p. 118):

> Falta (total) de vírgulas ou “quebras” (em locais em que vírgulas poderiam ser inseridas no enunciado) são pistas linguísticas que os escreventes deixam da relação que estabelecem entre prosódia e escrita.

Essas “quebras” se tornam recursos de coesão e sintáticos-textuais, que fornecem ao escrevente a ideia de que manteve a entonação de sua fala na mensagem, ou melhor, servindo como recurso prosódico à escrita em chat (LUIZ SOBRINHO, 2012).

O internetês é fruto da mistura linguística e a justificativa de seu uso se dá pela necessidade de se comunicar com rapidez. Diferencia-se de seu precursor, o telegrafês, pelo seu caráter popular e a grande quantidade de usuários atendida, pois a internet pode ser acessada de PCs, celulares, tablets, etc. É uma língua em construção, “moldada” por milhões de usuários, de acordo com as necessidades dos falantes, concisa e desprovida de redundâncias e detalhes desnecessários, visto que a língua se modifica para acompanhar as necessidades de comunicação dos falantes (usuários). Rajagopalan (2013) registra que as mudanças na língua têm seu início junto às grandes massas. Essas mudanças estão ocorrendo sem aval de órgãos oficiais. O único limite necessário é a capacidade de decifrar a mensagem.

Segundo Marcuschi (2010), a simultaneidade temporal, atribuída somente à fala, com o uso da internet, pode ser atribuída à escrita, sendo os bate-papos online uma nova relação com a escrita, mas não a ponto de ser considerada uma nova escrita. Isso torna, segundo Bagno (2003), cada vez mais difícil delimitar o que era admitido na língua falada e o que era cobrado na língua escrita, causando, inclusive, uma mistura cada vez maior entre gêneros textuais e

proliferando novos gêneros típicos desse meio de comunicação. Sheperd e Saliés (2013) também concordam que há semelhanças e diferenças entre o oral e o escrito, sendo que as diferenças em relação à oralidade se referem a novos padrões de troca de turnos e novos ritmos conversacionais, tratando-se de um fenômeno com características como a facilidade, a rapidez e a espontaneidade.

Como se trata de uma linguagem híbrida, Baron (2013) afirma que o intenetês é semelhante à fala porque não é editado, há predomínio de pronomes de 1ª e 2ª pessoa, tempo presente e linguagem informal. Concomitantemente, é semelhante à escrita porque os interlocutores não estão fisicamente presentes, precisam fazer escolhas lexicais e aplicar uma sintaxe complexa. Os usuários ainda tentam reproduzir através da escrita, elementos que pertencem à linguagem oral, como “risos, hesitações, entonações, altura da voz, reações” (OLIVEIRA, 2013, p 177), para se sentirem mais próximos de seu interlocutor.

Entretanto, na concepção de Tenani e Komesu (2015), dizer que o internetês é uma linguagem que recebe interferência da fala na escrita é pouco para tratar desse fenômeno. As autoras declaram que a melhor explicação seria dizer que o internetês é uma linguagem heterogênea, ou seja, uma linguagem que apresenta fatos linguísticos da enunciação falada na enunciação escrita. Além disso, Komesu e Tenani afirmam que:

> Os registros divergentes encontrados no internetês (mas não somente), a exemplo da abreviação; banimento da acentuação gráfica; ausência ou excesso de pontuação; repetição, troca, acréscimo ou omissão de letras; “risadinhas” passam a ser associados a possibilidades de registro gráfico-visual de certos padrões rítmicos-entoacionais que são assim registrados na heterogeneidade da escrita na interação daquele que escreve para e com os outros. (Komesu; Tenani, 2015, p.23).

Para Rajagopalan (2013), o internetês surgiu e se moldou espontaneamente e a tendência é de que continue ativo na linguagem dos usuários do computador. Mas é preciso salientar que, apesar da aparência de liberdade, é uma linguagem que tem certas regras para que a compreensão da mensagem seja possível.

Sheperd e Saliés (2013) afirmam que linguagem da internet é escrita, às vezes abrindo espaço para a ambiguidade, pois a interação não é simultânea, não há o tom de voz e a expressão facial para corrigir possíveis mal-entendidos, mas, mesmo assim, os interlocutores procuram corrigir possíveis erros de interpretação.

As variações e as mudanças ocorridas na língua portuguesa, até hoje, tiveram seu início na linguagem verbal oral. Sendo o internetês híbrido, ele já se apresenta com capacidade de mudar a língua ao integrar palavras novas referentes ao campo semântico da internet ao vocabulário da língua portuguesa, como *teclar* e a incluir novos sentidos a palavras já existentes, como *baixar* (download), etc. A influência da tecnologia na linguagem e na vida social também deixa sua marca na nomenclatura das novidades técnico-científicas com a internacionalização de radicais greco-latinos. Como em relação a todo tipo de inovação, alguns consideram as mudanças na linguagem como sendo positivas, outros, negativas.

Sardinha (2013) apresenta os resultados de uma pesquisa em que compara variedades textuais (registros) digitais e analógicos existentes antes do surgimento da internet, como cartas, conversas telefônicas e artigos de jornais e revistas, utilizando a metodologia de pesquisa de Análise Multidimensional (AMD) e voltada à compreensão dos “princípios subjacentes à variação entre registros”. O autor chega à conclusão de que as práticas textuais dos usuários da internet são semelhantes às analógicas. Assim, segundo o autor, um usuário do Facebook pode utilizar formas discursivas de sua experiência com bilhetes, cartas e conversação, por exemplo; quem escreve e-mail pode se basear em seu conhecimento de gêneros, como ofício, conversa telefônica e recados. Esse entrecruzamento de gêneros textuais ocorre dentro e fora da internet. Os textos da internet convivem com outros pré-internet, dentro e fora do mundo virtual, por exemplo, através da versão digital e impressa de um jornal.

O uso do internetês pode ser comparado ao uso de uma nova variante linguística, que não é falada, é somente escrita, pois há uma nova maneira de escrever, rica em abreviaturas, emojis e acentos com novos significados. Por isso, os usuários devem conhecer e ter um bom domínio da linguagem oral, visto

que é dela que se origina a linguagem virtual. O usuário que não dominar o internetês, não será capaz de interagir com eficiência com seu interlocutor virtual.

As mudanças da língua começaram através da oralidade e não através da escrita. Levando em consideração o caráter híbrido e heterogêneo do internetês, ele pode ser o agente de futuras transformações na escrita oficial das línguas.

Assim, conclui-se o referencial teórico deste estudo, que buscou mostrar diferenças e semelhanças entre linguagem verbal oral e escrita, a relação entre leitura e cognição, o conceito de gêneros textuais e sua relação com as variações linguísticas e com a argumentação e texto argumentativo, a evolução da tecnologia e sua relação com a linguística e a caracterização dos gêneros textuais emergentes no internetês do WhatsApp. Apresenta-se, a seguir, a pesquisa realizada a partir deste estudo.

3 PESQUISA EMPÍRICA

Nas sociedades letradas, a maior parte do conhecimento formal se adquire e se transmite através da escrita, amplamente difundida pela internet. Segundo Oliveira et al. (2014, p. 3482):

> Hoje, aproximadamente 43 milhões de brasileiros acessam a Internet por dispositivos móveis. Estima-se que mais da metade desse número seja de indivíduos com idade entre 12 e 34 anos, o que evidencia que boa parte destes usuários estão inseridos no ensino básico, secundário ou superior.

Embora a quantidade de informação disponível seja infinita, assim como seu acesso facilitado, a habilidade de captar esse conhecimento é limitada pela falta de competência satisfatória em leitura. Jovens e adultos apresentam falhas na leitura e escrita de textos mais complexos, na variedade padrão. Nossa hipótese é de que essas falhas ocorram porque leem pouco nessa modalidade. Como já foi demonstrado no referencial teórico, a modalidade de escrita predominante das redes sociais é o internetês, uma escrita menos monitorada. Então, esse gênero de leitura não vem a suprir as necessidades de leitura e de produção escrita demandadas pelo meio acadêmico.

A leitura é importante, entre vários motivos, para desenvolver o raciocínio e para aprimorar a escrita. Por isso, há grande preocupação de governantes e professores em relação a ela – assim como em relação à escrita - entre os jovens em idade escolar, visto que essas habilidades são fundamentais para o satisfatório desempenho do estudante em todas as disciplinas, fazendo parte da preparação do educando para a vida.

Quanto mais se lê, mais se amplia o vocabulário, mais se desenvolve a capacidade de compreensão e mais se aperfeiçoa a prática de escrita. Um jovem que tem vocabulário limitado tem dificuldade de ler e compreender textos de todas as disciplinas escolares. Aí entra a principal função da prática leitora, visto que, lendo, o estudante ampliará seu vocabulário e terá autonomia para construir seu aprendizado.

Quando o estudante não tem o hábito da leitura, apresenta erros ortográficos, além de ter dificuldade para expressar suas ideias com clareza. Segundo Marcuschi (2010, p. 16):

> Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder.

Em consonância com Marcuschi (2010), acreditamos que sem um satisfatório desempenho em leitura, o indivíduo terá alcance limitado ao conhecimento formal durante toda a sua vida.

Por isso, este estudo versa sobre bate-papos via WhatsApp, leitura e escrita padrão. Nos bate-papos, os usuários entram em contato através de seus smartphones, que devem estar conectados à internet. Devido ao caráter síncrono possibilitado por meio desse tipo de diálogo, eles têm a impressão de que estão se comunicando face a face, embora, na realidade, estejam escrevendo.

As atividades propostas neste estudo propiciam a produção de dois textos do tipo argumentação em dois diferentes gêneros textuais, que são o artigo de opinião e postagens no WhatsApp, possibilitando que o aluno expresse seu posicionamento crítico em diferentes ambientes sociais. Para tanto, ele deve tomar consciência do grau de formalidade exigido em cada esfera de comunicação, tornando-se mais consciente da relação entre oralidade, leitura e escrita.

Assim, foi feita uma pesquisa de análise qualitativa e quantitativa. Neste estudo, a língua é tratada como instrumento de comunicação, o que permite analisar se, em diferentes contextos, os alunos são capazes de diferenciar o grau exigido de formalidade, e mesmo assim, fazer-se compreender por seus interlocutores.

3.1 Objetivos

3.1.1 Objetivo geral

O objetivo principal da pesquisa é investigar se há influência do internetês na escrita formal entre os alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental.

3.1.2 Objetivos específicos

• Conhecer os hábitos de leitura e o contexto socioeconômico e cultural dos participantes da pesquisa;

• Constituir um corpus de pesquisa a partir de textos argumentativos elaborados pelos alunos no gênero artigo de opinião e chat no aplicativo WhatsApp;

• Analisar a escrita dos participantes em ambiente digital quanto ao uso do internetês, ortografia padrão, uso de abreviações, acentuação, modificações de registro gráfico padrão, uso de ícones, repetições de sinais de pontuação, repetição de letras, adequação vocabular e sintaxe;

• Analisar a escrita padrão dos alunos quanto ao uso do registro padrão e possível interferência do internetês;

• Comparar estratégias argumentativas utilizadas no aplicativo WhatsApp e no texto formal escrito em sala de aula.

3.2 Hipóteses

H1- A leitura de textos na modalidade padrão da língua é uma ferramenta pedagógica para que o estudante incorpore a modalidade escrita da língua, bem como a ortografia correta das palavras e a capacidade de expressar-se com clareza.

H2- Como os alunos passam mais tempo expostos à leitura informal, eles refletem na sua escrita formal o estilo que mais leem.

H3- O aluno que não tem hábito de ler textos formais aproxima a modalidade escrita da modalidade oral, apresentando dificuldade para elaborar argumentos mais complexos.

H4- O internetês é transferido para a escrita padrão de textos escolares.

H5- As estratégias argumentativas utilizadas no gênero chat do aplicativo WhatsApp são transferidas para um gênero textual formal.

3.3 Participantes da pesquisa

A coleta de dados da pesquisa experimental foi realizada com 16 adolescentes, sendo 8 meninos e 8 meninas, moradores da zona rural de um município de aproximadamente 20.000 habitantes, do interior do RS, com idades variando de 13 a 17 anos, matriculados no 8° e 9° ano do Ensino Fundamental. A pesquisadora trabalhava como professora de Língua Portuguesa desses estudantes e foi entregue aos pais e aos alunos um termo de assentimento para a participação na pesquisa (APÊNDICES H e I).

3.4 Instrumentos, procedimentos de testagem e análise dos dados

Os instrumentos de pesquisa, selecionados de acordo com os objetivos do estudo, são:

a) questionário para caracterizar o perfil dos participantes (APÊNDICE A);
b) planos de aula (APÊNDICE B, C, D e E);
c) diálogos produzidos com conversa no WhatsApp (APÊNDICE F);
d) artigos de opinião produzidos pelos alunos (APÊNDICE G).

3.4.1 Questionário para caracterizar o perfil dos participantes

O primeiro instrumento da presente pesquisa foi um questionário (APÊNDICE A) com o objetivo de verificar o perfil dos participantes com perguntas sobre hábitos de leitura e contexto socioeconômico e cultural. Os questionários foram entregues e respondidos durante a aula pelos alunos. Depois, foi feito um esboço descritivo dos dados obtidos, a ser apresentado na seção 3.5.1.

A questão 1 teve o objetivo de detectar qual é o tempo de leitura em tela e qual é o tempo de leitura em material impresso dos participantes da pesquisa para conhecer seu hábitos de leitura e, assim, poder relacioná-los com o desempenho na produção escrita padrão e com a produção escrita no internetês.

A questão 2 visou conhecer os hábitos de estudos para relacionar, também, com a qualidade da produção escrita dos participantes. Já a questão 3 buscou explorar qual o tipo de material de leitura que os participantes têm em casa, o que poderia justificar seus hábitos de leitura.

A questão 4 sondou o nível de alcance de atividades possíveis de serem realizadas pelos alunos. Um celular novo e moderno possibilita acesso ilimitado; um celular com mais tempo de uso não oferece os mesmos recursos de um com atualizações em dia, pois as tecnologias se renovam rapidamente.

O mesmo ocorre quanto à questão 5, referente ao computador. Quanto mais moderno e potente, mais capacidade terá para abrir e baixar programas.

A questão 6 vem a explorar o limite de acesso à internet em casa para saber qual é a possibilidade de acesso disponível aos sujeitos, assim como a questão 7, que explora quais são os locais de acesso quando os participantes não estão em casa.

A questão 8 buscou traçar um perfil de hábitos de uso das redes sociais. Já a questão 9 procurou traçar o perfil dos usuários quanto ao tempo e à finalidade de acesso.

As questões 10, 11 e 12 têm a finalidade de traçar o perfil socioeconômico dos pais e relacionar com as questões anteriores e com o desempenho e hábitos de leitura e escrita dos jovens.

3.4.2 Planos de aula

O segundo instrumento foram quatro planos de aula para possibilitar a produção de dados da pesquisa. Os planos foram elaborados a fim de propiciar que os alunos lessem artigos de opinião de jornal, criassem um grupo de discussão no WhatsApp e depois produzissem um texto argumentativo, compondo nosso corpus de análise.

O plano de aula 1 (APÊNDICE B) teve como objeto central o ANEXO A, um texto informativo sobre WhatsApp. Na aula, foi proposta a leitura e compreensão do texto, com o objetivo de adquirir novos conhecimentos sobre

WhatsApp, assim como compartilhar os conhecimentos existentes. Deste modo, esperava-se que os alunos estivessem preparados para a criação de um grupo de WhatsApp da turma.

O plano de aula 2 (APÊNDICE C) teve como texto central “As regras de ouro” (ANEXO D), que trata sobre regras do “bom uso” em grupos de WhatsApp. Os alunos leram o texto, responderam oralmente as questões e compartilharam suas experiências de participação nesses grupos. Depois, um aluno da turma criou um grupo de WhatsApp da turma. Durante uma semana, a professora incentivou os alunos a interagirem no grupo com atividades lúdicas, características desse gênero textual para que os participantes sentissem que se tratava de um grupo como outro qualquer e, assim, interagissem normalmente, sem elevar nem reduzir o monitoramento na escrita.

No plano de aula 3 (APÊNDICE D), dois textos do gênero jornalístico artigo de opinião sobre o uso do celular em sala de aula foram focalizados. A escolha do assunto se deu levando em conta o tema da pesquisa e por ser um tema de discussão recorrente entre os jovens e os professores. Um dos artigos apresentava argumentos a favor do uso de celular em sala de aula, o outro, contra. Os alunos deveriam identificar o ponto de vista dos autores e de que modo construíram suas teses, assim como a estrutura dos textos. Depois da aula, a professora lançou a seguinte pergunta no grupo de WhatsApp: “Você é a favor ou contra o uso de celular na sala de aula?” e estimulou a participação dos alunos na discussão.

No plano de aula 4 (APÊNDICE E), os participantes produziram um artigo de opinião sobre o uso de celular em sala de aula. A professora autorizou que os alunos acessassem o grupo de WhatsApp da turma para buscar subsídio na construção da argumentação para a produção textual.

Quadro 7: Cronograma de produção dos dados da pesquisa

Aplicação do questionário e termo de consentimento	25/10/17
Plano de aula 1 (APÊNDICE B)	26/10/17
Plano de aula 2 (APÊNDICE C)	1°/11/17

Plano de aula 3 (APÊNDICE D)	08/11/17
Plano de aula 4 (APÊNDICE E)	09/11/17

Fonte: a autora

3.4.3 Grupo no WhatsApp

Como informado anteriormente, após a aplicação do segundo plano de aula, foi criado um grupo da turma no WhatsApp, em que a professora motivou a participação dos alunos com atividades características desse aplicativo. A partir da implementação do terceiro plano de aula, a professora estimulou os alunos a expressarem sua opinião sobre o tema que foi assunto da aula, atuando como moderadora do grupo. A professora fez intervenções como: “Gostaria de mais razões para usar celular em aula”. “Concordo, mas só você pensa assim. Seus colegas são contra o uso do celular na sala de aula.” “Você pode dar um exemplo”. Houve mais necessidade de moderação no grupo do 9ª ano, pois interagiram menos entre eles. Assim, a professora auxiliou na argumentação, indicando que argumentos eram válidos e como poderiam ser ampliados. A ferramenta permitiu que a professora atuasse diretamente no processo de argumentação, pois a escrita do texto formal não permite esse recurso ao professor. Só posteriormente à construção textual.A partir das postagens, foi feita a análise das intervenções do grupo do WhatsApp, observando uso de abreviações, ausência de acentuação, modificações de registro gráfico padrão, uso de ícones, repetições de sinais de pontuação e repetição de letras para representar a fala foneticamente através da escrita (kkk, mmmuito obrigada...).

3.4.4 Artigos de opinião produzidos pelos participantes

Foram reservados dois períodos de 55 minutos para que os participantes lessem dois artigos de opinião e analisassem sua estrutura, assim como os operadores argumentativos utilizados na construção do texto. Essa análise foi feita a partir de conhecimentos prévios dos alunos sobre o conteúdo, que já havia sido sistematizado anteriormente nas duas turmas. No grupo de WhatsApp, a professora lançou a questão “Você é a favor ou contra a utilização do celular em

sala de aula?” e incentivou a argumentação no ambiente digital, utilizando o internetês. Na quarta aula, a professora solicitou que os participantes escrevessem um artigo de opinião no caderno, a partir da estrutura dos textos lidos anteriormente, levando em consideração o tamanho, a linguagem, a quantidade de parágrafos, assim como sua estrutura. Os alunos foram orientados, também, que poderiam partir dos argumentos postados no grupo de WhatsApp. Quando o texto estivesse pronto, a professora solicitou que passassem a limpo em uma folha para entregar e esses textos estão digitalizados na íntegra no APÊNDICE G.

3.5 Apresentação e análise dos resultados

3.5.1 Perfil dos estudantes

Foi entregue um questionário, que pode ser encontrado no Apêndice 1, para traçar o perfil dos participantes da pesquisa. A identidade dos estudantes, assim como nome da escola serão mantidos no anonimato. Os participantes serão identificados como Estudante 1 (E1), Estudante 2 (E2) e assim por diante. Os participantes identificados como E1 a E9 são alunos do nono ano. Já os participantes identificados como E10 a E 16 são alunos do oitavo ano. A descrição dos perfis segue abaixo.

E1 é do sexo masculino, tem 14 anos e está cursando o 9° ano. Ele revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê 18 minutos, e em tela, lê 30 minutos. E1 estuda 1 hora por semana em casa. Como material de leitura, sua família possui jornal e internet. Possui um celular Samsung, com dez meses de uso e não possui computador. Tem acesso à internet pós-paga em casa, através do smartphone. Também pode acessar a internet na casa de familiares pelo tempo que for necessário. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar com pessoas da família ou amigos, além de utilizar outras redes sociais. Acessa a internet durante uma hora por dia para fazer pesquisas solicitadas pela escola ou para algo sobre jogos. Seu pai é agricultor e tem Ensino Fundamental completo e a mãe é dona de casa e tem Ensino Médio completo, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E2 é do sexo feminino, tem 17 anos e está cursando o 9° ano. Ela revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê uma hora, e em tela, lê 16 horas. E2 estuda 2 horas por semana em casa. Como material de leitura, sua família possui livros para adultos. Possui um celular Quantum MUV, com 8 meses de uso, e não possui computador. Tem acesso à internet pré-paga, através do smartphone. Também pode acessar a internet na casa de uma amiga durante 3 horas. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar com pessoas da família ou amigos. Acessa a internet sempre que puder (considera estar conectada 24h por dia). Seu pai é aposentado e tem Ensino Fundamental incompleto, assim como a mãe, que é dona de casa, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E3 é do sexo masculino, tem 17 anos e está cursando o 9° ano. Pela defasagem idade/série, percebe-se que o aluno teve reprovações em seu percurso escolar. Ele revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê durante uma hora, e em tela, lê 3 horas. E3 estuda em casa quando é preciso. Como material de leitura, sua família possui jornal e internet. Não possui celular, possui computador Positivo com três anos de uso. Tem acesso à internet pós-paga em casa, através do computador. Também pode acessar a internet na casa da mãe pelo tempo que for necessário. Não utiliza a rede social WhatsApp, somente Facebook. Acessa a internet durante 5 horas por dia para fazer diversas atividades. Seu pai é a agricultor e tem Ensino Fundamental incompleto e a mãe é operária e tem Ensino Médio completo, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E4 é do sexo feminino, tem 15 anos e está cursando o 9° ano. Ela revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê 30 minutos, assim como em tela. E4 estuda 5 horas por semana em casa. Como material de leitura, sua família possui revistas e internet. Possui um celular Redmi 3, com um ano de uso, não possui computador. Tem acesso à internet pré-paga em casa, através do smartphone. Também pode acessar a internet em outros locais. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar, além de utilizar Facebook e Snapchat. Acessa a internet durante 8 horas por dia para pesquisar, estudar e acessar as redes sociais. Seu pai é eletricista e tem Ensino Médio,

assim como sua a mãe, que é dona de casa, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E5 é do sexo masculino, tem 16 anos e está cursando o 9° ano. Ele revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, não lê em material impresso, e em tela, lê uma hora. E5 estuda 1 hora por semana em casa. Como material de leitura, sua família possui revistas, um exemplar de livros para adultos e internet. Possui um celular LG, com dois anos de uso e não possui computador. Tem acesso à internet pré-paga em casa, através do smartphone. Também pode acessar a internet na casa de familiares pelo tempo que for necessário. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar com pessoas da família ou amigos, além de utilizar outras redes sociais. Acessa a internet entre uma e duas horas por dia para diversas atividades. Seu pai é caminhoneiro e tem Ensino médio e a mãe é dona de casa e tem Ensino Fundamental, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E6 é do sexo feminino, tem 14 anos e está cursando o 9° ano. Ela revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê duas horas, e em tela, lê 5 horas. E6 estuda em casa, mas não tem noção de quanto tempo. Como material de leitura, sua família possui internet. Possui um celular Samsung com um ano de uso e um computador Positivo com 3 anos de uso. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar. Acessa a internet durante o dia para conversar e ler livros online. Seu pai é agricultor e tem Ensino Fundamental incompleto, assim como sua mãe, que é agricultora, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E7 é do sexo feminino, tem 14 anos e está cursando o 9° ano. Ela revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê 30 minutos, e em tela, lê 15 horas. E7 estuda em casa uma hora por semana. Como material de leitura, sua família possui internet. Possui um celular Samsung, com um ano de uso, e possui um computador positivo com 3 anos de uso. Tem acesso à internet pré-paga em casa, através do smartphone. Também pode acessar a internet onde tiver wifi liberado. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar com amigos, além do Facebook. Acessa a internet durante todo o tempo em que está acordada. Seus pais são agricultores e têm Ensino

Fundamental incompleto, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E8 é do sexo masculino, tem 15 anos e está cursando o 9° ano. Ele revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê 45 minutos, e em tela, não lê. E8 estuda 30 minutos por semana em casa. Como material de leitura, sua família possui jornal e internet. Possui um celular Samsung, com 4 anos de uso e um notebook Acer com cinco anos de uso. Tem acesso à internet pré-paga em casa, através do smartphone e do notebook. Não tem acesso à internet em outro local. Não utiliza a rede social WhatsApp, somente Facebook, mas, praticamente, não usa. Acessa a internet durante 3 horas por dia para assistir a vídeos e para jogar. Seus pais são aposentados e têm Ensino Fundamental incompleto, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E9 é do sexo feminino, tem 14 anos e está cursando o 9° ano. Ela revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê 6 horas, e não lê em tela. E9 estuda 5 horas por semana em casa. Como material de leitura, sua família possui livros infantis (100 exemplares), jornal e internet. Possui um celular Samsung, com um ano e dois meses de uso, e não possui computador. Tem acesso à internet pré-paga em casa, através do smartphone. Também pode acessar a internet numa associação de moradores durante o tempo que precisar. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar e não utiliza outras redes sociais. Acessa a internet durante 3 horas por dia para bate-papo. Seu pai é agricultor e tem Ensino Fundamental completo e a mãe é agricultora e tem Ensino Médio, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E10 é do sexo masculino, tem 16 anos e está cursando o 8° ano. Ele revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê uma hora, e em tela, lê sempre que pode. E10 não estuda em casa. Como material de leitura, sua família possui jornal e internet. Possui um celular Samsung, com um ano de uso e não possui computador. Tem acesso à internet pré-paga em casa, através do smartphone. Não acessa a internet em outros locais. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar com meninas e amigos, além de revelar que utiliza outras redes sociais. Acessa a internet sempre que

pode para conversar. Seu pai é moleiro e tem Ensino Fundamental completo e a mãe é doméstica e tem Ensino Médio completo, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E11 é do sexo masculino, tem 14 anos e está cursando o 8° ano. Ele revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê uma hora, e em tela, lê 35 horas. E11 estuda uma hora e 30 minutos em casa. Como material de leitura, sua família possui jornal e internet. Possui um celular LG K10, com seis meses de uso e possui um computador Acer com 3 anos. Tem acesso à internet pós-paga em casa, através do smartphone. Não acessa a internet em outros locais. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar, também utiliza Facebook. Acessa a internet durante cinco horas por dia para conversar e jogar. Seus pais são microempresários e têm Ensino Fundamental incompleto, sendo a renda média da família de mais de dez salários mínimos mensais.

O E12 é do sexo masculino, tem 14 anos e está cursando o 8° ano. Ele revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê duas horas, e em tela, lê 3 horas e 15 minutos. E12 estuda 15 minutos em casa. Como material de leitura, sua família possui: jornal e internet. Possui um celular Lenovo K6, com um ano e meio de uso e possui um computador positivo com 3 anos de uso. Tem acesso à internet pós-paga em casa, através do smartphone. Acessa a internet em outros locais com os dados móveis do celular, ou wifi na casa de vizinhos ou familiares. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar, também utiliza Facebook, Instagram e Twiter. Acessa a internet durante todo o tempo em que está acordado para conversar e para seu lazer. Seu pai é agricultor e tem Ensino Fundamental incompleto e a mãe é dona de casa e tem Ensino Fundamental incompleto, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E13 é do sexo masculino, tem 14 anos e está cursando o 8° ano. Ele revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, não lê, e em tela, lê durante todo o tempo em que está acordado. E13 estuda em casa quando tem provas. Como material de leitura, sua família tem internet. Possui um celular LG K10, com um ano de uso e possui um computador Acer com 2 ou 3 anos de uso. Tem acesso à internet pré-paga em casa, através do smartphone e notebook. Acessa a internet, também, na casa de amigos. Utiliza

a rede social WhatsApp para namorar e para diversão, além de utilizar outras redes sociais. Acessa a internet durante doze horas por dia para entretenimento. Seu pai é agricultor e tem Ensino Superior e a mãe é dona de casa e tem Ensino Médio, sendo a renda média da família entre 3 e 5 salários mínimos mensais.

E14 é do sexo feminino, tem 15 anos e está cursando o 8° ano. Ela revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê 45 minutos, e em tela, lê 35 horas e 30 minutos. E14 estuda 30 minutos em casa. Como material de leitura, sua família possui internet. Possui um celular Samsung J2 com um ano de uso, e possui um computador Acer com 6 meses de uso. Tem acesso à internet pós-paga em casa, através do smartphone e do notebook. Acessa a internet, também, na casa de amigos e em lojas, pelo tempo que quiser. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar com amigos e familiares, além de outras redes sociais. Acessa a internet durante cinco horas por dia para conversar com familiares distantes e lazer. Seu pai é agricultor e tem Ensino Fundamental completo e a mãe é agricultora e confeiteira e tem Ensino Fundamental completo, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E15 é do sexo feminino, tem 13 anos e está cursando o 8° ano. Ela revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê uma hora, e em tela, não lê. E15 estuda 15 minutos em casa. Como material de leitura, sua família possui livros para adultos e gibis. Possui um celular Samsung, mas não sabe o tempo de uso, e possui um computador Acer, do qual também não sabe quanto tempo de uso. Não tem acesso à internet em casa, mas, sim, na casa de uma vizinha. Não utiliza redes sociais. Não tem o hábito de acessar a internet. Seu pai é agricultor e tem Ensino Fundamental incompleto e a mãe é dona de casa e tem Ensino Fundamental incompleto, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

E16 é do sexo feminino, tem 14 anos e está cursando o 8° ano. Ela revelou que, do seu tempo total de leitura por semana, em material impresso, lê uma hora, e em tela, lê uma hora. E16 estuda entre 30 minutos e uma hora em casa. Como material de leitura, sua família possui internet. Possui um celular Samsung J2 com 6 meses de uso, e possui um computador. Tem acesso à internet pós-paga em casa, através do smartphone. Não tem o hábito de acessar

a internet fora de casa. Utiliza a rede social WhatsApp para conversar com amigos e familiares, além de usar Facebook e o Snapchat. Não acessa a internet por tempo relevante durante a semana. Seu pai é técnico de futebol, tem Ensino Médio e a mãe é dona de casa e tem Ensino Médio, sendo a renda média da família de até 3 salários mínimos mensais.

Abaixo, dois quadros com resumo das informações dos alunos para promover uma visão ampla das informações fornecidas pelos participantes, divididos por turma, sendo o primeiro do 9° Ano e o segundo, do 8°. Para compreensão das informações, convém considerar a seguinte legenda:

Legenda

1- Idade
2- Tempo total de leitura por semana, em material impresso,
3- Tempo total de leitura por semana, em tela
4- Tempo total de estudo por semana em casa
5- Material de leitura que a família possui
6- Modelo de celular
7- Modelo de computador
8- Tempo total de acesso à internet por semana
9- Utiliza a rede social WhatsApp

Quadro 8 – Resumo do perfil dos participantes da turma do 9° ano

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9
1	14	17	17	15	16	14	14	15	14
2	18'	1h	1h	30'	Não	2h	30'	45'	6h
3	30'	16h	3h	30'	1h	5h	15h	Não	Não
4	1h	2h	Quando preciso	5h	1h	NI	1h	30'	5h
5	Jornal impresso e internet	Livros para adultos	Jornal impresso e internet	Revistas e internet	Revistas, livros e internet	Internet	Internet	Jornal e internet	Livros infantis, jornal e internet
6	Samsung/ 10 meses de uso	Quantum Muv/ 8 meses de uso	Não	Redmi 3/ um ano	LG/ 2 anos	Samsung/ 1 ano	Samsung/ 1 ano	Samsung/ 4 anos	Samsung/ 1 ano
7	Não	Não	Positivo/ 3 anos	Não	Não	Positivo/ 3 anos	Positivo/ 3 anos	Acer/ 5 anos	Não
8	7h	Sempre que puder	35h	56h	7h	Sempre que puder	112h	21h	21h
9	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim

Fonte: elaboração da autora

Quadro 9- Resumo do perfil dos participantes da turma do 8° ano

	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
1	16	14	14	14	15	14	14
2	1h	1h	2h	Não	45'	1h	1h
3	Sempre que puder	35h	3h15'	Sempre que puder	35h30'	Não	1h
4	Não	1h30	15'	Quando tem provas	30'	15'	Entre 30' e 1h
5	Jornal impresso e internet	Jornal impresso e internet	Jornal impresso e internet	Revistas, livros e internet	Internet	Livros para adultos e gibis	Internet
6	Samsung/ 1 ano	LG K10/ 6 meses	Lenovo K6/ 1 ano e meio	LG K10/ 1 ano	Samsung J2/ 1 ano	Samsung	Samsung J2/ 1 ano
7	Não	Acer/ 3 anos	Positivo/ 3 anos	Acer/ 2 ou 3 anos	Acer/ seis meses	Acer	NI
8	Sempre que puder	35h	Sempre que puder	84h	35h	Não	Não
9	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim

Fonte: elaboração da autora

3.5.2 Aplicação dos planos de aula

Os planos possibilitaram a leitura de artigos de opinião de jornal, a criação de um grupo de discussão no WhatsApp e a produção dois textos argumentativos (um artigo de opinião e diálogos no WhatsApp).

Primeiramente, foi realizada a aplicação do questionário (APÊNDICE A) e foram entregues os termos de assentimento dos pais e dos estudantes.

Depois, foi desenvolvido o plano de aula 1 (APÊNDICE B), que teve como objeto central o ANEXO A, um texto informativo sobre WhatsApp, que foi lido e foram compartilhados os conhecimentos sobre o assunto, sobre o qual os estudantes se demonstraram interessados. Assim, os alunos foram preparados para a criação de um grupo de WhatsApp da turma.O plano de aula 2 (APÊNDICE C) teve como texto central “As regras de ouro” (ANEXO D), que trata sobre regras do “bom uso” em grupos de WhatsApp. Os alunos leram o texto, responderam oralmente as questões e compartilharam suas experiências de participação nesses grupos, por exemplo, relatando que, normalmente, os participantes postam excesso de correntes, o que acaba por sobrecarregar a memória do celular, levando, muitas vezes, à exclusão do grupo. Depois, uma

aluna criou um grupo de WhatsApp da turma. Durante uma semana, os alunos interagiram livremente nesse grupo.

No plano de aula 3 (APÊNDICE D), foram lidos dois textos do gênero jornalístico artigo de opinião sobre o uso do celular em sala de aula, um argumentando a favor e outro contra, o que foi logo percebido pelos alunos A argumentação já havia sido trabalhada com os alunos em outra oportunidade, através de um material didático que não foi especificamente preparado para a pesquisa. No material mencionado consta a definição de introdução, desenvolvimento e conclusão, assim como a estrutura de cada parágrafo, sugestões de operadores argumentativos e orientações para elaboração do título. Os alunos também leram e produziram textos argumentativos, portanto, a atividade desta pesquisa não foi o primeiro contato com a argumentação.

Depois da aula, a professora lançou a seguinte pergunta no grupo de WhatsApp: para o 9º ano, “eu gostaria de saber quem é a favor do uso do celular na sala de aula”; para o 8º ano: eu queria saber o que vocês acham sobre o uso do celular na sala de aula? São a favor ou contra? e os alunos elaboraram seus argumentos sobre o assunto.No plano de aula 4 (APÊNDICE E), os participantes produziram um artigo de opinião sobre o uso de celular em sala de aula, onde tiveram a segunda oportunidade de opinarem sobre o assunto.

O grupo de WhatsApp do 9° ano contou com 6 participantes, além da professora, e obteve os seguintes índices de participação: a turma tem 9 alunos; 8 possuem smartphone, 6 possuem conta no aplicativo WhatsApp e foram incluídos no grupo*;* 5 interagiram quanto aos distratores e 5 interagiram na atividade direcionada referente à argumentação.

O grupo de WhatsApp do 8° ano contou com 6 participantes, além da professora e obteve os seguintes índices de participação: a turma tem 7 alunos; 6 possuem smartphone, 6 possuem conta no aplicativo WhatsApp e foram incluídos no grupo*;* 6 interagiram quanto aos distratores e 4 interagiram na atividade direcionada referente à argumentação.

3.5.3 Postagens do WhatsApp

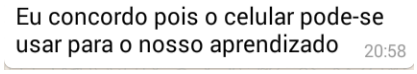
Os grupos de WhatsApp, mencionados no item 3.4.3, foram criados pelos alunos das turmas com sucesso. A professora propôs que fosse criado um grupo para conversar e para recados diversos de interesse das turmas. Todos os alunos que compuseram os grupos interagiram. O total foi de 173 postagens dos alunos, sendo 35 do 9° ano e 138 do 8°. Em sala de aula, o 9° ano se revelou uma turma pouco participativa, o que já era discussão recorrente entre professores da escola. As alunas mais participativas eram E2 e E7. Esse cenário se repetiu no grupo de WhatsApp, prova disso é a quantidade de participações, se comparado à turma do 8° ano, que tinha o comportamento inverso. Das atividades distratoras, nem todos participaram. A partir da pergunta lançada sobre o celular na sala de aula, todos interagiram.

A turma do 8° ano mostrou-se participativa, embora tivessem alguma dificuldade, sempre procuravam participar das atividades propostas. Esse comportamento se repetiu no grupo de WhatsApp, pois os alunos participaram com interesse e a atividade foi gratificante para a professora, visto que serviu para que ela pudesse se aproximar dos alunos, interagir, conhecer seus gostos e, do mesmo modo, permitir que os alunos pudessem conhecê-la em um contexto diferente da escola. Nas atividades distratoras, os alunos sempre buscavam responder, e inclusive, também apresentaram propostas semelhantes à da professora e utilizaram o grupo para avisos gerais relativos à rotina escolar. A partir da pergunta lançada sobre o uso de celular na sala de aula, E14 e E16 não interagiram.

A íntegra das postagens no aplicativo WhatsApp realizada pelos grupos de alunos está disponível no APÊNDICE F.

No ambiente digital, E1 não interagiu nas atividades distratoras. Participou somente depois que foi lançada a questão sobre uso de celular na sala de aula e apresentou sua opinião com clareza, apesar de fazer apenas uma intervenção, que apresenta uso não convencional de pontuação.

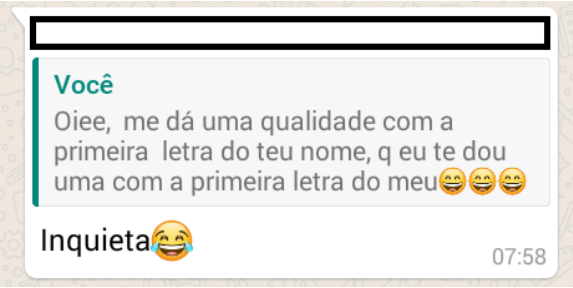
Postagem E1



Esse estudante, na sala de aula, era um menino quieto, com aparência cansada, e não tinha o hábito de participar ativamente das aulas, participava, sobretudo, se fosse solicitado diretamente, e esse comportamento se repetiu no grupo de WhatsApp.

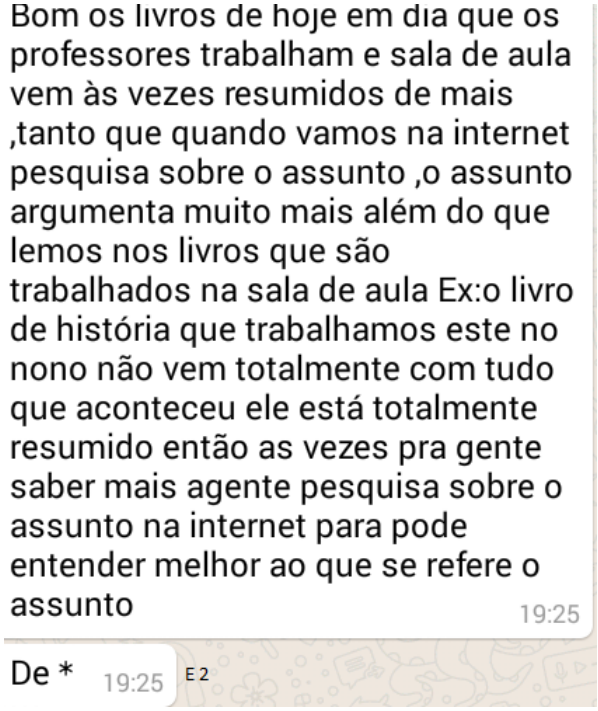
E2 foi das participantes que mais interagiu, com 7 intervenções, sendo 3 nas atividades distratoras e 4 sobre o uso de celular na sala de aula, refletindo seu comportamento na sala de aula, pois era uma aluna sempre participativa, sobretudo, quando se tratava de atividades de opinar e argumentar. Sua escrita apresentou uso de emoji para aproximar a oralidade da escrita e expressar emoções, simulando uma conversação face a face. Apresentou uso não convencional de acentuação recorrente ao longo de suas intervenções, como se pode ver abaixo.

Postagem E2



No trecho abaixo, E2 conseguiu argumentar com clareza, chamando a atenção para o fato de que a internet pode ser uma fonte de informação mais abrangente do que o livro didático. Mas, apresentou falhas ortográficas e sintáticas, como, ao construir um período longo, que apresenta uso convencional e não convencional de vírgulas. Além disso, E2 não utilizou letra maiúscula de modo convencional, ao grafar o nome da disciplina *História* com letra minúscula. A estudante também não registrou grafema para representar possíveis apagamentos de segmentos (KOMESU; TENANI, 2015), por exemplo, ao escrever “pesquisa”, no lugar de “pesquisar”.

Postagem E2

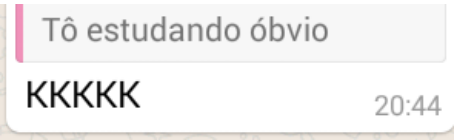


E3, E5, E8 e E15 declararam, no questionário de perfil dos alunos, não possuírem conta no WhatsApp e, no momento, não tinham interesse em ter, por motivos diversos, como falta de acesso à internet com capacidade para baixar o aplicativo ou, até mesmo, por não possuírem aparelho celular. Por isso, esses estudantes não participaram das interações por meio desse aplicativo.

E4 apresentou uso de letras maiúsculas repetidas para simular grandes risadas, o que se trata de uma simulação de conversa face a face, representando

a oralidade na escrita e a necessidade de expressar emoções, o que pode ser conferido na imagem abaixo. Além disso, ainda utilizou o recurso responder do WhatsApp, em que o usuário copia o trecho da conversa para o qual tem interesse de responder, assim, auxiliando a manter a coerência da conversação.

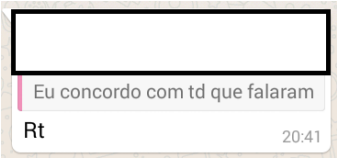
Postagem E4



As interações de E4 também apresentaram uso não convencional de pontuação e recorrência a emoji.

Na fase de responder à pergunta quanto ao uso de celular na sala de aula, E4 lançou mão do recurso responder do aplicativo WhatsApp e respondeu com uma abreviação, “Rt”, que significa “eu também”[1] e se omitiu de argumentar, como costumava fazer na sala de aula e conforme se pode ver abaixo.

Postagem E4



E6 afirma ser a favor do uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica de apoio, para pesquisas rápidas para sanar alguma dúvida e para aprofundar as informações da aula. Ela retoma o argumento do ANEXO D, de que o celular pode ser uma distração, assim como qualquer objeto. As postagens de E6 apresentaram regência e concordância verbal não convencionais, além de

[1] Rt: Nas redes sociais, significa copiar e colar, ou "Eu também" "Somos dois" "Digo o mesmo". Tem sua origem no termo usado para a função no twitter de compa**rt**ilhar a mensagem de outra pessoa - retweet. Disponível em https://www.dicionarioinformal.com.br/rt/ Acesso em 23/05/2018.

ausência de pontuação e uso convencional de acentuação. E6, assim como E4, utilizou o recurso responder, auxiliando na manutenção da coerência da conversação.

Postagem E6

Eu sou a favor do uso de celulares em sala de aula. Ele serve para nos possibilitar informações rápidas, mais aprofundado. Assim como ele pode ser um meio de distração, qualquer outro objeto pode ser. Essa proibição não serve somente para alunos, mas também para professores. Devemos tentar, se der certo, continue. 20:07

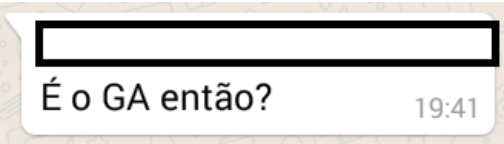
E7 teve participação ativa no grupo, sendo a estudante que mais participou das atividades distratoras. Na atividade argumentativa, fez somente uma postagem, dizendo que era a favor, mas não argumentou. Na verdade, o conteúdo da postagem é contraditório, pois na primeira frase, E7 diz que não sabe, mas logo em seguida afirma que só sabe que é a favor.

Postagem E7

[redacted]
Bom, ainda não sei, ninguém me disse nada. Só sei que eu sou a favor 20:20

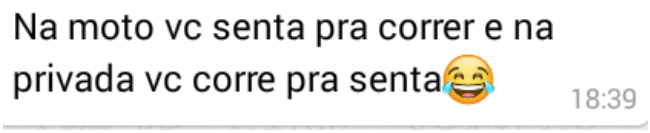
E7 também utilizou o recurso responder, auxiliando a manter a coerência da conversação. Além desse recurso, nas postagens da estudante, pode-se observar o uso de letras maiúsculas repetidas para simular grandes risadas, o que se trata de uma simulação de conversa face a face. Além disso, suas intervenções apresentam ausência de pontuação, uso de emojis e uso de pontuação convencional, como se pode ver na imagem abaixo.

Postagem E7



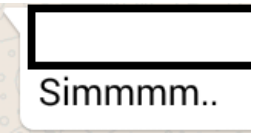
E9 apresentou uso não convencional de pontuação, uso não convencional de acentuação, abreviaturas e emojis. Além disso, é possível observar o não registro de grafema para representar possíveis apagamentos de segmentos (KOMESU; TENANI, 2015), por exemplo, o “r” final dos verbos, como em *senta.* Também registrou o uso reduzido do verbo estar, por exemplo, *to* ou *ta*, bem como suas intervenções contiveram quebra de linha.

Postagem E9



E10 apresentou uso não convencional de letra para representar o som da fala, como, por exemplo, em *n* (não). Na postagem abaixo, observa-se a repetição de *m* em *Simmmm* como um recurso de ênfase.

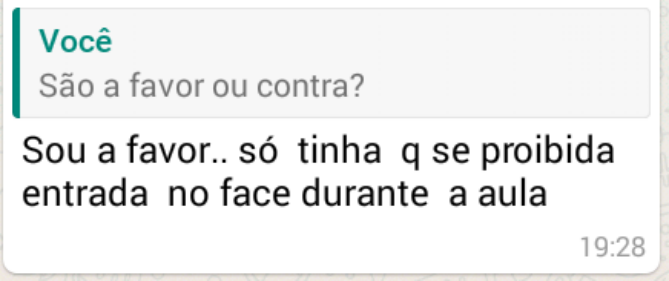
Postagem E10



Além disso, suas interações também contiveram uso não convencional de acentuação, iniciais maiúsculas e minúsculas não convencionais, uso de emojis, uso da forma reduzida do verbo estar (to /ta), por exemplo, assim como pontuação não convencional e quebra de linha. Interessante observar a

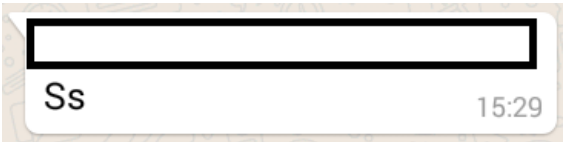
consciência do aluno quanto ao poder distrator das redes sociais, pois afirma ser a favor do uso do celular em aula, mas com a proibição do uso do Facebook.

Postagem E 10



E11 apresentou uso não convencional de letra para representar a palavra “sim”, como se pode ver abaixo. Ademais, pode-se observar em suas intervenções, ausência de acentuação, de pontuação e recorrência ao recurso “responder” do WhatsApp.

Postagem E11



E12, assim como outros estudantes, também utilizou o recurso responder do WhatsApp para auxiliar na manutenção da coerência da conversação. Além disso, suas interações contiveram emojis para expressar sentimento e pausa representada pelo uso de reticências, simulando uma conversa face a face. Nas postagens de E12, também nota-se uso não convencional de pontuação, pois em suas postagens, em geral, não colocou o ponto final. Interessante observar que a não utilização de ponto final nas postagens em WhatsApp não pode ser confundido com esquecimento ou inabilidade no uso da norma padrão. Na verdade, o uso do ponto final adquire novo significado nas redes sociais e pode ser interpretado como o desejo de encerrar a interação. Assim, ao não utilizar o

ponto final, o interlocutor deixa clara a intenção de continuar o diálogo[2]. E12 também apresentou uso não convencional de letra para representar o som da fala, assim como iniciais maiúsculas e minúsculas não convencionais. Na imagem abaixo, pode-se perceber que E12 utiliza pontuação convencional, pontuação não convencional e quebra de linha para marcar pausas da fala (LUIZ SOBRINHO, 2012).

Postagem E12

O motivo bom:
Podemos usar com um ajudante,
nas pesquisas, seminários, algo
desse gênero
E o lado ruim;
É que ele acaba nos tirando atenção,
e não entendemos a matéria, vamos
mal, esse tipo de coisa 18:17

E13 apresentou uso não convencional de letra para representar o som da fala, como, por exemplo, em “mitida” (metida). O estudante também recorreu ao recurso “responder” do WhatsApp, assim como a emoji para auxiliar na simulação de conversa face a face. Em suas interações pode-se também observar ausência de pontuação, pontuação convencional e pontuação não convencional, quebra de linha, gíria (zoas), que é uma característica da oralidade e uso da forma reduzida do verbo estar (to /ta). Apresentou uso não convencional de letra para representar o som da fala, como, por exemplo, “neh” (né).

Postagem E13

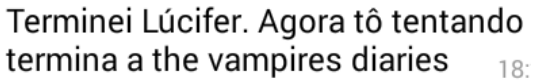
Logo quem neh

E14 utilizou emojis, ausência de pontuação, uso de pontuação convencional, pontuação não convencional e quebra de linha. Em suas

[2] Há inúmeras páginas na internet sobre o assunto. A título de ilustração: https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/01/por-que-usar-ponto-final-em-mensagens-de-texto-e-mal-visto.html Acesso em 23/05/2018.

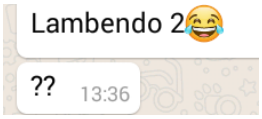
interações, é possível observar, também, o não registro de grafema para representar possíveis apagamentos de segmentos, por exemplo, “termina” (terminar), além de uso reduzido do verbo estar (to /ta), conforme a imagem abaixo.

Postagem E14



E16 utilizou emoji, uso de pontuação convencional e pontuação não convencional. Suas interações também apresentam acentuação não convencional, abreviaturas e o recurso *responder.*

Postagem E14



Este estudo, conforme o referencial teórico, concebe a língua como instrumento para suprir a necessidade que os homens têm de se comunicar. Deste modo, fatores ortográficos, gramaticais e de sintaxe ficam em segundo plano na interação nas redes sociais e em aplicativos como o WhatsApp. Pode-se observar que as interações apresentam falhas nesses itens, porém, observa-se, também, que é possível compreender as mensagens no contexto em que foram postadas, logo, vemos exemplos da língua cumprindo sua função primordial de comunicação.

No quadro abaixo, há um resumo de quantas ocorrências de cada item analisado encontram-se nas postagens dos estudantes.

Legenda

A- Uso não convencional de letra para representar o som da fala: k (loko); ti (te); u (animadu)
B- Ausência de acentuação
C- Iniciais maiúsculas/ minúsculas não convencionais
D- Abreviaturas
E- Uso de emojis
F- Não registro de grafema para representar possíveis apagamentos de segmentos: faze (fazer)

G- Uso reduzido do verbo estar (to /ta)
H- Ausência de pontuação
I- Ocorrência de pontuação convencional
J- Ocorrência de pontuação não convencional
K- Quebra de linha
L- Usar o recurso “responder” para manter coerência na conversação

Quadro 10- Resumo quantitativo dos dados analisados em ambiente digital.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
E1								3				
E2					2	2		12	3			
E3												
E4				1	1			1				1
E5												
E6								6	14			1
E7					1			7	7			3
E8												
E9		2		7		1	1	13	5		4	
E10	13	1	2		6		5	30		10	3	
E11	5	1						9				1
E12	1		1		14			13	14	1	3	6
E13	4				29		1	12	13	1	3	9
E14					2		2	18	2	1	4	
E15												
E16		2		1	7			18	7	2		1

Fonte: elaboração da autora.

3.5.4 Textos argumentativos

Para produzir os textos argumentativos que compõem o corpus da pesquisa, os participantes partiram da leitura de dois artigos de opinião e da análise da sua estrutura.

Na sala de aula, os alunos produziram um artigo de opinião no caderno, depois passaram a limpo em uma folha para entregar, atividade comum para essas turmas. O APÊNDICE G traz a íntegra dos textos digitalizados. Optou-se por essa forma de apresentação para que o leitor pudesse ter contato com os textos na mesma forma que o pesquisador, com a letra do aluno e a forma como o texto foi apresentado.

No texto argumentativo, E1 elaborou um título coerente com o tema, e foi criativo, ao elaborar uma pergunta.

Celular na sala de aula, bom ou ruim?

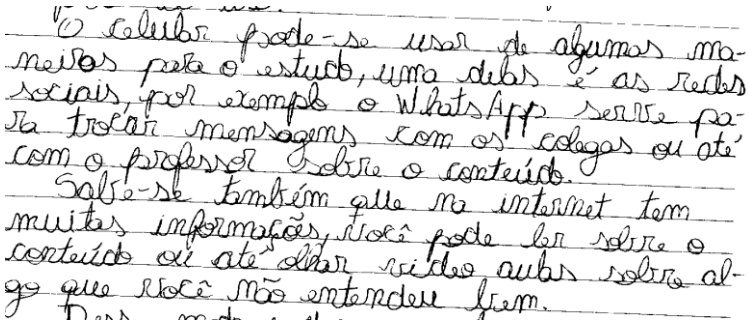
O estudante apresentou o tema a ser tratado na introdução, também, através de uma pergunta. Abaixo, ele usa o termo aparelho celular e retoma pelo sinônimo telefone, mas, na verdade, o aparelho celular mudou e hoje também é um telefone, mas o que menos se faz é usá-lo para telefonar.

Hoje quase todas as pessoas do mundo tem um aparelho celular, uma discussão é: usar ou não telefone na sala de aula?

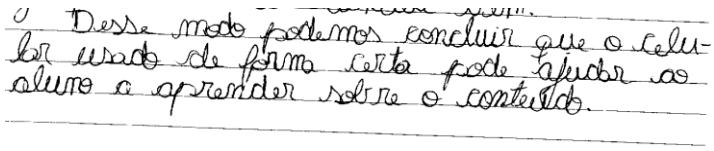
No primeiro parágrafo de desenvolvimento, E1 enuncia sua opinião sobre o tema de maneira clara.

Algumas pessoas são contra o uso de celular na sala de aula, outros a favor, eu sou a favor do uso.

No segundo e no terceiro parágrafo de desenvolvimento, E1 lança mão de uma argumentação clara e concisa, a fim de convencer o leitor sobre seu ponto de vista.

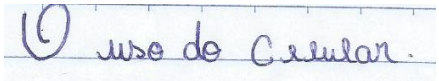

O celular pode-se usar de algumas maneiras para o estudo, uma delas é as redes sociais, por exemplo o WhatsApp serve para trocar mensagens com os colegas ou até com o professor sobre o conteúdo.
Sabe-se também que na internet tem muitas informações, você pode ler sobre o conteúdo ou até olhar vídeo aulas sobre algo que você não entendeu bem.

O parágrafo de conclusão foi introduzido por uma locução conjuntiva adequada – “desse modo” – e reforçou sua opinião.


Desse modo podemos concluir que o celular usado de forma certa pode ajudar ao aluno a aprender sobre o conteúdo.

E1 apresentou uso não convencional de pontuação nas linhas l.2 e l.15 e uso não convencional de acentuação nas linhas l.2, l.6, l.8, l. 12, l.17. Seu texto contou com a estrutura padrão da argumentação, ou seja, introdução, desenvolvimento e conclusão. A linguagem utilizada está de acordo com o gênero e a letra é legível. Assim, E1 conseguiu apresentar e defender sua tese através de um texto de tamanho médio e com ideias claras.

Já E2 elaborou um título coerente com o tema, mas, incompleto. Deveria ter incluído “na escola” ou “na sala de aula”.


O uso do Celular.

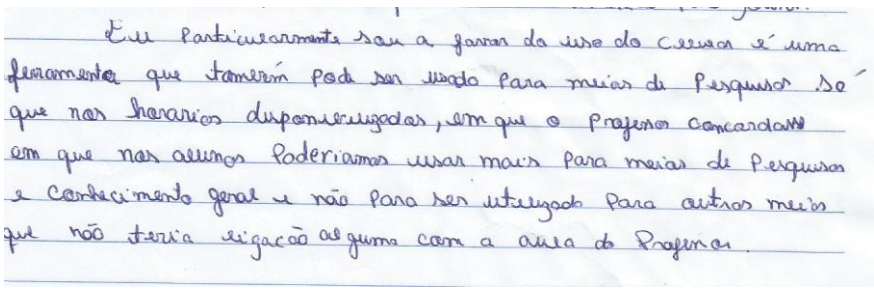
A estudante apresentou o tema a ser tratado na introdução, através de uma contextualização geral sobre o assunto.

Hoje em dia, derive alguns assuntos que estão em alta o Principal deles é o uso de Celular na sala de aula. Alguns são contra, outras, a favor. Desde que o Celular existe, ele teve grandes transformações. Tempos atrás, ele era uma ferramenta para fazer ligações, ver as horas, porém, como o mundo avançou Tecnologicamente, o celular passou por diferentes fases.

No parágrafo seguinte, E2 introduziu novamente o tema e apresentou argumentos de maneira clara, contextualizando o assunto, mas ainda não enunciou se é a favor ou contra, preparando o leitor para seus argumentos. Ela comenta com certa surpresa sobre as possibilidades de uso do celular, assim como sobre sua evolução e sua importância para o acesso à informação, comparado à atualidade. Ela também argumenta que, se o professor propuser uma atividade que envolva o uso do celular, os alunos devem manter o foco na tarefa, do contrário, o celular será um meio de distração. No entanto, a aluna coloca em xeque essa ideia ao afirmar que qualquer objeto pode servir como distração, argumento que foi retirado do texto lido em aula em defesa do celular.

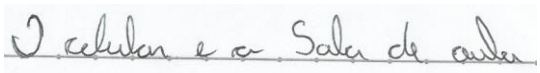
O Celular contém varias funções dentro dele, aplicativos, games, ele possui muita informação, e até estranho raciocinar um objeto como o celular possui múltiplas informações, comparado aos anos anteriores, que não havia nem um tipo de acesso a informação, o Celular está em constante evolução, sempre mudando, trazendo algo novo. Devemos saber usar o Celular com consciência, porque assim que pode ser usado para o bem Também pode ser usado para o mal, o Celular também é um meio de distração, mas assim como o Celular distrai, qualquer outro objeto pode distrair, em escolas o Celular é proibido por acharem que ele é uma distração para jovens.

No parágrafo de conclusão, E2 não utiliza conjunção conclusiva, apresenta claramente sua opinião, mas, ao invés de reforçar os argumentos do desenvolvimento, apresenta novos.


Eu particularmente sou a favor do uso do celular é uma ferramenta que também pode ser usado para meios de pesquisa. Só que nos horarios disponibilizados, em que o professor concordar em que nos alunos poderiamos usar mais para meios de pesquisa e conhecimento geral e não para ser utilizado para outros meios que não teria ligação alguma com a aula do professor.

Apesar de ser possível compreender seu ponto de vista, a aluna elaborou períodos muito longos, devido ao uso não convencional de pontuação (l.14 - l.18, l.19 - l.24) e muitas repetições de termos na frase (l.3, l.5, l.7, l.9, l.11, l.13, l.14, l.16, l.17, l.18, l.19). Seu texto apresentou, também, uso não convencional de acentuação (l. 9, l.10, l.22) e inicial maiúscula desnecessária, no meio da frase (l.7, l.14, l.15, l.22, l.24), e ausência de maiúscula no início da primeira frase. A estrutura do texto apresentou problemas, pois não contou com introdução, desenvolvimento e conclusão, sendo que a cada parágrafo, E2 realizava uma nova introdução, ao invés de desenvolver as ideias já apresentadas. Apesar desses problemas, E2 conseguiu apresentar e defender sua tese através de um texto de tamanho médio, no entanto, as ideias não são claras. Chama atenção ainda a caligrafia da aluna, em que as letras “e” e “l” muitas vezes se confundem.

E3 elaborou um título coerente com o tema, de maneira a contrapor os elementos – o celular e a sala de aula – para deixar bem claro que são duas coisas distintas.


O celular e a Sala de aula

O estudante apresentou uma parte do tema a ser tratado na introdução e a outra, no segundo parágrafo, quando começou a argumentar, através de uma pergunta.

A sala de aula é um local de estudo, um momento de concentração. Mas há muitos alunos que vão à sala de aula porque são forçados pelos pais, na maioria, adolescentes que não sabem como vão viver a realidade da vida.

No entanto, os adolescentes usam muito o celular, na sala de aula, para quê, se esta é local de estudo? maioria não é para pesquisação de um trabalho, mais sim, tem muitos adolescentes que usam o celular para ficar nas redes sociais.

Na sequência do texto, E3 não elaborou parágrafos, somente foi sobrepondo frases com argumentos.

Então fica uma dúvida por parte dos professores sobre o uso do celular: benefícia ou prejudica na hora de aula!

O celular seria um ótimo aparelho para ser usado na internet, isso seria uma boa resposta agora, se for usar à internet e procurar a resposta diretamente, nunca o aluno irá aprender.

E3 introduziu o parágrafo de conclusão com uma locução conjuntiva conclusiva, e enunciou claramente sua opinião e reforçou sua tese inicial, ou seja, de que há jovens que vão à escola, mas não têm interesse nos estudos.

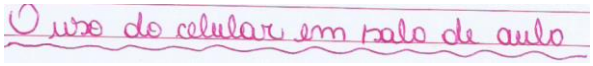
Por isso, na minha opinião, o uso do celular na sala de aula não seria uma solução para resolver o problema da falta de interesse pelos estudos.

No texto argumentativo, E3 apresentou uso não convencional de pontuação (l. 9, l.11), o que é considerado como uma das principais características do internetês. No entanto, este é um dos estudantes que não possui celular, o que demonstra que uso não convencional de pontuação não pode ser relacionado somente ao contato como o internetês (KOMESU; TENANI, 2015). Seu texto também contou com inicial maiúscula desnecessária no meio

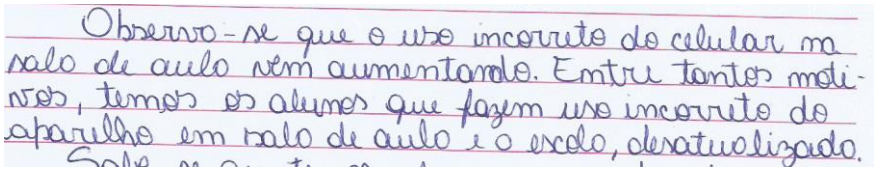
da frase (l.1, l.8), falta de coerência (l.5, l12 e 13) e falta de domínio vocabular (l.9).

Apresentou introdução, desenvolvimento e conclusão em seu texto, e, mesmo sem participar do grupo de WhatsApp, conseguiu construir sua argumentação e defender sua tese contra o uso de celular em sala de aula.

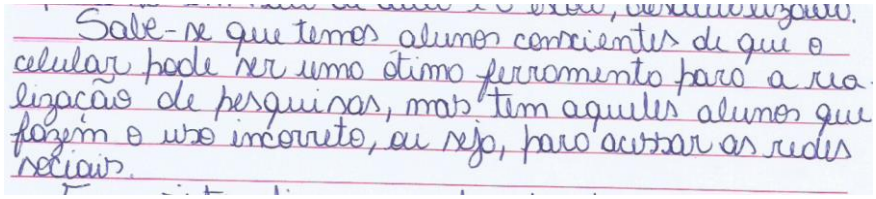
E4 elaborou um título coerente com o tema.


O uso do celular em sala de aula

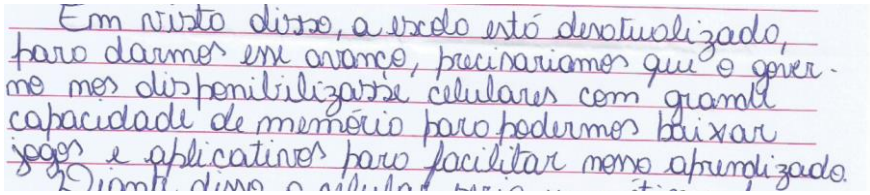
A estudante apresentou o tema a ser tratado na introdução e apresentou sua tese.


Observa-se que o uso incorreto do celular na sala de aula vem aumentando. Entre tantos motivos, temos os alunos que fazem uso incorreto do aparelho em sala de aula e a escola, desatualizada.

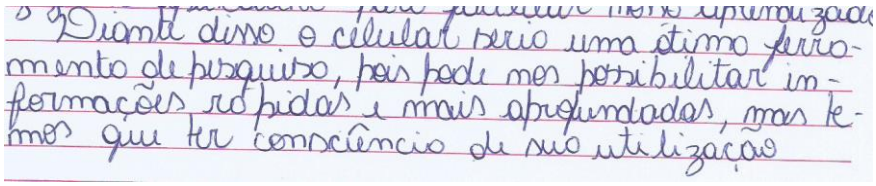
No primeiro parágrafo do desenvolvimento, a estudante apresenta uma frase com um argumento contra o uso do celular.


Sabe-se que temos alunos conscientes de que o celular pode ser uma ótima ferramenta para a realização de pesquisas, mas tem aqueles alunos que fazem o uso incorreto, ou seja, para acessar as redes sociais.

No segundo parágrafo do desenvolvimento, a estudante iniciou com uma locução conjuntiva conclusiva – em vista disso – que torna esse parágrafo incoerente em relação ao anterior. Além disso, propõe uma solução para o problema, o que caberia na conclusão do texto.

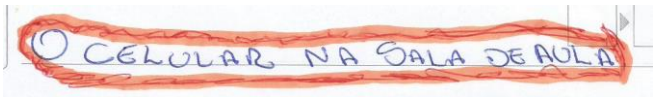

Em vista disso, a escola está desatualizada, para darmos esse avanço, precisaríamos que o governo nos disponibilizasse celulares com grande capacidade de memória para podermos baixar jogos e aplicativos para facilitar nosso aprendizado.

E4 introduziu o parágrafo de conclusão com uma locução conjuntiva conclusiva, enunciou claramente sua opinião e reforçou sua tese inicial.


Diante disso o celular seria uma ótimo ferramento de pesquisa, pois pode nos possibilitar informações rápidas e mais aprofundadas, mas temos que ter consciência de sua utilização

E4 apresentou problemas de coesão e coerência (l.11), uso não convencional de acentuação (l.12) e de pontuação (l.3, l.15, l.13, l.10, l.16), mas conseguiu apresentar e defender sua tese através de um texto de tamanho médio, embora as ideias não estivessem claras.

E5 elaborou um título coerente com o tema.


O CELULAR NA SALA DE AULA

O estudante apresentou uma parte do tema a ser tratado na introdução e a outra, no segundo parágrafo e no terceiro parágrafo, enunciou sua opinião a favor do tema e imediatamente começou a argumentar, através de perguntas retóricas.

O celular é um aparelho com tecnologia altamente desenvolvido que hoje é amplamente usado pelas pessoas.

Muita gente usa o dispositivo para ligar, filmar e tirar fotografia.

Sobre o uso do celular na sala de aula, o que você acha? e porquê? eu acho que auxiliaria os alunos a progredir em seus estudos. A tecnologia está aí é só querer, os avanços seriam enormes claro, sem deixar do bom e velho livro. Com o celular na aula de aula os alunos teriam mais vontade de ir ao colégio os alunos poderiam tirar duvidas fora do horário de aula, via rede social.

E5 continua desenvolvendo o texto nos dois últimos parágrafos, argumentando a favor do uso do celular através de frases, sem elaborar parágrafos.

O uso dos telefones celulares deveria ser liberado de uma vez. Para a evolução chegar mais rápido, é nescesário que haja mudanças radicais.

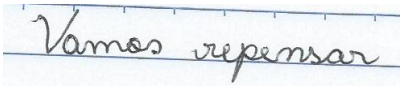
E como fazer essas mudanças? Começamos com o governo sendo a voz do alu no, começando com curso online com interNete nas escolas para que haja mais aprendizado.

O estudante não elabora um parágrafo de conclusão, conclui reforçando sua tese com uma frase sem conjunção conclusiva.

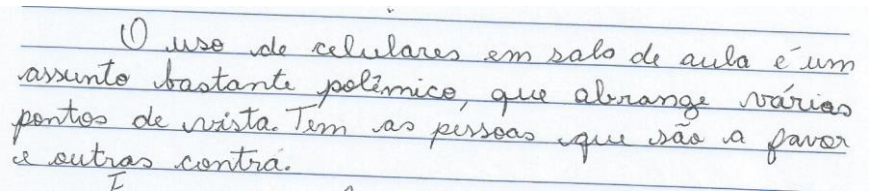
Liberação do telefone na sala já.

No texto de E5 pode-se notar uso não convencional de pontuação (l.15, l.13, l.10) e uso não convencional de acentuação (l.16). Este também é um dos estudantes que não participou do grupo de WhatsApp e, como se observa, utilizou a pontuação e a acentuação de modo não convencional, reiterando que esse modo de escrever não está relacionado somente ao contato com o internetês. Apesar disso, o estudante conseguiu apresentar e defender sua tese através de um texto de tamanho médio, embora as ideias não estivessem claras. A estrutura contou com parágrafos de introdução e desenvolvimento. Mas,E5não concluiu seu texto por meio de um parágrafo estruturado de conclusão. Concluiu a ideia por meio da última frase, reforçando, em tom de petição, seu argumento.

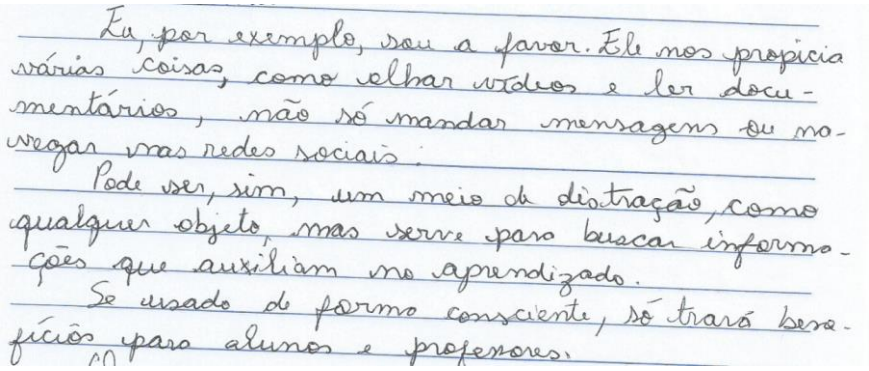
E6 elaborou um título incompleto. Poderia ter utilizado – Celular: vamos repensar.


Vamos repensar

A estudante apresentou o tema a ser tratado na introdução, através de uma contextualização geral sobre o assunto.


O uso de celulares em sala de aula é um assunto bastante polêmico, que abrange vários pontos de vista. Tem as pessoas que são a favor e outras contra.

No desenvolvimento, expõe sua opinião, a favor do tema, e expõe os argumentos de maneira clara.


Eu, por exemplo, sou a favor. Ele nos propicia várias coisas, como olhar vídeos e ler documentários, não só mandar mensagens ou navegar nas redes sociais.

Pode ser, sim, um meio de distração, como qualquer objeto, mas serve para buscar informações que auxiliam no aprendizado.

Se usado de forma consciente, só trará benefícios para alunos e professores.

E6 não introduz o parágrafo de conclusão com conjunção conclusiva, mas propõe uma solução e reforça sua opinião.

Os governos deveriam repensar sobre a proibição. Celular é nosso aliado, não nosso inimigo. Um avanço para a educação.

E7 elaborou um título criativo, relacionado ao tema, em que já deixa transparecer sua opinião a favor.

Celular na sala de aula: aprendizagem ilimitada

A estudante introduz o tema de maneira ampla.

O celular nos ajuda muito quando precisamos, pois se preciso for tirar uma foto, dar um telefonema, enviar uma mensagem ou até mesmo pesquisar algo que não sabemos, nós recorremos a ele.

No desenvolvimento, expõe sua opinião, a favor do tema, e expõe os argumentos de maneira clara, lança mão de pergunta retórica.

Com o celular nós facilitamos muitas tarefas, temos informações da atualidade e do passado. Então, por que é proibido o uso de celular na escola? Se é por causa da distração que ele causa, fique sabendo que ele é um aliado na educação, pois hoje em dia temos cada vez mais aplicações que ajudam nas aulas.

Alguns alunos utilizariam de forma correta na sala de aula mas, sempre vai ter um que o utilize para falar em redes sociais, não para o aprendizado.

E7 introduziu o parágrafo de conclusão com uma conjunção conclusiva, enunciou claramente sua opinião e reforçou sua tese inicial.

Enfim vemos que o celular é um aliado para a aprendizagem e nos mantém mais informados com as notícias do mundo na atualidade e passado.

No texto argumentativo, E7 apresentou uso não convencional de pontuação (l.7, l.12), mas conseguiu expor e defender sua tese com argumentos claros.

E8 elaborou um título relacionado ao tema.

Uso do Celular atualmente.

No primeiro parágrafo, E8 apresentou o tema a ser tratado e enunciou sua opinião, mas misturou a introdução com o desenvolvimento, ao iniciar a argumentação já nesta parte.

A cada dia que passa o número de usuários de telefones celulares aumenta e, grande parte desses usuários, são estudantes. O celular é uma ferramenta que apresenta várias funções, desde ligações até compras online. Fazendo com que se torne algo de extrema importância para a cidade. Todas essas funções poderiam ser aproveitadas como recurso pedagógico pela escola, fato ao qual há quem seja pró ou contra. Eu acredito que o uso do celular em sala de aula seria algo muito bom, pois ele tem toda atenção do aluno, como por exemplo em uma pesquisa para saber a significado de algo ou mesmo para saber um fato que aconteceu na história, mas isso tudo mesmo com uso moderado.

O estudante elaborou somente um parágrafo de desenvolvimento, em que apresenta um argumento contrário à tese, ao que rebate, apresentando uma possível solução.

Outros dizem que ele atrapalha, que só serve para piorar os notas do aluno. Sim, isso pode acontecer, mas, não, se os professores acompanhassem o uso do dispositivo.

No último parágrafo, o estudante apresentou um novo argumento contra a tese, tornando esse trecho incoerente com o restante. Na metade do parágrafo, introduziu uma locução conjuntiva conclusiva, reforçou sua opinião a favor e apresentou uma possível solução.

Pois o aluno poderia se desviar da aula e começar a jogar, falar com amigos em redes sociais; dente disso, acredito que tudo que é usado em consciência, resulta numa maneira muito boa de aprendizado.

E8 apresentou uso não convencional de pontuação (l.2, l.7, l.14, l. 17, l.21, l.22, l.24) e de acentuação (l.3, l.16). Este é mais um dos estudantes que não participou do grupo de WhatsApp, mostrando, mais uma vez, que esse modo de escrever não está relacionado somente ao contato com o internetês. Além disso, E8 não dividiu corretamente o texto em parágrafos, prejudicando sua coerência.

E9 elaborou um título coerente com o tema, em que sua opinião a favor pode ser inferida.

O celular na sala de aula e seus benefícios.

A estudante apresentou o tema a ser tratado na introdução, através de uma contextualização geral sobre o assunto e expôs sua opinião a favor.

O celular na sala de aula pode ser uma enorme ferramenta para o aprendizado, contudo o uso do celular na sala de aula sempre foi proibido, deixando, assim, de serem utilizadas algumas informações do celular que ajudassem o ensino e a educação.

No desenvolvimento, argumenta apresentando as características do celular e as associa a vantagens que estas trariam para a sala de aula, sendo possível inferir sua opinião positiva em relação ao tema.

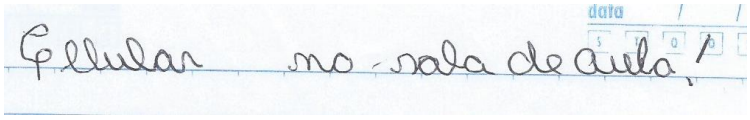
Além de servir para pesquisar na web, que em aula poderia ser usada para entender melhor o assunto da aula e ter inúmeras informações na sua mão.
O dispositivo também tem câmera fotográfica para fazer trabalhos e uma agenda telefônica para enviar mensagens rápidas.
O gravador é uma das vantagens também, pois quando não entendemos direito, podemos gravar nossa voz, explicando o assunto, ou a do professor, assim, quando precisar é só escutar e relembrar de tudo o que estudou.
Contudo, o celular na sala de aula não é aceito por todos os professores, mas muitos são a favor, pois, se usado de forma errada, pode prejudicar. Então, é aceitável que tenha consciência de usar o celular na sala para o ensino e educação, e que seja fornecido pelo governo um celular melhor e para todos os alunos.

E9 não introduz a conclusão com conjunção conclusiva, tampouco elabora um parágrafo. Através de uma frase, a estudante apresenta uma possível solução e reforça sua opinião a favor.

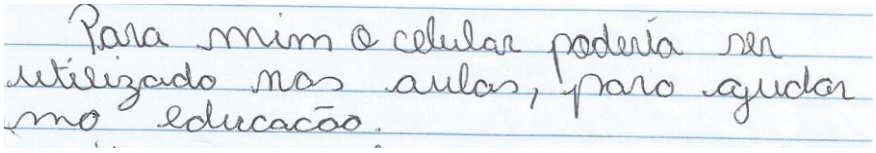
Se usado de forma certa na sala, pode-se ter o mundo de informações na sua mão.

No decorrer de seu texto, E9 apresentou uso não convencional de acentuação (l.17), uso não convencional de pontuação (l.20), repetições de termos (l.2, l.3-4, l.5-6), falta de paralelismo sintático (l.10, l.20-21) e falta de domínio ortográfico (l.17). Apesar disso, conseguiu expor e defender sua tese, embora os argumentos não estejam claros.

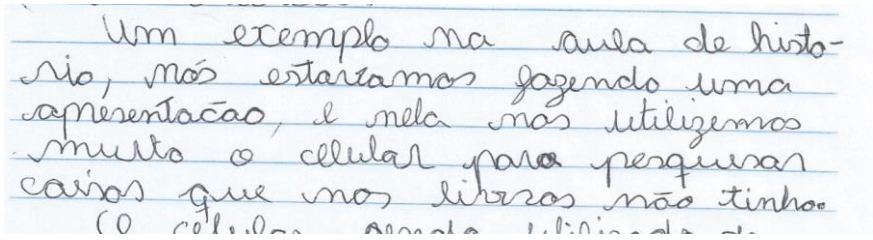
E10 apresenta título coerente com o tema.


Celular no sala de aula!

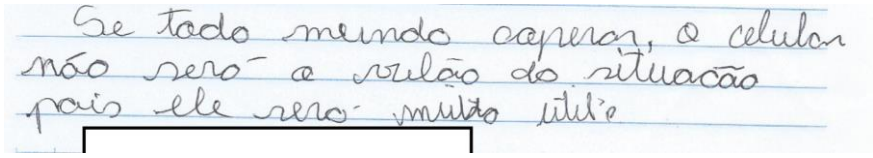
E10 não faz um parágrafo de introdução convencional, mas introduz o texto por meio da sua opinião.


Para mim o celular poderia ser utilizado nas aulas, para ajudar na educação.

No desenvolvimento, E10 argumenta através de exemplos.


Um exemplo na aula de historia, nós estavamos fazendo uma apresentação, e nela nos utilizemos muito o celular para pesquisar coisas que nos livros não tinha.

O estudante não introduz a conclusão com conjunção conclusiva, mas propõe uma solução e reafirma sua opinião a favor.


Se todo mundo coperar, o celular não será a vilão da situação pois ele será muito util.

Seu texto apresentou uso não convencional de pontuação (l.2, l.7, l.10, l.15, l.21, l.22, l.23, l.24, l.28), uso não convencional de acentuação (l.5, l.6, l.7, l.17, l.21, l.23, l.29) e falta de paralelismo sintático. Apesar disso, conseguiu apresentar sua opinião claramente.

E11 elaborou um título coerente com o tema.

O USO DO CELULAR NAS
SALAS DE AULA

Introduziu o tema de maneira clara, mas não apresentou sua opinião na introdução.

O USO DE CELULAR NAS SALAS DE AULA TEM
OS PONTOS NEGATIVOS E OS POSITIVOS.

No desenvolvimento, E 11 argumentou com pontos positivos e negativos.

OS PONTOS NEGATIVOS SÃO QUE O ALUNO PODE
ACESSAR AS REDES SOCIAIS OU JOGOS DURANTE A AULA
ESSE DISTRAIR COM COISAS QUE NÃO TÊM NADA A VER
COM O CONTEUDO ESCOLAR.
OS PONTOS POSITIVOS SÃO QUE O ALUNO
PODE PREPARAR CONTEÚDOS PARA APRESENTAR EM AULA,
COMO SEMINÁRIOS OU EXPLICAÇÕES, GRAVAR A AULA
PARA TER MELHOR ESTUDO EM CASA, TIRAR FOTOS DE
CONTEÚDOS CASO FALTE AULA

A conclusão não foi introduzida com conjunção conclusiva e o estudante não reforçou sua opinião tampouco apresentou uma possível solução.

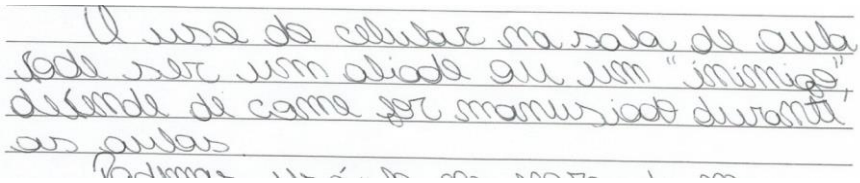
A MINHA CONCLUSÃO É QUE EXISTEM OS PONTOS
NEGATIVOS E OS POSITIVOS POIS SEMPRE EXISTE
PESSOAS QUE NÃO SABEM APROVEITAR A LIBERDADE
QUE TEM E PASSA DOS LIMITES.

No texto argumentativo, E11 apresentou uso não convencional de pontuação (l.7, l.10, l.13, l.15). Além disso, E11 não apresentou sua opinião e não elaborou uma conclusão, ademais, seu texto não contou com parágrafos, mas com sobreposições de frases.

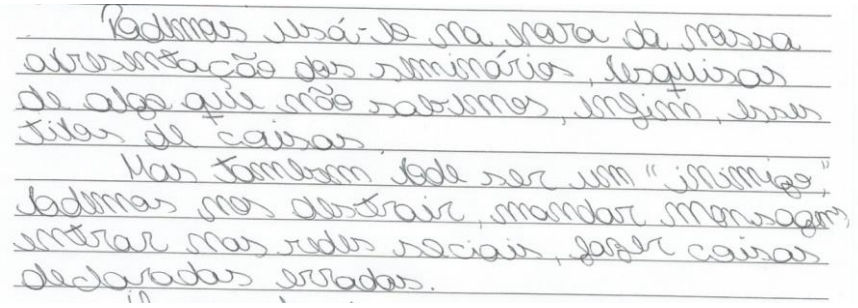
E12 também elaborou um incompleto. Para suprir a falta de informação, o estudante poderia ter utilizado – Celular: aliado ou inimigo?

Aliado ou inimigo?

Na introdução, E12 apresentou o tema com clareza, de modo a instigar o leitor a continuar a leitura do texto.


O uso do celular na sala de aula pode ser um aliado ou um "inimigo", depende de como for manuseado durante as aulas.

No desenvolvimento, apresenta argumentos com exemplos positivos e negativos.


Podemos usá-lo na hora da nossa apresentação dos seminários, pesquisas de algo que não sabemos, enfim, usos úteis de coisas.
Mas também pode ser um "inimigo", podemos nos distrair, mandar mensagem, entrar nas redes sociais, fazer coisas desagradáveis.

Na conclusão, não utilizou conjunção conclusiva, mas apresentando sua opinião a favor e faz uma proposta de possível solução.

O uso do celular em aula é válido, sim, mas, é claro que deve ter um cuidado em cima disso, deve ser trabalhado como devemos usar, manuseado bem ele acaba virando mesmo vilão.

Seu texto apresentou uso não convencional de pontuação (l. 10, l.17) e de acentuação (l. 10), mas conseguiu apresentar tema, argumentos e concluir suas ideias de maneira clara.

E13 elaborou título coerente com o tema.

O Uso do Celular na Sala de Aula

Na introdução, apresentou o tema e sua opinião a favor, com restrições.

Eu acho que o uso do celular deveria ser liberado apenas para atividades pedagógicas e para pesquisa nas matérias (Ciências, Geografia, etc), nessa história, existe dois lados: o bem e o ruim.

No desenvolvimento, apresentou argumentos positivos e negativos.

O bem é que podemos estudar, trocar fotos do conteúdo, pesquisar sobre, calcular e procurar localidades.
Já o ruim, é usado para mandar mensagens (tirando a concentração), colar nas provas, navegar na internet e entrar no Facebook

Na conclusão, não utilizou conjunção conclusiva, mas reforçou sua opinião e apresentou uma possível solução.

A minha conclusão é que liberassem para as atividades boas, mas, é claro que tem alguns que abusarão disso.

E13 apresentou uso não convencional de pontuação (l.4, l.10), mas, mesmo assim, conseguiu apresentar o tema e argumentar de maneira clara, com um texto estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão.

E14 elaborou título coerente com o tema.

O uso do celular

Na introdução, apresentou o tema e sua tese.

O uso do celular tem suas vantagens e desvantagens na sala de aula.

No desenvolvimento, argumentou através da exposição de vantagens e desvantagens do uso de celular em sala de aula.

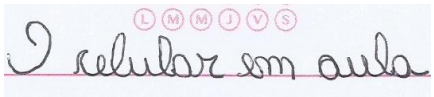
As vantagens são as pesquisas para trabalhos, funciona como uma ajuda. Professores podiam dar trabalhos de pesquisa e perguntas na internet.
As desvantagens é que muitos alunos não sabem aproveitar. Teriam que ficar cuidando todos, para não tirar o foco dos trabalhos ou pesquisas.

Ao concluir, não utilizou conjunção conclusiva, apresentou sua opinião positiva e uma possível solução.

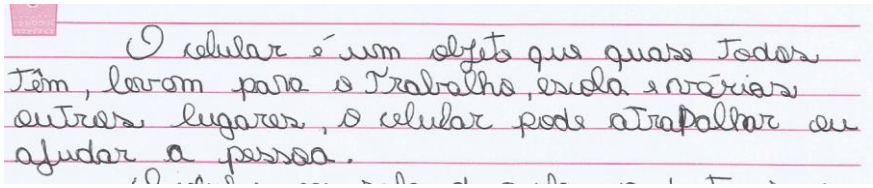
Se todos os alunos fosse usar o como ajuda e não para entrar em redes sociais, o celular seria liberado. Junto com o uso, as professoras, assim seria bem melhor.

E14 apresentou ausência de pontuação (l.18) e não apresentou sua opinião de maneira clara. Além disso, seu texto contém problemas de concordância, o que se pode observar na primeira linha do fragmento acima.

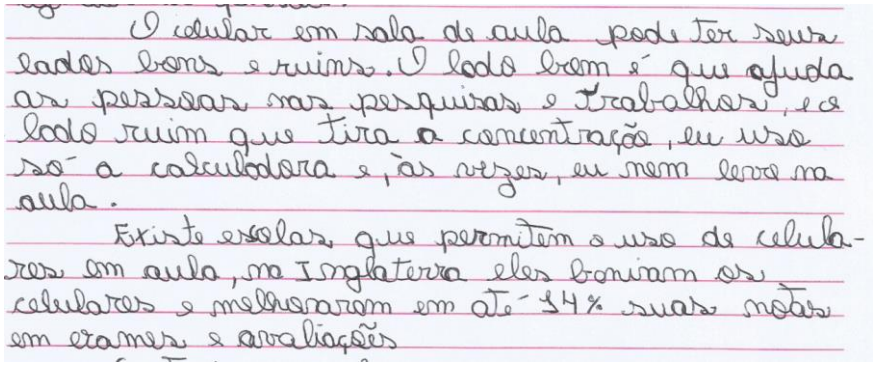
E15 elaborou um título coerente com o tema.


O celular em aula

Introduziu o tema de modo geral.


O celular é um objeto que quase todos
têm, levam para o trabalho, escola e várias
outros lugares, o celular pode atrapalhar ou
ajudar a pessoa.

No desenvolvimento, apresenta argumentos positivos e negativos, assim como argumenta com números e com o exemplo da Inglaterra, um país de Primeiro Mundo.


O celular em sala de aula pode ter seus
lados bons e ruins. O lado bom é que ajuda
as pessoas nas pesquisas e trabalhos, e o
lado ruim que tira a concentração, eu uso
só a calculadora e, às vezes, eu nem levo na
aula.
Existe escolas que permitem o uso de celula-
res em aula, na Inglaterra eles baniram os
celulares e melhoraram em até 34% suas notas
em exames e avaliações

Introduz a conclusão com uma conjunção adequada, apresenta possível solução, mas não reforça sua opinião.

Contudo, eu acho que se a pessoa quer usar o celular e ir mal na escola ele usa e se quiser ir bem ele vai deixar o celular de lado e se concentrar na aula. Depende da escolha da pessoa.

Seu texto apresentou uso não convencional de pontuação, conforme se observa na segunda e na terceira linha do fragmento acima, além de não demonstrar sua opinião claramente. E15 não participou das interações no WhatsApp e, mesmo assim, usou a pontuação de modo não convencional, reforçando a ideia de que esse modo de escrever não está relacionado somente ao contato com o internetês.

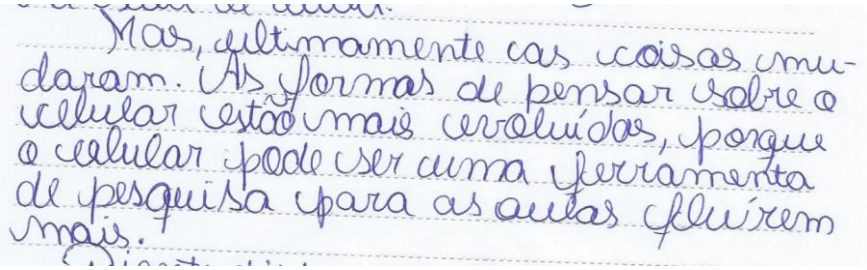
E16 elaborou um título adequado.

Celular na sala de aula.

Introduz o tema de modo geral.

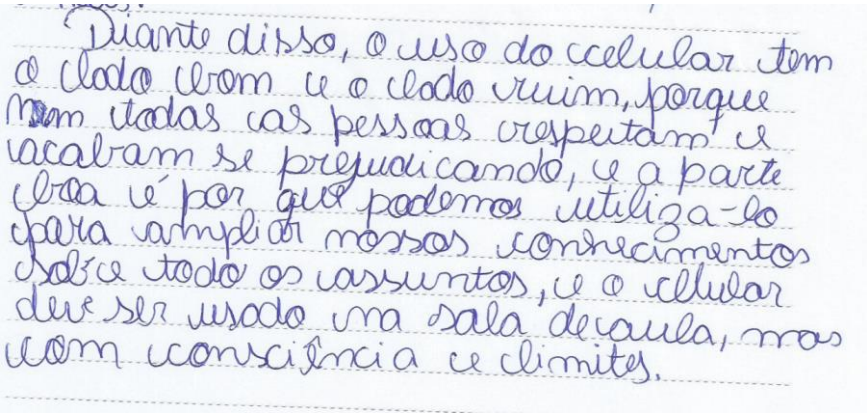
O uso do celular na sala de aula muitas vezes não é visto de uma forma boa. Hoje em dia, as pessoas pensam mais em usar as rede sociais como Facebook, Whatsapp e muitos outros, por isso, os professores não gostam, e não autorizam usar na sala de aula.

No desenvolvimento, apresenta sua opinião a favor do tema e argumenta através de exemplo.



Mas, ultimamente as coisas mudaram. As formas de pensar sobre o celular estão mais evoluídas, porque o celular pode ser uma ferramenta de pesquisa para as aulas fluírem mais.

Na conclusão, E16 inicia o parágrafo com uma locução conjuntiva, reforça os argumentos e a opinião e apresenta uma possível solução.



Diante disso, o uso do celular tem o lado bom e o lado ruim, porque nem todas as pessoas respeitam e acabam se prejudicando, e a parte boa é por que podemos utiliza-lo para ampliar nossos conhecimentos sobre todo os assuntos, e o celular deve ser usado na sala de aula, mas com consciência e limites.

E16 apresentou uso não convencional de pontuação (l.2, l.3, l.10) e de acentuação (l.20), mas estruturou o texto em introdução, desenvolvimento e conclusão e apresentou seus argumentos e sua opinião de maneira clara.

Após a análise dos artigos de opinião dos alunos, reiteramos que este estudo concebe a língua como instrumento de interação social. Fatores ortográficos, gramaticais e de sintaxe estão a serviço dessa interação, ao colaborar para a leiturabilidade dos textos, permitindo que a língua cumpra sua função primordial de comunicação. Percebe-se que, nos textos de opinião, escritos pelos alunos, o manejo inadequado desses elementos muitas vezes prejudica ou dificulta a leitura e consequente compreensão do argumento proposto. Na seção seguinte, aprofundaremos essa reflexão.

3.6 Discussão

O objetivo principal desta dissertação foi investigar se há influência do internetês na escrita formal entre os alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, o que foi buscado por meio de uma pesquisa bibliográfica e da pesquisa empírica.

As línguas, enquanto consequência da interação humana, cumprem sua função de comunicação em sociedade (FLÔRES, 2005), que pode se dar de maneira oral, escrita ou sinalizada, como no caso da Libras (GABRIEL et al., 2016 a). Ao longo da história da humanidade, os suportes que preservam a língua escrita foram evoluindo, e hoje a escrita se materializa ao toque da mão em uma tela, facilitando seu acesso e compartilhamento. Entretanto, apesar de haver mais facilidade para o acesso à leitura, ainda há necessidade de que as pessoas leiam mais para aperfeiçoar a compreensão leitora e a produção escrita, um par indissociável (MORAIS, 1996).

A escrita e a leitura têm um papel importantíssimo no desenvolvimento cognitivo dos alunos, pois, segundo Cabral (2017) quanto mais se lê, mais se desenvolve a capacidade de leitura e interpretação. Para auxiliar no estímulo a essa necessidade de leitura, reconhece-se a existência de diversos gêneros textuais, pois, em cada “esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 279) e, assim, temos o que hoje podemos chamar de gêneros do discurso (ibid.).

No dia 25/10/2017, foi realizada a aplicação do questionário (APÊNDICE A) e foram entregues os termos de assentimento dos pais e dos estudantes. No dia 26/10/2017, foi aplicado o plano de aula 1 (APÊNDICE B), quando os estudantes responderam oralmente às questões propostas. Em geral, todos conhecem o WhatsApp, mas, nem todos utilizam-no, devido à incompatibilidade do aparelho com o aplicativo e/ou devido a não ter acesso à internet com capacidade de baixar o aplicativo no celular. Os que utilizam acreditam que é útil para se comunicar com pessoas de todos os lugares, pois não tem custo, basta acessar a internet. Todos sabem que se trata de um aplicativo. Sobre o histórico do WhatsApp, o que mais chamou a atenção dos estudantes foi a questão das

vezes em que o aplicativo foi suspenso por ordens judicias, sendo que perceberam as interrupções em seus próprios aparelhos e se sentiram prejudicados por ficarem impossibilitados de se comunicar. Afirmaram que o WhatsApp é gratuito, pode-se enviar mensagens de texto, gravações de áudio e de vídeo, assim como fazer áudio chamadas e vídeo chamadas. Também destacaram o fato de as mensagens serem criptografadas, principal diferença entre WhatsApp e outras redes sociais.

No dia 1°/11/2017, foi aplicado o plano de aula 2. Os estudantes leram o texto que consta no ANEXO B e revelaram que já tinham participado de grupos no WhatsApp, mas que não gostavam, devido a correntes de imagens, fotos e vídeos, que acabavam por sobrecarregar a memória do celular, impossibilitando que o usuário visualizasse suas próprias fotos. Além disso, reclamaram do excesso de mensagens inconvenientes dos participantes, em horários inadequados, o que os levou a silenciar ou a sair de grupos em que haviam sido adicionados. Os participantes não revelaram ter infringido nenhuma das regras mencionadas no texto lido e concordaram que se tratava de boas regras. Em seguida, a professora propôs que criassem um grupo de WhatsApp para as turmas, respeitando as regras lidas no texto (ANEXO B). No oitavo ano, foi solicitado à E14 que criasse o grupo; no nono ano, foi solicitado à E2. Após a criação dos grupos, durante uma semana, a professora introduziu temas distratores, para que os alunos interagissem no grupo e não descaracterizasse o gênero textual. Esses temas distratores procuraram instigar os alunos a postarem mensagens sobre séries e filmes a que assistem; jogos do tipo *dê-me um elogio com a primeira letra do seu nome que eu lhe dou um elogio com a primeira letra do meu*; charadas: “O que é que o gafanhoto traz na frente e a pulga traz atrás?” *É o “ga”*; “Qual é a diferença entre a moto e a privada?” *Na moto, você senta pra correr e na privada você corre pra sentar;* “O Cebolinha foi ao cinema e enquanto assistia ao filme, tomava dois sorvetes, qual o nome do filme?” *Lambo dois;* “O que é que faz virar a cabeça de um homem?” *O pescoço*; “Escreve-se dormindo ou *durmindo*?” *Escreve-se acordado, pois ninguém consegue escrever dormindo*.

No dia 8 de novembro, foi aplicado o plano de aula 3. Os textos que constam nos ANEXOS C e D foram lidos coletivamente. Os alunos foram

conduzidos a observar como se apresentava a opinião dos autores e quais operadores argumentativos possibilitavam isso. Logo após as leituras, compreenderam que os textos tratavam sobre o mesmo assunto, mas que os autores apresentaram opiniões opostas. Depois da aula, após a aplicação dos distratores, a professora lançou a seguinte pergunta no grupo de WhatsApp: “Você é a favor ou contra o uso do celular em sala de aula?”

No dia 9/11/2017, foi aplicado o plano de aula 4, quando os alunos, após a leitura e análise de dois textos do gênero jornalístico artigo de opinião e de discutirem sua opinião sobre o tema no grupo de WhatsApp, produziram um artigo de opinião sobre o uso do celular em sala de aula. A professora permitiu que os alunos fizessem uso dos diálogos registrados no WhatsApp e dos artigos de opinião lidos na aula anterior, o que auxiliou na elaboração dos textos. No entanto, os alunos que não estavam no grupo, sendo três meninos do 9° e uma menina do 8°, pediram emprestados os celulares dos colegas que estavam para que pudessem se inteirar das discussões que ocorreram em meio digital. Em seguida, cada um escreveu seu texto no caderno, depois passaram a limpo em uma folha e o entregaram à professora (APÊNDICE G). Os alunos tiveram dois períodos consecutivos de 55 minutos para realizar a atividade, que foi toda desenvolvida em sala de aula, no mesmo dia. Nesta dissertação, foram utilizados como corpus para a pesquisa a produção textual em dois gêneros, o chat e o gênero jornalístico artigo de opinião. Em seguida, foi verificado se a variedade linguística de um interfere no outro, pois todas as línguas são passíveis de variação, ou seja, de adaptação e de transformação. Visto que nem todos os locutores pertencem à mesma comunidade linguística, pois, segundo Alkmim (2004), qualquer comunidade linguística apresentará variação no seu modo de falar, ao que a Sociolinguística conceitua como variedades linguísticas. Essas variações podem ser ocasionadas por razões sociais, culturais, regionais, históricas e também da situação em que se encontram os falantes. Além disso, os falantes podem selecionar o nível de formalidade para cada contexto (ibid.), o que pôde ser observado nas produções dos alunos que compuseram o corpus desta pesquisa e cujas produções foram analisadas.

O gênero textual chat traz em suas características uma novidade que chama a atenção dos linguistas da atualidade: o internetês, que se trata de uma

linguagem escrita carregada de características da oralidade, mas que também incorpora elementos da escrita, ressignificando-os. Essa linguagem esteve presente nas produções dos alunos, pois observamos que eles conheciam o contexto de uso de emojis, abreviações e escreveram com pouco monitoramento no ambiente digital, ou seja, uso não convencional de pontuação, acentuação e informalidade, como era esperado. A argumentação sobre o uso do celular na sala de aula foi transferida para o texto formal, a exemplo do que ocorreu no grupo de WhatsApp, com as devidas adaptações ao gênero.

A maioria dos alunos argumentou enumerando características positivas do uso do celular, tanto em meio digital, quanto no texto argumentativo. A diferença é que, no texto argumentativo, os alunos optaram por usar a língua de maneira mais monitorada, mais formal (ALKMIM, 2004), por exemplo, colocando ponto final no final das frases e procurando acentuar as palavras. Entretanto, no meio digital e no texto argumentativo, conseguiram expressar sua opinião de maneira clara, cumprindo a principal função da língua, que é comunicar.

O gênero textual chat no aplicativo WhatsApp e o artigo de opinião, neste estudo, tiveram o objetivo central de argumentar, embora os dois gêneros tenham estruturas diferentes. Por isso, ao fazer uso dos argumentos postados no grupo de WhatsApp no artigo de opinião, foram necessárias adaptações, por exemplo, de estrutura, elaborando parágrafos de introdução, desenvolvimento e conclusão. Essa tarefa não foi cumprida com sucesso por todos os estudantes, como se pode observar nos artigos de opinião produzidos. Por outro lado, a estrutura do chat no WhatsApp foi mais fácil de ser construída.

E11 e E12 afirmaram que o uso do celular em sala de aula tem pontos positivos e negativos e, assim, construíram sua argumentação, tanto no grupo de WhatsApp, quanto no texto argumentativo, e deste modo, em nenhum dos gêneros, deixaram clara suas opiniões. No entanto, no texto argumentativo, utilizaram uma variedade da língua mais formal e com mais cuidado para se aproximar da norma culta.

Abaixo, podemos ver uma postagem de E12 e um fragmento do artigo de opinião de E11 e de E16, que fizeram uso do argumento de lados positivos e negativos para construir a sua argumentação, assim como outros colegas.

Postagem E12

O motivo bom:
Podemos usar com um ajudante,
nas pesquisas, seminários, algo
desse gênero
E o lado ruim;
É que ele acaba nos tirando atenção,
e não entendemos a matéria, vamos
mal, esse tipo de coisa 18:17

Fragmento E11

OS PONTOS NEGATIVOS SÃO QUE O ALUNO PODE ACESSAR AS REDES SOCIAIS OU JOGOS DURANTE A AULA ESTE DISTRAIR COM COISAS QUE NÃO TÊM NADA A VER COM O CONTEÚDO ESCOLAR.

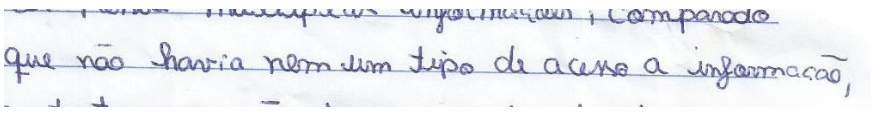
OS PONTOS POSITIVOS SÃO QUE O ALUNO PODE PREPARAR CONTEÚDOS PARA APRESENTAR EM AULA, COMO SEMINÁRIOS OU EXPLICAÇÕES, GRAVAR A AULA PARA TER MELHOR ESTUDO EM CASA, TIRAR FOTOS DE CONTEÚDOS CASO FALTE AULA

Fragmento E16

Diante disso, o uso do celular tem o lado bom e o lado ruim, porque nem todas as pessoas respeitam e acabam se prejudicando, e a parte boa é por que podemos utiliza-lo para ampliar nossos conhecimentos sobre todo os assuntos, e o celular deve ser usado na sala de aula, mas com consciência e limites.

Como é possível observar nesses exemplos, os alunos souberam eleger um nível de escrita formal (ALKMIM, 2004) para a produção do artigo de opinião.

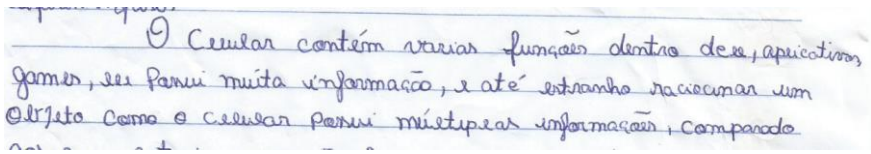
Os resultados da pesquisa estão de acordo com primeira hipótese, a de que a leitura de textos na modalidade padrão da língua é uma ferramenta pedagógica para que o estudante incorpore a ortografia correta das palavras e a capacidade de expressar-se com clareza. Observa-se que há falhas ortográficas que não ocorreriam se os alunos lessem mais, por exemplo, em “nem um”, no lugar de *nenhum,* conforme o extrato do artigo de E2, abaixo.


que não havia nem um tipo de acesso a informação,

Trata-se de uma aluna que faz poucas horas de estudos em casa, assim como de leitura formal, resultando em falta de domínio ortográfico.

A segunda hipótese, de que como os alunos passam mais tempo expostos à leitura informal, eles refletem na sua escrita formal o estilo que mais leem, também se confirmou.

A terceira hipótese também se confirma, pois o aluno que não tem hábito de ler textos formais aproxima a modalidade escrita da modalidade oral, apresentando dificuldade para elaborar argumentos mais complexos, conforme o trecho abaixo, de E2.


O Celular contém varias funções dentro dele, aplicativos, games, ele Possui muita informação, e até estranho raciocinar um Objeto Como o celular Possui múltiplas informações, Comparado

É possível observar que falta vocabulário adequado para que a aluna consiga se expressar e elaborar uma argumentação clara e concisa.

Assim, ao realizar esta pesquisa, observou-se que o internetês interfere na escrita de textos na escrita padrão em sala de aula. Essa interferência se deve aos fatores mencionados como característica do internetês, sobretudo, em relação ao uso não convencional de pontuação e de acentuação, mas também em nível semântico, quando argumentos construídos em ambiente virtual foram transferidos para o texto escrito em língua padrão na sala de aula.

Deste modo,, o referencial teórico nos guiou na análise e elaboração do corpus, possibilitando a realização da pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve seu início com a pesquisa bibliográfica que embasou a composição e análise do corpus. Deste modo, foi possível conceber a língua como um instrumento para suprir a necessidade do homem de interagir com os outros. Para isso, abordamos as teorias de diversos autores que observam que a língua é capaz de variar de acordo com fatores, sobretudo, geográficos, sociais e temporais, portanto, é importante que cumpra sua principal função, que é comunicar, não necessariamente cumprindo rigidamente a regras ortográficas, sintáticas e gramaticais. Para auxiliar numa melhor contextualização das situações de comunicação, recorremos ao conceito de gêneros textuais (BAKHTIN, 2003) que, segundo suas características, serão compostos do nível de formalidade exigido pelo contexto (ALKMIM, 2004).

Dois gêneros textuais compuseram o corpus desta dissertação, o chat no aplicativo WhatsApp e o gênero jornalístico artigo de opinião. Para tanto, em uma escola municipal da zona rural do Rio Grande do Sul, com uma turma de oitavo ano e outra de nono, nas aulas da disciplina de Português, os alunos criaram um grupo no aplicativo WhatsApp para cada turma e a professora aplicou atividades distratoras características do gênero para que os alunos se sentissem à vontade e interagissem normalmente. Na sequência, em aula, foram lidos dois artigos de opinião, um a favor e outro contra o uso de celular na sala de aula, pelos alunos, que foram analisados segundo sua estrutura formal. No grupo de WhatsApp, a professora perguntou a opinião dos alunos sobre o assunto. A maioria argumentou a favor, somente dois alunos não opinaram nem a favor nem contra, segundo sua maneira de agir na sala de aula. Somente um aluno argumentou contra, e este não possuía celular com conta no WhatsApp, por isso não participou das interações no grupo da turma, somente participou da atividades desenvolvidas em sala de aula.

Nos dois gêneros, os alunos apresentaram dificuldades relativas à ortografia, gramática e sintaxe, refletindo o pouco tempo de leitura na modalidade padrão. Demonstraram conhecer o internetês, utilizando, por exemplo, emojis e abreviações em contexto adequado. A mesma argumentação elaborada no grupo de WhatsApp foi utilizada na estrutura do artigo de opinião,

porém, neste, os alunos elevaram o grau de formalidade, demonstrando consciência de que deveria ser usada a norma padrão naquele contexto.

A maior contribuição de nosso estudo foi a possibilidade de pesquisar o uso da língua em contexto de comunicação, enquanto instrumento que possibilitou a interação entre professora e alunos, tanto na linguagem verbal oral, quanto na escrita. Também foi interessante participar do esforço dos alunos na reflexão e elaboração de argumentos convincentes, sobre um assunto que era do seu interesse. Outra contribuição importante é olhar para o internetês enquanto uma variação linguística e para o WhatsApp enquanto gênero. Isso pode auxiliar muitos professores a rever seus (pre)conceitos sobre esse assunto (KOMESU; TENANI, 2015). Além disso, o fato de usar o Whatsapp como forma de discussão prévia à elaboração textual é ótima, pois os alunos “fazem o tema de casa” sem resistir já que estão usando as redes sociais.

A turma do oitavo ano interagiu mais que a do 9° quanto aos distratores, mas quanto a dizer sua opinião sobre o uso de celular em aula, a do 9° propôs argumentos mais consistentes.

Os alunos que não utilizam celular e redes sociais apresentam a mesma taxa de erros ortográficos e gramaticais que os alunos que utilizam (QUADRO 10), então, a internet não pode ser considerada como a única causadora de falta de monitoramento na ortografia. Um dos principais fatores é a falta de prática de leitura e de escrita, confirmando nossas hipóteses.

Ao relacionarmos os dados obtidos com os instrumentos, observamos que os alunos leem e estudam pouco tempo em tela, assim como em material impresso, o que gera um baixo desempenho em escrita, tanto no WhatsApp, quanto nos textos escritos à mão, pois, como vimos no referencial teórico, a leitura é importante para melhorar o desempenho na escrita.

A oralidade sempre influenciou a escrita, com o surgimento da internet, redes sociais, WhatsApp e smartphones, o internetês se popularizou. Com o hábito de utilizar chats online, assim como o internetês, os adolescentes têm consciência de que há necessidade de separar a linguagem formal da informal, sabendo o momento adequado de utilizar cada uma delas.

Durante a aplicação dos planos de aula, os alunos poderiam ter sido expostos a mais leituras do gênero argumentativo e poderia ter sido observado

se seria possível melhorar suas falhas ortográficas, de estrutura gramatical e de sintaxe, assim como a elaboração de argumentos mais consistentes. Então, acreditamos que essa falha poderia ser corrigida com a continuidade da pesquisa.

Enfim, esperamos que este estudo possa contribuir para melhorar o trabalho de outros professores e pesquisadores e que os estudos na área da linguística da internet tenham continuidade.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras,* v.1, 4 ed. São Paulo: Cortez, p.21- 47, 2004.

ANTUNES, Cláudia Rejane Dornelles. Modos de ler. *Letras de hoje*. Porto Alegre. V. 37. N° 2. p.11-23, junho, 2002. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/14170/9407. Acesso em 02/07/2017.

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: Marcuschi, Luís Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: lucerna, p. 91-109, 2005.

ARIMURA, Jane Pereira; Takaki, Nara Hiroko. Letramentos no WhatsApp: Agência Horizontalizada em PIBIC em Letras. *Letras Escreve.* ISSN 2238-8060. Macapá, v. 4, n. 2, 2º semestre, p. 51-68, 2014. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/index.php/letras Acesso em: 05/02/18.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta - língua & poder na sociedade brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 4ª ed. Tradução de: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Eliane Araújo dos Santos; MARTINS, Lusinilda Carla Pinto. Linguagem e interação do WhatsApp. 2016. http://hdl.handle.net/123456789/2098 Acesso em 26/05/2018.

BARON, Naomi. Enunciados segmentados em MIS. In: SALIÉS, Tânia G.; SHEPHERD, Tania G. (Orgs). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, p.125-156, 2013.

BAUERMANN, Daniele Vieira; FLÔRES, Onici Claro. Produção de inferências e leitura de charge. In: FLÔRES, Onici Claro; AKELE, Dercy. (orgs). *Da teoria à prática: gêneros discursivos e práticas escolares de leitura e escrita.* Santa Cruz do Sul: Edunisc, p.80-94, 2011.

BRITO, Francisca Francione Vieira de; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Gênero digital: a multimodalidade ressinificando o ler/escrever. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, p. 293-309, jan-jun 2013. ISSN 1982- 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/3456/2570>. Acesso em 1° de março de 2017.

CABRAL, *Sara Regina Scotta.* Conversa com pais e professores sobre leitura. In: Flôres, Onici Claro; Gabriel, Rosângela. *O que precisamos saber sobre a aprendizagem da leitura: contribuições interdisciplinares*. Santa Maria: editora UFSM, 2017.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e ensino institucionalizado de língua portuguesa. In: BAGNO, Marcos (org). *Linguística da norma.* 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 13-20, 2002.

CECCATINI, João Luís. *Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler*. In: FAILLA, Zoara. *Retratos da Leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextane, p.83-98, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*: modos de organização. Coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Introdução à Linguística Cognitiva. *Matraga,* RJ, v.16, n.24, p.77-96, jan./jun. 2009.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. *In* DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 166-179, 2003.

DEAHENE, Stanislas. A aprendizagem da leitura modifica as redes corticais da visão e da linguagem verbal. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 148-152, jan./mar. 2013. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/12113/8892. Acesso em 30 de abril de 2017.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira – desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org). *Linguística da norma.* 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, p.37-61, 2004.

FLÔRES, Onici Claro. *A inter-relação leitura & escrita: o papel do conhecimento prévio e das estratégias leitoras.* Signo, Santa Cruz do Sul, v. 41, p.42-52, jan-jun 2016. ISSN 1982- 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7324/pdf>. Acesso em 5 de março de 2017.

FLÔRES, Onici Claro. Gêneros do discurso e ensino de língua. In: FLÔRES, O.C; AKELE, Dercy. (orgs). *Da teoria à prática: gêneros discursivos e práticas escolares de leitura e escrita.* Santa Cruz do Sul: Edunisc, p.15-29, 2011.

FLÔRES, Onici Claro. *Da oralidade à escrita, uma busca por mediação multicultural e plurilinguística.* Canoas: Ed. Ulbra. 2005 (118p.).

Fonte, Renata da; Caiado, Roberta. Práticas discursivas multimodais no WhatsApp: uma análise verbo-visual. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo* - v. 10 - n. 2 - p. 475-487 - jul./dez. 2014 Disponível em: http://www.seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4147/3089 Acesso em 07/02/2018.

GABRIEL, Rosângela. A compreensão em leitura enquanto processo cognitivo. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 31, n. especial, p.73-83, 2006. ISSN 1982- 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v31i0.441>. Acesso em 30 de abril de 2017.

GABRIEL, Rosângela; MOLINA, Jorge Alberto. Reflexões sobre argumentação e sobre texto argumentativo. In: FLÔRES, Onici Claro. (Org.). *Linhas e entrelinhas: leitura na sala de aula.* Santa Cruz do Sul: Edunisc, p.110-145, 2008.

GABRIEL, Rosângela; KOLINSKY, Régine; MORAIS, José. A aprendizagem da leitura e suas implicações sobre a memória e a cognição. *Ilha do Desterro*/UFSC, v.69, n.1, p.61-78, 2016 b. ISSN 0101-4846. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2016v69n1p61>. Acesso em 14 de março de 2017.

GABRIEL, Rosângela; KOLINSKY, Régine; MORAIS, José. O milagre da leitura: de sinais escritos a imagens imortais. *DELTA*, v. 32, p. 919-951, 2016 a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44508205042893915>. Acesso em 14 de março de 2017.

GABRIEL, Rosângela. Como o milagre da leitura é possível? Investigando processos biológicos e culturais da produção de sentidos em leitura. De volta ao futuro da língua portuguesa. *Atas do V SIMELP-Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, p. 733-750, 2017. Disponível em: < http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17822/15179>. Acesso em 1° de fevereiro de 2018.

JOBIM, Solange; GAMBA JR, Souza. Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita. Educação@ pós-modernidade; Ficções científicas; & Crônicas do cotidiano, p. 27, 2003.

KATO, Mary Aizawa. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem.* 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. O internetês na escola. São Paulo: Cortez, 2015.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. A relação fala/escrita em dados produzidos em contexto digital. *Scripta*, v. 13, n. 24, p. 211-226, 2009.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas.* Tradução: Beatriz Vianna DOEIRA e Nelson BOEIRA. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LEITE, Natália Costa; SILVA, Marden Oliveira. WhatsApp: caracterização do gênero chat em contexto de ensino de línguas estrangeiras. Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, v. 8, n. 1, p. 85-97, 2015.

LOPES, Cristiano Gomes; VAS, Braz Batista. *O ensino de história na palma da mão: o WhatsApp como ferramenta pedagógica para além da sala de aula, p.1-14,* 2016. Disponível em: <http://www.sied-enped2016.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/article/view/1519/965> Acesso em 05/03/18.

LUIZ SOBRINHO, Viviane Vomeiro. Pontuação na internet: usos não convencionais de vírgulas em bate-papos virtuais. São Paulo: Editora Unesp, 2012. ISBN 9788539303816 Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/113718>. Acesso em 15/04/18.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In* DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p.19-36, 2003.

_____. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.* In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C (orgs.) Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, p.13-67, 2004.

_____. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização.* 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Mário. Densidade lexical na escrita de textos escolares. *Signum*: Estudos da Linguagem, v. 20, n. 1, p. 218-240, DOI: 10.5433/2237-4876, 2017.< http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/25225/20881> Acesso em 15/04/18.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. *In* DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p.194-207, 2003.

MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MOTTA-ROTH, Desirée. O ensino de produção textual com base e atividades sociais e gêneros textuais. Linguagem em (Dis)curso – LemD. *Tubarão*, v. 6, n. 3, p. 495-517, set./dez. 2006. Disponível em < http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/viewFile/347/368.> Acesso em 1° de fevereiro de 2018.

NETTO, Agda Baracy; FLÔRES, Onici Claro. O Anúncio publicitário: uma proposta de análise visando à socialização do aluno através da leitura/escritura. In: FLÔRES, Onici Claro; AKELE, Dercy. (orgs). *Da teoria à prática: gêneros discursivos e práticas escolares de leitura e escrita.* Santa Cruz do Sul: Edunisc, p.31-48, 2011.

NETTO, Agda Baracy; MOLINA, Jorge Alberto. A arte de argumentar: o editorial e a leitura/escritura de textos opinativos. In: FLÔRES, Onici Claro; AKELE, Dercy. (orgs). *Da teoria à prática: gêneros discursivos e práticas escolares de leitura e escrita.* Santa Cruz do Sul: Edunisc, p.175-194, 2011.

OLIVEIRA, Márcia Regina de. Interações na Blogosfera. In: SALIÉS, Tânia G.; SHEPHERD, Tania G. (Orgs). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, p.157-179, 2013.

OLIVEIRA, Estêvão Domingos Soares de; MEDEIROS, Hercilio de; LEITE, Jan Edson Rodrigues; ANJOS , Eudisley Gomes dos; OLIVEIRA , Felipe Soares de. Proposta de um modelo de cursos baseado em mobile learning: um experimento com professores e tutores no Whatsapp. P.5-8, 2014. Disponível em:< http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/128186.pdf> Acesso em 15/01/2018.

OTHERO, Gabriel de Àvila. A língua portuguesa nas salas de bate-papo–uma visão linguística de nosso idioma na era digital. **Porto Alegre: Berthier**, 2002.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da Argumentação – A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERINI, Mário A. Gramática descritiva do português brasileiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PIAGET, Jean. *PIAGET - Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. 6 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Como o internetês desafia a Linguística. In: SALIÉS, Tânia G.; SHEPHERD, Tania G. (Orgs). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, p.37-53, 2013.

REBOUL, Olivier. Introdução à retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARDINHA, Tony Berber. Variação entre registros da internet. In: SALIÉS, Tânia G.; SHEPHERD, Tania G. (Orgs). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, p.55-75, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, 2006.

SALIÉS, Tânia G.; SHEPHERD, Tania G. *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, p.17-35, 2013.

SOUSA, Lucilene Bender de. GABRIEL, Rosângela;. *Aprendendo palavras através da leitura*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

SOUZA, Lusinete Vasconcelos de. Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial. *In* DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p.58-72, 2003.

STRUECKER, Janesca Ivanete Kuntzer; FLÔRES, O.C. Nossa turma em revista: heterogeneidade discursiva e produção de um jornal escolar. In: FLÔRES, O.C; AKELE, D. (orgs). *Da teoria à prática: gêneros discursivos e práticas escolares de leitura e escrita.* Santa Cruz do Sul: Edunisc, p.49-79, 2011.

STRUECKER, Janesca Ivanete Kuntzer; MOLINA, Jorge Alberto. Texto opinativo: o ponto de vista do enunciador e a força de seus argumentos podem ser apreendidos por leitores iniciantes? In: FLÔRES, Onici Claro; AKELE, Dercy. (orgs). *Da teoria à prática: gêneros discursivos e práticas escolares de leitura e escrita.* Santa Cruz do Sul: Edunisc, p.152-174, 2011.

VIANNA, Márcia Aparecida Barbosa. *A linguagem virtual interagindo com a educação*. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 36, jul-dez. ISSN 1982- p. 370-380, 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/2138/1788>. Acesso em 2 de março de 2017.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A Formação Social da Mente. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZH Digital - 06/10/2017 - Crianças mais pobres acessam internet apenas pelo celular. Disponível em: < http://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/acessivel/materia.jsp?cd=67e4423afd0ffd2f451890c0888ef33> Acesso em: 18/12/17

Wikipedia (https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet%C3%AAs) Acesso em: 15/04/17

APÊNDICE A

Caro aluno, cara aluna,

Este questionário tem o objetivo de conhecer um pouco mais sobre você e sobre como passa o seu tempo fora da sala de aula. Seja sincero nas suas respostas, ninguém está avaliando você, apenas queremos conhecê-lo melhor!

Escola: _____

Nome do aluno(a): _____

Data de nascimento: ___/___/_____ Idade: ____ Sexo: F ___ M ___

Série:

1) Do seu tempo total de leitura por semana (em horas), quanto tempo você lê:

IMPRESSOS	EM TELA
( ) LIVROS	( ) LIVROS
( ) JORNAIS	( ) JORNAIS
( ) REVISTAS	( ) REVISTAS
( ) CARTAS, BILHETES	( ) E-MAIL, BATE-PAPO

2) Você estuda em casa? Quantas horas por semana?

3) Que tipo de material de leitura sua família possui em casa (você pode assinalar quantas alternativas achar adequado):

( ) jornal diário ou semanal

( ) revistas semanais ou mensais

( ) livros para adultos - em torno de quantos exemplares? _____

( ) livros infantis - em torno de quantos exemplares? _____

( ) internet

( ) outro material - qual?_____

4) Você tem celular? Qual é a marca, o modelo e quanto tempo de uso?

5) Você tem computador? Qual é a marca, o modelo e quanto tempo de uso?

6) Você tem acesso à internet em casa? Em caso afirmativo, qual é o meio de acesso (notebook, PC, smartphone ou outro)? O acesso é pré-pago, pós-pago ou outro?

7) Você tem acesso à internet em outro local? Qual? Por quanto tempo você tem esse acesso?

8) Você usa a rede social WhatsApp? Para qual finalidade? Você usa outras redes sociais?

9) Quantas horas por dia você acessa a internet? Com que finalidade?

10) Qual a profissão dos pais?

Pai:_____

Mãe: _____

11) Qual a renda média da família?

( ) até 3 salários mínimos mensais	( ) de 5 a 10 salários mínimos mensais
( ) de 3 a 5 salários mínimos mensais	( ) mais de 10 salários mínimos mensais

12) Escolaridade dos pais (coloque um x no nível mais alto concluído):

PAI	**MÃE**
( ) Ensino Fundamental incompleto	( ) Ensino Fundamental incompleto
( ) Ensino Fundamental	( ) Ensino Fundamental
( ) Ensino Médio	( ) Ensino Médio
( ) Ensino Superior	( ) Ensino Superior
( ) Pós-graduação	( ) Pós-graduação

APÊNDICE B

Plano de aula 1

Disciplina: Língua Portuguesa

Turmas: 8° e 9° anos do Ensino Fundamental

Unidade temática: Leitura e interpretação de texto

Objetivos:

- ler e compreender um texto informativo;
-conhecer informações sobre o WhatsApp e compartilhar conhecimentos sobre o aplicativo;
-preparar os alunos para a criação de um grupo no WhatsApp.

Duração: uma aula de 55 minutos

Conteúdo: Leitura e interpretação de texto informativo

Recursos necessários: texto informativo impresso

Metodologia:

-serão distribuídas aos alunos folhas com o texto *WhatsApp* (ANEXO 1) impresso, contendo, também, questões para auxiliar na leitura compartilhada, interpretação e discussão do tema;

-as seguintes questões serão respondidas oralmente:

Leia o texto e responda as questões.

1- Você conhece o aplicativo WhatsApp?

2- Você utiliza o aplicativo WhatsApp? Gosta? Por quê?

3- Você acha útil o aplicativo WhatsApp? Por quê?

4- Explique com suas palavras o que é WhatsApp, de acordo com o texto.

5- Explique resumidamente a história do WhatsApp.

6- Quais são as principais características do WhatsApp.

7- Qual a diferença desse aplicativo para outros disponíveis na rede?

AVALIAÇÃO: avaliar a participação pertinente dos alunos na leitura mediada e interpretação de textos.

APÊNDICE C

Plano de aula 2

Disciplina: Língua Portuguesa

Turmas: 8° e 9° anos do Ensino Fundamental

Unidade temática: Leitura e interpretação de texto

Objetivos:

- ler e compreender o texto *As 10 regras de ouro*;
-conhecer informações sobre regras em grupos do WhatsApp;
-criar um grupo da turma no WhatsApp.

Duração: 1 aula de 55 minutos

Conteúdo: Leitura e interpretação de texto

Recursos necessários: texto impresso sobre etiqueta no WhatsApp, celulares dos alunos conectados à internet.

Metodologia:

-serão distribuídas aos alunos folhas com texto impresso sobre etiqueta no WhatsApp (anexo 3);

-será feita leitura mediada e os alunos responderão oralmente as seguintes questões:

Leia o texto e responda as questões.

1- Você participa ou já participou de grupos no WhatsApp?

2- Como é a rotina desses grupos?

3- Os membros sempre respeitam as regras mencionadas?

4- Você já descumpriu alguma das regras mencionadas? Em caso positivo, relate sua experiência.

-depois, será discutida com a turma a criação de um grupo no WhatsApp e será feito um acordo sobre os assuntos pertinentes naquele “espaço”.

-durante uma semana, a professora incentivará os alunos a interagirem nos grupos das turmas através de mensagens comuns nesse gênero textual, da seguinte forma:

-falar sobre séries que assistem, pedir dicas de filmes, de séries;

-dê-me um elogio com a primeira letra do seu nome que eu dou um elogio pra você com a primeira letra do meu;

-responder às charadas:

-“O que é que o gafanhoto traz na frente e a pulga traz atrás?” É o “ga”;

-“Qual é a diferença entre a moto e a privada?” Na moto, vc senta pra correr e na privada vc corre pra sentar;

-“O Cebolinha foi ao cinema e enquanto assistia ao filme, tomava dois sorvetes, qual o nome do filme?” Lambo dois;

-“O que é que faz virar a cabeça de um homem?” O pescoço;

AVALIAÇÃO: avaliar as participações pertinentes dos alunos na leitura mediada e interpretação de textos.

APÊNDICE D

Plano de aula 3

Disciplina: Língua Portuguesa

Turmas: 8° e 9° anos do Ensino Fundamental

Unidade temática: Gêneros textuais - Artigo de opinião de jornal

Objetivos:

- fazer a leitura de artigos de opinião;

- conhecer a estrutura do gênero artigo de opinião;

- reconhecer os operadores argumentativos comuns no gênero artigo de opinião;

- analisar a argumentação presente na linguagem do gênero artigo de opinião;

- observar como o autor apresenta seu ponto de vista sobre temas polêmicos;

- reconhecer a variante linguística utilizada no gênero artigo de opinião.

Duração: 1 aula de 55 minutos

Conteúdo: Gêneros textuais: Artigo de opinião de jornal e conjunções.

Recursos necessários: dois textos impressos do gênero artigo de opinião de jornal.

Metodologia:

-serão distribuídos aos alunos textos argumentativos (artigos de opinião) publicados em jornais, para leitura mediada, interpretação e discussão do tema (ANEXOS 3 e 4), análise do aspecto formal e identificação dos operadores argumentativos;

-o professor conduzirá a leitura de acordo com os comentários desenvolvidos abaixo, que serão abordados oralmente:

Texto 1

Celular em aula: proibição necessária

Comentado [A1]: No título e no primeiro parágrafo, o autor apresenta sua tese contra o uso do celular em sala de aula e ao longo do texto apresenta argumentos para comprová-la e convencer o leitor.

Atualmente, assunto que vem despertando a atenção não só da comunidade acadêmica, mas da sociedade como um todo é a proibição do uso de celulares na sala de aula.

Comentado [A2]: O autor reforça e deixa clara a tese: ”proibição do celular em sala de aula” e usa argumento de autoridade quando diz que atrai a atenção da comunidade acadêmica, além de fazer apelo emotivo, quando diz que é um assunto de interesse de toda a sociedade, sendo assim, é um assunto muito importante.

A proibição da utilização do aparelho em sala de aula é medida que se harmoniza com o ambiente em que o estudante está. A sala de aula é local de aprendizagem, onde o discente deve se esforçar ao máximo para extrair do professor os conhecimentos da matéria. Nesse contexto, o celular é aparelho que só vem dificultar a relação ensino-aprendizagem, visto que atrapalha não só quem atende, mas todos os que estão ao seu redor.

Comentado [A3]: Os alunos devem procurar no dicionário o significado dessa palavra.

Comentado [A4]: Neste parágrafo, o autor enumera três argumentos para reforçar sua tese: sala de aula é local de estudo; para estudar é necessário concentração; logo, celular é uma distração num local que requer concentração (o autor não apresenta nenhuma característica do celular, então o leitor tem que usar seu conhecimento de mundo para entender porque o celular representa uma distração).

Estudo divulgado no mês passado pela London School of Economics mostrou que alunos de escolas da Inglaterra que baniram os smartphones melhoraram em até 14% suas notas em exames de avaliação nacional.

Comentado [A5]: Argumento de autoridade

Comentado [A6]: Dados estatísticos utilizados como argumento.

Comentado [A7]: Se melhora as notas, logo, os pais vão aprovar a ideia.

O aumento acontece principalmente entre estudantes com conceitos mais baixos. Na faixa etária entre 7 e 11 anos, o banimento ajudou estudantes com aproveitamento abaixo de 60% nas provas. Para o resto, não mudou nada.

Comentado [A8]: Através da apresentação de dados estatísticos (argumento), comprova que o aluno que mais precisa aumentar as notas, se não usar celular em sala de aula, conseguirá melhorar.

Segundo os autores do levantamento, as distrações atingem todo mundo, mas são piores em alunos com celulares. E ainda piores naqueles com notas mais baixas.

Comentado [A9]: O autor usa argumentos que se enquadram com a realidade, pois não é só o celular que serve como distração, todos podem se distrair com qualquer coisa, mas para os que têm celular, a situação é ainda pior, pois eles se distraem mais.

O impacto da proibição, diz especialista, é o equivalente a uma hora a mais de aula por semana. O estudo Tecnologia, Distração e Desempenho de Estudantes foi feito com 130 mil alunos desde 2001, em 91 escolas de quatro cidades.

Comentado [A10]: O autor continua construindo uma argumentação sólida, reforçando com argumento por autoridade e apresentado números como argumento.

Por que banir o uso do celular? Porque ter acesso fácil ao aparelho faz com o que estudante tenha mais chance de distração, o que pode levar a notas mais baixas. Adolescentes ainda não têm maturidade para usar nos momentos apropriados. Em ambientes liberados, é muito difícil para o professor monitorar a sala toda. A distração do smartphone é muito pior do que desenhar no caderno, por exemplo, porque o aluno entra em 'universo paralelo'.

Comentado [A11]: O autor inicia o parágrafo com uma pergunta retórica e responde com argumentos apresentados anteriormente. Em seguida, apresenta três novos argumentos: imaturidade dos adolescentes para usufruírem do celular em sala de aula; incapacidade dos professores de controlarem o uso adequado do aparelho; e, novamente, reforço do argumento do celular como distração.

Enfim, são inúmeras as razões para proibir o uso de celular nas salas de aula. O Estado de São Paulo, mais uma vez, foi pioneiro nesse assunto e aprovou a Lei 12.730 de 2007, de minha autoria, que proíbe o uso de telefone celular nas escolas.

Comentado [A12]: Conclusão de que, a partir dos argumentos apresentados, realmente, o autor está certo e não se deve usar celular em sala de aula.

Segundo a Nielsen Ibope, atualmente 15% dos 68 milhões de usuários da internet pelo celular no Brasil têm entre 10 e 17 anos, ou seja, a maioria dos adolescentes. Sendo assim, a fiscalização do uso do aparelho deve ser feita rigorosamente nas escolas pelos professores e diretores de ensino. Mas como esses números de usuários aumentam a cada dia, o momento é de ampliar a fiscalização e cumprir a lei.

Comentado [A13]: Reforça a conclusão com a apresentação de números, retoma argumento da imaturidade dos jovens face à utilização do celular apresenta a solução para o problema: ampliar a fiscalização.

Orlando Morando Orlando Morando é deputado estadual pelo PSDB.

Texto 2

O celular na sala de aula

Comentado [A14]: O autor apresenta o tema.

É difícil cada vez mais encontrar algum aluno que não tenha consigo um aparelho celular. Assim como a imensa maioria dos brasileiros (onde já temos uma quantidade muito maior de celulares do que de pessoas no país), quase todo o aluno carrega no bolso, ou na bolsa, um desses dispositivos de comunicação.

Comentado [A15]: O autor introduz a tese de que o celular é amplamente utilizado pelos estudantes nas escolas. Pode-se inferir isso quando ele utiliza a palavra "alunos".

Além de servir para dar telefonemas, o celular é também uma ferramenta para recebimento e envio de mensagens de texto, os torpedos. É uma máquina fotográfica, com qualidade cada vez maior, além de também ser um álbum de fotos, permitindo armazenar centenas de imagens ou publicá-las online. Além disso, também é uma filmadora, que possibilita assistir aos filmes feitos nela ou outros online. É um gravador de áudio para anotações e lembretes de voz, gravação de entrevistas, assim como é também um reprodutor de áudio, permitindo ouvir horas e horas de música. Muitos celulares possuem também a capacidade de recepção direta de rádio ou de TV.

Comentado [A16]: O autor enumera funções do celular.

Agenda de contatos, com os números telefônicos e e-mails, os endereços das pessoas e outras informações, como foto, data de aniversário etc., o celular é ainda um calendário de compromissos, permitindo configurar avisos para os eventos marcados (reuniões, provas, aniversários) com antecedência de minutos, horas ou dias. Bloco de anotações, planilhas eletrônicas, processador de textos, bancos de dados, mapas de sua cidade ou de qualquer recanto do país ou do planeta, com localização por satélite (GPS) são mais algumas de suas funções.

Comentado [A17]: Continua a enumeração de funções do celular.

Navegação e pesquisa na web, tradução de idiomas, acesso a redes sociais, leitura e postagem em blogs, comunicação instantânea por texto, voz ou vídeo, além, é claro, de jogos de todos os tipos, paciências, desafios lógicos, destreza e ação, bem como simulações e ambientes interativos de construção de mundos – e mesmo várias aplicações de "realidade aumentada" (apresentando novos conteúdos, muitos em emulação tridimensional, seja a partir de imagens num livro didático ou mesmo nas ruas de uma cidade).

Comentado [A18]: Mais um parágrafo de funções do celular.

Apesar desta longa enumeração, que poderia ser ainda mais completa, pois há cada vez mais aplicações (apps) específicas disponíveis, boa parte gratuitamente, é de espantar como a escola não esteja usando todas estas possibilidades para usos pedagógicos, preferindo, na maioria dos casos, proibir sua utilização por parte dos alunos.

Comentado [A19]: O autor afirma que, apesar de todas essas funções, a escola não utilize nenhuma delas para fins pedagógicos durante as aulas.

Quais os argumentos para impedir seu uso? Que o celular, se utilizado para o aluno conversar com terceiros durante a aula, pode ser um distrator é realmente um fato que deve levar à proibição de telefonemas durante a aula, claro. Porém, lápis e papel (e seu próprio cérebro mais ainda) também podem propiciar muita distração se o aluno não estiver engajado na aula.

Comentado [A20]: O autor inicia o parágrafo com uma pergunta retórica e apresenta o argumento de que se o celular é distração, caneta e papel também, podem ser se o aluno não estiver interessado na aula.

A única forma de ferramentas, dispositivos e toda a atenção cognitiva dos alunos não serem usadas para distraí-los da aula é haver propostas e estratégias pedagógicas para sua utilização.

Comentado [A21]: O autor sugere que o celular seja utilizado como ferramenta pedagógica.

Pesquisas recentes apontam para que 88% dos alunos entrevistados levam seus celulares para a sala de aula, e 90% deles já o utilizou para fazer "cola". Provavelmente, o mesmo que na época em que foram inventadas as canetas esferográficas e os alunos usavam pequenos papéis ou até partes do

corpo para anotações. Claro que o celular, com toda a sua tecnologia, permite "cola" de modo muito mais eficiente. Como combater esse uso inadequado?

Comentado [A22]: O autor apresenta dados estatísticos expondo a realidade da situação e finaliza o parágrafo com uma pergunta retórica.

Para as utilizações que distraem, o professor deve fazer um combinado com os alunos, discutindo com eles usos aceitáveis e regras a serem observadas, pactuadas. Para a questão da cola, elaborar provas e outras formas de avaliação para as quais não exista cola que resolva, permitindo mesmo a consulta a anotações porventura feitas.

Comentado [A23]: O autor apresenta soluções e sugestões para os problemas que possam ser suscitados pelo uso do celular em sala de aula.

Estimular os alunos a coletarem dados para subsidiar informações e, assim, construírem seu conhecimento, ensiná-los a pesquisar usando as tecnologias disponíveis, pode fazer com que o celular ao invés de disputar com o professor a atenção dos estudantes seja um importante aliado no ensinar a aprender.

Comentado [A24]: O autor continua a apresentar soluções e sugestões para os problemas que possam ser suscitados pelo uso do celular em sala de aula, mudando seu caráter de objeto que atrapalha a aula para ferramenta pedagógica

Imaginação pedagógica, envolvimento proativo dos alunos em projetos engajadores de seu interesse, ensino feito com carinho e inovação, troca de experiências com outros professores, avaliação crítica de sua metodologia, tudo isso são condições para que o celular – dispositivo computacional com recursos e capacidade muitas vezes maior do que o computador da Apolo que levou o homem à Lua e que está disponível no bolso de quase todos os alunos – possa ser, cada vez mais, uma ferramenta de aprendizagem na sala de aula.

Comentado [A25]: O autor constrói a conclusão com o reforço das soluções e sugestões pedagógicas para uso de celular em sala de aula, além de deixar claro seu ponto de vista a favor do celular na sala de aula, pois o aparelho, além de ter todas as funções mostradas no texto, ainda pode ter mais uma: a de ferramenta pedagógica.

Carlos Seabra é editor de publicações e produtor de conteúdos de multimídia e internet, consultor e coordenador de projetos de tecnologia educacional e redes sociais, autor de diversos artigos, jogos de entretenimento, softwares educacionais, e sites culturais, educacionais e corporativos.

Comentado [A26]: De acordo com o perfil do autor, pode-se perceber que ele é a favor do uso do celular em sala de aula porque trabalha no campo de tecnologias educacionais.

-os alunos deverão identificar que os dois textos apresentam opiniões opostas;

-após, como dever de casa, será aberta discussão sobre o tema: "Você acha adequado utilizar celular em aula?"

AVALIAÇÃO: Avaliar a participação pertinente dos alunos na leitura mediada e interpretação de textos.

APÊNDICE E

Plano de aula 4

Disciplina: Língua Portuguesa

Turmas: 8° e 9° anos do Ensino Fundamental

Unidade temática: Gêneros textuais - Artigo de opinião de jornal

Objetivo:

-produzir um artigo de opinião;

- aplicar a estrutura do gênero artigo de opinião na sua própria escrita;

- utilizar corretamente os operadores argumentativos comuns no gênero artigo de opinião;

- empregar no seu texto a argumentação presente na linguagem do gênero artigo de opinião;

- apresentar seu ponto de vista sobre o tema proposto;

- fazer uso da variante linguística adequada para o gênero artigo de opinião.

Duração: 2 aulas consecutivas de 55 minutos

Conteúdo: Gêneros textuais: Artigo de opinião de jornal e conetivos

Recursos necessários: textos de opinião de jornal impressos.

Metodologia:

-os alunos serão orientados a produzir um texto do gênero artigo de opinião de jornal, segundo a estrutura apresentada nas aulas anteriores;

-o tema do texto será o uso do celular em sala de aula;

-o texto será escrito no caderno e deverá conter entre 15 e 25 linhas;

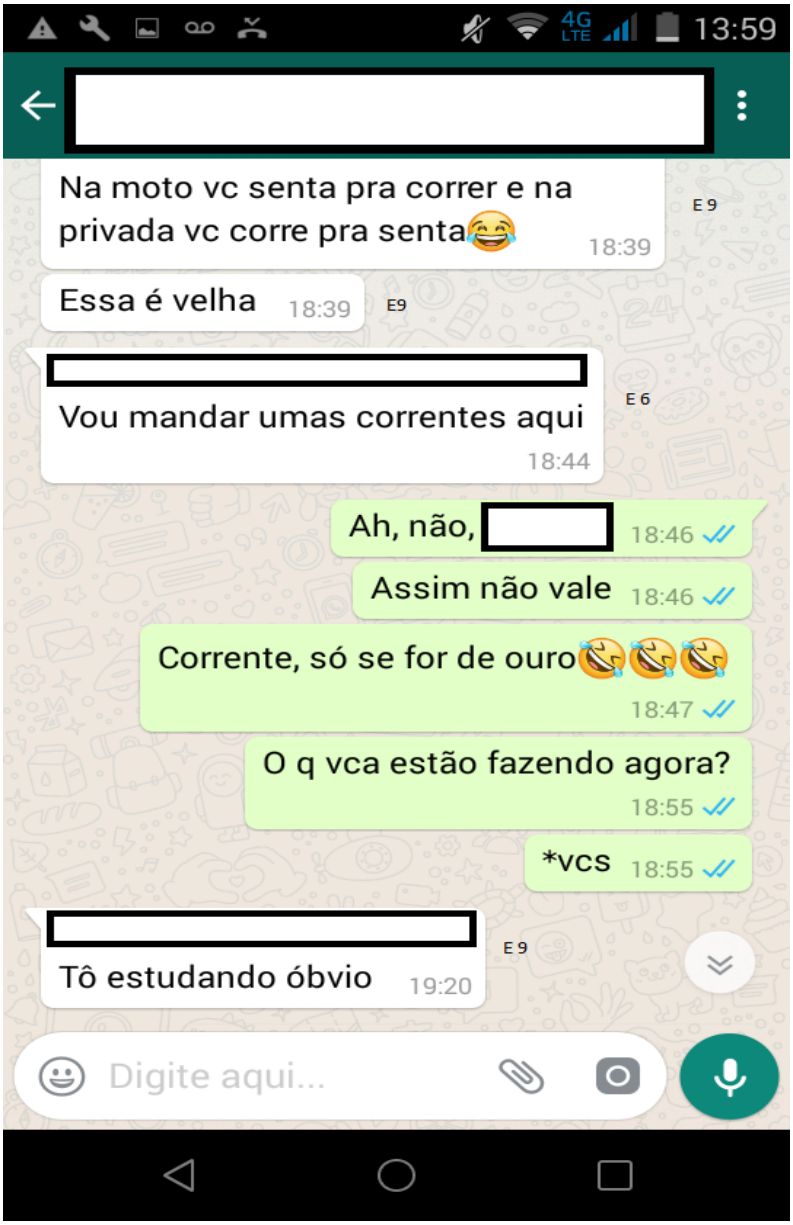
-o aluno será orientado a imaginar que o público para o qual escreve será o leitor de um jornal, ou seja, o público em geral.

AVALIAÇÃO: Avaliar a produção escrita, observando os aspectos estruturais, vocabulário, uso correto das conjunções argumentativas e capacidade de argumentação.

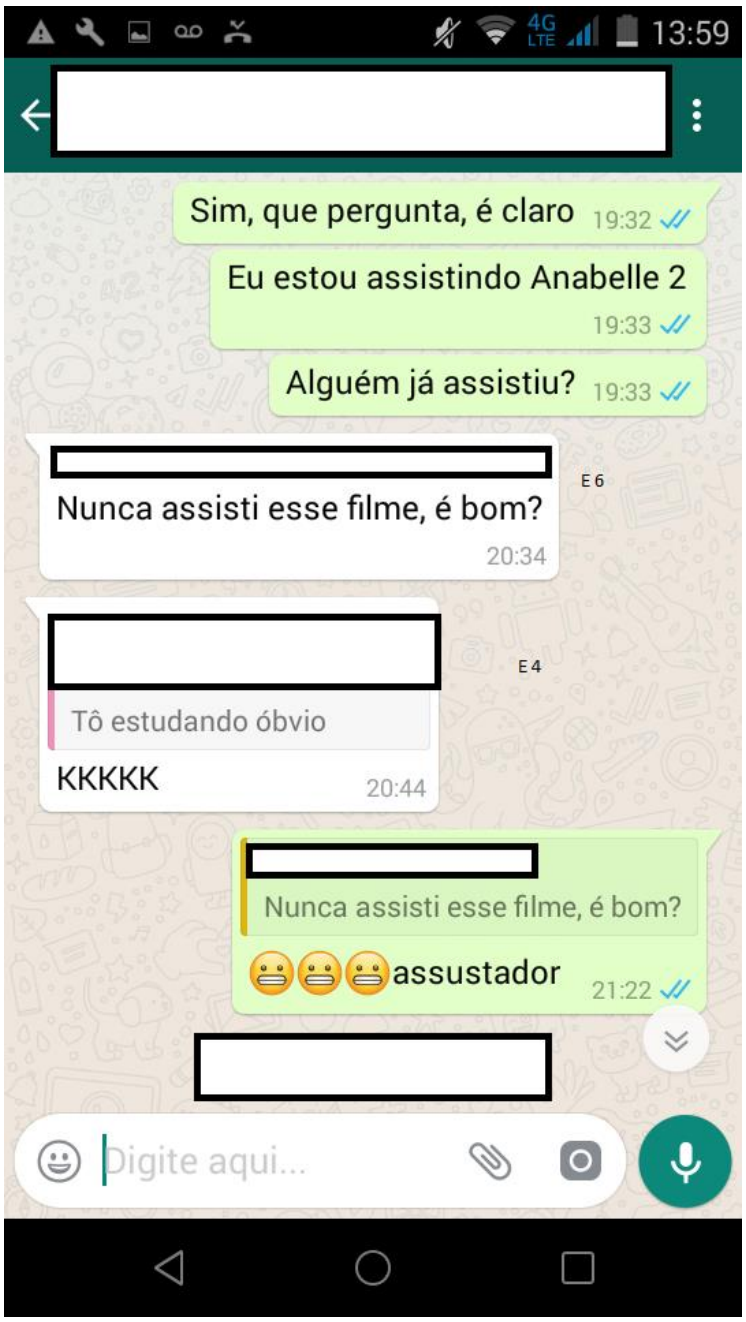
APÊNDICE

13:59
Bom Dia
09:58
Oieee😀😀😀
18:27
Tenho uma pergunta pra vcs
18:28
Vamos ver quem sabe
18:28
Qual é a semelhança entre a moto e a privada?
18:28
Digite aqui...

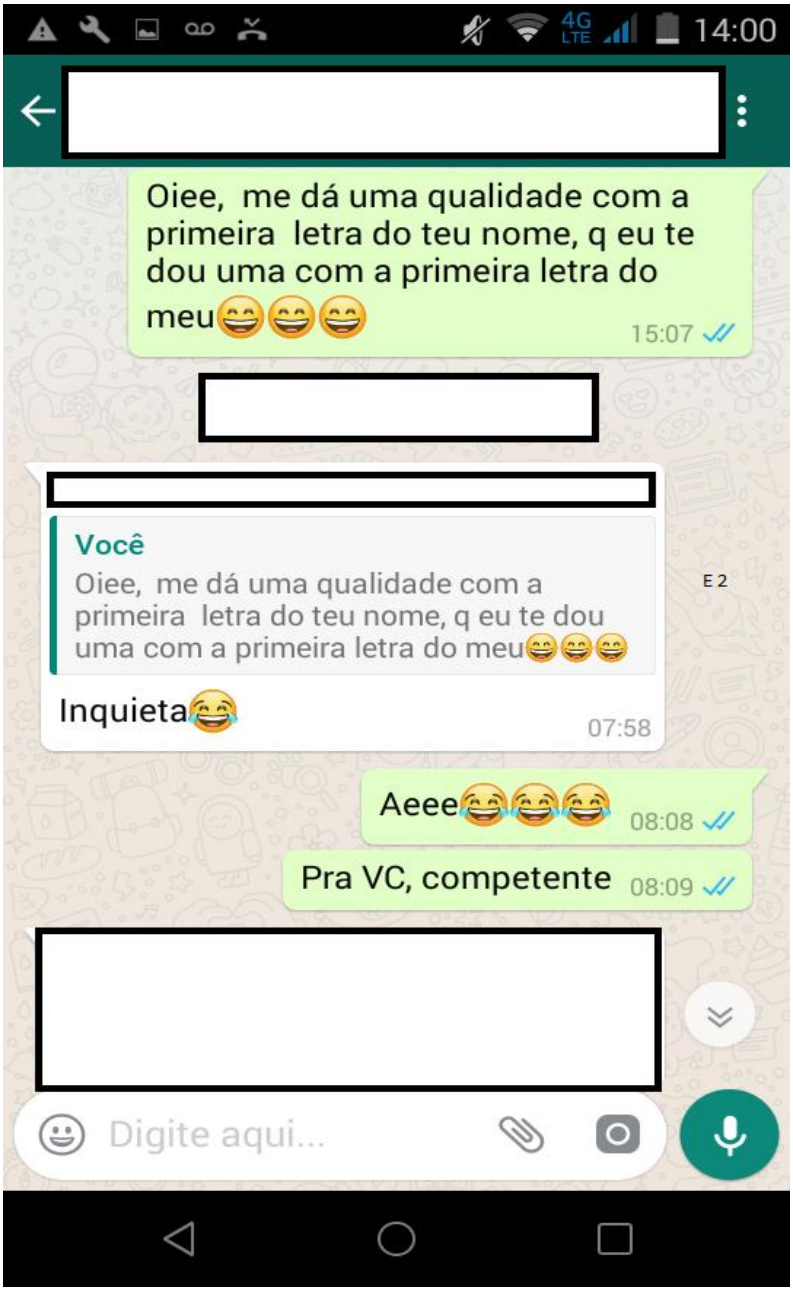
APÊNDICE F.A


13:59
Na moto vc senta pra correr e na privada vc corre pra senta😂
18:39
E 9
Essa é velha 18:39
E9
Vou mandar umas correntes aqui
18:44
E 6
Ah, não,
18:46
Assim não vale 18:46
Corrente, só se for de ouro😂😂😂
18:47
O q vca estão fazendo agora?
18:55
*vcs 18:55
Tô estudando óbvio 19:20
E 9
Digite aqui...

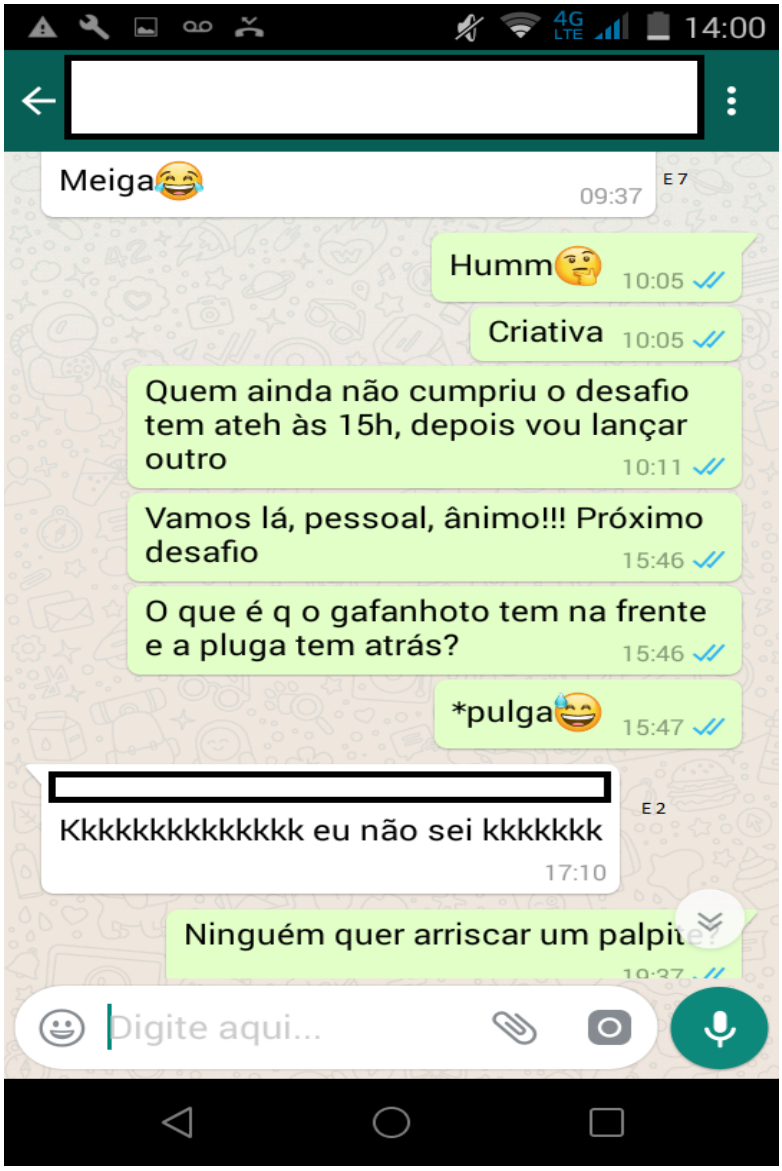
APÊNDICE F.B


13:59
Sim, que pergunta, é claro 19:32
Eu estou assistindo Anabelle 2 19:33
Alguém já assistiu? 19:33
E 6
Nunca assisti esse filme, é bom? 20:34
E 4
Tô estudando óbvio
KKKKK 20:44
Nunca assisti esse filme, é bom?
assustador 21:22
Digite aqui...

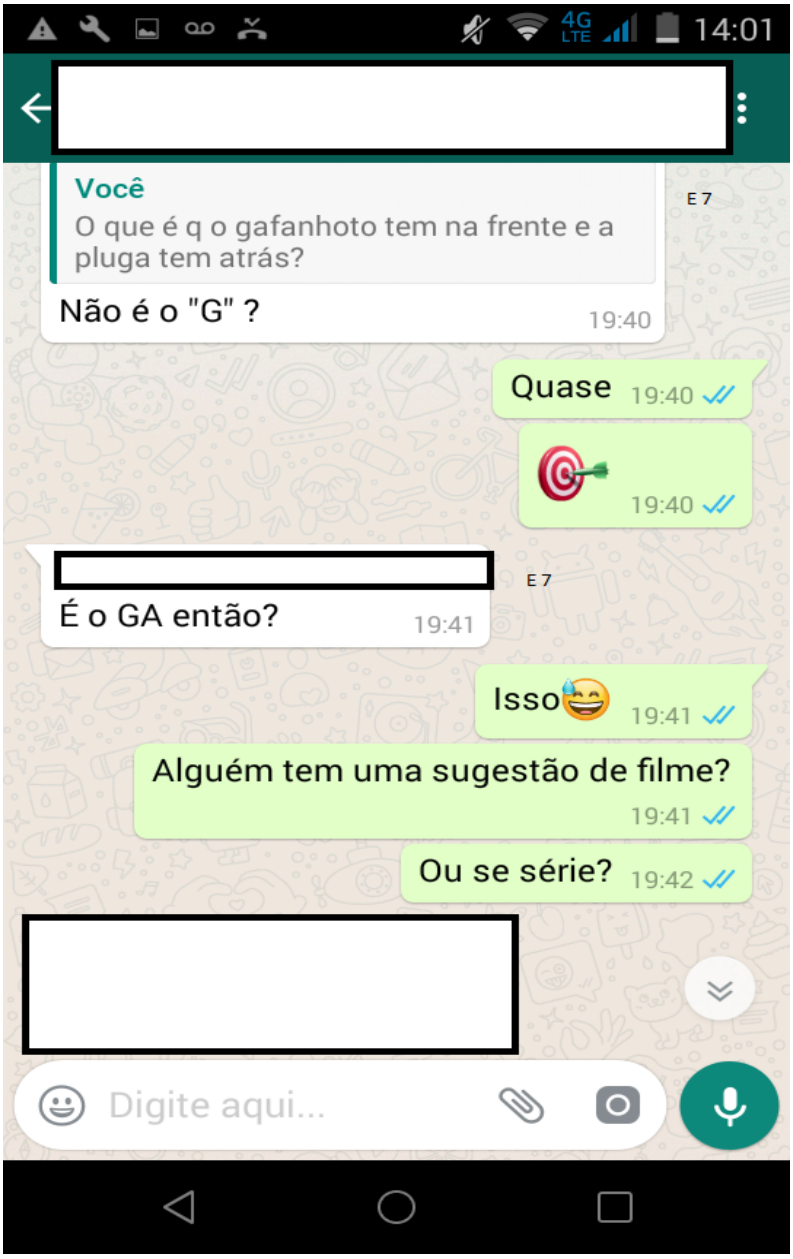
APÊNDICE F.C


14:00
Oiee, me dá uma qualidade com a primeira letra do teu nome, q eu te dou uma com a primeira letra do meu😄😄😄
15:07
Você
Oiee, me dá uma qualidade com a primeira letra do teu nome, q eu te dou uma com a primeira letra do meu😄😄😄
E 2
Inquieta😂
07:58
Aeee😂😂😂
08:08
Pra VC, competente
08:09
Digite aqui...

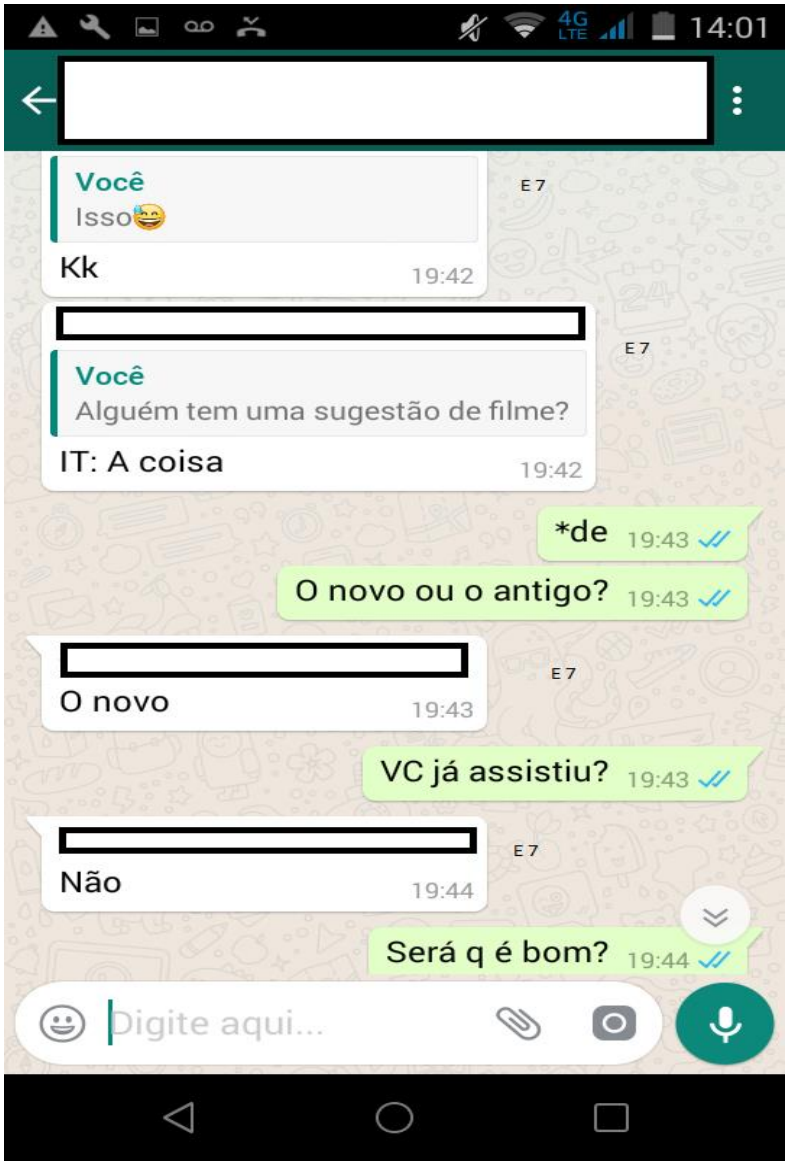
APÊNDICE F.D


14:00
Meiga
09:37
E 7
Humm
10:05
Criativa
10:05
Quem ainda não cumpriu o desafio tem ateh às 15h, depois vou lançar outro
10:11
Vamos lá, pessoal, ânimo!!! Próximo desafio
15:46
O que é q o gafanhoto tem na frente e a pluga tem atrás?
15:46
*pulga
15:47
Kkkkkkkkkkkkkk eu não sei kkkkkkk
17:10
E 2
Ninguém quer arriscar um palpite?
Digite aqui...

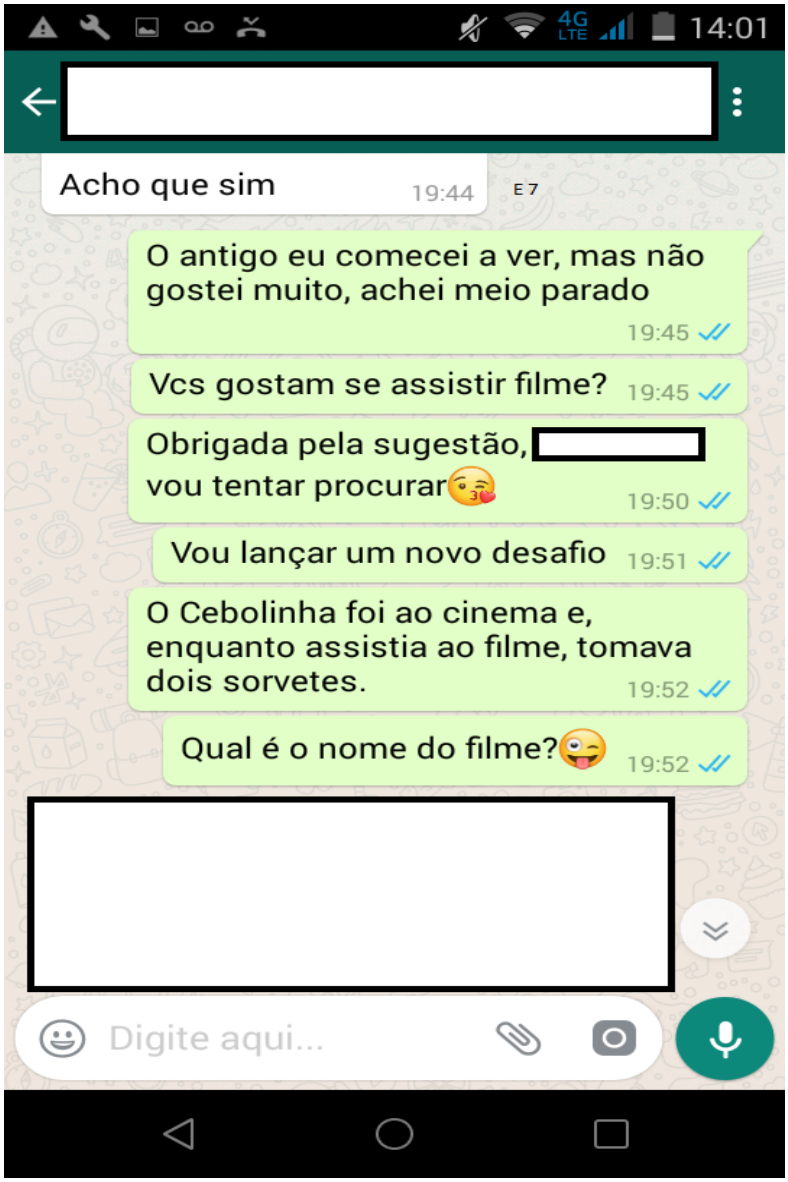
APÊNDICE F.E


14:01
Você
O que é q o gafanhoto tem na frente e a pluga tem atrás?
E 7
Não é o "G" ?
19:40
Quase
19:40
19:40
E 7
É o GA então?
19:41
Isso
19:41
Alguém tem uma sugestão de filme?
19:41
Ou se série?
19:42
Digite aqui...

APÊNDICE F.F


14:01
Você
Isso
Kk
19:42
E 7
Você
Alguém tem uma sugestão de filme?
IT: A coisa
19:42
E 7
*de
19:43
O novo ou o antigo?
19:43
O novo
19:43
E 7
VC já assistiu?
19:43
Não
19:44
E 7
Será q é bom?
19:44
Digite aqui...

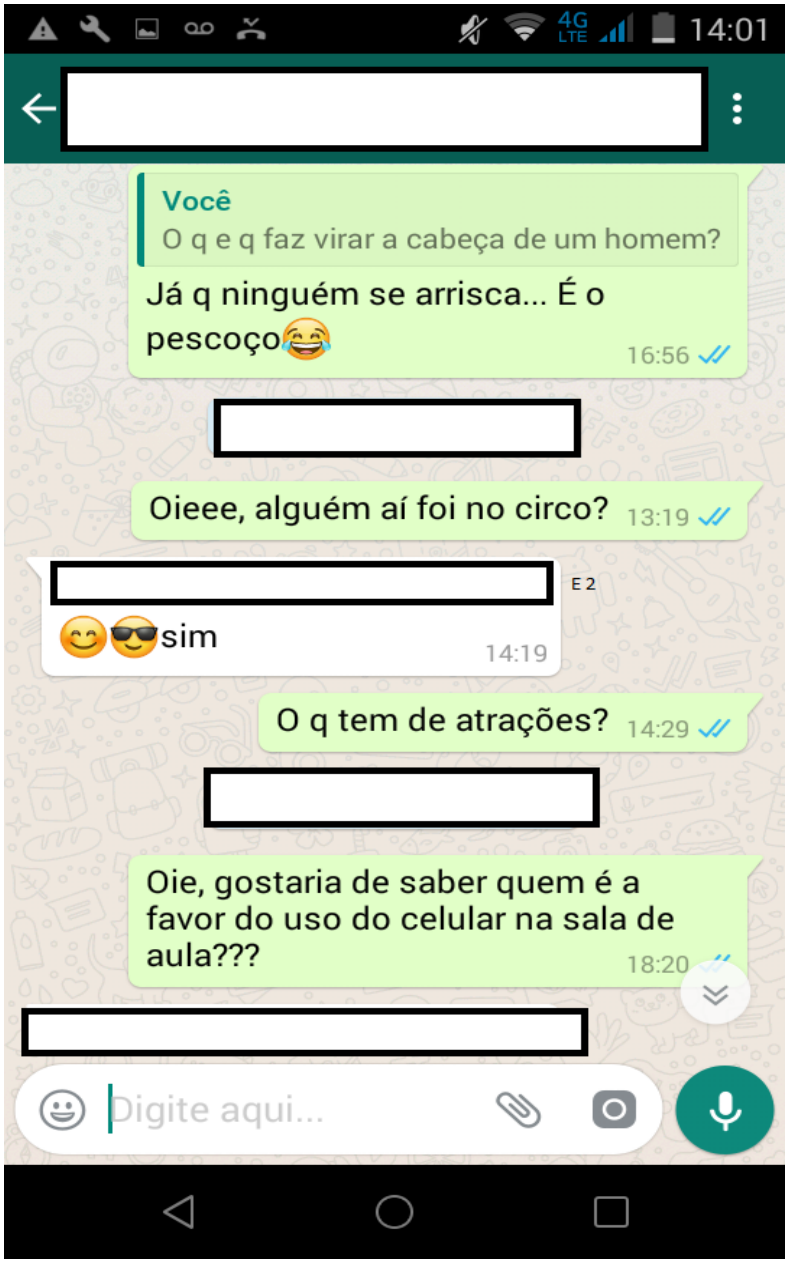
APÊNDICE F.G


14:01
Acho que sim 19:44
E 7
O antigo eu comecei a ver, mas não gostei muito, achei meio parado 19:45
Vcs gostam se assistir filme? 19:45
Obrigada pela sugestão, vou tentar procurar 19:50
Vou lançar um novo desafio 19:51
O Cebolinha foi ao cinema e, enquanto assistia ao filme, tomava dois sorvetes. 19:52
Qual é o nome do filme? 19:52
Digite aqui...

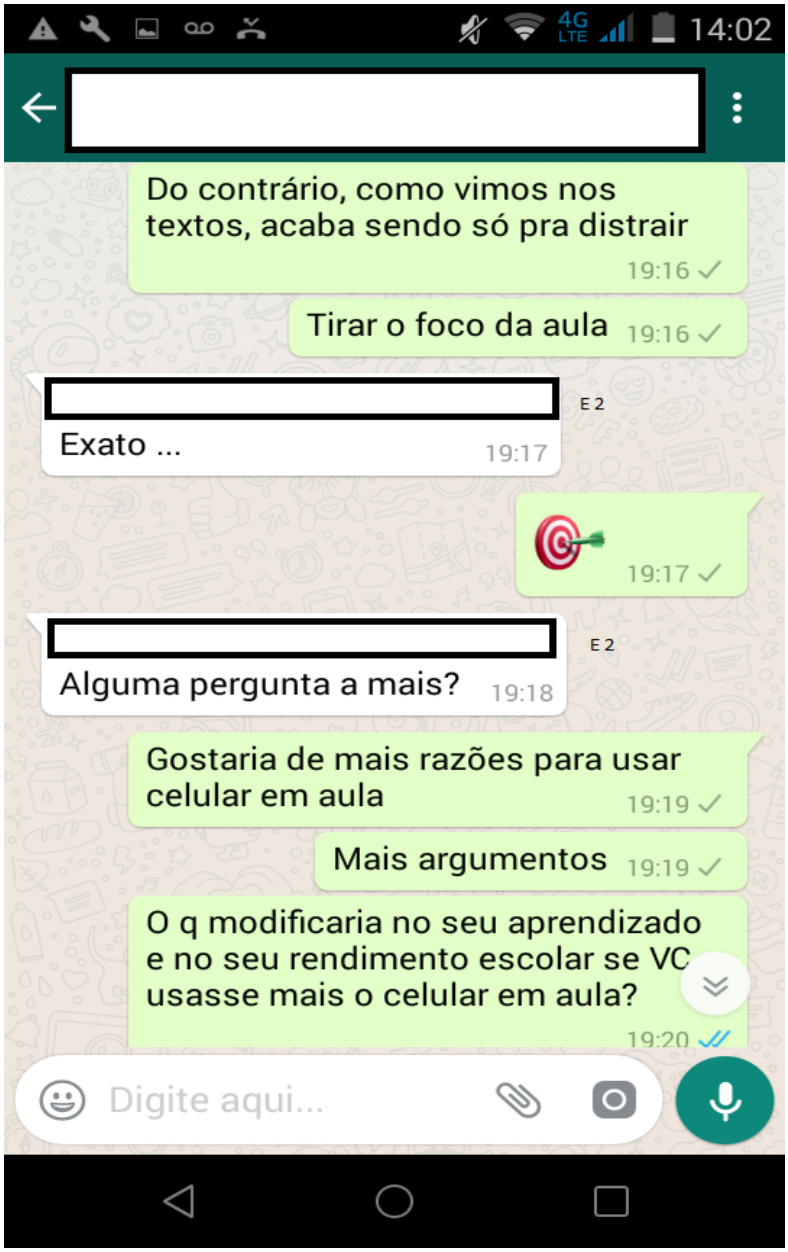
APÊNDICE F.H

14:01
Ninguém sabe essa?😂😂😂
15:05
Você
O Cebolinha foi ao cinema e, enquanto assistia ao filme, tomava dois sorvetes.
Lambo 2
15:18
Novo desafio
15:19
O q e q faz virar a cabeça de um homem?
15:20
@que_isso_fera
Digite aqui...

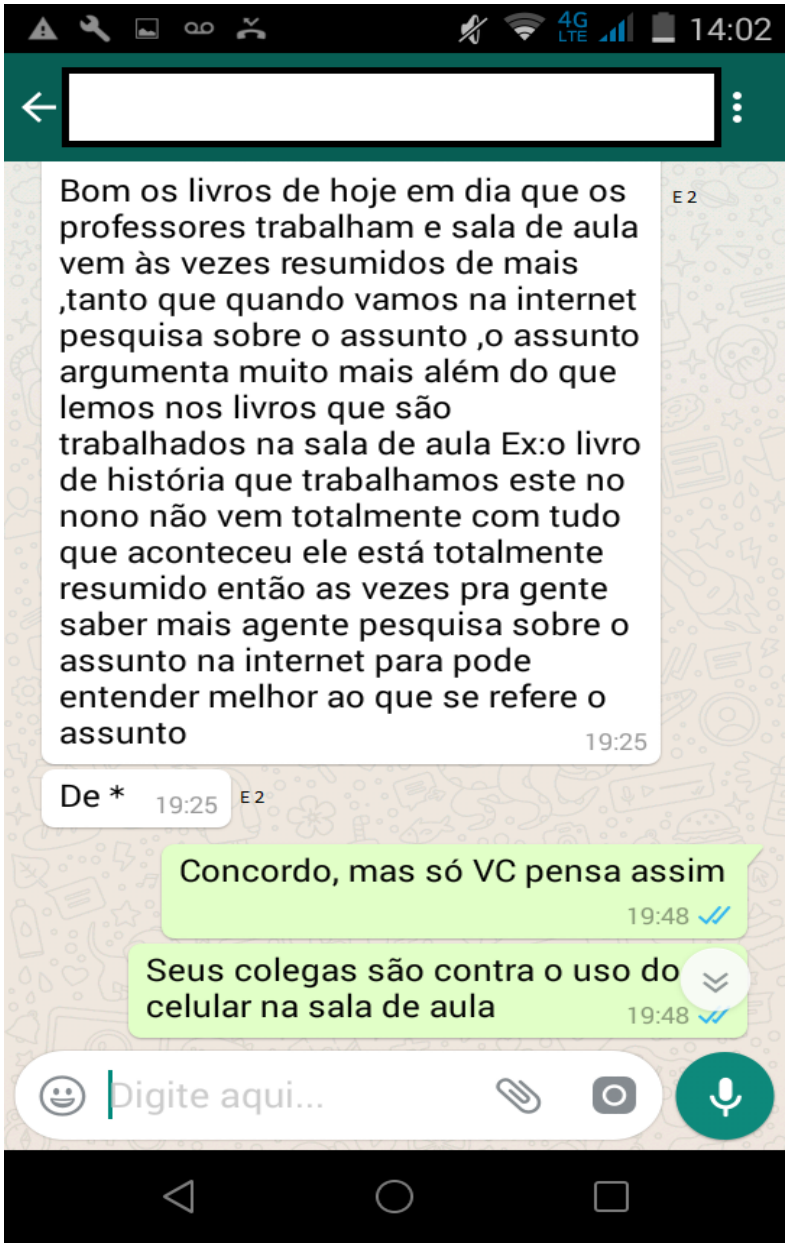
APÊNDICE F.I


14:01
Você
O q e q faz virar a cabeça de um homem?
Já q ninguém se arrisca... É o pescoço
16:56
Oieee, alguém aí foi no circo?
13:19
E 2
sim
14:19
O q tem de atrações?
14:29
Oie, gostaria de saber quem é a favor do uso do celular na sala de aula???
18:20
Digite aqui...

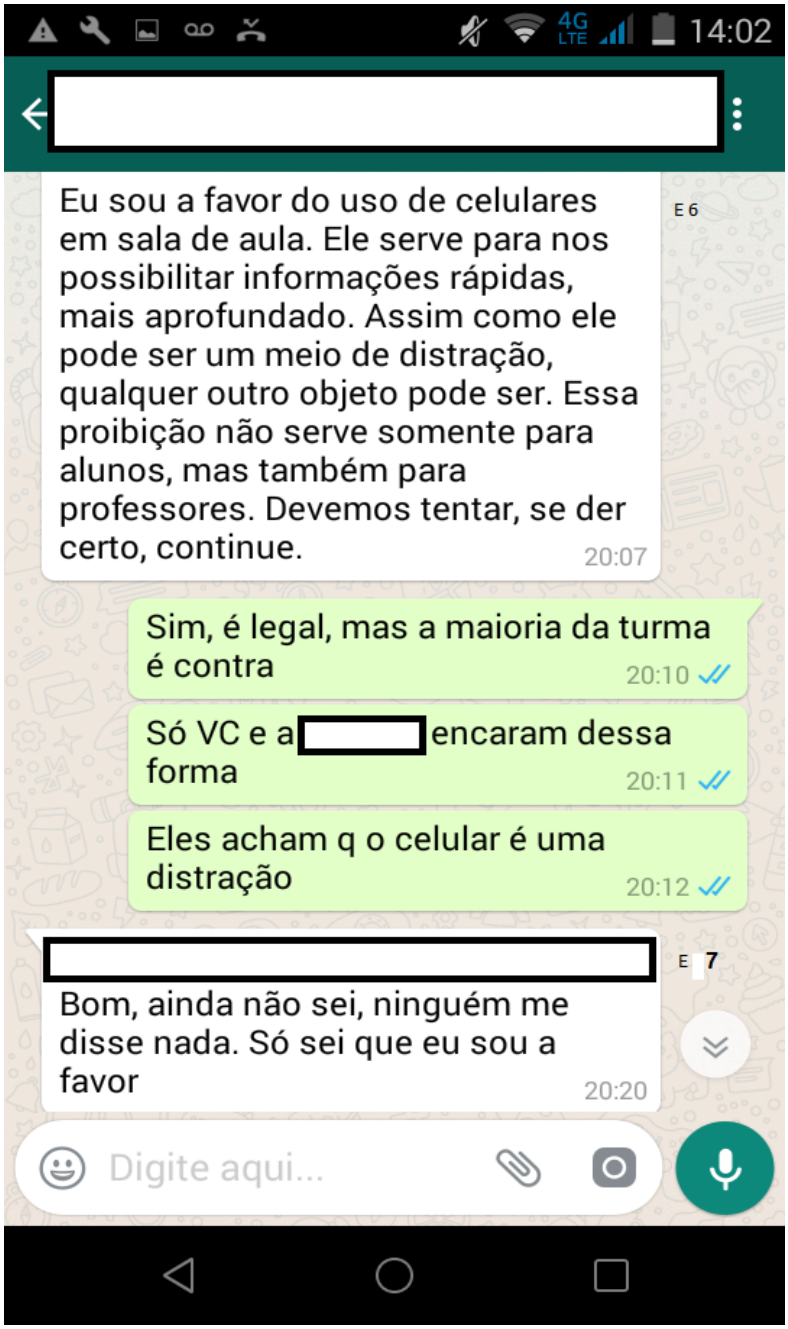
APÊNDICE F.J


14:02
Do contrário, como vimos nos textos, acaba sendo só pra distrair
19:16
Tirar o foco da aula
19:16
E 2
Exato ...
19:17
19:17
E 2
Alguma pergunta a mais?
19:18
Gostaria de mais razões para usar celular em aula
19:19
Mais argumentos
19:19
O q modificaria no seu aprendizado e no seu rendimento escolar se VC usasse mais o celular em aula?
19:20
Digite aqui...

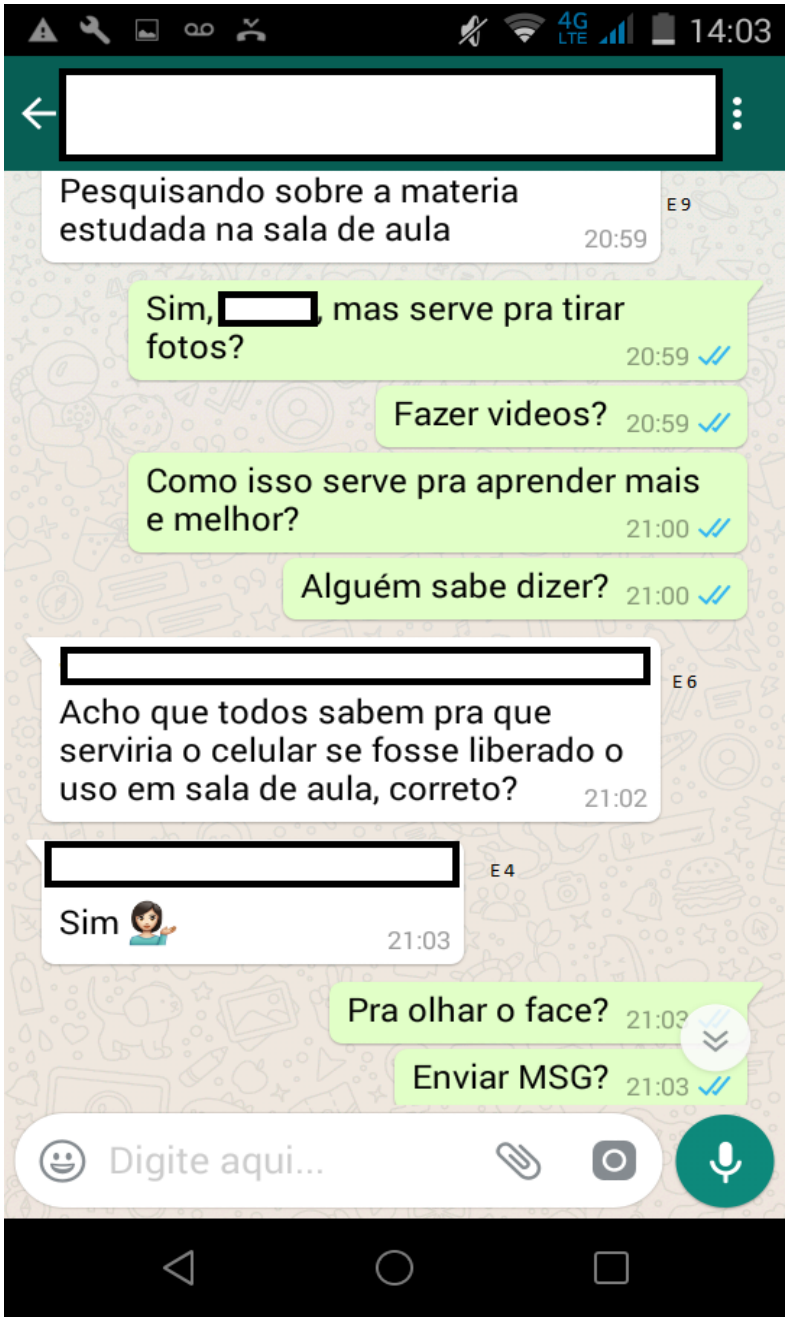
APÊNDICE F.K


14:02
E 2
Bom os livros de hoje em dia que os professores trabalham e sala de aula vem às vezes resumidos de mais ,tanto que quando vamos na internet pesquisa sobre o assunto ,o assunto argumenta muito mais além do que lemos nos livros que são trabalhados na sala de aula Ex:o livro de história que trabalhamos este no nono não vem totalmente com tudo que aconteceu ele está totalmente resumido então as vezes pra gente saber mais agente pesquisa sobre o assunto na internet para pode entender melhor ao que se refere o assunto
19:25
De *
19:25
E 2
Concordo, mas só VC pensa assim
19:48
Seus colegas são contra o uso do celular na sala de aula
19:48
Digite aqui...

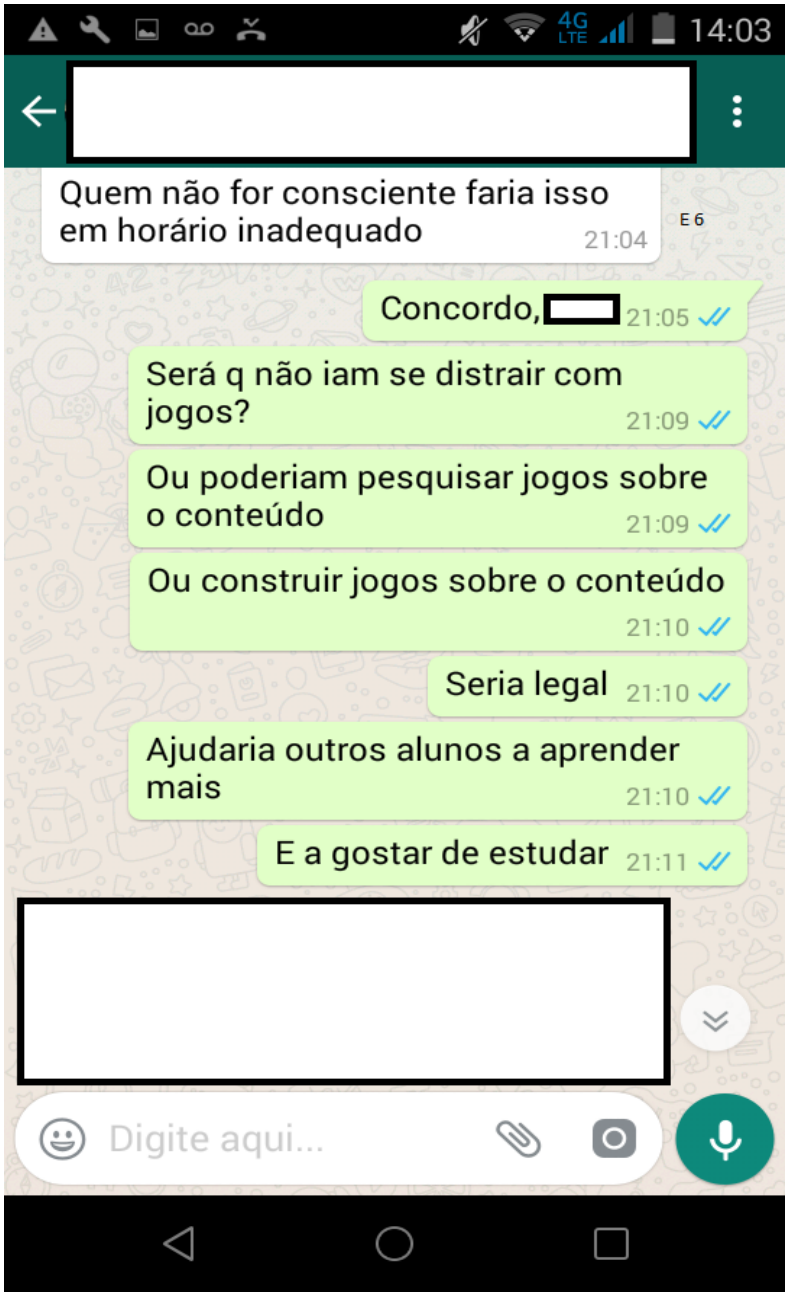
APÊNDICE F.L


14:02
E 6
Eu sou a favor do uso de celulares em sala de aula. Ele serve para nos possibilitar informações rápidas, mais aprofundado. Assim como ele pode ser um meio de distração, qualquer outro objeto pode ser. Essa proibição não serve somente para alunos, mas também para professores. Devemos tentar, se der certo, continue.
20:07
Sim, é legal, mas a maioria da turma é contra
20:10
Só VC e a [redacted] encaram dessa forma
20:11
Eles acham q o celular é uma distração
20:12
E 7
Bom, ainda não sei, ninguém me disse nada. Só sei que eu sou a favor
20:20
Digite aqui...

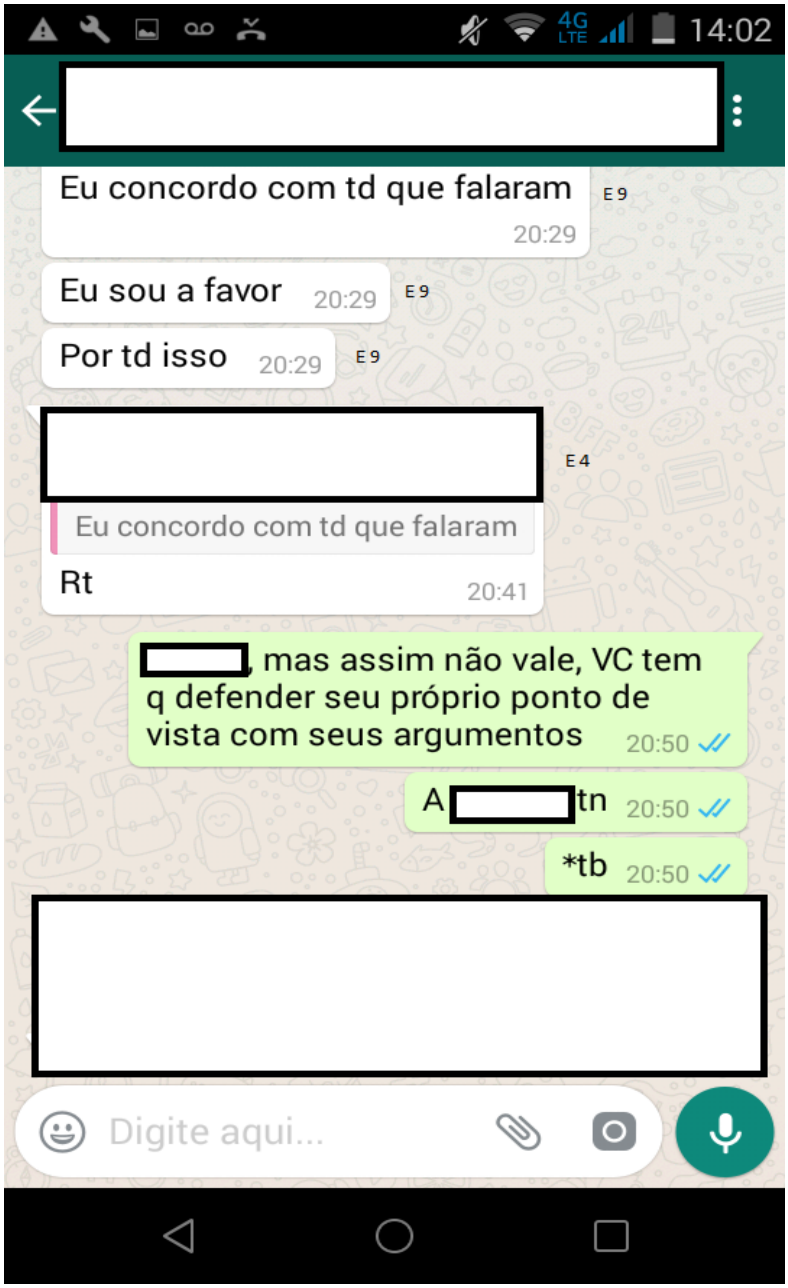
APÊNDICE F.M


14:03
Pesquisando sobre a materia estudada na sala de aula 20:59
E 9
Sim, [redacted], mas serve pra tirar fotos? 20:59
Fazer videos? 20:59
Como isso serve pra aprender mais e melhor? 21:00
Alguém sabe dizer? 21:00
[redacted]
E 6
Acho que todos sabem pra que serviria o celular se fosse liberado o uso em sala de aula, correto? 21:02
[redacted]
E 4
Sim 21:03
Pra olhar o face? 21:03
Enviar MSG? 21:03
Digite aqui...

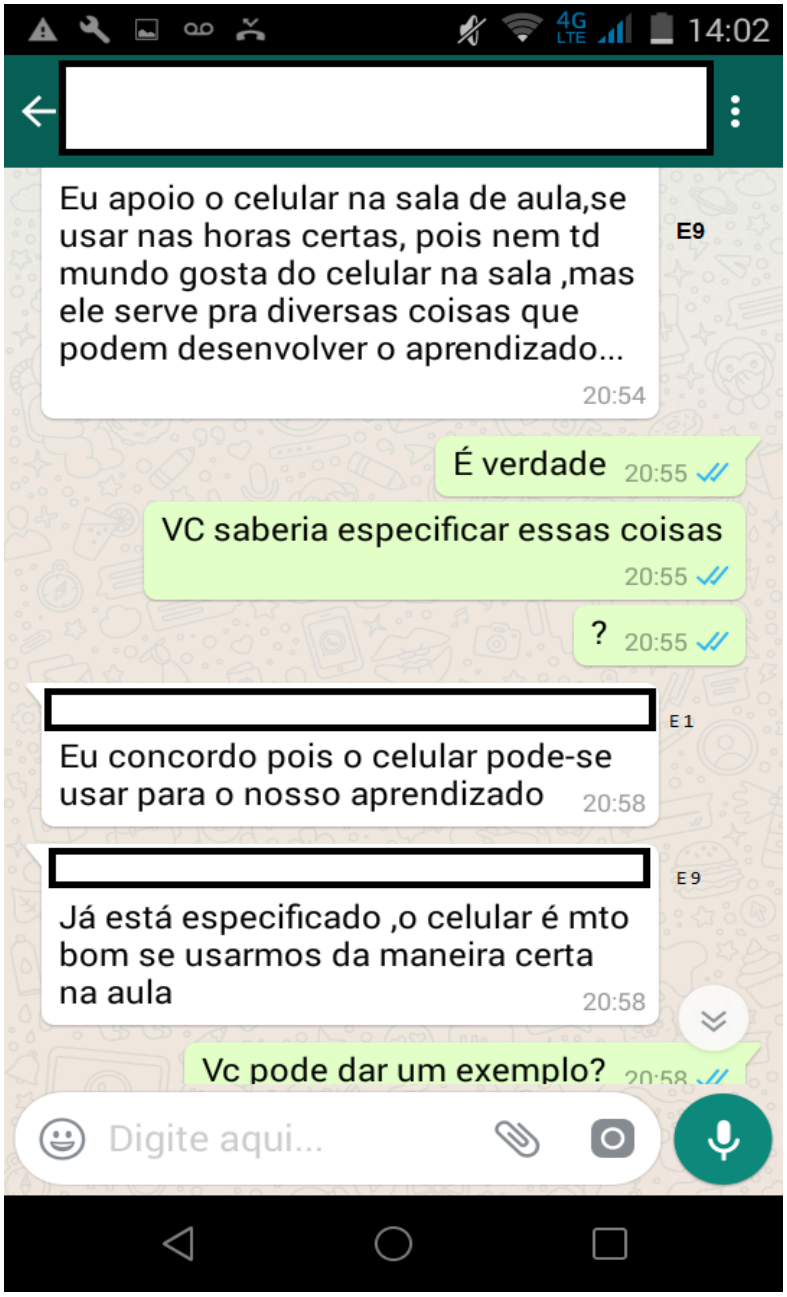
APÊNDICE F.N


14:03
Quem não for consciente faria isso em horário inadequado 21:04
E 6
Concordo, 21:05
Será q não iam se distrair com jogos? 21:09
Ou poderiam pesquisar jogos sobre o conteúdo 21:09
Ou construir jogos sobre o conteúdo 21:10
Seria legal 21:10
Ajudaria outros alunos a aprender mais 21:10
E a gostar de estudar 21:11
Digite aqui...

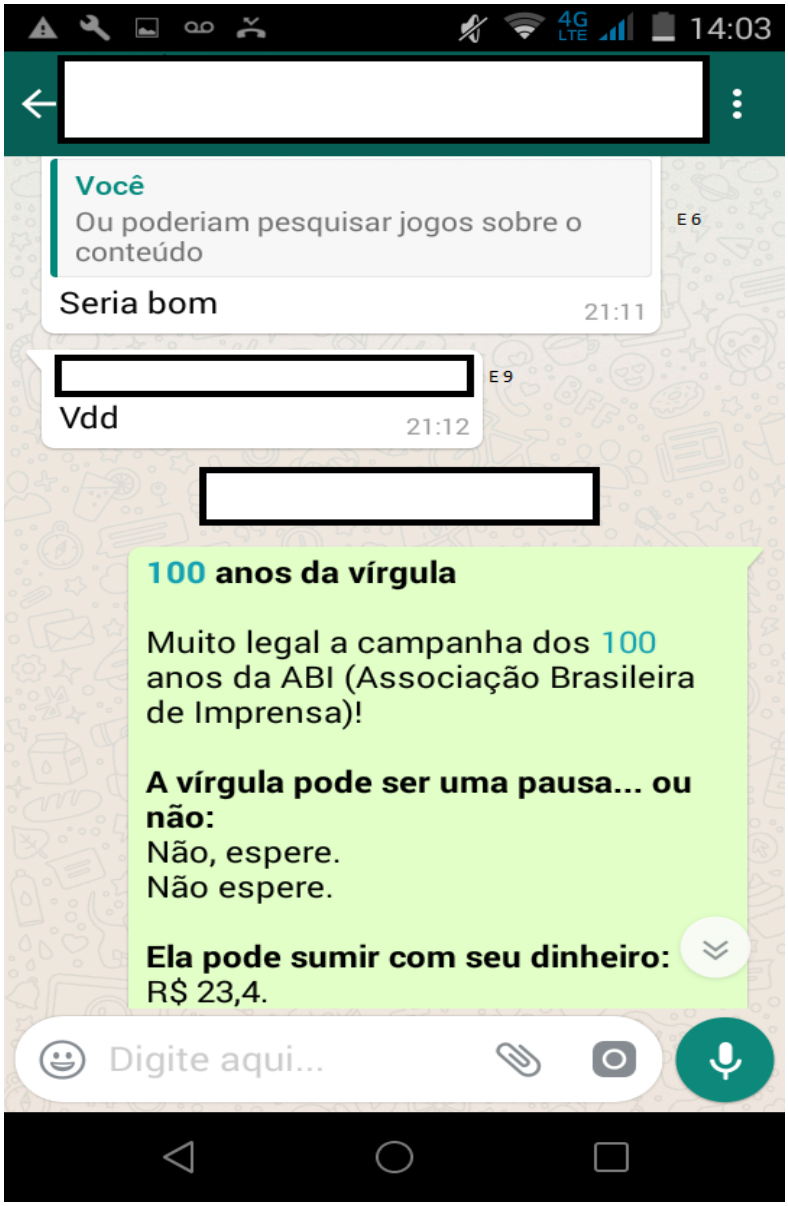
APÊNDICE F.O


14:02
Eu concordo com td que falaram
20:29
E9
Eu sou a favor
20:29
E9
Por td isso
20:29
E9
E4
Eu concordo com td que falaram
Rt
20:41
, mas assim não vale, VC tem q defender seu próprio ponto de vista com seus argumentos
20:50
A tn
20:50
*tb
20:50
Digite aqui...

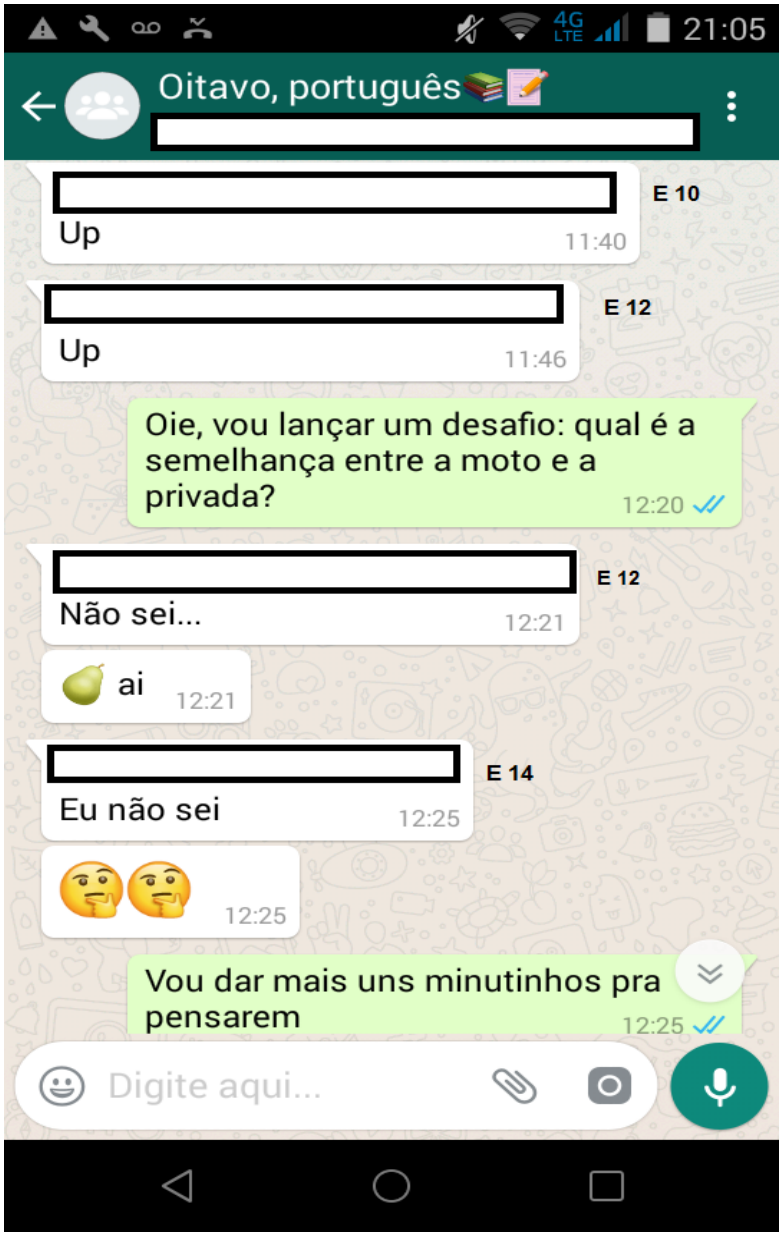
APÊNDICE F.P


14:02
Eu apoio o celular na sala de aula,se usar nas horas certas, pois nem td mundo gosta do celular na sala ,mas ele serve pra diversas coisas que podem desenvolver o aprendizado...
20:54
E9
É verdade 20:55
VC saberia especificar essas coisas
20:55
? 20:55
E1
Eu concordo pois o celular pode-se usar para o nosso aprendizado 20:58
E9
Já está especificado ,o celular é mto bom se usarmos da maneira certa na aula
20:58
Vc pode dar um exemplo? 20:58
Digite aqui...

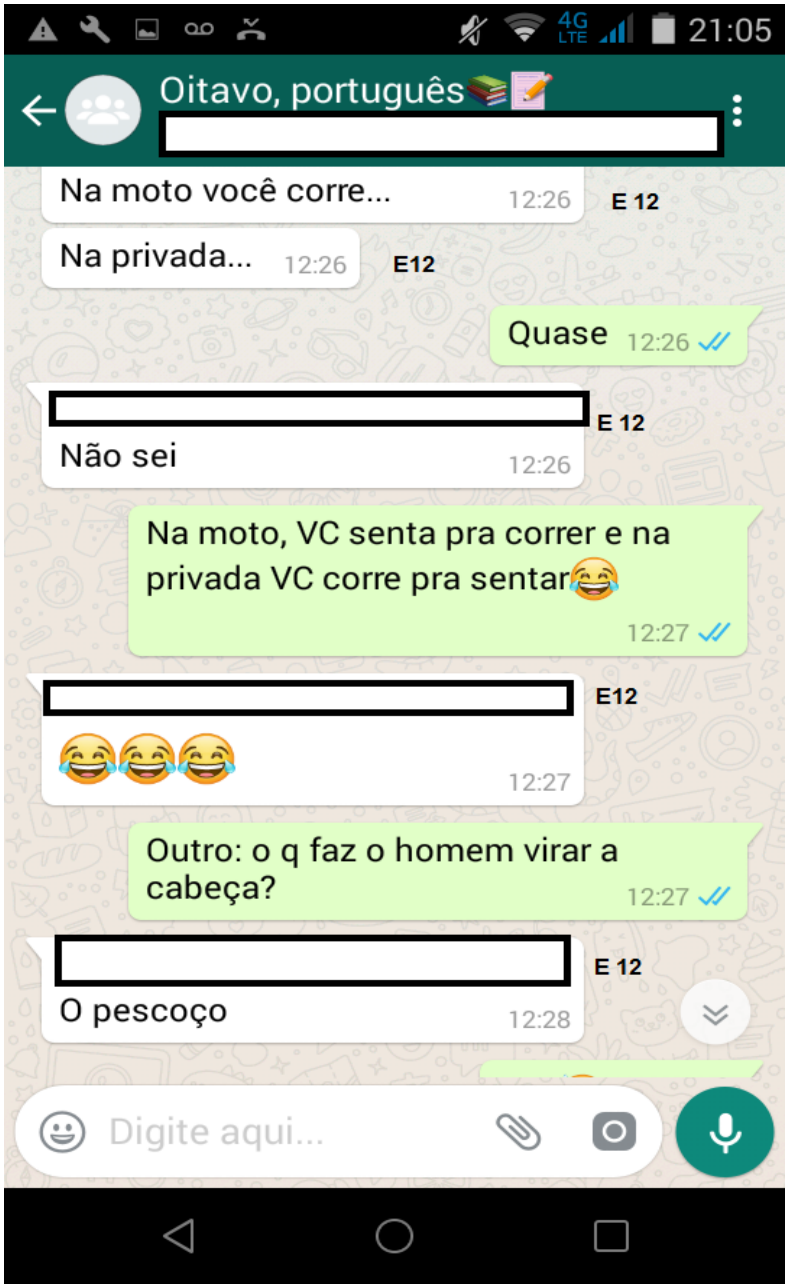
APÊNDICE F.Q


14:03
Você
Ou poderiam pesquisar jogos sobre o conteúdo
E 6
Seria bom
21:11
E 9
Vdd
21:12
100 anos da vírgula
Muito legal a campanha dos 100 anos da ABI (Associação Brasileira de Imprensa)!
A vírgula pode ser uma pausa... ou não:
Não, espere.
Não espere.
Ela pode sumir com seu dinheiro:
R$ 23,4.
Digite aqui...

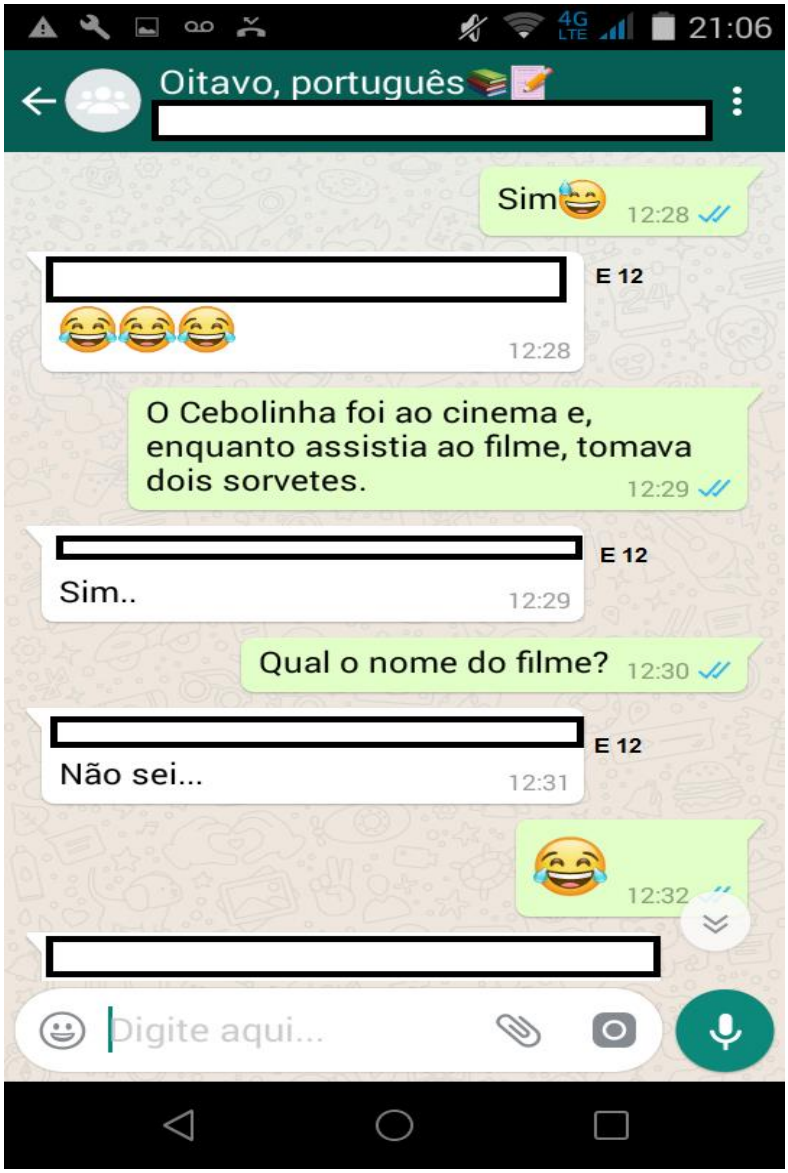
APÊNDICE F.R


21:05
Oitavo, português
[redacted]
[redacted]
Up
11:40
E 10
[redacted]
Up
11:46
E 12
Oie, vou lançar um desafio: qual é a semelhança entre a moto e a privada?
12:20
[redacted]
Não sei...
12:21
E 12
ai
12:21
[redacted]
Eu não sei
12:25
E 14
12:25
Vou dar mais uns minutinhos pra pensarem
12:25
Digite aqui...

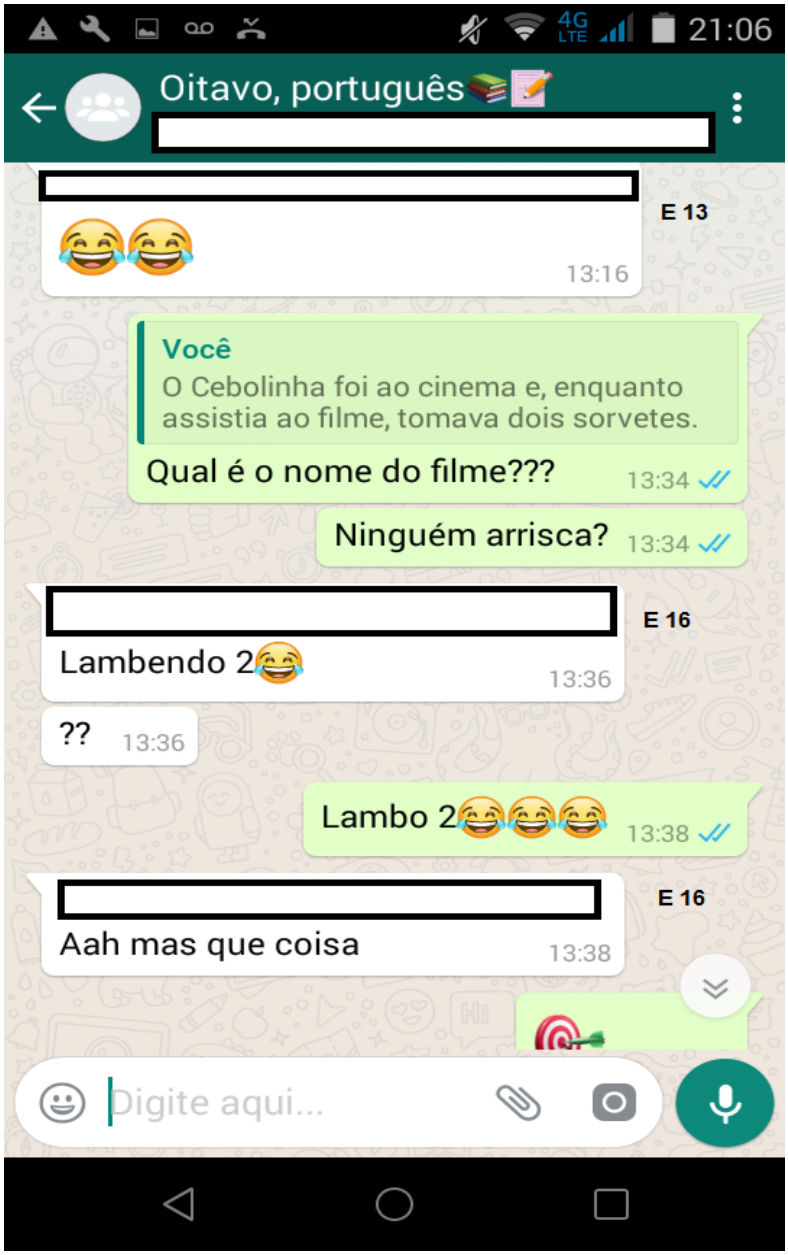
APÊNDICE F.S


21:05
Oitavo, português
[redacted]
Na moto você corre... 12:26
E 12
Na privada... 12:26
E12
Quase 12:26
[redacted]
E 12
Não sei 12:26
Na moto, VC senta pra correr e na privada VC corre pra sentar😂
12:27
[redacted]
E12
😂😂😂
12:27
Outro: o q faz o homem virar a cabeça?
12:27
[redacted]
E 12
O pescoço 12:28
Digite aqui...

APÊNDICE F.T


21:06
Oitavo, português
[redacted]
Sim
12:28
[redacted]
E 12
12:28
O Cebolinha foi ao cinema e, enquanto assistia ao filme, tomava dois sorvetes.
12:29
[redacted]
E 12
Sim..
12:29
Qual o nome do filme?
12:30
[redacted]
E 12
Não sei...
12:31
12:32
[redacted]
Digite aqui...

APÊNDICE F.U


21:06
Oitavo, português
[redacted]
[redacted]
E 13
13:16
Você
O Cebolinha foi ao cinema e, enquanto assistia ao filme, tomava dois sorvetes.
Qual é o nome do filme???
13:34
Ninguém arrisca?
13:34
[redacted]
E 16
Lambendo 2
13:36
??
13:36
Lambo 2
13:38
[redacted]
E 16
Aah mas que coisa
13:38
Digite aqui...

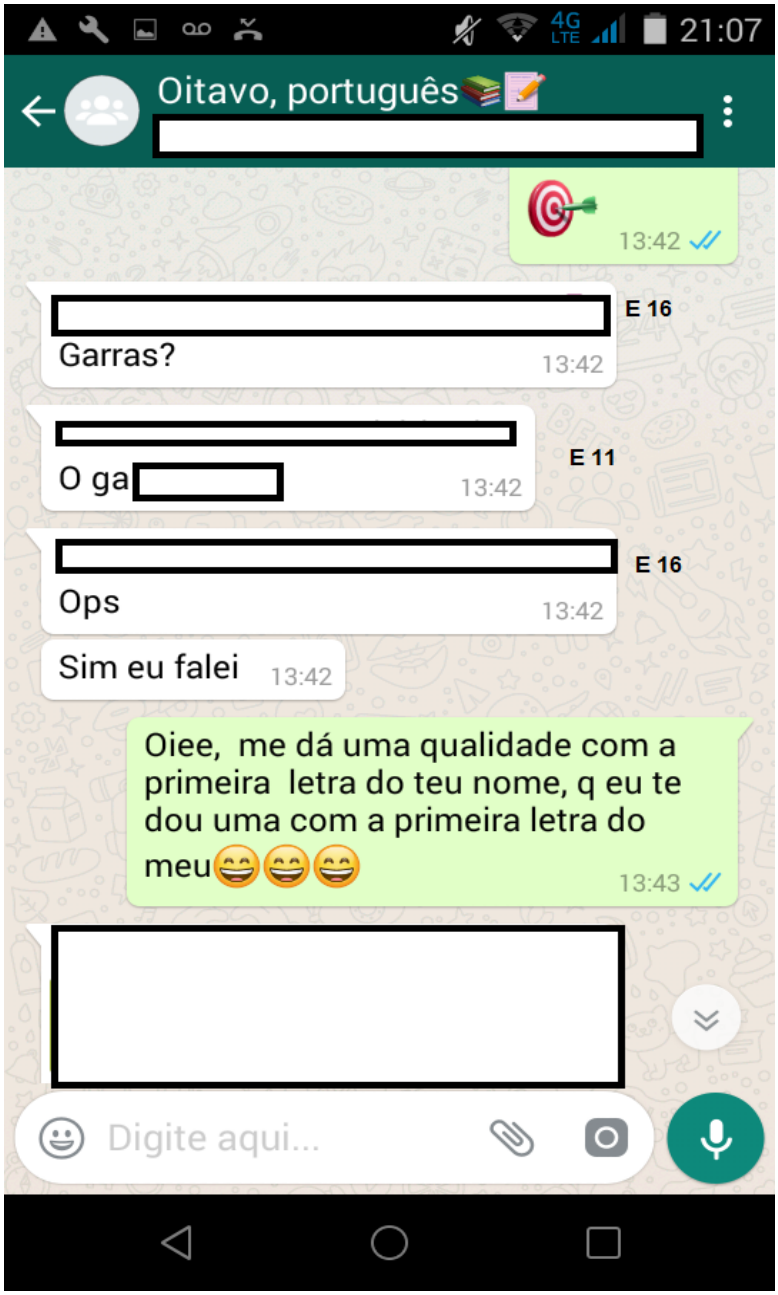
APÊNDICE F.V

21:07
Oitavo, português
[redacted]
13:39
Quase 13:39
[redacted]
E 16
Sim 13:39
@que_isso_fera
13:39
[redacted]
Digite aqui...

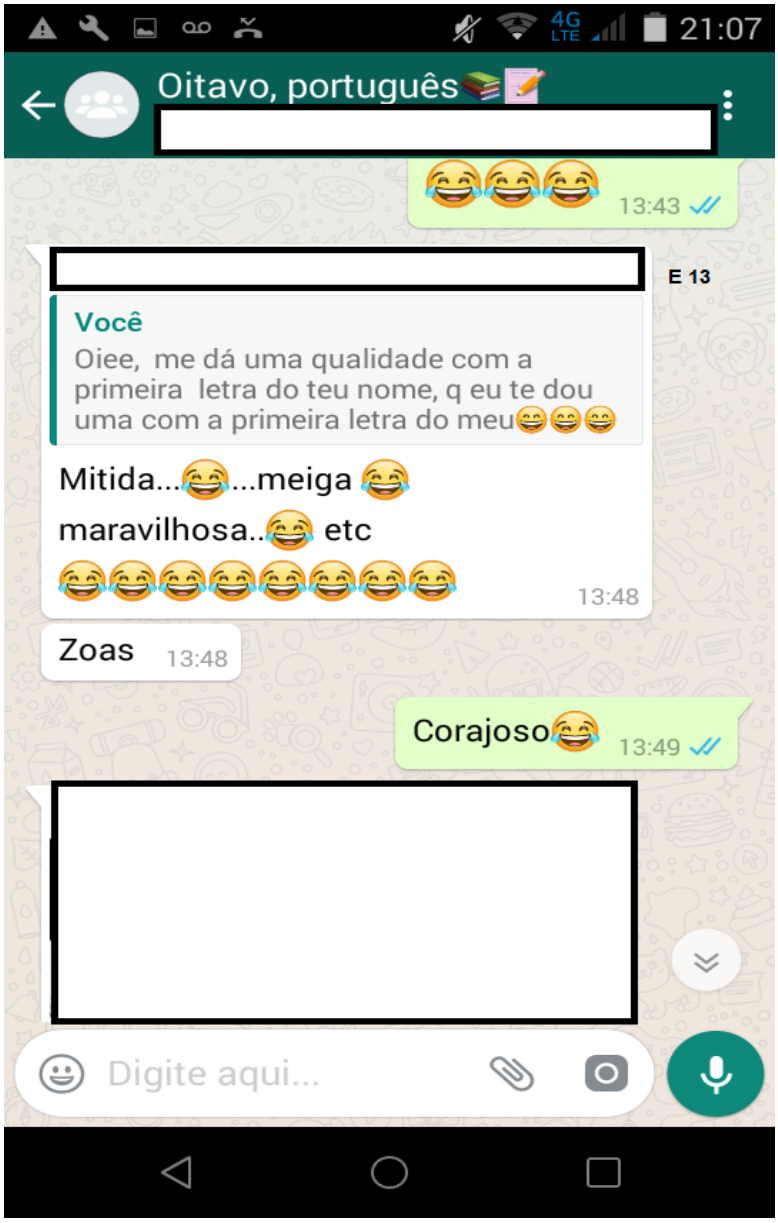
APÊNDICE F.W

21:07
Oitavo, português
[redacted]
[redacted]
E 16
Eu fazendo drama
13:40
13:40
O que é q o gafanhoto tem na frente e a pluga tem atrás?
13:41
[redacted]
E 11
Patas
13:41
Não
13:42
Outra chance
13:42
[redacted]
E 16
GA
13:42
Kkkkkkk
13:42
Aeee
13:42
Isso
13:42
Digite aqui...

APÊNDICE FX


21:07
Oitavo, português
[redacted]
13:42
[redacted]
E 16
Garras?
13:42
[redacted]
O ga[redacted]
13:42
E 11
[redacted]
E 16
Ops
13:42
Sim eu falei
13:42
Oiee, me dá uma qualidade com a primeira letra do teu nome, q eu te dou uma com a primeira letra do meu
13:43
[redacted]
Digite aqui...

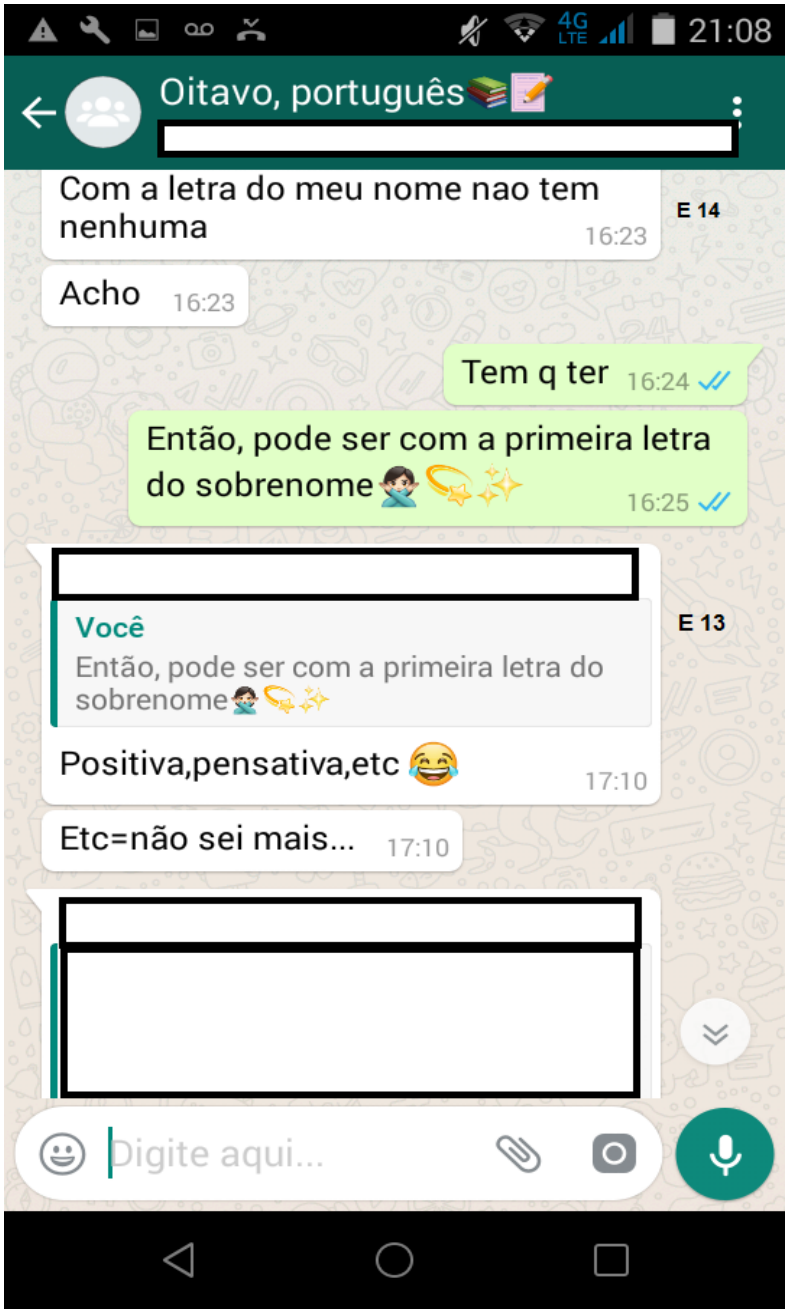
APÊNDICE F.Y


21:07
Oitavo, português
[redacted]
13:43
[redacted]
E 13
Você
Oiee, me dá uma qualidade com a primeira letra do teu nome, q eu te dou uma com a primeira letra do meu
Mitida...
...meiga
maravilhosa..
etc
13:48
Zoas
13:48
Corajoso
13:49
[redacted]
Digite aqui...

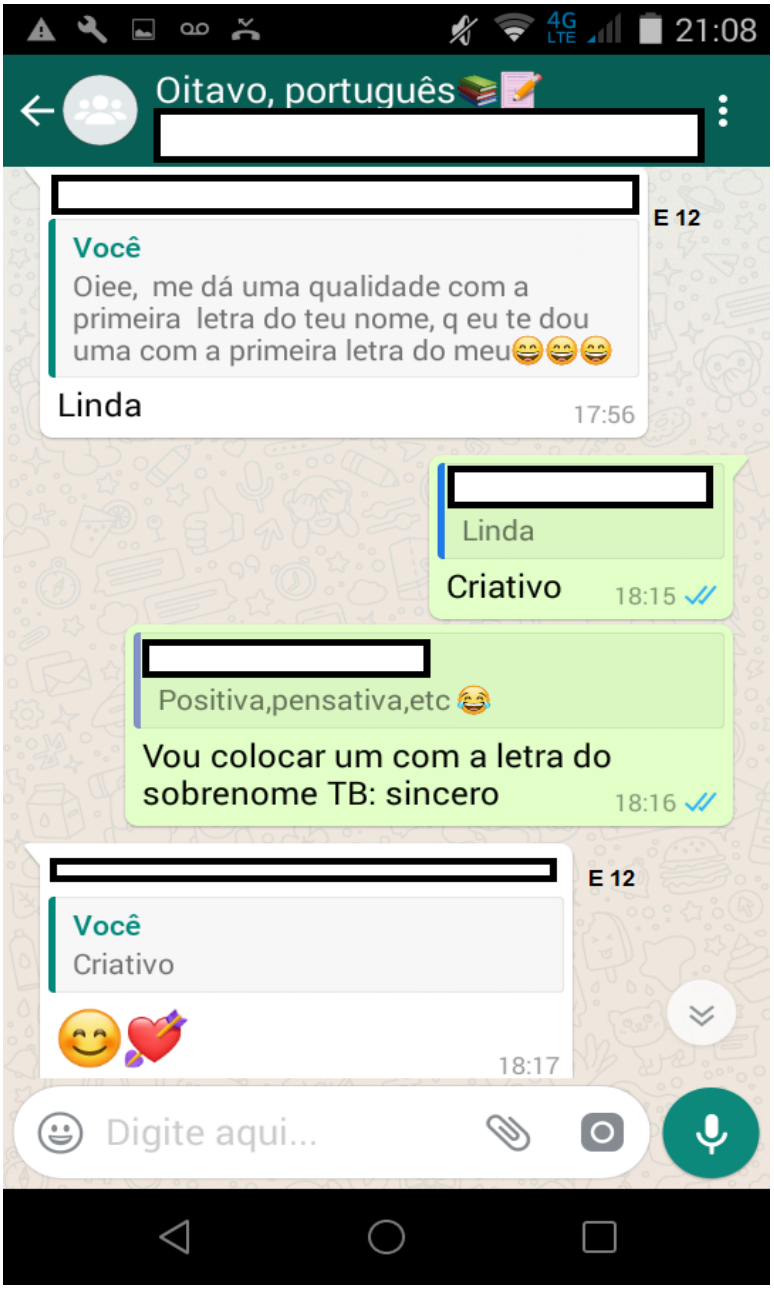
APÊNDICE F.Z

21:08
Oitavo, português
E 13
AQUI TEM
CORAGEM
GERADORMEMES.COM
13:51
13:52
Você
Oiee, me dá uma qualidade com a primeira letra do teu nome, q eu te dou uma com a primeira letra do meu
vamos, gente!!!
Digite aqui...

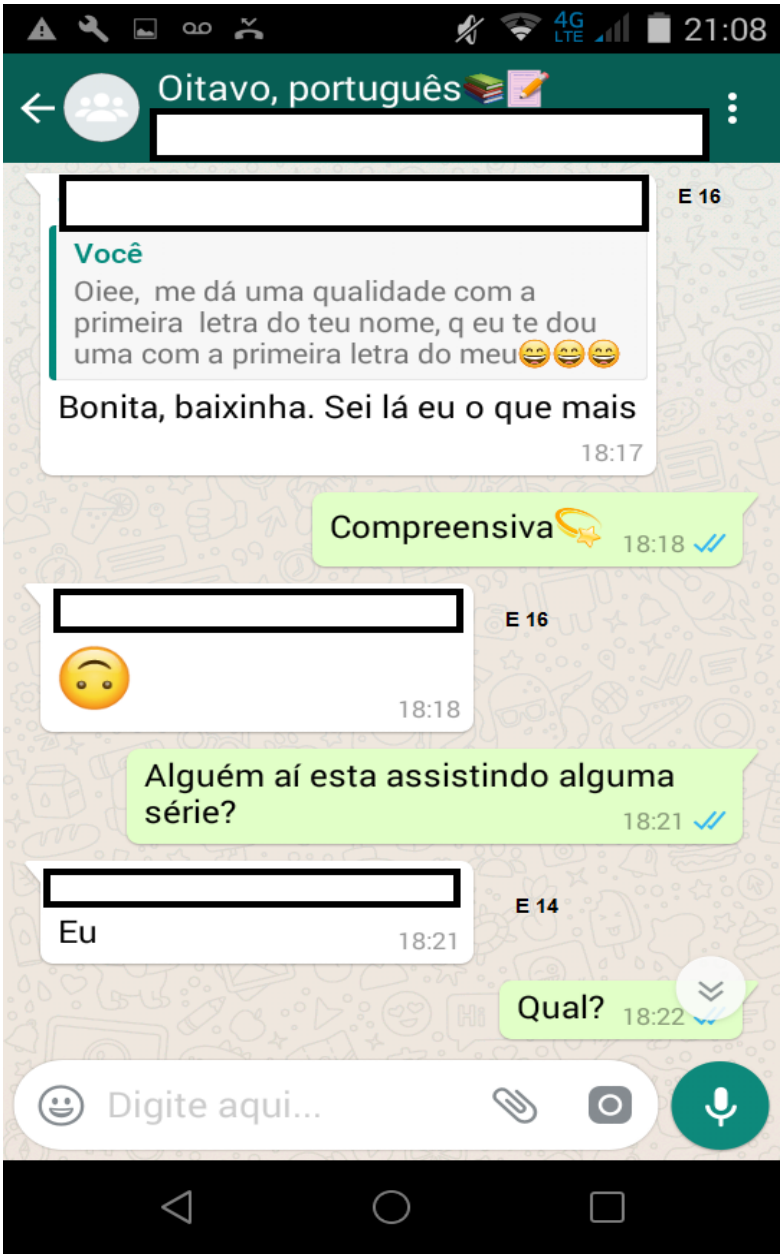
APÊNDICE F.A.A



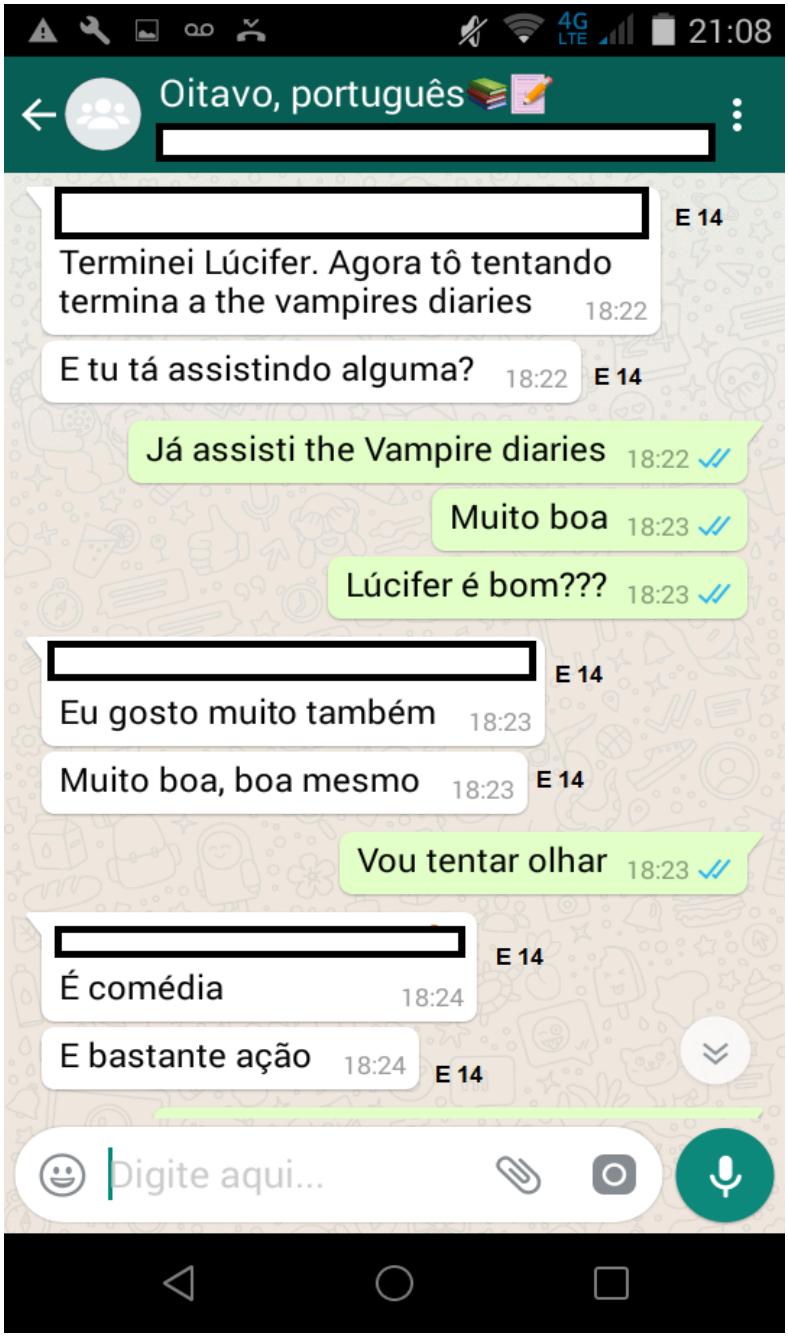
APÊNDICE F.A.B



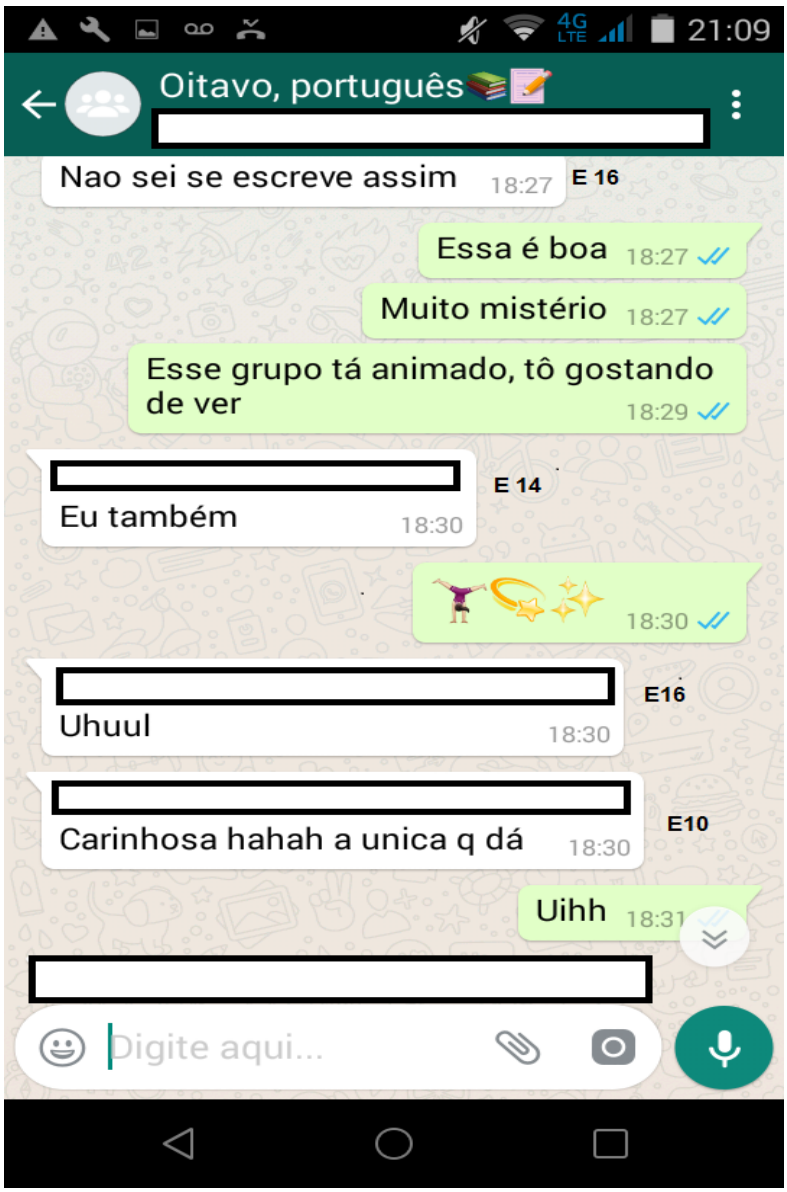
APÊNDICE F.A.C



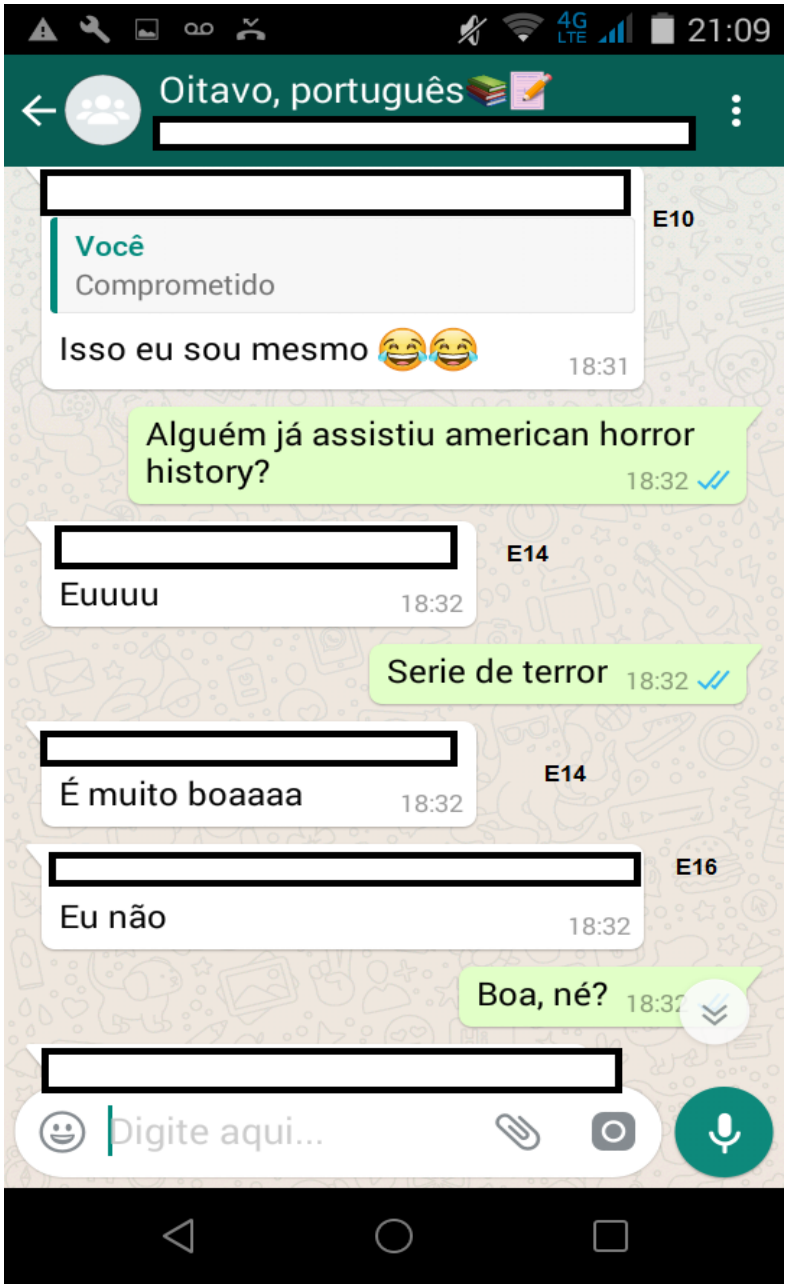
APÊNDICE F.A.D



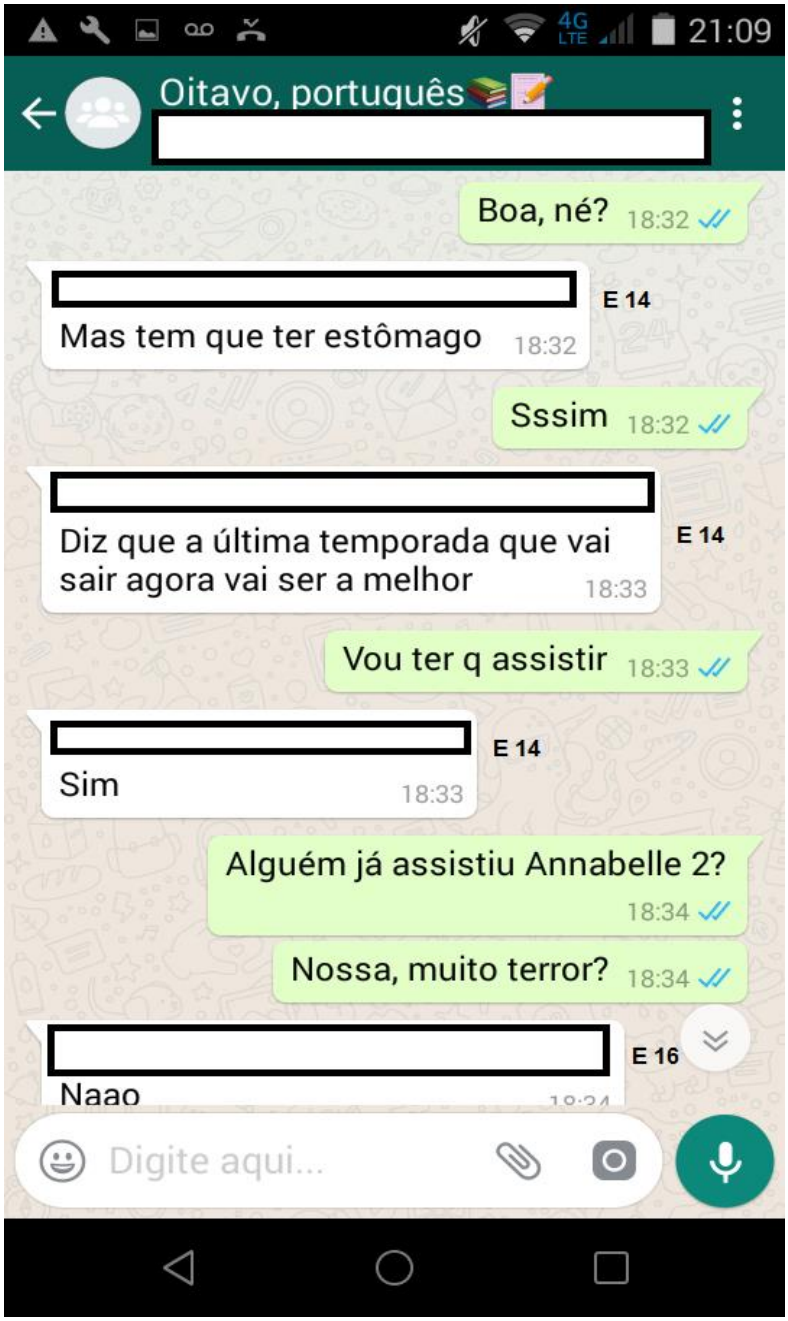
APÊNDICE F.A.E



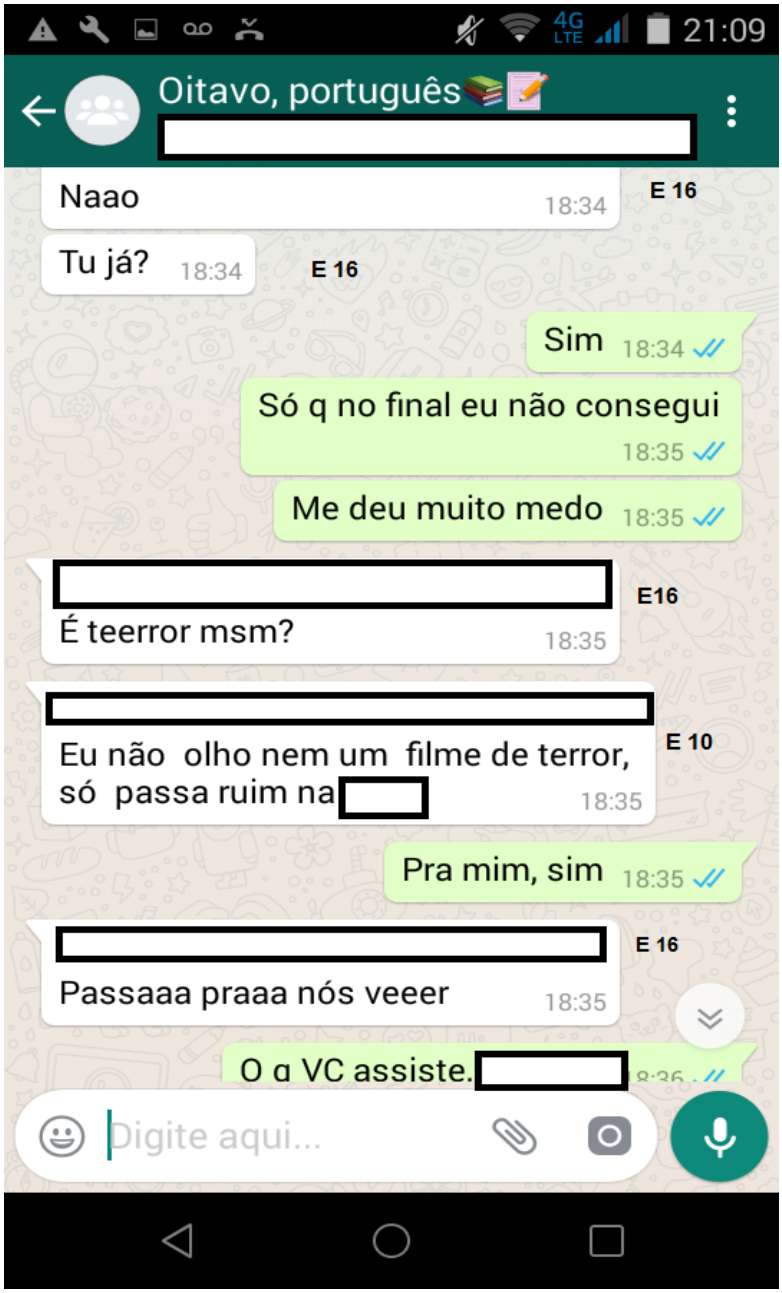
APÊNDICE F.A.F



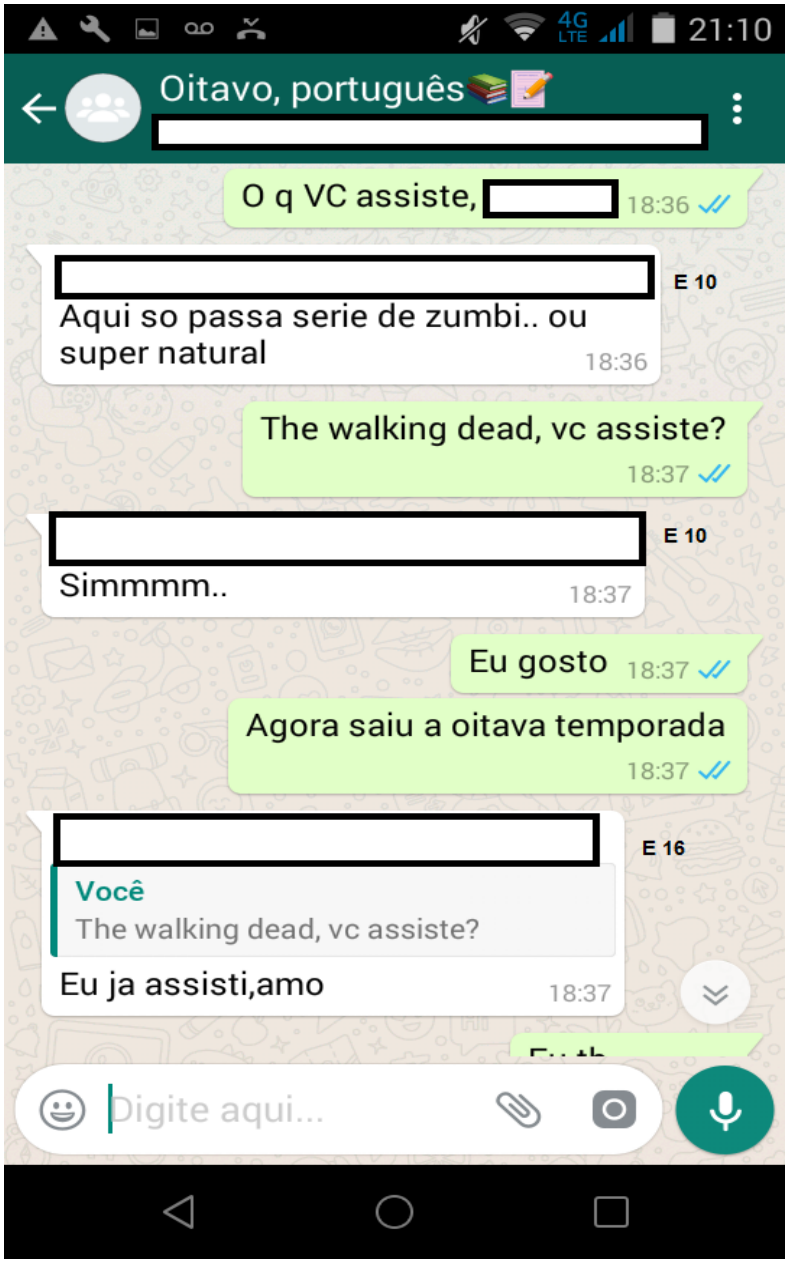
APÊNDICE F.A.G



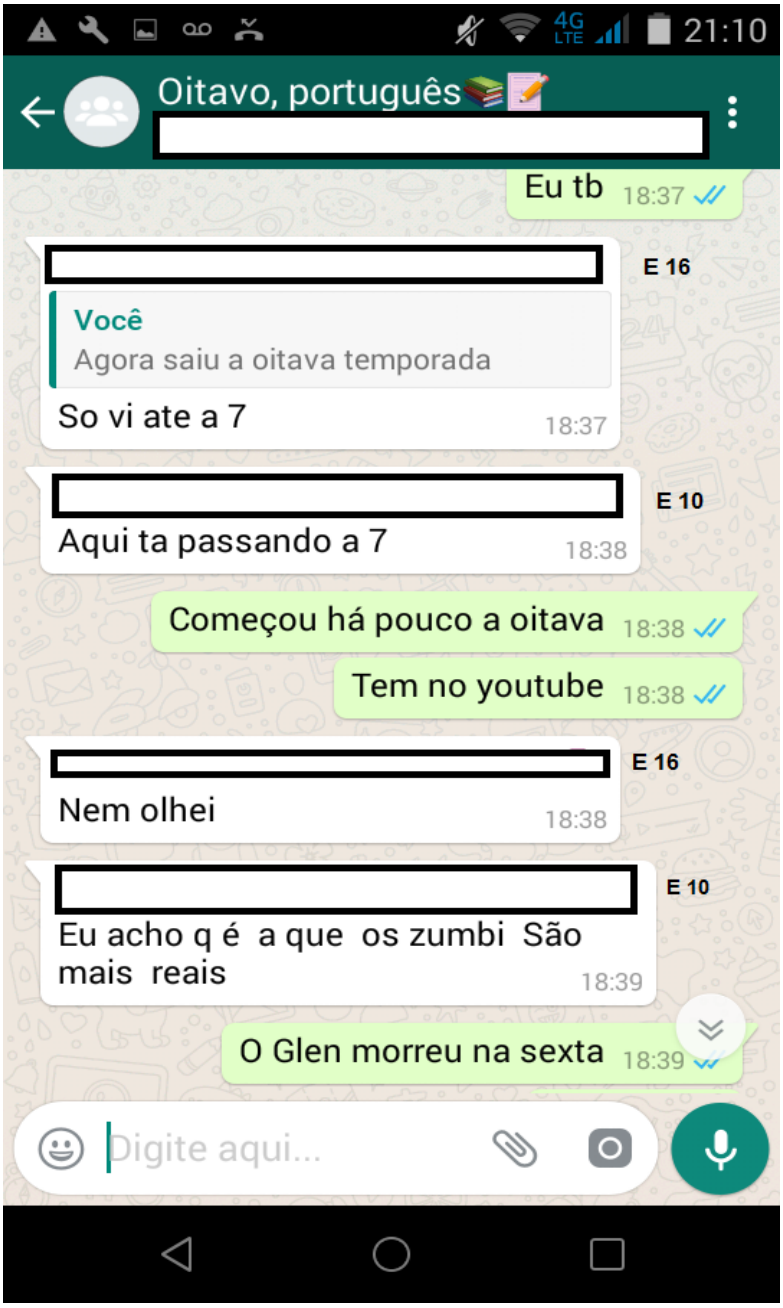
APÊNDICE F.A.H



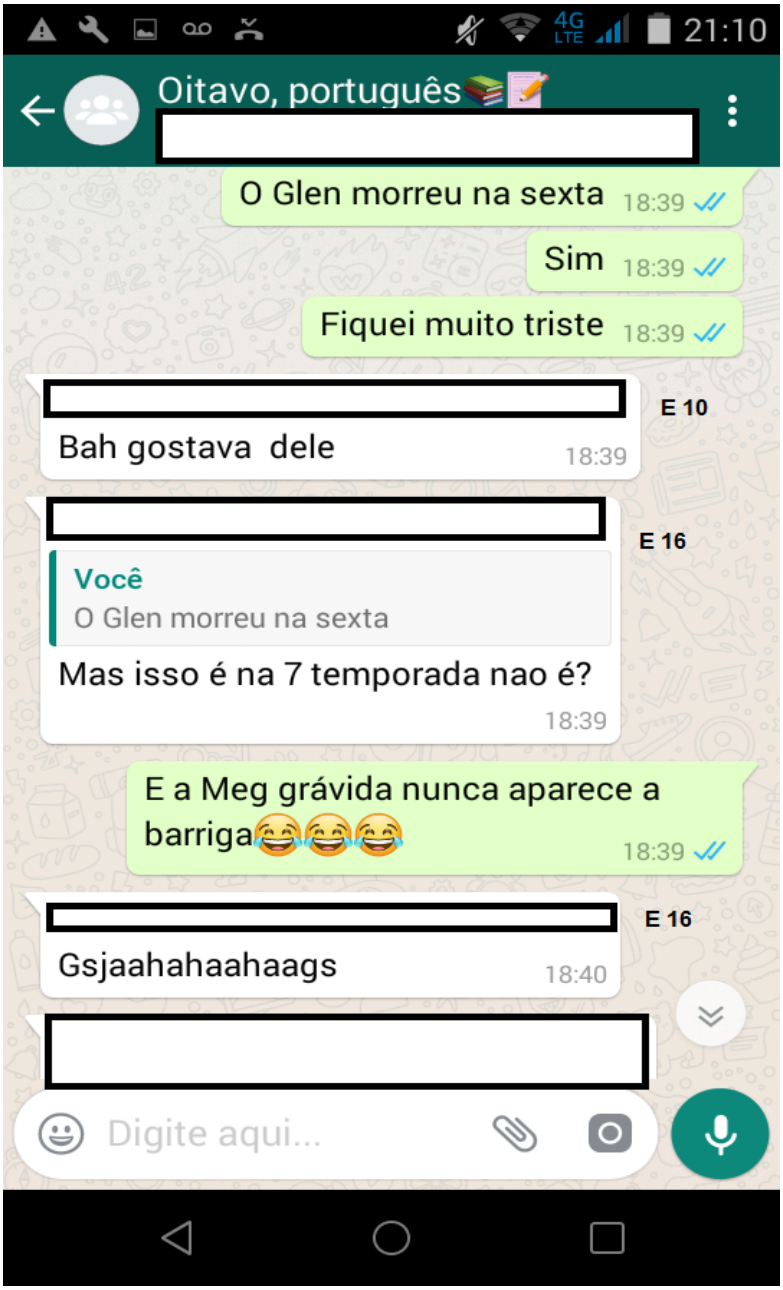
APÊNDICE F.A.I



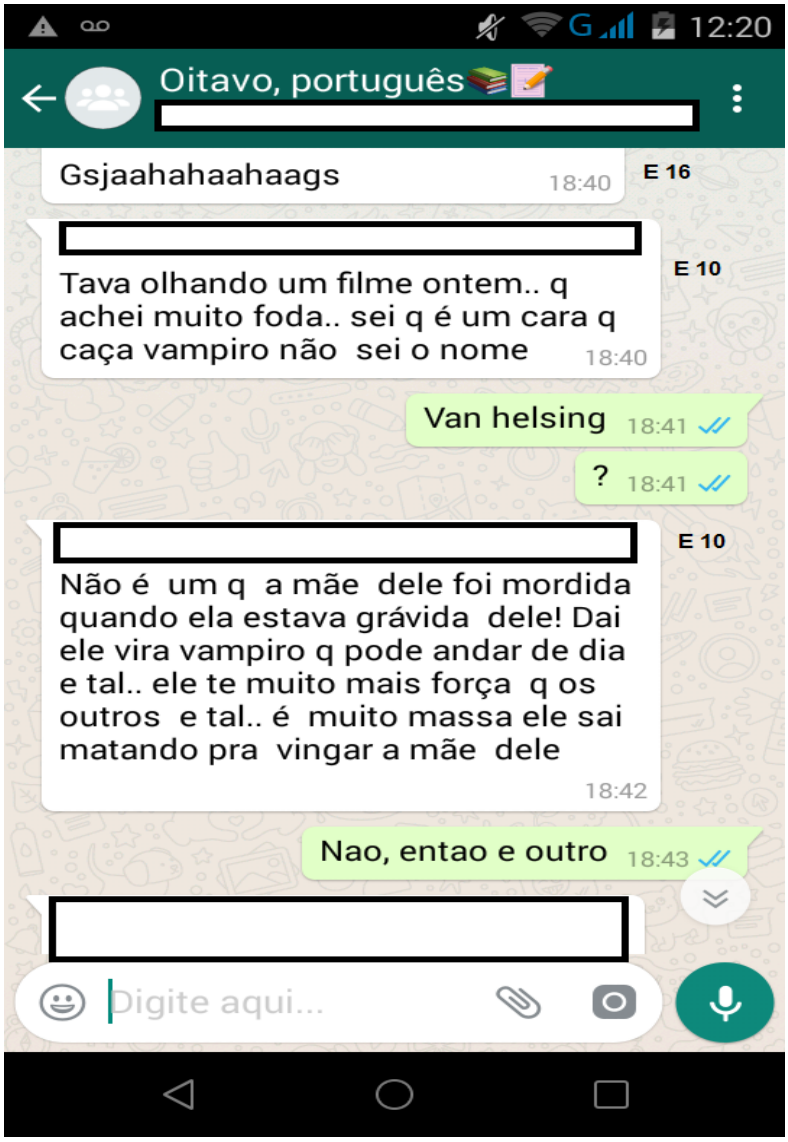
APÊNDICE F.A.J



APÊNDICE F.A.K



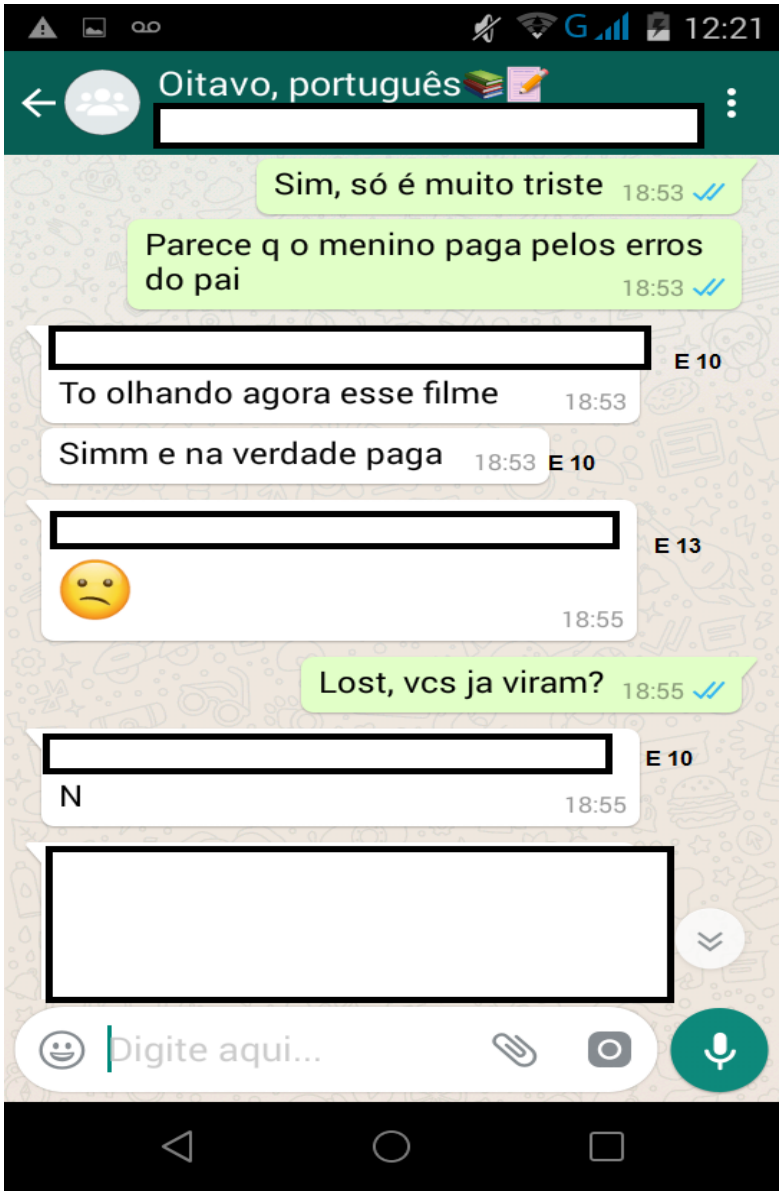
APÊNDICE F.A.K



APÊNDICE F.A.L

APÊNDICE F.A.M

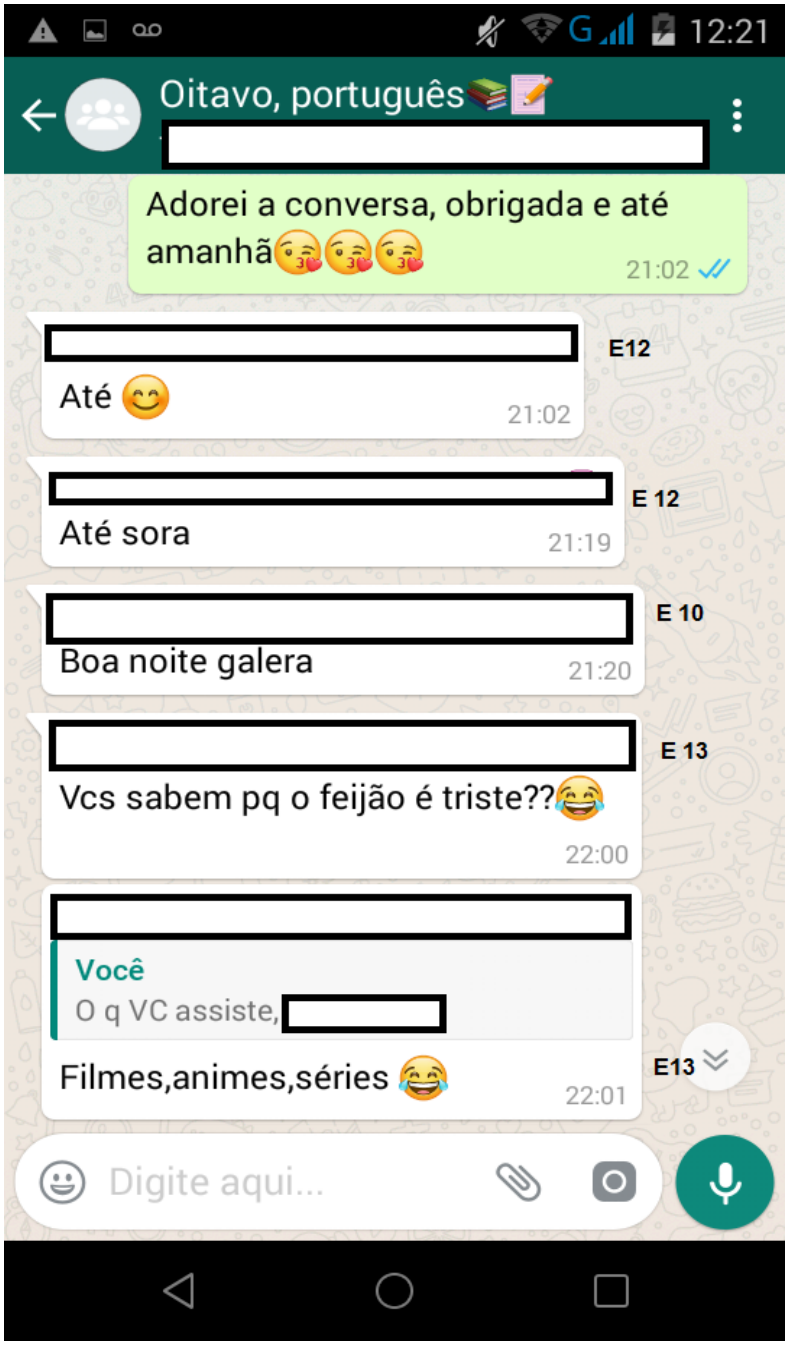
APÊNDICE F.A.N



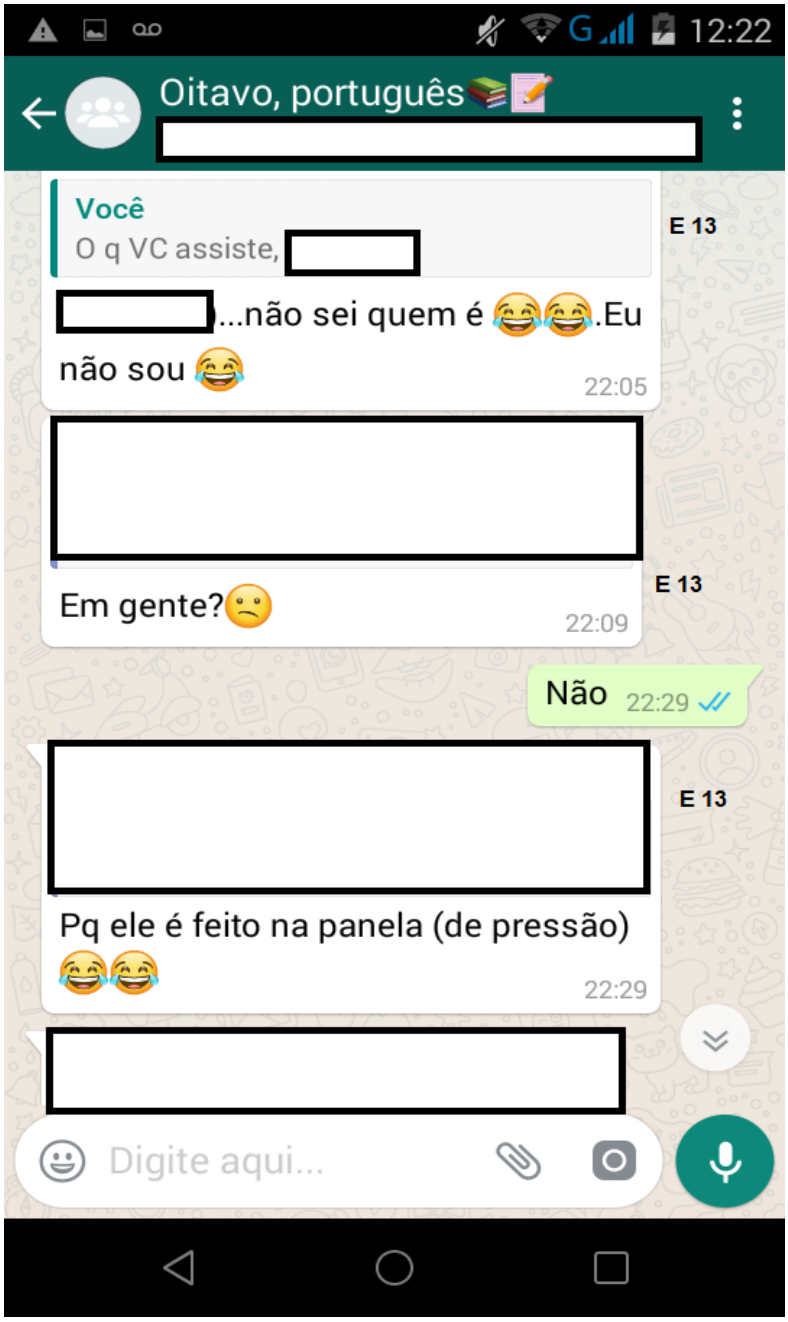
APÊNDICE F.A.O

APÊNDICE F.A.P

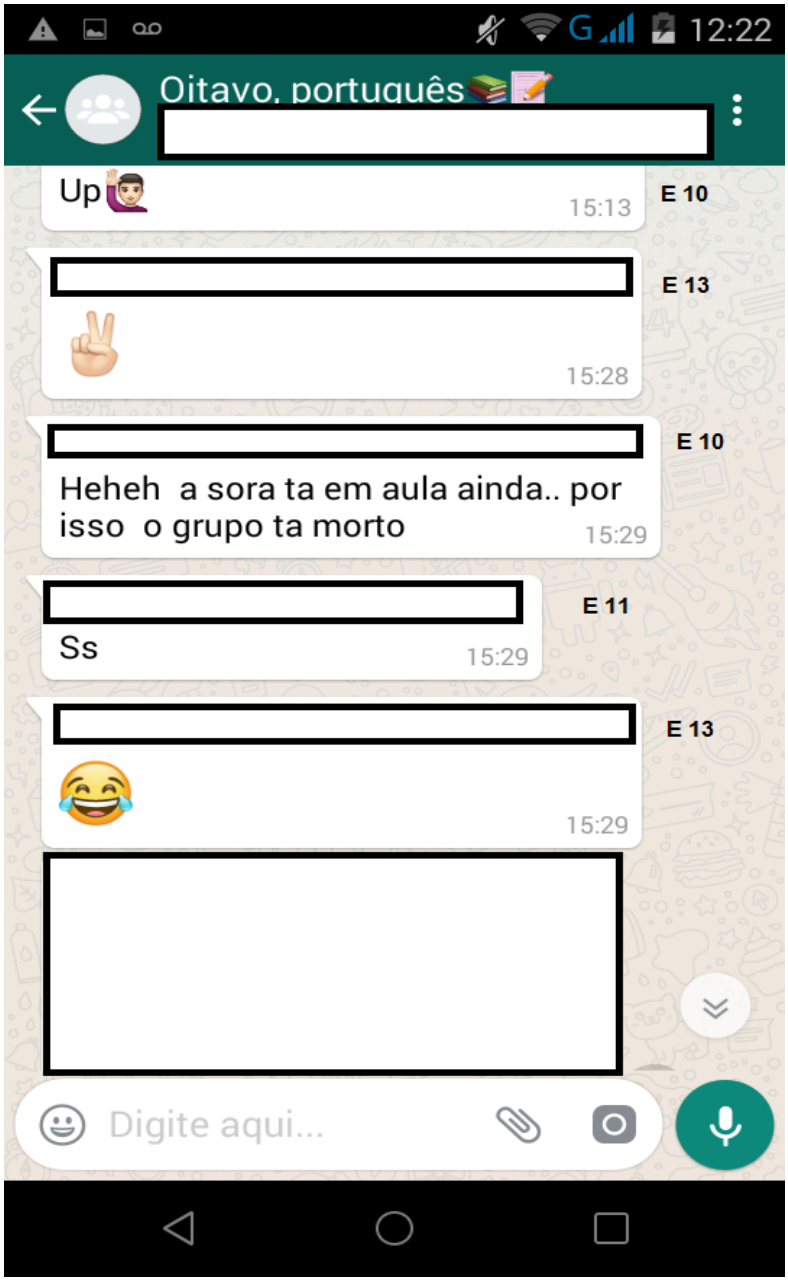
APÊNDICE F.A.Q



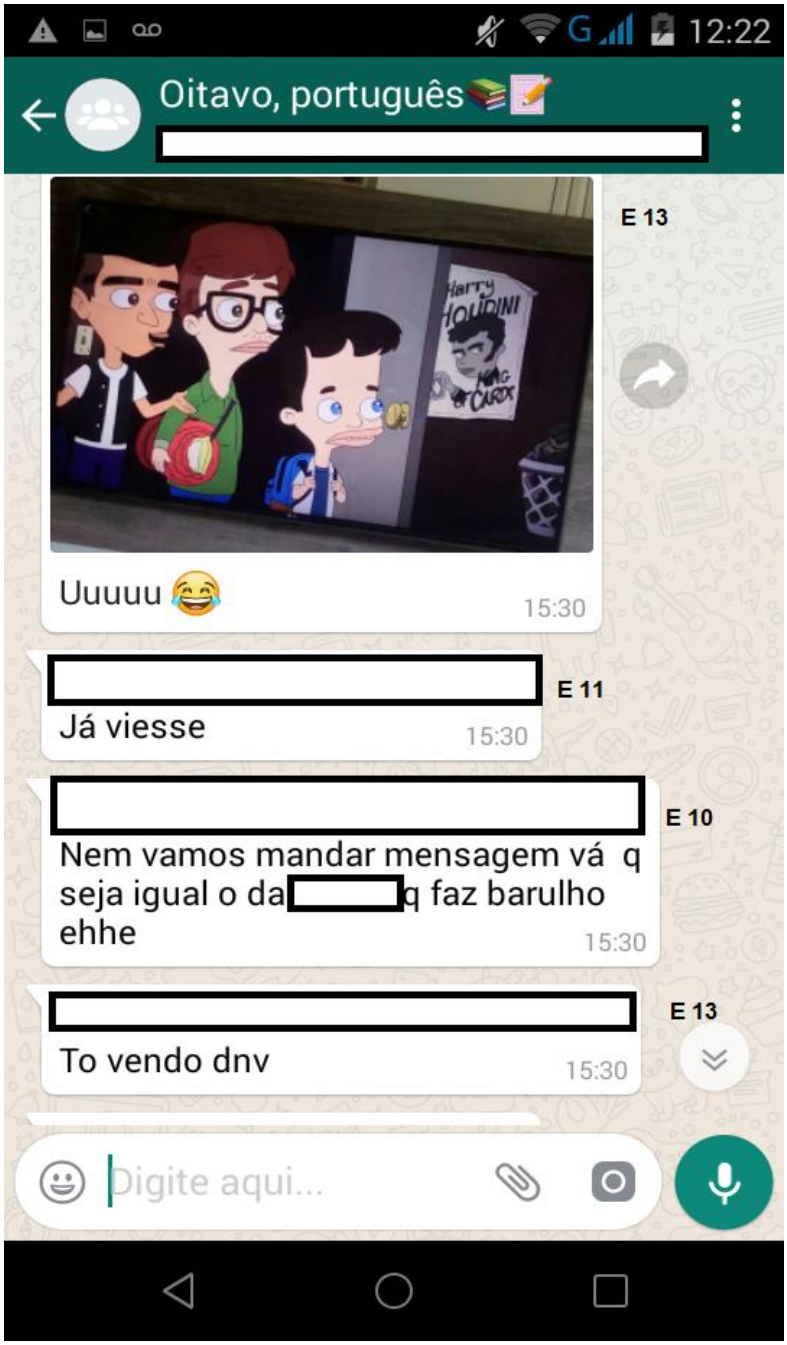
APÊNDICE F.A.R



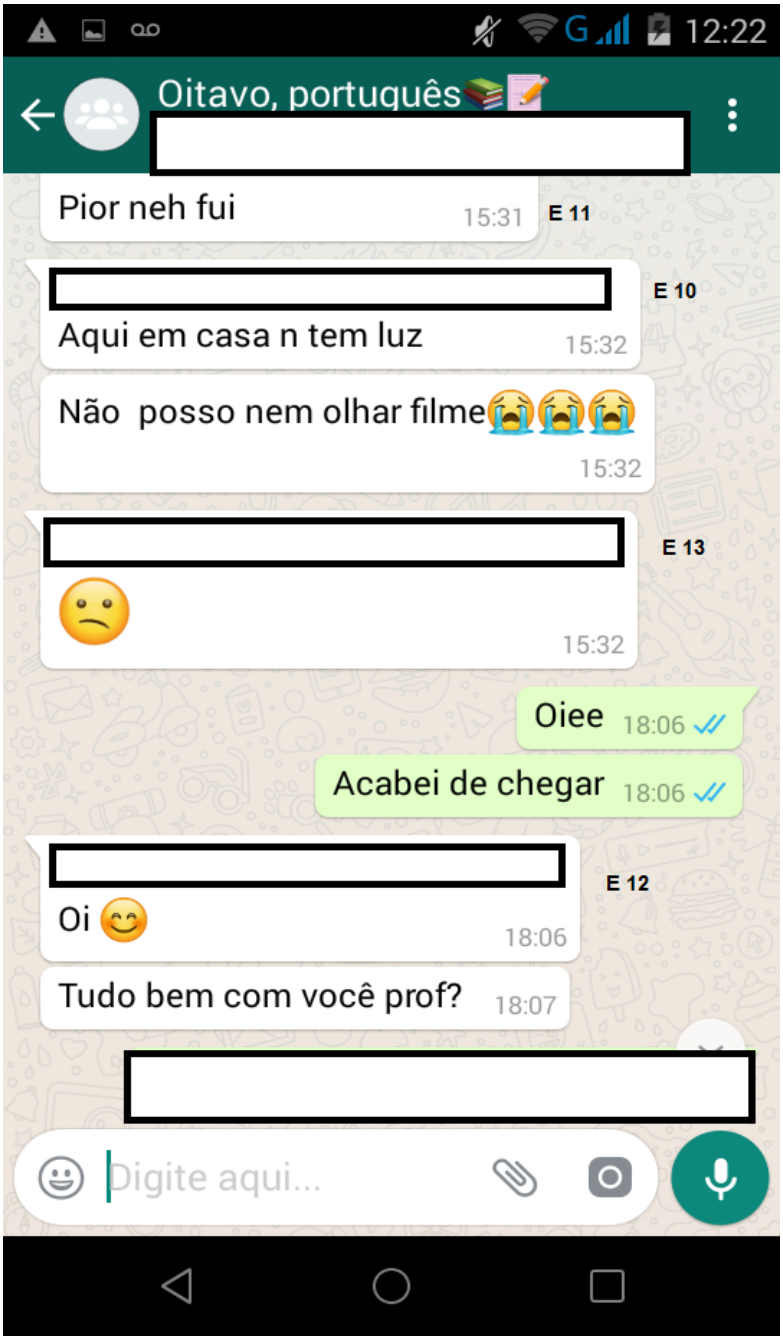
APÊNDICE F.A.S



APÊNDICE F.A.T

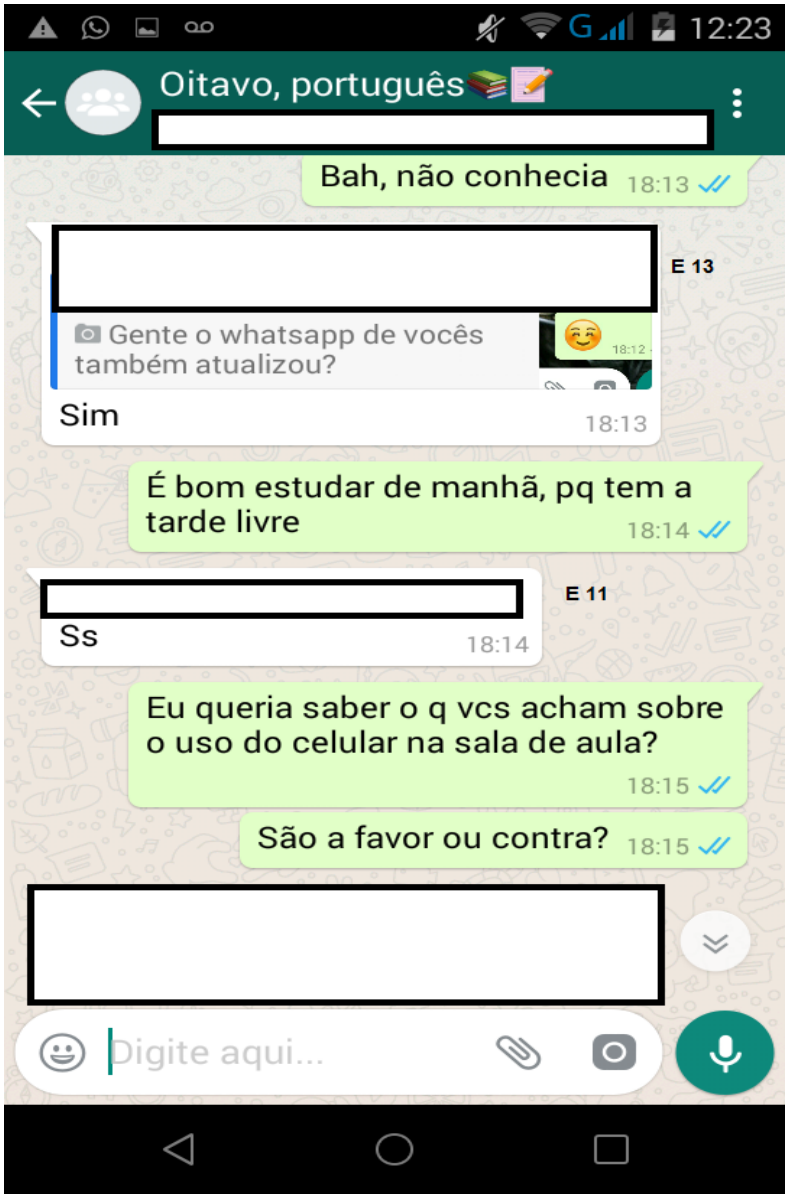


APÊNDICE F.A.U

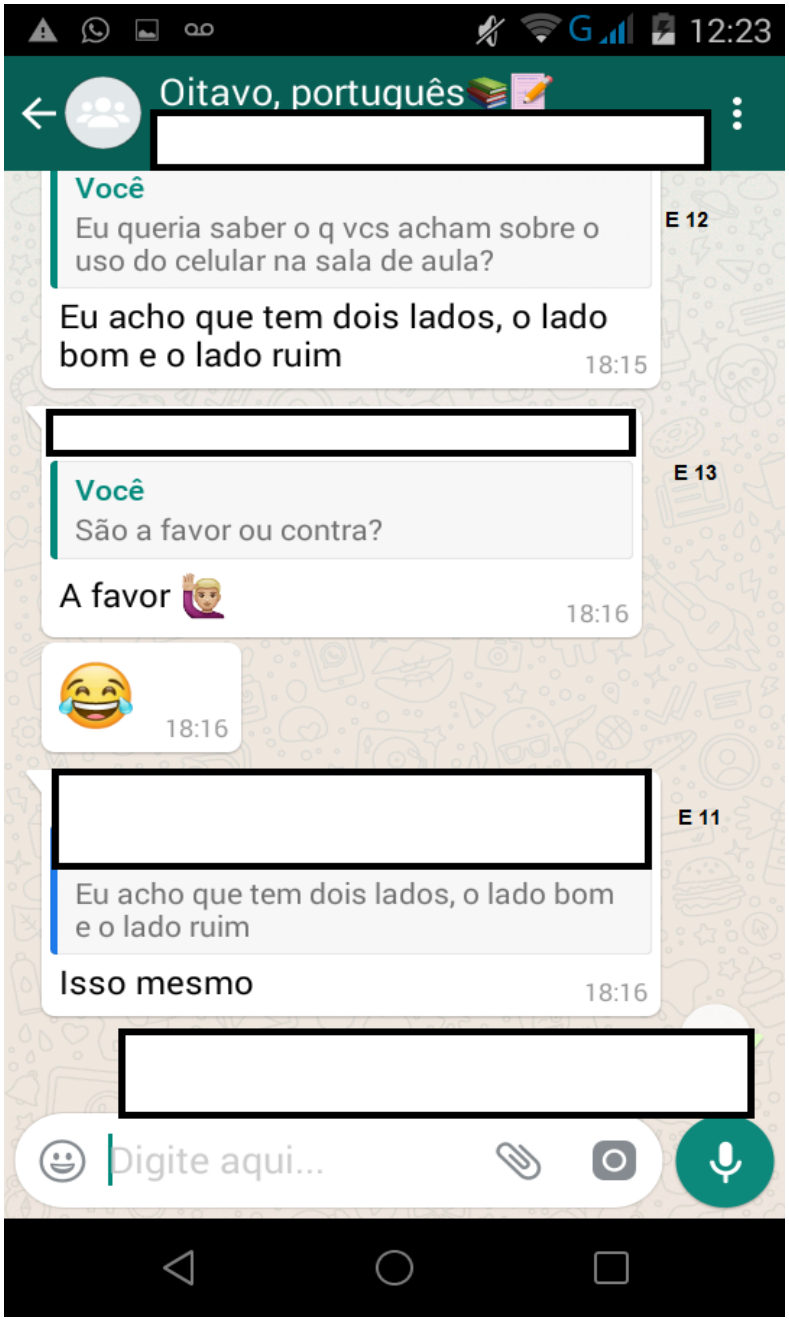


APÊNDICE F.A.V

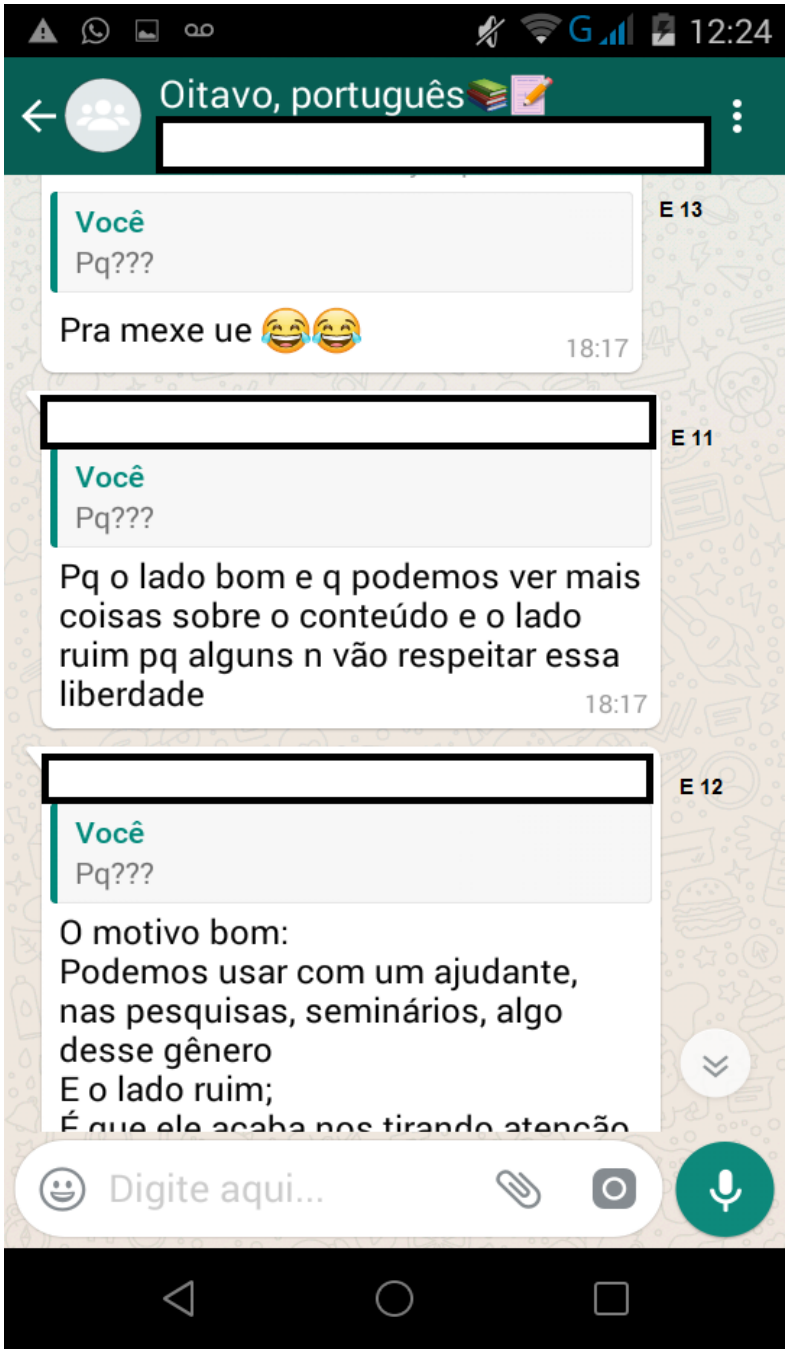
APÊNDICE F.A.W



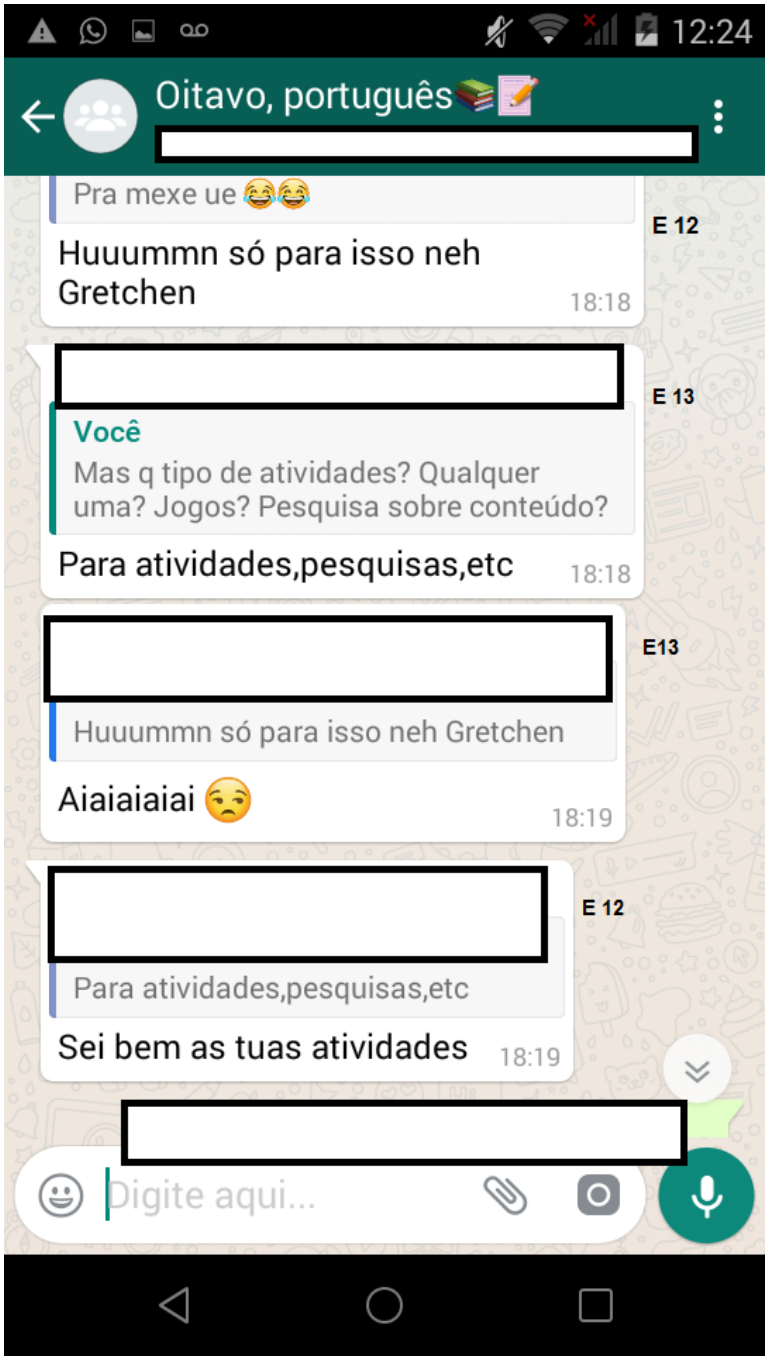
APÊNDICE F.A.X



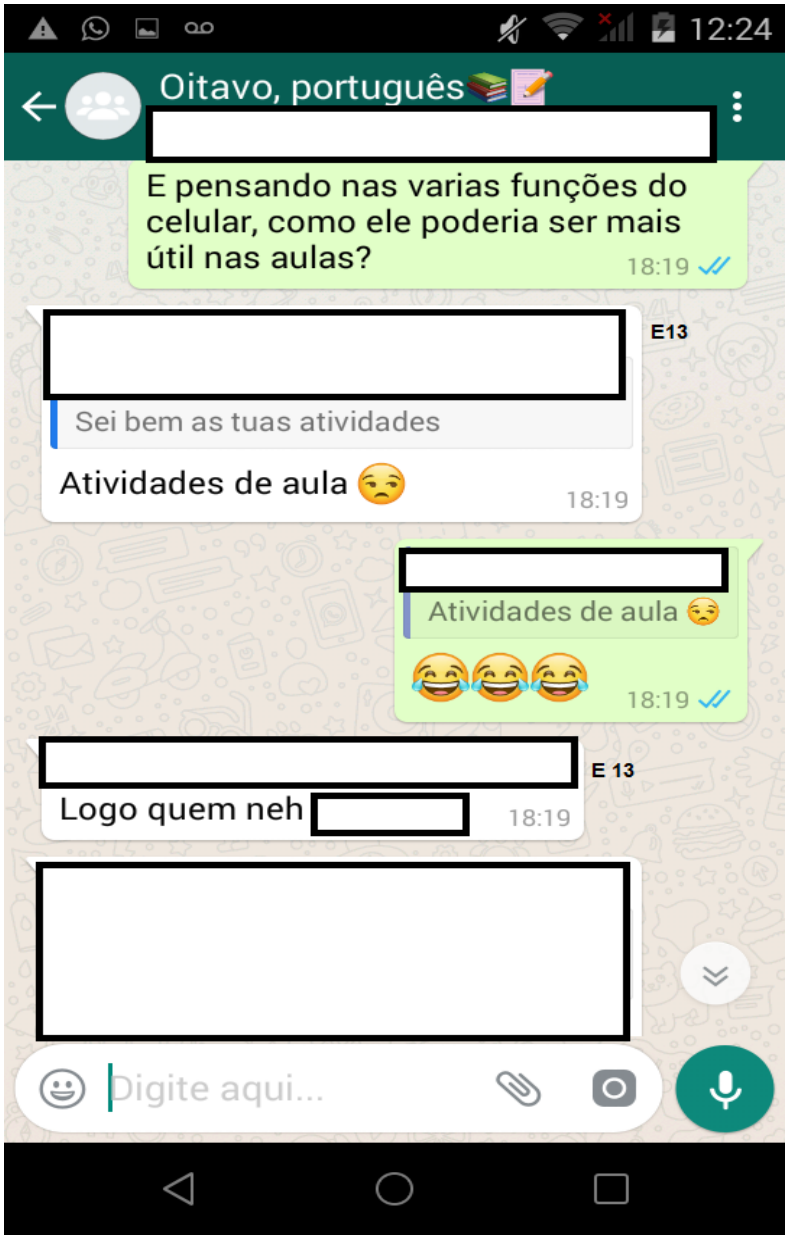
APÊNDICE F.A.Y



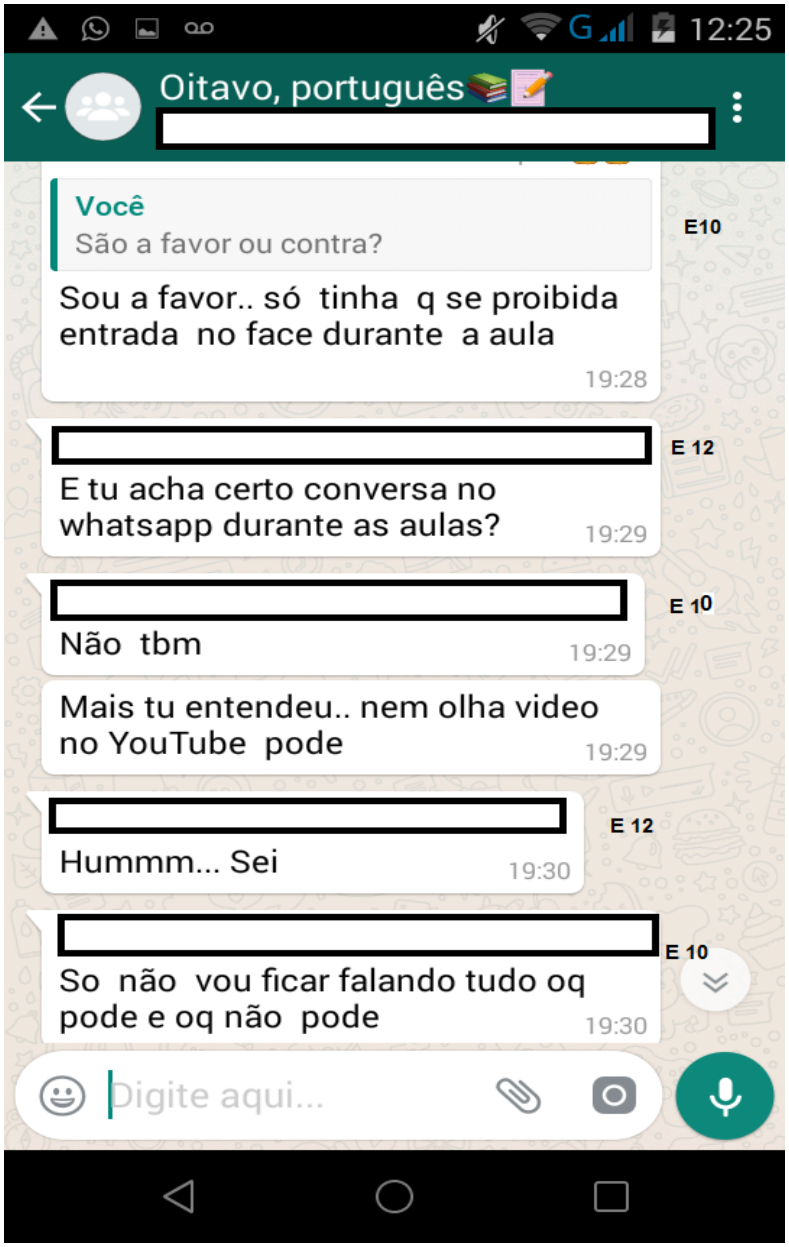
APÊNDICE F.A.Z



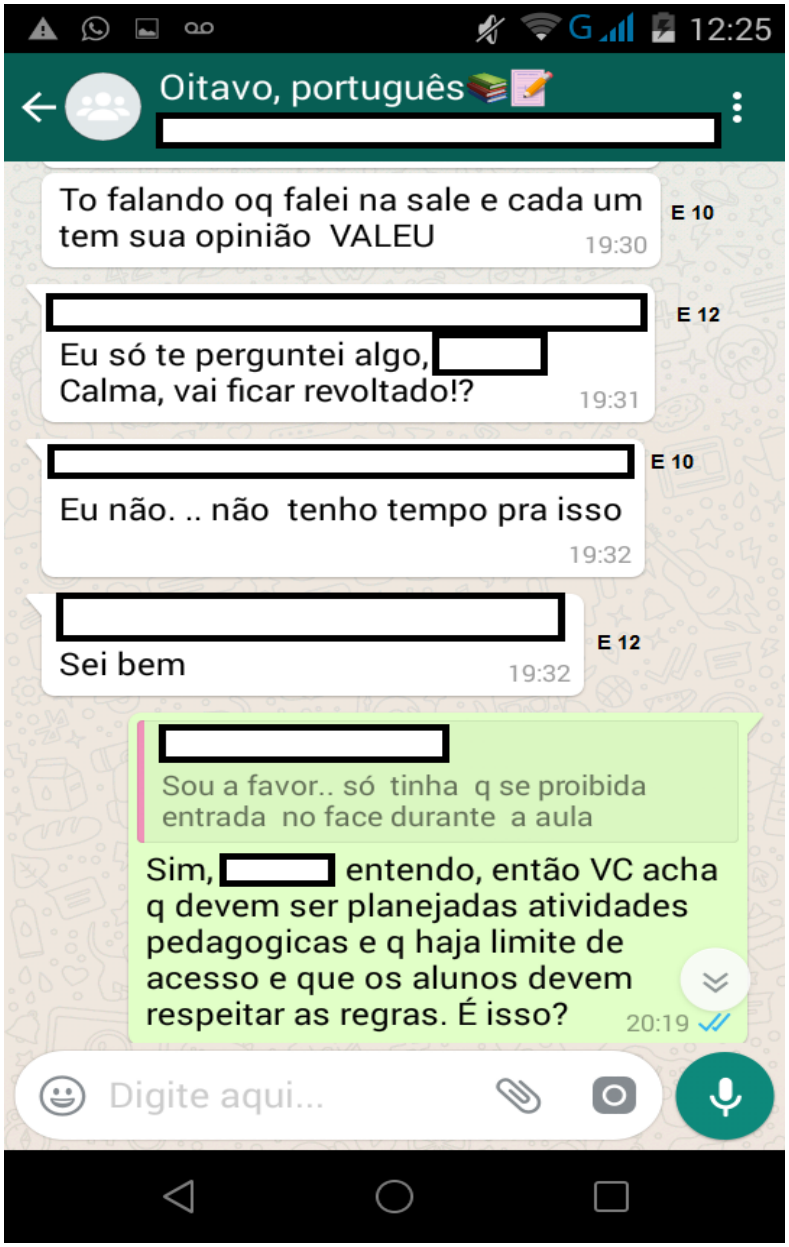
APÊNDICE F.B.A



APÊNDICE F.B.B



APÊNDICE F.B.C



APÊNDICE G

E1

Celular na sala de aula, bom ou ruim?

Hoje quase todas as pessoas do mundo tem um aparelho celular, uma discussão é: usar ou não telefone na sala de aula?

Algumas pessoas são contra o uso de celular na sala de aula, outros a favor, eu sou a favor do uso.

O celular pode-se usar de algumas maneiras para o estudo, uma delas é as redes sociais, por exemplo o WhatsApp serve para trocar mensagens com os colegas ou até com o professor sobre o conteúdo.

Sabe-se também que na internet tem muitas informações, você pode ler sobre o conteúdo aí até obter vídeo aulas sobre algo que você não entendeu bem.

Desse modo podemos concluir que o celular usado de forma certa pode ajudar o aluno a aprender sobre o conteúdo.

credeal

E2

[redacted]

O uso do Celular.

hoje em dia, deriVe alguns assuntos que estão em alta o Principal desses é o uso de Celular na sala de aula. Alguns são contra, outras, a favor. Desde que o Celular Existe, ele teve grandes transformações. Tempos atrás, ele era uma ferramenta para fazer ligações, ver as horas, Porém, Como o mundo avançou Tecnologicamente, o celular passou por diferentes fases.

O Celular contém varias funções dentro dele, aplicativos, games, ele Possui muita informação, e até estranho raciocinar um objeto Como o celular Possui múltiplas informações, Comparado aos anos anteriores, que não havia nem um tipo de acesso a informação, O Celular está em Constante evolução, sempre mudando, trazendo algo novo. Devemos saber usar o Celular com Consciência, Porque assim que Pode ser usado Para o bem Também pode ser usado Para o mal, o Celular também é um meio de distração, mas assim Como o Celular distrai, qualquer outro objeto Pode distrair, em escolas o Celular é Proibido Por acharem que ele é uma distração Para Jovens.

Eu Particularmente sou a favor do uso do Celular é uma ferramenta que também Pode ser usado Para meios de Pesquisa Só que nos horarios disponibilizados, em que o Professor concordasse em que nos alunos Poderiamos usar mais Para meios de Pesquisa e Conhecimento geral e não Para ser utilizado Para outros meios que não teria ligação alguma com a aula do Professor.

PanAmericana

E3

[redacted]

O celular e a Sala de aula

A sala de aula é um local de estudo, um momento de concentração. Mas há muitos alunos que não à sala de aula. porque são forçados pelos pais, na maioria, adolescentes que não sabem como vão viver a realidade da vida.

No entanto, os adolescentes usam muito o celular, na sala de aula, para quê, se esta é local de estudo? maioria não é para pesquisação de um trabalho, mais sim, tem muitos adolescentes que usam o celular para ficar nas redes sociais.

Então fica uma dúvida por parte dos professores sobre o uso do celular: benefícia ou prejudica na hora de aula!

O celular seria um ótimo aparelho para ser usado na internet, isso seria uma boa resposta agora, se for usar à internet e procurar a resposta diretamente, nunca o aluno irá aprender.

Por isso, na minha opinião, o uso do celular na sala de aula não seria uma solução para resolver a problema da falta de interesse pelos estudos.

E4

L M M J V S D

[redacted] [redacted]

O uso do celular em sala de aula

Observa-se que o uso incorreto do celular na sala de aula vem aumentando. Entre tantos motivos, temos os alunos que fazem uso incorreto do aparelho em sala de aula e a escola, desatualizada.

Sabe-se que temos alunos conscientes de que o celular pode ser uma ótima ferramenta para a realização de pesquisas, mas tem aqueles alunos que fazem o uso incorreto, ou seja, para acessar as redes sociais.

Em vista disso, a escola está desatualizada, para darmos esse avanço, precisaríamos que o governo nos disponibilizasse celulares com grande capacidade de memória para podermos baixar jogos e aplicativos para facilitar nosso aprendizado.

Diante disso, o celular seria uma ótima ferramenta de pesquisa, pois pode nos possibilitar informações rápidas e mais aprofundadas, mas temos que ter consciência de sua utilização

E6

data / /

S T Q Q S S D

Vamos repensar

O uso de celulares em sala de aula é um assunto bastante polêmico, que abrange vários pontos de vista. Tem as pessoas que são a favor e outras contra.

Eu, por exemplo, sou a favor. Ele nos propicia várias coisas, como olhar vídeos e ler documentários, não só mandar mensagens ou navegar nas redes sociais.

Pode ser, sim, um meio de distração, como qualquer objeto, mas serve para buscar informações que auxiliam no aprendizado.

Se usado de forma consciente, só trará benefícios para alunos e professores.

Os governos deveriam repensar sobre a proibição. Celular é nosso aliado, não nosso inimigo. Um avanço para a educação.

E7

Celular na sala de aula: aprendizagem ilimitada

O celular nos ajuda muito quando precisamos, pois se preciso for tirar uma foto, dar um telefonema, enviar uma mensagem ou até mesmo pesquisar algo que não sabemos, nós recorremos a ele.

Com o celular nós facilitamos muitas tarefas, temos informações do atualidade e do passado. Então, por que é proibido o uso de celular na escola? Se é por causa da distração que ele causa, fique sabendo que ele é um aliado na educação, pois hoje em dia temos cada vez mais aplicações que ajudam nas aulas.

Alguns alunos utilizariam de forma correta na sala de aula mas, sempre vai ter um que o utilize para falar em redes sociais, não para o aprendizado.

Enfim vemos que o celular é um aliado para a aprendizagem e nos mantém mais informados com as notícias do mundo na atualidade e passado.

tilibra

E8

D S T Q Q S S

Uso do Celular atualmente.

A cada dia que passa o número de usuários de telefones celulares aumenta e, grande parte desses usuários, são estudantes. O Celular é uma ferramenta que apresenta várias funções, desde ligações até compras online. Fazendo com que se torne algo de extrema importância para a cidade. Todas essas funções poderiam ser aproveitadas como recurso pedagógico pela escola, fato ao qual há quem seja pró ou contra. Eu acredito que o uso do Celular em sala de aula seria algo muito bom, pois ele tem toda atenção do aluno, como por exemplo em uma pesquisa para saber a significado de algo ou mesmo para saber um fato que aconteceu na história, mas isso tudo mesmo com uso moderado.

Outros dizem que ele atrapalha, que só serve para piorar as notas do aluno. Sim, isso pode acontecer, mas, não, se os professores acompanharem o uso do dispositivo.

Pois o aluno poderia se desviar da aula e começar a jogar, falar com amigos em redes sociais; dente disso, acredito que tudo que é usado com consciência, resulta numa maneira muito boa de aprendizado.

credeal

E9

[redacted]

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom / /

O celular na sala de aula e seus benefícios.

O celular na sala de aula pode ser uma enorme ferramenta para o aprendizado, contudo o uso de celular na sala de aula sempre foi proibido, deixando, assim, de serem utilizadas algumas informações do celular que ajudassem o ensino e a educação.

Além de servir para pesquisar na web, que em aula poderia ser usada para entender melhor o assunto da aula e ter inúmeras informações na sua mão.

O dispositivo também tem câmera fotográfica para fazer trabalhos e uma agenda telefônica para enviar mensagens rápidas.

O gravador é uma das vantagens também, pois quando não entendemos direito, podemos gravar nossa voz, explicando o assunto, ou a do professor, assim, quando precisar é só escutar e relembrar de tudo o que estudou.

Contudo, o celular na sala de aula não é aceito por todos os professores, mas muitos são a favor, pois, se usado de forma errada, pode prejudicar. Então, é aceitável que tenha consciência de usar o celular na sala para o ensino e educação, e que seja fornecido pelo governo um celular melhor e para todos os alunos.

Se usado de forma certa na sala, pode-se ter o mundo de informações na sua mão.

E10

data / /

Celular na sala de aula!

Para mim o celular poderia ser utilizado nas aulas, para ajudar na educação.

Um exemplo na aula de historia, nós estaríamos fazendo uma apresentação, e nela nós utilizemos muito o celular para pesquisar coisas que nos livros não tinha.

O celular sendo utilizado de maneira correta, pode ser muito importante para facilitar as coisas na educação.

Em minha visão o celular na aula, não depende só de um depende de varios pessoas, para que isso dê certo. Não adianta só um usar certo e o resto usar para olhar vídeos, falar com Terceiros durante a aula.

Entao eu conclua que se nos usarmos o celular para a educação ele será muito util. Mas todas temos que ver que na hora da aula nao podemos nos deligar dos conteúdo.

Se todo mundo capriar, o celular não será a vilão da situação pois ele será muito util.

PanAmericana

E11

O USO DO CELULAR NAS
SALAS DE AULA

O USO DE CELULAR NAS SALAS DE AULA TEM OS PONTOS NEGATIVOS E OS POSITIVOS.

OS PONTOS NEGATIVOS SÃO QUE O ALUNO PODE ACESSAR AS REDES SOCIAIS OU JOGOS DURANTE A AULA ESTE DISTRAIA COM COISAS QUE NÃO TEM NADA A VER COM O CONTEUDO ESCOLAR.

OS PONTOS POSITIVOS SÃO QUE O ALUNO PODE PREPARAR CONTEUDOS PARA APRESENTAR EM AULA, COMO SEMINÁRIOS OU EXPLICAÇÕES, GRAVAR A AULA PARA TER MELHOR ESTUDO EM CASA, TIRAR FOTOS DE CONTEÚDOS CASO FALTE AULA

A MINHA CONCLUSÃO É QUE EXISTEM OS PONTOS NEGATIVOS E OS POSITIVOS POIS SEMPRE EXISTE PESSOAS QUE NÃO SABEM APROVEITAR A LIBERDADE QUE TEM E PASSA DOS LIMITES.

Assinatura

E12

/ /

Aliado ou inimigo?

O uso do celular na sala de aula pode ser um aliado ou um "inimigo", depende de como ser manuseado durante as aulas.

Podemos usá-lo na hora da pesquisa, apresentação dos seminários, pesquisar de algo que não sabemos, enfim, para tirar dúvidas.

Mas também pode ser um "inimigo", podemos nos distrair, mandar mensagem, entrar nas redes sociais, fazer coisas declaradas erradas.

O uso do celular em aula é válido, sim, mas, é claro que deve ter um cuidado em cima disso, deve ser trabalhado como devemos usar, manuseado bem ele acaba virando nosso aliado.

credeal

E13

O Uso do Celular na Sala de Aula

Eu acho que o uso do celular deveria ser liberado apenas para atividades pedagógicas e para pesquisa nas matérias (Ciências, Geografia, etc), nessa história, existe dois lados: o bom e o ruim.

O bom é que podemos estudar, trocar fotos do conteúdo, pesquisar sobre, calcular e procurar localidades.

Já o ruim, é usado para mandar mensagens (tirando a concentração), colar nas provas, navegar na internet e entrar no Facebook

A minha conclusão é que liberassem para as atividades boas, mas, é claro que tem alguns que abusarão disso.

[redacted]

credeal

E14

O uso do celular

O uso do celular tem suas vantagens e desvantagens na sala de aula.
As vantagens são as pesquisas para trabalhos, funciona como uma ajuda. Professores podiam dar trabalhos de pesquisa e perguntas na internet.
As desvantagens é que muitos alunos não sabem aproveitar. Teriam que ficar cuidando todos, para não tirar o foco dos trabalhos ou pesquisas.
Se todos os alunos fosse usar o como ajuda e não para entrar em redes sociais, o celular seria liberado. Tendo com o uso, as professoras, assim seria bem melhor.

[redacted]

PanAmericana

E15

O celular em aula

O celular é um objeto que quase todos têm, levam para o trabalho, escola e várias outros lugares, o celular pode atrapalhar ou ajudar a pessoa.

O celular em sala de aula pode ter seus lados bons e ruins. O lado bom é que ajuda as pessoas nas pesquisas e trabalhos, e o lado ruim que tira a concentração, eu uso só a calculadora e, às vezes, eu nem levo na aula.

Existe escolas que permitem o uso de celulares em aula, na Inglaterra eles baniram os celulares e melhoraram em até 14% suas notas em exames e avaliações

Contudo, eu acho que se a pessoa quer usar o celular e ir mal na escola ele usa e se quiser ir bem ele vai deixar o celular de lado e se concentrar na aula. Depende da escolha da pessoa.

E16

Celular na sala de aula. [redacted]

O uso do celular na sala de aula muitas vezes não é visto de uma forma boa. Hoje em dia, os jovens pensam mais em usar as rede sociais como Facebook, Whatsapp e muitos outros, por isso, os professores não gostam, e não autorizam usar na sala de aula.

Mas, ultimamente as coisas mudaram. As formas de pensar sobre o celular estão mais evoluídas, porque o celular pode ser uma ferramenta de pesquisa para as aulas fluírem mais.

Diante disso, o uso do celular tem o lado bom e o lado ruim, porque nem todas as pessoas respeitam e acabam se prejudicando, e a parte boa é por que podemos utiliza-lo para ampliar nossos conhecimentos sobre todo os assuntos, e o celular deve ser usado na sala de aula, mas com consciência e limites.

APÊNDICE H

Termo de assentimento dos pais

Seu filho(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre a linguagem na internet. Ele não precisa participar se não quiser. A pesquisa será feita na escola e em casa. Caso aconteça algo errado, é só falar. Meu nome é Cristina Severo. Apenas os colegas e a professora saberão que ele está participando, não daremos a estranhos as informações que ele nos der. Os resultados vão ser publicados, mas sem identificar os participantes. Quando terminarmos a pesquisa, conversaremos sobre os resultados. Se você tiver alguma dúvida, pode me perguntar.

Os papéis e os resultados da pesquisa ficarão arquivados comigo por um período de 5 anos. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada por mim, e a outra ficará com você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, responsável pelo menor_____, fui informado(a) sobre os objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li ou ouvi a leitura e concordo que meu filho participe da pesquisa.

_____, ____ de _____ de 20____ .

Assinatura do (a) menor Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas, você poderá consultar:
CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UNISC
SANTA CRUZ DO SUL (RS)
FONE: (51) 3717-7680 / E-MAIL: cep@unisc.br
PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: ROSÂNGELA GABRIEL
ENDEREÇO: UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - FONE: (51) 3717 7322 / E-MAIL: RGABRIEL@UNISC.BR

APÊNDICE I

Termo de assentimento do menor

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre a linguagem na internet. Você não precisa participar se não quiser, é um direito seu. A pesquisa será feita na escola e em casa. Caso aconteça algo errado, é só falar. Meu nome é Cristina Severo. Apenas seus colegas e professora saberão que você está participando, não daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados vão ser publicados, mas sem identificar os participantes. Quando terminarmos a pesquisa, conversaremos sobre os resultados. Se você tiver alguma dúvida, pode me perguntar.

Os papéis e os resultados da pesquisa ficarão arquivados comigo por um período de 5 anos. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada por mim, e a outra ficará com você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Entendi as coisas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir que ninguém vai ficar furioso. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li ou ouvi a leitura e concordo em participar da pesquisa.

_____, ____ de _____ de 20____ .

Assinatura do (a) menor Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas, você poderá consultar:
CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UNISC
SANTA CRUZ DO SUL (RS)
FONE: (51) 3717-7680 / E-MAIL: cep@unisc.br
PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: ROSÂNGELA GABRIEL
ENDEREÇO: UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - FONE: (51) 3717 7322 / E-MAIL: RGABRIEL@UNISC.BR

ANEXO A

WhatsApp

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

WhatsApp Messenger é um aplicativo [4] multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a *internet*. O *software* está disponível para Android, BlackBerry OS, iOS, Symbian, Windows Phone e Nokia.[5] A empresa com o mesmo nome foi fundada em 2009 por Brian Acton e Jan Koum, ambos veteranos do Yahoo e está sediada na cidade estadunidense de Santa Clara, na Califórnia.

Competindo com uma série de serviços com base na Ásia, o WhatsApp cresceu de dois bilhões de mensagens por dia em abril de 2012 para dez bilhões em agosto do mesmo ano. De acordo com o Financial Times, o WhatsApp "tem feito para SMS em celulares o que o Skype fez para chamadas internacionais em telefones fixos".[6] Em setembro de 2015, o aplicativo alcançou a marca dos 900 milhões de usuários ativos.[7]

Segundo dados da consultoria GlobalWebIndex, 73% dos usuários que utilizam o WhatsApp no mundo são donos de celulares com o sistema operacional Android, da Google. A plataforma iOS, da Apple, está em segundo lugar, com 27% do mercado.[8][9]Os servidores do aplicativo utilizam o sistema operacional FreeBSD com a linguagem de programação Erlang.[10]

Em janeiro de 2015, também passou a ser utilizado pelo computador, através do navegador Google Chrome, e em fevereiro, o serviço também foi disponibilizado para usuários dos navegadores Mozilla Firefox e Opera.[11] Em 18 de janeiro de 2016, os criadores do aplicativo WhatsApp divulgaram a notícia de que o aplicativo se tornaria isento de qualquer cobrança anual. No mesmo comunicado, foi anunciado que o serviço de mensagem chegou a 990 milhões de usuários.[12] Em 2 de fevereiro de 2016, Mark Zuckerberg anunciou que o WhatsApp alcançou a marca de um bilhão de usuários, e "poucos serviços conectam mais de um bilhão de pessoas", comenta Zuckerberg.

No Brasil, a troca de mensagens instantâneas é um dos principais usos dos aparelhos móveis, como celulares ou smartphones: 83,3% dos lares

monitorados pela Kantar disseram usar aplicativos de mensagens instantâneas em 2016, aumento de 9,8 pontos percentuais em relação ao ano anterior[13].

História

Venda para o Facebook

No dia 19 de fevereiro de 2014, o Facebook adquiriu a empresa pelo montante de 16 bilhões de dólares, sendo quatro bilhões em dinheiro e 12 bilhões em ações do Facebook, além de três bilhões de ações no prazo de quatro anos caso permaneçam na companhia. Seus fundadores serão incorporados no conselho administrativo do Facebook.[14]

Saída do Windows Phone

Em 17 de maio de 2014, o WhatsApp foi retirado da loja de aplicativos do Windows Phone.[15] Duas semanas após a retirada, a Microsoft se pronunciou dizendo que foi uma opção dos desenvolvedores do aplicativo para corrigir problemas referente as notificações de mensagens.[16] Estima-se que cerca de 1 milhão de novos usuários do Windows Phone ficaram sem acesso ao WhatsApp. A Microsoft afirmou que suas equipes estavam trabalhando em conjunto, porém o WhatsApp não se pronunciou sobre o ocorrido. Durante o período de indisponibilidade do aplicativo, o sistema teve quedas nos números de vendas.[17]

Em 30 de maio, quase duas semanas depois de fora da loja, o WhatsApp retornou com mais funções, como a possibilidade de se usar imagens ao fundo de conversas, algo que até então não era possível na versão do sistema da Microsoft.[18]

Suspensão no Brasil

🔍*Ver artigo principal:* Bloqueio do WhatsApp no Brasil

Em fevereiro de 2015, o juiz Luiz Moura Correia, da Justiça do Piauí, determinou a suspensão temporária do WhatsApp em todo o Brasil. Essa decisão foi tomada depois que o aplicativo se recusou a dar informações sobre um inquérito policial que investigava um crime de pedofilia ocorrido em Teresina, capital piauiense.[19] Contudo, a decisão logo foi derrubada pelos desembargadores Raimundo Nonato da Costa Alencar e José Ribamar Oliveira.[20]

Em 16 de dezembro de 2015, uma nova ordem judicial determinou o bloqueio do aplicativo por um período de 48 horas. O autor da ação não foi identificado. No entanto, as operadoras estimam que se trate de uma investigação policial. O bloqueio está relacionado a uma possível quebra de sigilo de dados.[21]

Em 17 de dezembro, porém, uma nova decisão judicial, vinda do desembargador Xavier de Souza, considerou que a suspensão do serviço não seria algo razoável por prejudicar milhões de usuários. Com isso o serviço foi restabelecido 12 horas após o bloqueio.[22]

Em 2 de maio de 2016, o aplicativo volta a ser suspenso no país, com base nos artigos 11, 12, 13 e 14 do Marco Civil da Internet,[23] por até 72 horas por uma ordem

da justiça. [24]Porém, 1,79 milhão de linhas não chegaram ser bloqueadas e estiveram com o aplicativo disponível.[25]

Em 19 de julho de 2016, às 14 h (UTC-3), o WhatsApp voltou a ser suspenso por decisão da Justiça do Rio de Janeiro, também baseado no Marco Civil da Internet.[26][27] No mesmo o dia, o Supremo Tribunal Federal suspendeu a decisão do bloqueio, liberando o uso do aplicativo no país. Na decisão, de caráter liminar, Ricardo Lewandowski analisou ação impetrada pelo Partido Popular Socialista (PPS), que recorreu ao Supremo para que fosse suspensa imediatamente a ordem de bloqueio da 2.ª Vara Criminal da Comarca de Duque de Caxias, do Rio de Janeiro.[28]

Em 2015, a dívida do WhatsApp alcançou a marca de 12,7 milhões de reais, dívida que até o inicio de 2016 ainda não teria sido paga.[29]

Características

Especificações técnicas

WhatsApp usa uma versão personalizada do padrão aberto. Após a instalação, ele cria uma conta de usuário usando um número de telefone como o nome de usuário (Jabber ID). Mensagens multimídia são enviadas através do carregamento da imagem, áudio ou vídeo para um servidor HTTP e enviando um *link* para o conteúdo juntamente com a sua miniatura codificada em Base64 (se aplicável).[30] O WhatsApp também sincroniza com a agenda do telefone, para que os usuários não precisem adicionar contatos em uma agenda separada. Como todos os usuários são registrados com o número do telefone, o software identifica todos os usuários do WhatsApp entre os contatos registrados no telefone. Isto significa que o WhatsApp coleta dados dos contatos de todos os usuários, a fim de fazer tal equiparação conveniente, o que levanta questões óbvias de privacidade.[30]

Compatibilidade

O WhatsApp é compatível com:

Android: Android 2.3.x ou superior e apenas para telefone e *tablets* com *chips* e superiores

iOS: iOS 7.0 ou superior e apenas para iPhone 4 ou superiores

Windows Phone: Windows Phone 8 ou superior e para computadores agora 1.8 e superiores e os melhores[31]

BlackBerry: BlackBerry OS 4.6 ou superior (até 30 junho de 2017)[32]

Nível de segurança

Em 4 de novembro de 2014, WhatsApp marcou apenas 2 de 7 pontos em termos de segurança, segundo a Electronic Frontier Foundation. Ele perdeu pontos porque as comunicações são vulneráveis à acesso por terceiros, os usuários não podem verificar a identidade dos contatos, mensagens passadas não são seguras, o

código não é aberto para revisão independente, o projeto de segurança não está devidamente documentado e outros fatores.[33]

Estudo datado de 2014, feito por entidades especializadas em cibersegurança como o Princeton Center for Information Technology e a Electronic Frontier Foundation, estabeleceu os principais pontos de vulnerabilidade de diversos aplicativos, entre eles o WhatsApp. Tais estudos são atualizados continuamente e estão disponíveis nos sítios das organizações participantes do estudo.[34]

Em novembro de 2014, o aplicativo adotou o sistema 'TextSecure', protocolo de textos seguros que evita que as mensagens enviadas pelos usuários sejam espionadas.[35]

Anunciou em abril de 2016 a utilização de uma "encriptação total", [36] um passo que aumenta a privacidade dos utilizadores, mas que pode surtir conflitos legais. [37]

Preços

WhatsApp é gratuito para download e pode ser utilizado em todos os tipos de telefone. Para os usuários do iPhone só havia uma cobrança quando o aplicativo fosse baixado. Mas, em dezembro de 2012, como uma oferta limitada dispensou a taxa única para iOS e estava disponível para download diretamente no iTunes, da Apple, gratuitamente.[38]

Funções

Ligar

No início do mês de fevereiro do ano de 2015 o WhatsApp começou a ter a tão esperada função "Ligar", que serve para efetuar ligações através de aplicativo.[39] Usuários com as versões 2.11.528 do Google Play e 2.1.531 do site oficial do app, até o momento, são os únicos que podem visualizar essa função. Ainda não foram divulgados os termos de uso.[40]

Resposta direcionada

Em 15 de Junho de 2016, o WhatsApp anunciou a inclusão da função "Resposta Direcionada", esta nova função passou a permitir ao usuário escolher e citar mensagens específicas em conversas em grupo, facilitando assim o entendimento sobre a qual mensagem se refere a resposta. A função foi incluída para evitar ou diminuir mal-entendidos e mensagens perdidas durante longas conversas em grupo, onde a mudança de assunto é frequente.[41]

Formatação de texto

Em março de 2016, uma atualização do WhatsApp passou a permitir o envio de textos em formatações diferentes, sendo estas em texto riscado, negrito ou itálico.

Esta formatação baseia-se na colocação de símbolos gráficos antes da palavra, assim _ , * e ~ são usados para formatar em, consecutivamente, itálico, negrito e riscado.[42]

Videochamadas

Em novembro de 2016, o aplicativo anunciou como nova função as chamadas de vídeo para as plataformas Android, iPhone e Windows Phone. Esta nova função passou a permitir que os usuários do WhatsApp interagissem instantaneamente não somente por áudio, como na função ligar, mas também por vídeo.[43]

Status

Em fevereiro de 2017, a nova função foi o status, que desde 2009, permitia apenas texto, agora permite postar fotos e videos de até 45 segundos e que somem após 24 horas, algo semelhante ao Instagram stories e o Snapchat. [44]

Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp

Acesso em 6/outubro/2017

ANEXO B

As
10
regras
de ouro
1
Sem exagero
Quanto mais pessoas no grupo, mais objetivas devem ser as mensagens. Vá direto ao ponto.
2
Tudo de uma vez
Modere a ansiedade. Escreva tudo de uma vez. Ninguém. Merece. Uma. Palavra. A. Cada. Mensagem. Ou a culpa será sua de silenciarem o grupo.
3
Grupo não é chat
Não espere respostas em tempo real. Não se chateie se alguém visualiza e não responde de imediato. Lembre-se: ninguém está disponível 24 horas.
4
Evite áudios
É inconveniente escutar vários áudios seguidos. Voz só em último recurso e justificada por alguma urgência.
5
Tenha discrição
A ideia de um grupo é compartilhar informações e não constranger um membro com perguntas como "com quem você saiu ontem?".
7
Respeite horários
Nada de mensagens motivacionais como um bom dia às 5 da matina ou gracejos à meia-noite. Nem todo mundo tem seu ritmo de vida.
8
Corrente? Só se for de ouro
De forma alguma repasse correntes. É de muito mau gosto. Coloque na cabeça: você não vai ganhar R$ 0,10 de ninguém a cada vez que repassar a mensagem.
9
Preserve sua imagem
Use uma foto simpática e cuide do conteúdo que compartilha. Se ligue, nada de polêmica com assunto que não tem a ver com o grupo, como política, religião ou esporte, por exemplo.
10
Evite brigar, não vale a pena
Grupo é como a sociedade em geral: pessoas pensam diferentes e têm variados níveis de educação. Se algo desagrada e você não se sente na obrigação de atuar, não tenha receio, saia.

ANEXO C

Celular em aula: proibição necessária

Atualmente, assunto que vem despertando a atenção não só da comunidade acadêmica, mas da sociedade como um todo é a proibição do uso de celulares na sala de aula.

A proibição da utilização do aparelho em sala de aula é medida que se harmoniza com o ambiente em que o estudante está. A sala de aula é local de aprendizagem, onde o discente deve se esforçar ao máximo para extrair do professor os conhecimentos da matéria. Nesse contexto, o celular é aparelho que só vem dificultar a relação ensino-aprendizagem, visto que atrapalha não só quem atende, mas todos os que estão ao seu redor.

Estudo divulgado no mês passado pela London School of Economics mostrou que alunos de escolas da Inglaterra que baniram os smartphones melhoraram em até 14% suas notas em exames de avaliação nacional.

O aumento acontece principalmente entre estudantes com conceitos mais baixos. Na faixa etária entre 7 e 11 anos, o banimento ajudou estudantes com aproveitamento abaixo de 60% nas provas. Para o resto, não mudou nada.

Segundo os autores do levantamento, as distrações atingem todo mundo, mas são piores em alunos com celulares. E ainda piores naqueles com notas mais baixas.

O impacto da proibição, diz especialista, é o equivalente a uma hora a mais de aula por semana. O estudo Tecnologia, Distração e Desempenho de Estudantes foi feito com 130 mil alunos desde 2001, em 91 escolas de quatro cidades.

Por que banir o uso do celular? Porque ter acesso fácil ao aparelho faz com o que estudante tenha mais chance de distração, o que pode levar a notas mais baixas. Adolescentes ainda não têm maturidade para usar nos momentos apropriados. Em ambientes liberados, é muito difícil para o professor monitorar a sala toda. A distração do smartphone é muito pior do que desenhar no caderno, por exemplo, porque o aluno entra em ‘universo paralelo’.

Enfim, são inúmeras as razões para proibir o uso de celular nas salas de aula. O Estado de São Paulo, mais uma vez, foi pioneiro nesse assunto e aprovou a Lei 12.730 de 2007, de minha autoria, que proíbe o uso de telefone celular nas escolas.

Segundo a Nielsen Ibope, atualmente 15% dos 68 milhões de usuários da internet pelo celular no Brasil têm entre 10 e 17 anos, ou seja, a maioria dos adolescentes. Sendo assim, a fiscalização do uso do aparelho deve ser feita rigorosamente nas escolas pelos professores e diretores de ensino. Mas como esses números de usuários aumentam a cada dia, o momento é de ampliar a fiscalização e cumprir a lei.

Orlando Morando é deputado estadual pelo PSDB.

Fonte: http://www.dgabc.com.br/Noticia/1397475/celular-em-aula-proibicao-necessaria

Acesso em 06/10/17

ANEXO D

O celular na sala de aula

É difícil cada vez mais encontrar algum aluno que não tenha consigo um aparelho celular. Assim como a imensa maioria dos brasileiros (onde já temos uma quantidade muito maior de celulares do que de pessoas no país), quase todo o aluno carrega no bolso, ou na bolsa, um desses dispositivos de comunicação.

Além de servir para dar telefonemas, o celular é também uma ferramenta para recebimento e envio de mensagens de texto, os torpedos. É uma máquina fotográfica, com qualidade cada vez maior, além de também ser um álbum de fotos, permitindo armazenar centenas de imagens ou publicá-las online. Além disso, também é uma filmadora, que possibilita assistir aos filmes feitos nela ou outros online. É um gravador de áudio para anotações e lembretes de voz, gravação de entrevistas, assim como é também um reprodutor de áudio, permitindo ouvir horas e horas de música. Muitos celulares possuem também a capacidade de recepção direta de rádio ou de TV.

Agenda de contatos, com os números telefônicos e e-mails, os endereços das pessoas e outras informações, como foto, data de aniversário etc., o celular é ainda um calendário de compromissos, permitindo configurar avisos para os eventos marcados (reuniões, provas, aniversários) com antecedência de minutos, horas ou dias. Bloco de anotações, planilhas eletrônicas, processador de textos, bancos de dados, mapas de sua cidade ou de qualquer recanto do país ou do planeta, com localização por satélite (GPS) são mais algumas de suas funções.

Navegação e pesquisa na web, tradução de idiomas, acesso a redes sociais, leitura e postagem em blogs, comunicação instantânea por texto, voz ou vídeo, além, é claro, de jogos de todos os tipos, paciências, desafios lógicos, destreza e ação, bem como simulações e ambientes interativos de construção de mundos – e mesmo várias aplicações de “realidade aumentada” (apresentando novos conteúdos, muitos em emulação tridimensional, seja a partir de imagens num livro didático ou mesmo nas ruas de uma cidade).

Apesar desta longa enumeração, que poderia ser ainda mais completa, pois há cada vez mais aplicações (apps) específicas disponíveis, boa parte gratuitamente, é de espantar como a escola não esteja usando todas estas possibilidades para usos pedagógicos, preferindo, na maioria dos casos, proibir sua utilização por parte dos alunos.

Quais os argumentos para impedir seu uso? Que o celular, se utilizado para o aluno conversar com terceiros durante a aula, pode ser um distrator é realmente um fato que deve levar à proibição de telefonemas durante a aula,

claro. Porém, lápis e papel (e seu próprio cérebro mais ainda) também podem propiciar muita distração se o aluno não estiver engajado na aula.

A única forma de ferramentas, dispositivos e toda a atenção cognitiva dos alunos não serem usadas para distraí-los da aula é haver propostas e estratégias pedagógicas para sua utilização.

Pesquisas recentes apontam para que 88% dos alunos entrevistados levam seus celulares para a sala de aula, e 90% deles já o utilizou para fazer "cola". Provavelmente, o mesmo que na época em que foram inventadas as canetas esferográficas e os alunos usavam pequenos papéis ou até partes do corpo para anotações. Claro que o celular, com toda a sua tecnologia, permite "cola" de modo muito mais eficiente. Como combater esse uso inadequado?

Para as utilizações que distraem, o professor deve fazer um combinado com os alunos, discutindo com eles usos aceitáveis e regras a serem observadas, pactuadas. Para a questão da cola, elaborar provas e outras formas de avaliação para as quais não exista cola que resolva, permitindo mesmo a consulta a anotações porventura feitas.

Estimular os alunos a coletarem dados para subsidiar informações e, assim, construírem seu conhecimento, ensiná-los a pesquisar usando as tecnologias disponíveis, pode fazer com que o celular ao invés de disputar com o professor a atenção dos estudantes seja um importante aliado no ensinar a aprender.

Imaginação pedagógica, envolvimento proativo dos alunos em projetos engajadores de seu interesse, ensino feito com carinho e inovação, troca de experiências com outros professores, avaliação crítica de sua metodologia, tudo isso são condições para que o celular – dispositivo computacional com recursos e capacidade muitas vezes maior do que o computador da Apolo que levou o homem à Lua e que está disponível no bolso de quase todos os alunos – possa ser, cada vez mais, uma ferramenta de aprendizagem na sala de aula.

Carlos Seabra é editor de publicações e produtor de conteúdos de multimídia e internet, consultor e coordenador de projetos de tecnologia educacional e redes sociais, autor de diversos artigos, jogos de entretenimento, softwares educacionais, e sites culturais, educacionais e corporativos.

Artigo escrito para a publicação Educação em Revista*, do* **Sindicato do Ensino Privado** *(SINEPE/RS), edição 96, de março de 2013.*

https://cseabra.wordpress.com/2013/03/03/o-celular-na-sala-de-aula

Acesso em 06/10/17.

CIP - Catalogação na Publicação

Severo, Cristina Machado
Internetês e escrita padrão em sala de aula / Cristina Machado Severo. — 2018.
228 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade de Santa Cruz do Sul, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Rosangela Gabriel.

1. Linguagem e educação. 2. Linguística. 3. Escrita. 4. Internet na educação. 5. Cognição. I. Gabriel, Rosangela. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).